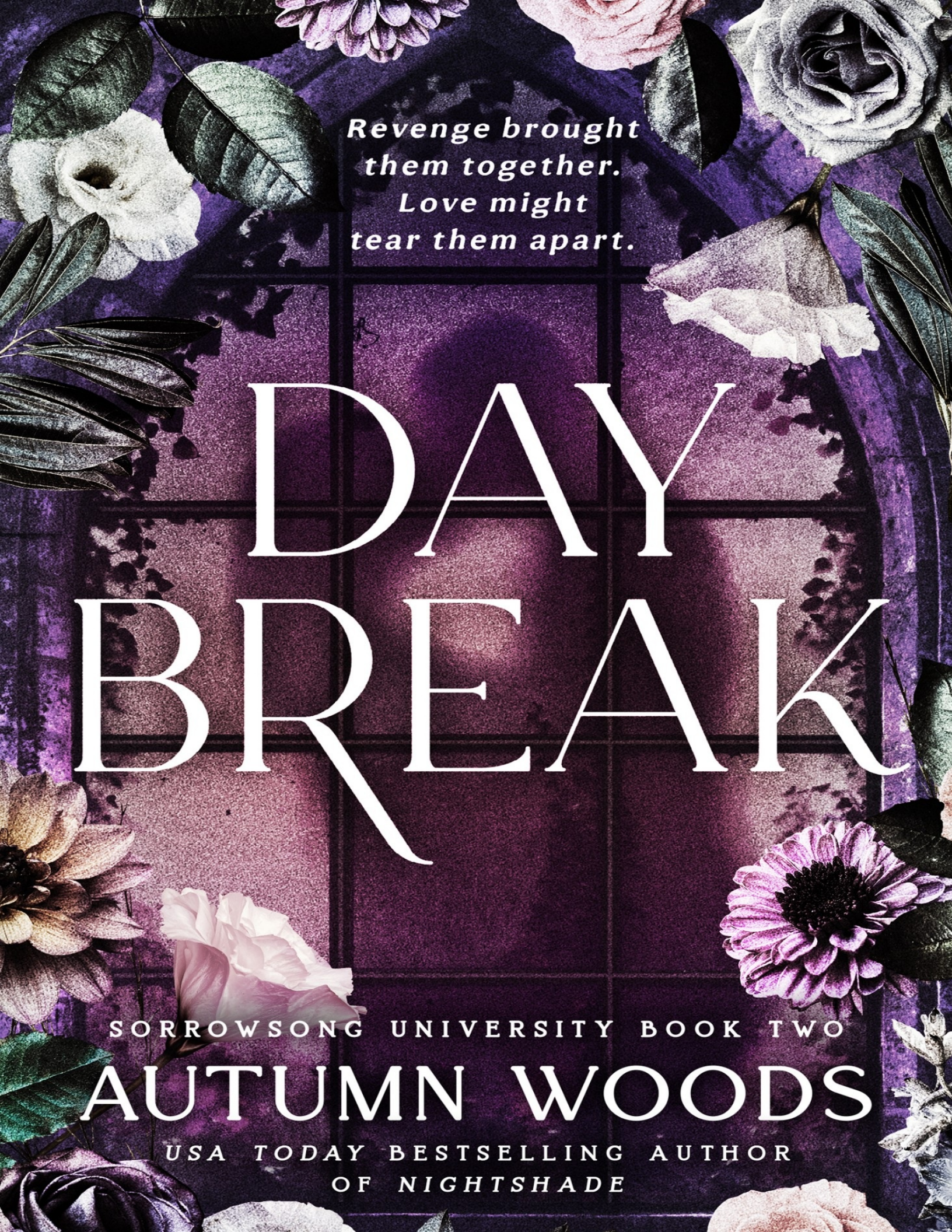

Revenge brought them together. Love might tear them apart.
DAY BREAK
SORROWSONG UNIVERSITY BOOK TWO
AUTUMN WOODS
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR OF NIGHTSHADE

AVISO

Esta tradução foi realizada de fã para fã, tratando-se de uma obra sem previsão de lançamento no território nacional. Não mantemos acervo e não compactuamos com qualquer método de comercialização. O lucro obtido por terceiros ocorre sem o apoio ou parceria do grupo Tradução EPUB. O uso deste material destina-se exclusivamente ao consumo privado, nos termos da Lei nº 9.610/98.

Siga nosso grupo no Telegram



Sinopse

Duologia best-seller *do USA Today* e internacional

“Imensamente divertido e sensual... tudo o que eu amo no gênero dark academia e new adult!”

—Ali Hazelwood, autora best-seller nº 1 *do New York Times*

Maxton Hall encontra RuNyx na conclusão impressionante da duologia Nightshade, um romance dark academia repleto de diálogos sarcásticos e tensão eletrizante, no qual Alex e Ophelia precisam superar traições, decepções amorosas e novas ameaças mortais.

O mundo de Alex Corbeau-Green está desmoronando ao seu redor, e Ophelia Winters está desesperada para provar que não foi ela quem iniciou o incêndio.

Quando Ophelia aceitou uma bolsa de estudos da Sorrowsong, uma universidade de elite nas Terras Altas da Escócia, seu maior desejo era destruir Alex e sua família a qualquer custo. Mas isso foi antes de conhecê-lo, antes de se tornarem tudo um para o outro. Agora, após uma traição impensável e o desaparecimento de seu pai, Alex está...

AMANHECER

SÉRIE UNIVERSITÁRIA SORROWSONG

Bosque de Outono

SLOWBURN
A zando IMPRINT
NEW YORK



Os personagens e eventos deste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência e não intencional por parte do autor.

Direitos autorais © 2026 por Autumn Woods

A Zando apoia o direito à liberdade de expressão e o valor dos direitos autorais. O objetivo dos direitos autorais é incentivar escritores e artistas a produzirem obras criativas que enriquecem nossa cultura. Agradecemos por adquirir uma edição autorizada deste livro e por respeitar as leis de direitos autorais, abstendo-se de reproduzir, digitalizar, fazer upload ou distribuir este livro ou qualquer parte dele sem permissão. Caso deseje permissão para usar material do livro (exceto para breves citações em resenhas), entre em contato com connect@zandoprojects.com .

Slowburn é uma marca da Zando.
zandoprojects.com

Primeira edição: julho de 2026

Design do texto por Neuwirth & Associates, Inc. e Kevin Ullrich
Capa criada por Emily Wittig
Arte da capa: (janela) bruno135_406 / Adobe Stock; (silhuetas) vladmarko / iStock; (flores) Eclectic Anthology / Creative Market
Ilustração de interiores por Summer Grove

A editora não tem controle sobre, nem é responsável por, sites de autores ou de terceiros (ou pelo conteúdo destes).

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2026936114

978-1-63893-375-5 (livro de bolso)
978-1-63893-376-2 (e-book)

Você já se sentiu como se estivesse sendo observado(a)?

NOTA DO AUTOR

MUITO OBRIGADO por escolher Daybreak.

Você deve estar ciente de que este livro constitui a segunda parte de uma duologia e que, para acompanhar os eventos deste livro, você deve ler a primeira parte, *Nightshade* .

Este livro destina-se a um público com mais de dezoito anos e contém temas como assassinato, depressão, luto, afogamento, pensamentos suicidas, saúde debilitada de um dos pais, violência, bem como conteúdo sexual.

Prólogo

ANÔNIMO

Você sabe o quão frustrante é confiar em alguém, deixar que essa pessoa seja sua última esperança, acreditar que vocês poderiam ser *amigos* , apenas para descobrir que ela é uma farsa?

Não sei por que estou surpreso. Todo mundo, *absolutamente todo mundo* , me decepcionou.

Quando eu morrer, não haverá lápide. Nem funeral. Esquecido.

Eu costumava pensar que a bondade era genética. Que as pessoas más nasciam más e que as pessoas boas estavam destinadas a ser assim desde o nascimento. Mas agora vejo que eu estava muito enganada, porque me vi definhar de uma criança cheia de esperança e olhos brilhantes para um adulto vazio e amargurado que só deseja o mal aos outros.

Na mesa da cozinha, deteriorada pela umidade como o resto do motel, encaro meu celular. A foto borrada de duas figuras em pé sobre um homem moribundo, um homem que merecia morrer.

Todos eles merecem morrer. A garota, o professor, os empresários. Cada um deles merece morrer.

Deslizo o dedo das minhas fotos para as minhas mensagens. Descobrir que Ophelia Winters tinha um perseguidor não foi nenhuma surpresa. Ela parece acumular inimigos com tanta facilidade que chega a ser admirável.

Dois dias se passaram e minha mensagem para ela ainda não foi respondida. Olho pela janela, mas a vista está encoberta pela chuva, que faz um barulho ensurdecedor.

Meu laptop emite um som com uma notificação de um site de mensagens criptografadas.

Anônimo
Tenho a confirmação de que ela voltou para a universidade.

O silêncio dela é a minha resposta. Se ela não quiser vir até mim, teremos que fazer do jeito mais difícil.

Anônimo
Terminei por aqui. Quaisquer outros trabalhos exigirão pagamento adicional.

Soltei uma risada fria, minha respiração branca à minha frente. Eu não conseguiria pagar outro hacker mesmo se quisesse. Tudo se foi. Casa, joias, dinheiro. Família, esperanças, sonhos. Tudo perdido.

Cansei dessa vida. Estou pronto para ir embora.

Mas ir embora sem ver aquela garota Winters implorando pela vida, implorando por perdão? De jeito nenhum.

Capítulo 1

ALEX

[RASCUNHO]

De: Alex Corbeau-Green
Assunto: Consumismo (substantivo) o ato egoísta e frívolo de acumular produtos
Para: Ophelia Winters
Apareceu um outdoor interativo em frente ao meu prédio. Você ia odiar isso. Anúncios e interação forçada — suas duas coisas menos favoritas. Já consigo imaginar a sua cara. Puta merda, que saudade de você.

“Você está ajudando a polícia na busca pelo seu pai, Alex?”

"Você está polindo o cabelo para deixá-lo tão brilhante, André, ou é natural?", retruco, enquanto o repórter me segue desesperadamente em direção à entrada do térreo do prédio da Green Aviation, pela décima vez em duas semanas.

Meu cigarro crepita contra a lata de lixo lá fora. O flash de uma câmera em algum lugar atrás de mim me faz ranger os dentes.

Como sua mãe está lidando com a situação? Algum comentário sobre a saúde dela?

Engoli o veneno que se acumulava na minha garganta e deixei os seguranças de Green afastarem a imprensa intrometida.

As portas automáticas se fecham atrás de mim e, apesar de toda a ostentação do saguão do Green, sinto-me imediatamente claustrofóbico.

Se Green representa uma pandemia de ganância e corrupção em todo o mundo, então este escritório reluzente é o epicentro da decadência de tudo isso, a joia brilhante do império do meu pai.

Meu império agora.

Mas esperemos que não por muito tempo.

Aceno com a cabeça em resposta a alguns *"bom dia* " excessivamente animados, tamborilo os dedos na coxa e desejo que o elevador chegue logo.

Sonya, minha assessora de imprensa, aparece ao meu lado, o aroma enjoativo do seu perfume arranhando minha garganta. "Ah, Alex. Eu estava esperando te encontrar."

Procuro nas imediações uma tomada para enfiar um garfo, mas não encontro nada. "Por aí?"

“Sua coletiva de imprensa amanhã. Achei que você gostaria de falar um pouco sobre sua família no final.”

Aparentemente, todos os seis elevadores estão parando em todos os andares esta manhã. "É uma conferência de negócios."

“Eu sei, mas seria ótimo para a sua imagem. Homem de família, uma frente unida, mesmo com o que está acontecendo com seu pai.”

Aperto o botão de chamada mais três vezes, como se isso fosse adiantar alguma coisa. Aquele maldito repórter me deixou completamente irritado. "Usar a cabeça do Andre Jackson da Insider Weekly como bola de boliche seria bom ou ruim para a minha imagem?"

“Alex, esta é uma ótima oportunidade para tranquilizar os acionistas de que o que quer que esteja acontecendo em casa não afetará—”

O elevador finalmente chega, e eu aperto o botão para o andar da cobertura e espero até que apenas um pedacinho do rosto dela fique visível entre duas portas prateadas para dizer: "Vou pedir para a Jacqueline colocar uma mensagem na sua agenda mais tarde."

Eu me encosto no espelho, exausto antes mesmo do dia começar de verdade. A caixa de metal claustrofóbica me dá uma sensação de euforia anormal nesta monstruosidade de vidro que é o prédio, mas meu humor permanece em algum lugar no subsolo da garagem.

Ainda assim, ajeito a gola da minha camisa, aliso as rachaduras da minha máscara, controlo o tremor nas minhas mãos e penso nas sete mulheres por quem faço tudo isso.

As portas se abrem depois do que parece uma eternidade, me cuspindo para fora em frente à mesa de Jacqueline. Felizmente, está tudo silencioso no último andar, só se ouve o som do meu coração batendo forte no peito.

Bato com os nós dos dedos na mesa, um hábito irritante do meu pai que, de alguma forma, acabei absorvendo. "Se a Sonya te mandar um e-mail sobre uma ligação para a imprensa—"

“Ela já chegou. Ela aparece às três e meia.”

Puxa, essas pessoas trabalham rápido. "Estou ocupado às três e meia."

Seus olhos se voltam para meu calendário, aberto na tela do laptop. "Com o

quê?"

“Eu preciso…” Esfrego a nuca. “Tirar os fiapos de entre as teclas do meu teclado?”

“Uma tentativa nobre”, diz ela, entregando-me um café. “Tenha uma boa reunião.”

Ótimo.

Jacqueline é uma mulher baixa, com um estilo desleixado, na casa dos trinta e poucos anos, e embora eu goste muito dela, ela é realmente *péssima* no trabalho.

Entrevistei doze pessoas para esta vaga, e onze delas eram assistentes implacavelmente organizadas com currículos enormes. Parecia mais que estavam *me* entrevistando. Com seus saltos agulha afiados, olhares predatórios e unhas escarlates que permaneciam tempo demais em meus antebraços, elas me lembravam demais as mulheres que meu pai levava para jantares totalmente inadequados.

Então Jacqueline apareceu, pontualmente, mas coberta de adesivos infantis. Minha pesquisa sobre ela revelou que ela tem três filhos pequenos e mora em um apartamento no Queens. Ela parecia um cervo diante dos faróis — exatamente como eu me sentia por dentro. Ela estava tão perdida quanto eu, mas quando fiz a pergunta final, ela endireitou os ombros sob o blazer mal ajustado e disse: " *Não sei ao certo, mas sei que vamos dar um jeito"* .

Ela depositou tanta fé nessas palavras, nos meus problemas com meu pai, e eu simplesmente não consegui dizer não.

E ela faz um ótimo café expresso duplo.

E, como ela disse que faríamos, estamos resolvendo tudo. O preço das ações da Green está se recuperando, a tempestade midiática ainda é intensa, mas não estamos mais na capa de *todos* os jornais.

Na superfície, tudo parece estar indo bem. Mas por dentro? Estou lutando para respirar.

Meu pai está desaparecido. O FBI apareceu aqui para prendê-lo, mas ele não foi encontrado em lugar nenhum, e ninguém viu nenhum vestígio dele desde então. Uma equipe de detetives particulares e os melhores agentes do FBI não conseguem sequer encontrar seu rastro.

Isso está me enlouquecendo, atrapalhando meu sono e acabando com meu apetite.

Ah , e eu sou o CEO de uma empresa de quase um bilhão de dólares. O *Financial Times* me chamou de prodígio de Manhattan, quando minha

experiência mais concreta em gestão de negócios foi criar uma rede de restaurantes no *The Sims* com Charlotte e Mia.

Acho que nosso restaurante de comida "experimental" nem sequer tinha paredes ou teto.

Eu tinha uma vaga ideia de como seria minha vida aos vinte e três anos. Imaginava que seria um arquiteto recém-formado, ou administrando uma pequena empresa que eu mesmo fundaria. Talvez estivesse viajando pelo mundo sem nenhuma responsabilidade.

Nunca imaginei que seria CEO e teria a guarda das minhas seis irmãs. Nunca imaginei que estaria tentando organizar secretamente as visitas da minha mãe ao hospital ou pagar hora extra para a babá enquanto estou presa em uma sala de reuniões envidraçada. Nunca imaginei que passaria minhas noites discutindo com elas sobre o quanto detestam ter seguranças as seguindo o dia todo.

E apesar de *tudo* isso, é uma ruiva de olhos castanhos que ocupa a maior parte dos meus pensamentos. No mês desde a última vez que a vi, não pensei em outra coisa.

No escritório do meu pai — *meu* escritório —, um sol baixo se espalha pelo horizonte de Nova York, tingindo a parede em frente à mesa com um tom macabro de vermelho.

O vidro da janela está frio contra minha testa, cada respiração pesada obscurecendo o vai e vem agitado de uma manhã na cidade. A luz no rio tem a mesma cor do cabelo de Ofélia.

Eu a deixei sem dizer uma palavra.

Para tornar o ato de me olhar no espelho mais suportável, convenço-me de que o pedido dos meus advogados para que eu não entre em contato com Ophelia é o único motivo pelo qual os rascunhos de e-mails que se acumulam no meu laptop nunca são enviados, mas sei que não é verdade. Há uma parte de mim que pensa que não a mereço, e outra parte que está magoada. Uma gosta de me lembrar que transformei a vida dela num caos de atenção pública e ódio online, e a outra atormenta minhas noites com uma pergunta que eu não ousaria me fazer durante o dia.

Alguma coisa daquilo era real?

Acho que já aceitei que a motivação de Ofélia para aparecer na minha vida era coletar informações, mas tentar imaginar exatamente quando os sentimentos dela mudaram é o que me mantém acordado até altas horas da madrugada. Foi real quando ela estava deitada debaixo do sofá no escritório de Carmichael? Foi real quando a encontrei afogada no lago? Com certeza, foi real no carro no

Boxing Day, quando ela sustentou meu olhar, sussurrou meu nome e me fez sentir que eu era mais do que suficiente.

Eu *realmente* preciso que isso seja real.

E por trás de tudo isso, existe uma pequena pergunta, uma que nem sequer tenho certeza se tenho o direito de fazer.

Como ela pôde fazer isso? Não sei como aquele artigo vazou para a mídia. No fundo, tenho dificuldade em acreditar que foi ela, mas, mesmo assim, foi ela quem escreveu. Ela devia saber o impacto que isso teria na minha família quando digitou tudo. Deixou meu pai furioso, jogando armas e roupas em uma mala e ameaçando Fleur e a governanta quando elas tentaram impedi-lo de fugir. Colocou minhas irmãs na primeira página de todos os jornais, em todos os sites de fofoca.

Que bagunça.

Toda vez que tomo banho e me barbeio pela manhã, vejo um pouco mais do meu pai me encarando no espelho.

Estou me tornando ele, como ele sempre disse que eu me tornaria. Posso tentar fingir que sou toda minha mãe, doce, gentil e *boa* , mas a ilusão está se desfazendo. Sou cinquenta por cento meu pai, e esse é um fato do qual nunca poderei escapar. Cada pensamento positivo tem uma sombra que o persegue, mordendo meus calcanhares, não importa o quão rápido eu corra.

Detesto a naturalidade com que assumo este papel. Como consigo ouvir a voz dele a guiar-me em reuniões, em relatórios financeiros, em negociações difíceis.

Ele me treinou para ser um CEO, mas eu gostaria que ele tivesse me ensinado a ser um homem.

Existe uma espécie de doença que vem com o dinheiro: quanto mais você tem, mais você deseja. Sempre fomos ricos, mas quando os zeros começaram a se acumular no patrimônio líquido do meu pai, ele se tornou outra pessoa. É um vício. Uma perda total de noção do que realmente importa.

As férias acabaram. Os jantares em família acabaram. Os presentes de Natal acabaram. Tudo o que ele *deveria* ter feito com o dinheiro parou. Tudo voltou para Green.

Ele trocou a alma pela promessa de mais riqueza. E, por minhas irmãs, não posso me deixar cair no mesmo buraco.

Em algum lugar ao longe, Jacqueline paira na minha porta e pigarreia para ler em seu tablet. Estou prestando atenção apenas pela metade, esboçando preguiçosamente uma figura feminina no meu bloco de notas. Como todos os

meus esboços ultimamente, o resultado é parecido com Ofélia. A leve curva dos seus quadris quando caminha, as linhas suaves em sua barriga quando se senta, os músculos dos seus braços, tudo isso está gravado na minha mente como uma tatuagem que não consigo apagar.

Sou incapaz de produzir um desenho que não tenha as curvas, as dobras, o mesmo fluxo que o corpo dela. Eu a amo. Deus, como eu a *amo* , mas talvez ela estivesse certa. Ela e eu somos as pessoas certas no universo errado. É tudo muito confuso, muito *complicado* , como ela sempre dizia que seria.

Quando chego em casa, quando minhas irmãs já estão na cama e meu laptop do trabalho está desligado, não há nada que a dilua na minha mente. Ela se torna cada pensamento que tenho e cada suspiro trêmulo que dou. Ela é o tema dos meus pesadelos mais perturbadores e dos meus sonhos mais lascivos.

Sem suas coxas macias, seu cinismo melancólico e seu nariz escorrendo, minha vida voltou a ser cinza. Doeria menos se eu não tivesse provado o quão doces as outras cores podiam ser.

Sou tão ruim quanto Harwood diz que sou: obcecado por ela de uma forma doentia e imatura.

Harwood. É disso que eu preciso. Talvez meu terapeuta possa me ajudar. *"Péssima"* não é uma palavra forte o suficiente para descrever meu humor nos últimos dias. Estou louca para falar com ele, mas ele está com a família na Nigéria pelo resto da semana.

Saindo dos meus devaneios, dispenso Jacqueline e chamo Mike e Luis, outros dois executivos que me ajudam a administrar a empresa. A mídia pode me elogiar o quanto quiser, mas metade das decisões pelas quais me atribuí o mérito nas últimas semanas foram baseadas nos conselhos deles.

Assim que eu concluir a primeira fase do meu plano Green — estabilizar a empresa — passarei para a segunda fase: encontrar um CEO substituto. Não sou ingênuo. Sei que um jovem de 23 anos sem paixão ou motivação pela empresa não é a pessoa ideal. Essas duas são as melhores opções que tenho no momento. Só não posso confiar totalmente nelas. Preciso garantir que não estou colocando a Green nas mãos de alguém como meu pai.

Entretanto, o salário não está tão ruim. Contratei um chef para os dias de semana, uma equipe de segurança e outra babá, além de garantir os melhores cuidados para minha mãe. Paguei uma quantia absurda para comprar o Land Rover que aluguei durante as férias para visitar Ophelia e para que fosse entregue aqui — deixá-lo na locadora parecia um crime. Agora ele está na garagem subterrânea como uma relíquia inestimável, um museu do meu tempo

com ela. Às vezes, entro nele só para tentar sentir o cheiro de canela dela.

Provavelmente posso dizer que não estou lidando bem com o término.

Já está escurecendo quando entro na garagem da nossa casa de tijolos, ladeada por um carro de segurança preto. Manobro na vaga vazia entre o Museu Oficial da Land Rover Ophelia Winters (marca registrada pendente) e o Audi branco que comprei para Fleur no seu aniversário de dezessete anos, semana passada.

Saio do carro, dando uma olhada rápida para ver se há algum rastreador. Não sei onde meu pai está, e não sei se ele está sentindo um orgulho imenso por eu ter protegido sua preciosa empresa da falência total, ou uma fúria assassina por eu ter tomado o emprego dele porque minha namorada lhe deu o maior dedo do meio metafórico da história. De alguma forma, duvido muito que seja a primeira opção.

Pego o elevador e entro na casa, destrancando a porta do hall principal. Minha irmãzinha, Josie, vem correndo na minha direção vestida de Batman, com a capa esvoaçando atrás dela. "O Alex chegou!", ela grita, num tom que só uma criança de sete anos cheia de açúcar consegue alcançar.

Ela se atirou em mim e me abraçou pela cintura. Soltou um *suspiro* dramático, murmurando algo sobre o quanto sentiu minha falta, como as doze horas desde a nossa última conversa pareceram a maior eternidade da *história* . Estaria mentindo se dissesse que isso não aqueceu meu coração *um* pouquinho. "Tirando a noite de folga da luta contra o crime?"

Ela agita a capa. "Sim. Estou de férias. Você teve um bom dia?"

“ *Legal* é uma palavra que certamente descreve bem a situação.” Coloco uma mão delicadamente em suas costas e a guio até a cozinha, onde minhas outras irmãs, Mia, Evie, Éléanor e Charlotte, estão discutindo sobre o tamanho ideal da massa para seus biscoitos. A ausência da minha irmã mais velha não é surpreendente; Fleur não lidou bem com nada disso, e nem deveria.

Odeio tudo o que eles passaram. Odeio que a publicação do artigo tenha sido uma bomba em suas vidas e que as coisas nunca mais serão as mesmas.

Pego a tigela de massa de biscoito da bancada de mármore. Eles conseguiram usar todas as panelas, frigideiras e utensílios da cozinha, o que é impressionante. "Ah, que legal da parte de vocês fazerem biscoitos para mim."

"São para a minha aula de amanhã!", protesta Charlotte, tentando pegá-las de volta.

Roubo um pedaço da massa. *Nossa* , é uma delícia. Tem gosto de baunilha. Tem gosto da minha infância, quando meu pai ainda amava minha mãe e minha

mãe ainda se amava.

“Como foi a escola?” pergunto, colocando a tigela de volta na mesa e abrindo a geladeira para pegar uma cerveja sem álcool. Cinco respostas diferentes me bombardeiam quando o chef aparece na porta da cozinha dos fundos.

Boa noite, senhor. Torta de frango, tudo bem?

Abro a tampa da garrafa. "Mais do que bom. Obrigada."

Ter alguém para cozinhar é uma dádiva. Sem a equipe, seríamos um desastre movido a macarrão com queijo de caixinha.

Começo a cutucar o rótulo da garrafa, sentindo um aperto no peito.

Quem vai cozinhar para Ofélia quando ela tiver que voltar para a casa dos pais durante o feriado da Páscoa? A mulher nem sequer pica uma cebola.

Encarando seis prateleiras transbordando de produtos frescos e refeições caseiras, com as discussões das minhas irmãs como uma trilha sonora familiar ao fundo, sou novamente tomada pelo privilégio de tudo isso. Empurro a porta da geladeira e fecho, mas a rajada de ar frio que se segue não se compara ao arrepio que me atingiu quando entrei na casa de Ofélia no Natal.

Não consigo apagar aquele dia da minha mente: o silêncio na casa dela, o vazio, o oceano de ressentimento que ela atravessou só para me deixar entrar na vida dela e, *meu Deus, eu estraguei tudo feio.*

Acho que destruí nossa relação de forma irreparável.

Sento-me no balcão da cozinha, observando as cinco cortarem a massa em círculos de tamanhos irregulares. Já vivi tempo suficiente numa casa só de mulheres para saber que, quando elas ficam em silêncio, significa que interrompi alguma coisa.

"Muito bem", digo arrastando as palavras, dando um gole na garrafa, "quem tem um par para o baile de boas-vindas?"

Silêncio.

"A Fleur tem um namorado novo", dispara Mia, finalmente. As outras a encaram com raiva.

Mantenha a calma, Alex. Aja racionalmente.

Aperto meu celular com mais força enquanto navego pelas gravações das câmeras de segurança da casa, paranoica. "Quem é ele?"

“Ele é um modelo de moda.”

Desliguei o celular, tentando controlar meu instinto protetor. Modelos são as *piores* , principalmente as do círculo da Fleur. Tem algo de irônico em homens que pintam as unhas e ainda assim conseguem ser os maiores misóginos do planeta. Ele provavelmente está usando ela como jogada de marketing. "Ele está

aqui? Lá em cima?"

Todos ficam em silêncio, obviamente jurados a guardar segredo. Até Mia olha para os próprios pés, as pontas das orelhas avermelhadas. Meu humor azeda. Volto para o hall de entrada e subo a escada à esquerda, batendo os pés o mais alto que consigo para que tenham tempo de parar… seja lá o que estiverem fazendo. “Fleur?”

"O que?"

“Posso entrar?”

"Não."

Encostei a testa na porta. "Você vai descer para jantar?"

"Não."

Qual o nome do seu amigo?

“Freddie”, diz uma voz masculina. Ele parece um babaca, como diria Ofélia. “E aí, mano.”

"Quantos anos você tem?", pergunto, e ouço Fleur murmurar um insulto baixinho.

"Dezoito."

Consigo ouvir a voz de Harwood no meu ouvido, me lembrando pela milionésima vez que minhas irmãs são pessoas *independentes* , com suas *próprias* vidas, e têm o direito de cometer seus *próprios* erros. Com os dentes cerrados, tento fazer o desgraçado se sentir bem-vindo. "Será bom ver vocês duas no jantar, cara."

E tire suas mãos nojentas da minha irmã.

“Deixe-a viver, Alex”, diz uma voz suave. Minha mãe sai do quarto no final do corredor, vestida com um conjunto de cashmere creme. Seus cabelos escuros estão soltos sobre os ombros, brilhantes, mas mais ralos do que antes. Ela parece bem, no entanto, caminhando na corda bamba entre um estado de euforia maníaca e a iminente depressão.

Os acontecimentos do último mês não foram nada fáceis para ela. Se eu achava que ela não podia emagrecer mais, ela conseguiu. A cada visita ao hospital, me dizem que o coração dela está fraco, atrofiando como a vida por trás dos seus olhos. A paranoia parece pior, a ansiedade de que todos estão conspirando contra ela. O diagnóstico de bipolaridade dela ficou sem tratamento por tanto tempo com meu pai que é difícil acompanhar os efeitos na saúde dela. Esses dias, esses dias tranquilos em que é fácil reconhecer a mulher por trás da exaustão, estão se tornando cada vez mais raros.

Pode parecer mórbido, mas é sempre um alívio vê-la viva quando chego em

casa. Ela provavelmente diz o mesmo sobre mim.

“Estou tentando. Mas sabe-se lá o que ele poderia fazer com ela lá dentro. Nós não o conhecemos.”

Ela entrelaça o braço no meu enquanto a acompanho escada abaixo, guiando seu corpo magro. "Sua primeira namorada era uma pessoa detestável. Acha que eu não percebi isso assim que ela entrou pela porta? Ela te usou por causa da sua fama e da sua riqueza. Mas deixei você descobrir por si mesmo."

Eu sorrio. "E agora sei que devo evitar aqueles que transmitem nosso primeiro encontro ao vivo."

O riso dela é baixo, mas está lá. "Exatamente. Como está Ofélia?"

Uma pontada de dor atravessa meu peito. "Ela está bem."

Ela me lança um olhar cúmplice. "Você ainda tem alguém vigiando-a, não é?"

“Ophelia estava tão envolvida nessa confusão toda quanto nós. Seria tolice da minha parte não pedir aos homens de Vincenzo que a vigiassem. É uma jogada inteligente.” E a ideia de alguém machucá-la me tira o sono, mas sim, *uma jogada inteligente* .

"Você falou com ela?", pergunta ela, enquanto eu a puxo para o enorme escritório do meu pai — *meu* escritório — e a sento na cadeira da escrivaninha.

"Não."

“ *Alex.* ”

“Ela usou nossa vida familiar, sua doença, a do papai… seja lá o que for que esteja errado com o papai, contra nós.”

“Contra o seu *pai* ”, ela corrige. “Não contra nós. Não acredito que ela quisesse nos magoar.”

Puxo a cadeira extra para perto dela e me sento, ligando meu laptop. "Ela mencionou seu nome nisso."

“Antes que ela me conhecesse, querida. Imagine que eu morresse amanhã. Imagine que Fleur e eu fôssemos mortas num atropelamento premeditado na estrada amanhã.”

Eu estremeço ao abrir meus e-mails. "Não diga coisas assim."

As unhas dela arranham meu cabelo. Dá vontade de chorar. De me aconchegar no colo de uma mulher que não existe mais, não do jeito que eu gostaria. "Mas *imagine* , meu amor. O que você faria se soubesse quem está dirigindo o carro?"

“ *Mamãe* ”, suspiro, esfregando as mãos no rosto. “Já analisei tudo demais. Não me importo com o que ela fez com o Cain, me importo com o que ela fez

com você, com as meninas. E não é como se ela fosse me perdoar por ter ido embora daquele jeito. *E* a distância... Eu poderia continuar falando disso para sempre.”

“Diga a ela que seu advogado pediu para você não entrar em contato com ela.”

“É uma desculpa esfarrapada. Não a contatei porque não consigo. O conselho da Helen não tem nada a ver com isso.”

“Ela pode até ter escrito, mas acho que nós duas sabemos que ela não teria vazado aquele artigo”, continua ela, como se estivesse levantando um ponto que eu já não tivesse considerado durante as incontáveis noites em claro do último mês. Como se esta não fosse a centésima vez que temos exatamente a mesma conversa.

Ofélia e eu estamos separados por milhares de quilômetros e um *vasto* oceano de desconfiança, todo o progresso que eu havia feito com ela naufragou no fundo dele.

“Não importa, mãe. Estou tentando desesperadamente seguir em frente. Mesmo que conseguíssemos resolver as coisas, eu estou aqui e ela está lá. Ela não pode pegar um avião para me visitar.”

“Mas quando você desistir—”

“ *Mãe* ”, digo, suavemente. “Por favor, largue isso.”

Dedos delicados afastam uma mecha de cabelo escuro e comprido da minha testa, os olhos cheios de uma emoção indefinível. Lágrimas se acumulam em seus cílios grossos e negros.

"Não diga isso." Não posso ouvir isso de novo.

"Dizer o que?"

“Que eu me pareço com ele. É a primeira coisa que qualquer pessoa diz quando entra no meu escritório.”

Seu lábio inferior treme. "Eu ia dizer o quanto sinto muito que você tenha acabado nessa situação, no único emprego que você sempre deixou claro que não queria. Que você é a única figura paterna na vida deles. Eu ia dizer o quanto sinto muito que você..."

“ *Mamãe, não faça isso.* ”

Uma lágrima solitária escorre por sua bochecha. "Acabei comigo como mãe e ele como pai."

"Você é a melhor mãe que eu conheço", sussurro, passando um braço em volta de seus ombros ossudos. "E eu digo isso de coração."

"Sinto *muito* mesmo."

Eu giro a cadeira dela de volta para que fique de frente para o laptop. "Chega de conversa. Olha só isso."

Menciono um e-mail que li mais cedo, enviado por Jack, meu colega de time de rúgbi de Sorrowsong. É uma troca de e-mails entre os pais dele: um neurocirurgião renomado e um psiquiatra.

Ela olha fixamente para a tela, a luz azul iluminando suas delicadas maçãs do rosto. “ *Outro* remédio. Alex, eu…”

“Os resultados dos testes têm sido muito promissores. Eles ainda estão implementando o produto.”

“Você os conhece?”

“O filho deles está no meu time de rúgbi — meu antigo time de rúgbi.”

“Você pode voltar para Sorrowsong. Não descarte essa possibilidade.”

“Tenho vinte e três anos, mãe. Estou velho demais para recomeçar.”

Ela ri, afastando o cabelo do rosto com a mão trêmula. "Eu era assim na sua idade. Achava que estava ficando sem tempo, mesmo sendo apenas um bebê."

“Eu ia agendar uma ligação com os pais dele para que pudéssemos saber um pouco mais. Eles estão dispostos a vir da Califórnia para conversar com você. Você estaria interessado, hipoteticamente?”

“Sim, mas… Alex, já fiz muitos tratamentos e todos pareceram promissores no início. Minha mente está cansada e meu corpo está debilitado. Não quero morrer em uma mesa de cirurgia com a pequena esperança de viver mais. Só quero viver para ver você se casar.”

Meus dedos congelam sobre o teclado.

Ofélia no altar. Flores na mão, gotas de chuva nos cabelos. Um vestido ridículo, de brechó, grande demais, provavelmente marrom. Votos gaguejados de lábios nervosos e uma vida inteira de paz.

Até mesmo na minha imaginação, é tudo vago. Um futuro distante que eu jamais merecerei. Eu poderia sonhar com ele até que os últimos resquícios de sanidade me escapassem por entre os dedos.

Mas isso vai continuar sendo um sonho. Não tenho coragem de dizer isso para minha mãe. Ou talvez eu simplesmente não consiga admitir para mim mesma que já desisti.

Começo a digitar um e-mail em resposta, ignorando os sessenta novos e-mails que recebi desde que saí do escritório. "Vou agendar uma ligação na agenda deles."

Ingrid e Emily — a governanta e a babá — juntam-se a Charlotte, Evie, Mia,

Josie, Éléanor e a mim à mesa na sala de jantar toda branca. A conversa, surpreendentemente, é animada. Ingrid reclama com entusiasmo do marido, Russell, o que é uma péssima ideia, já que Russell é nosso motorista e Josie repete tudo o que ouve palavra por palavra. Mas não há como impedir que ela continue imitando a mastigação ruidosa de Russell, e vale a pena ouvir as meninas rindo.

Ingrid é uma daquelas pessoas: como se molho caseiro com óleo demais, abraços com cheiro de perfume velho e hálito de café tivessem se materializado em uma pessoa. E digo isso como um elogio. Ela trabalha aqui há anos disfarçada de governanta, mas faz muito mais do que isso.

Quando meu pai chegava em casa e descontava em mim suas frustrações com a cadeia de suprimentos, ela ia desajeitadamente até a cozinha muito depois da hora de dormir, levando meia hora para preparar uma xícara de chá só para que ele ficasse entediado o suficiente para me deixar em paz.

E a Josie não come um sanduíche que a Ingrid não tenha feito, então não há muito que eu não faria para tê-la por perto.

Fleur e Freddie descem quando já estamos na metade do jantar. Freddie ainda está vestindo seu casaco Ralph Lauren de zíper até o peito quando eles chegam, o que me dá vontade de enfiar uma faca na retina dele. Seu cabelo loiro está penteado para trás, suas calças chino impecavelmente passadas. Só mais um sósia do Shawn Miller. *Idiota*. Dou uma breve acenada na cabeça dele, por consideração à Fleur.

"E aí, cara. Adorei seu comunicado aos acionistas ontem."

"Saúde", murmuro, embora queira dizer-lhe para encontrar um hobby mais impressionante do que assistir a conferências de imprensa aos dezoito anos. "Sente-se. Há comida suficiente."

Ele faz isso, jogando o cabelo idiota para trás, afastando-o dos olhos.

“Então, Freddie, você está pensando em fazer faculdade?”

“Não, provavelmente não. Provavelmente vou abrir um negócio, ou um podcast, ou algo do tipo.”

Puta merda. Alerta vermelho. Ele é um aspirante a podcaster.

“Acho que ambos deveriam pelo menos considerar essa possibilidade”, sugiro.

Fleur revira os olhos, tão cansada dessa conversa quanto eu. "Cala a boca, Alex."

"Fleur!" repreende Mia, afastando a cortina de seus cabelos escuros e grossos para encará-la. Balanço a cabeça negativamente, tentando apaziguar a situação.

Mia, mais do que qualquer um de nós, herdou a teimosia do papai, nunca se esquivando de uma confrontação.

“Você não é minha mãe, Mia.” O olhar dela se fixa em mim. O interesse de Fleur em qualquer tipo de relacionamento comigo morreu no dia em que, na cabeça dela, eu escolhi Green em vez dela e das minhas irmãs quando o artigo foi publicado. “E você também não.”

“Legalmente, sim.” Por enquanto. Até a mamãe melhorar.

A mãe não está melhorando.

"Aposto que você adora isso, não é? Uma chance de se transformar *nele* ."

“Fleur”, aviso, em tom incisivo.

“Mas você está, não está?” Ela olha para o relógio. Já passa das 21h. Muito tarde para uma criança de sete anos estar jantando. “Jantar tardio de novo? Mais um acionista para agradar? Outra reunião que se estendeu além do previsto?”

"Fleur", dispara Mia, batendo os talheres na mesa. "Você deveria ser grata por ele estar tentando manter essa família unida."

"Ele está chegando tarde em casa, priorizando Green. Ele escolheu o preço das ações em vez de nós quando mais precisávamos dele. Quando poderíamos ter *morrido* por causa do nosso próprio pai, ele escolheu correr para o escritório de Nova York. Soa familiar?"

A comida vira cinzas na minha boca. Pequenos pedaços do monstro dentro de mim se infiltram na minha corrente sanguínea, mas, como sempre, ficam ali parados. Eu não conseguiria revidar mesmo se quisesse, não posso deixar essa nuvem negra preencher esta sala de jantar e sufocar minhas irmãs. Então, ela me devora de dentro para fora.

Preciso resolver isso antes que não sobre nada de mim.

Estou desesperado para sair da mesa. Desesperado para ir embora furioso, me trancar no escritório e provar que Fleur está certa. Mas não saio. Fico e ouço enquanto ela despeja seu ódio amargo sobre mim, porque ir embora me tornaria igual ao meu pai, e eu não posso fazer isso com eles.

"Sinto muito que você se sinta assim em relação a mim, Fleur", consigo dizer, enquanto ela faz uma pausa para respirar.

Não a culpo. Fui para Nova York e meu pai lhe deu um soco no olho. Fui para Nova York e Fleur usou seu cartão de débito para esconder todas as minhas irmãs em um hotel em Paris quando uma multidão de câmeras e repórteres se reuniu na rua. *Escolhi* Nova York e Fleur se colocou entre a fúria do meu pai e nossa governanta.

Posso analisar se tomei a decisão certa ou errada o quanto quiser, mas isso

não mudará o fato de que eles precisavam de mim e eu não estava lá.

Mia me atribui o mérito de manter a família unida, mas foi Fleur quem controlou a explosão. Estou apenas apertando os nós que ela fez sob uma pressão astronômica. Sou eu quem marca consultas médicas, garante que a geladeira esteja cheia, mantém a segurança reforçada, conversa com os professores e entrevista babás, mas é Fleur quem faz o trabalho que os funcionários não conseguem.

É ela quem lida com os dramas de amizade das minhas irmãs, os problemas de autoestima e todas as dificuldades que acompanham a adolescência. É ela quem faz as coisas que minha mãe fazia antes de sua saúde declinar drasticamente nos últimos dois anos. Não deveria ser ela, mas é.

Eu e a Fleur estamos no mesmo time, mas ambas estamos afundando.

“Talvez a Ofélia queira te beijar de novo, Ally”, interrompe Josie, prestativa. Eu me inclino e limpo o molho do queixo dela.

“O que te leva a dizer isso?”

“Alguém editou a sua conferência de imprensa com os acionistas”, diz Evie, aparentemente tão desesperada quanto eu para mudar de assunto.

“Uma edição?”

“Sim, tipo vídeos seus editados com música.”

Isso não parece nada empolgante, mas vou considerar uma vitória muito necessária.

“ *É uma nova era para a Green Aviation, e eu me sinto privilegiada por fazer parte dela* ”, diz Éléanor, imitando minha voz. Até Fleur ri um pouco.

"Que se fodam todos vocês", digo, com o clima mais leve.

“ *É uma nova era para a Green Aviation* ”, repete Charlotte, desabotoando o primeiro botão da blusa e flexionando os ombros.

"Ai meu Deus", murmuro enquanto janto, mas sou abafado pelas risadas. Toda vez que tento demonstrar meu ego, esses idiotas me fazem voltar à realidade.

Conseguimos jantar sem mais brigas. Fleur não tocou na torta dela, então a coloquei em uma caixa na geladeira na esperança de que ela a coma mais tarde.

Coloco Josie e Charlotte na cama às dez e meia, respondo a alguns e-mails e, milagrosamente, ainda encontro tempo para malhar na academia no porão.

“É noite de aula”, digo, guardando os pesos no suporte enquanto Mia entra desajeitadamente com sua garrafa d'água gigante e um pacote de batatas fritas, quase à meia-noite. Minha frustração não convence. Mia *sempre* me acompanha nos treinos. Eu levanto halteres e ela geralmente leva biscoitos à boca.

"Sinto muito pela Fleur", diz ela, sentada na esteira com seus lanches.

Eu a cutuco com a ponta do meu tênis. "Sai da frente, pirralha. Vou correr." Ela se arrasta até o tapete ao nosso lado, derrubando salgadinhos na esteira. Eles estalam sob meus pés quando piso nela. "Boa sorte varrendo isso."

Ela mastiga outra batata frita, absorta em seus pensamentos. "Ignore Fleur."

“Não quero ignorá-la. Ignorá-la foi o que me meteu nessa confusão. Quero ajudá-la.”

"Por que você *não* veio, Alex?", ela sussurra, tão baixo que mal consigo ouvir por causa do zumbido da esteira. Diminuo um pouco a velocidade para poder ouvi-la melhor.

“Eu queria vir, Mia. Mais do que tudo. Mas eu estava — *e estou* — tão cansada dele, desesperada para tirá-lo das nossas vidas. Se Green caísse em mãos erradas, se um dos seus comparsas igualmente corruptos se tornasse CEO, então tanto fazia se o papai não tivesse sido demitido. Ele ainda teria poder infinito, teria abafado os artigos, distorcido a história, comprado o silêncio de mais pessoas. Ele ainda estaria nos ferrando — ferrando com *a mamãe* , escolhendo os médicos dela, escolhendo os remédios dela. Eu não escolhi o Green em detrimento de nenhum de vocês. Eu estava escolhendo a segurança a longo prazo.”

“E se Fleur se machucasse gravemente?”

Senhor, dá-me forças para lidar com as minhas irmãs. "Deus, Mia. Eu tive que tomar uma decisão e não posso voltar atrás. Se eu não tivesse levado a Green... o papai teria descontado a raiva em todas nós."

“Ele alguma vez te bateu?”

Meus olhos se voltam para os dela, arregalados de alarme. Tudo o que eu achava que sabia sobre o relacionamento deles desmorona. "Ele te bateu?"

“Nunca”, ela sussurra. “Mas seus hematomas no futebol sempre coincidiam com as quedas no preço das ações.”

Eu me encolho ao lembrar dos momentos que passam pela minha mente. Daquelas mãos cruéis que deveriam ter sido amorosas. "Você tem dezesseis anos, M. Você nem deveria se importar com o preço de uma ação."

“Ah, não me importo. De jeito nenhum.”

Sorrio apesar da queimação nas pernas. "Ótimo."

Aumento a velocidade novamente, na esperança de que a energia que arde nas minhas pernas queime a confusa mistura de emoções no meu peito.

Mais um dia se passou. Só Deus sabe quantos mais faltam.

Corro até mal conseguir sussurrar um boa noite para Mia quando ela vai

embora, até que me reste uma réstia de esperança de que talvez eu esteja cansada o suficiente para adormecer rapidamente esta noite.

Acostumei-me a sincronizar minha respiração com a de Ofélia, a querer adormecer só para acordar ao lado dela. O cobre intenso de seus cabelos era meu nascer do sol, e aquelas duas covinhas torturantes na base de sua coluna eram minha conexão com a realidade.

Agora, apenas o peso da minha confusão e do meu arrependimento repousa no travesseiro ao lado do meu.

A traição de Ofélia não é suficiente para me fazer odiá-la. Artigo ou não, eu a amo. Não sei como fazer esse sentimento desaparecer.

Capítulo 2

ALEX

[RASCUNHO]

De: Alex Corbeau-Green
Assunto: Tortura (substantivo) *o ato de infligir dor severa como punição*
Para: Ophelia Winters

Sonhei com as sardas nas suas coxas ontem à noite.

O café queima meus lábios quando tomo um gole e desbloqueio meu laptop. Exatamente como eu gosto.

A chuva bate contra a parede de vidro atrás de mim, tingindo a cidade com um tom cinza monótono.

Está escuro lá fora, graças a uma densa camada de nuvens negras e um nevoeiro pesado que serpenteia entre os arranha-céus da parte baixa de Manhattan.

Desligo o telefonema matinal com Luis e acesso o site de uma escola de culinária aqui perto. Agendo uma visita para mim e para Mia daqui a algumas semanas. Fleur quer ser modelo desde que me lembro, Evie sonha em estar na Broadway desde que aprendeu a andar, Josie está decidida a seguir carreira como Homem-Aranha, mas Mia nunca teve certeza. Depois de fazer listas de prós e contras para enfermeira, personal trainer, treinadora esportiva, engenheira e atleta, ela suspirou olhando para a ilha da cozinha e disse: "Queria poder cozinhar o dia todo."

Chef, Mia. Você quer ser chef.

Idiota.

Amo todas as minhas irmãs igualmente, mas a Mia é a que mais sinto como uma amiga. A ideia de ela sair de casa para ir atrás do sonho de se tornar chef me apavora; eu sentiria muita falta dela. Na minha cabeça, ela ainda tem seis anos.

Jacqueline me chama da sua mesa, do lado de fora do meu escritório. "Sr. Corbeau? O Sr. Morello está aqui."

“Mandem-no entrar.”

Rocco Morello é um gigante. Lembro-me de ter conhecido Vincenzo, o dobro do tamanho dos outros garotos da mesma idade, e depois de ver o pai dele do outro lado da sala e pensar: " *Ah, agora faz sentido"*. Cabelo raspado, olhar atento, tatuagens por todo o pescoço, uma cicatriz feia na testa. Com quase dois metros de altura e ombros mais largos que uma porta, ele me aterrorizava quando eu era menino.

Agora chegamos a este ponto, sentindo-nos mais como iguais.

“Nada dessa porcaria instantânea. Também não quero cápsulas. Nem saquinhos de café. *Que se dane* os saquinhos de café. E *que se dane* o descafeinado. Entendeu?” ele grita, entrando.

“Sim, Sr. Morello”, responde Jacqueline, com a voz um pouco fraca.

Rocco fecha a porta atrás de si, isolando-nos no meu escritório espaçoso. Ele ignora o sofá e se esparrama na poltrona em frente à minha mesa. "Você a pegou no centro de desemprego, ou o quê? A mulher não sabe usar um computador."

“Ela está bem.”

“Ela é péssima no trabalho dela.”

"Como eu."

Apesar do horário matinal, ele acende um charuto, a fumaça obscurecendo seu olhar azul gélido. As tatuagens em suas mãos se espalharam com o tempo, mas o nome de sua esposa ainda é legível logo acima dos nós dos dedos. "Não segundo o *Wall Street Journal* ."

Pego um cigarro da gaveta da minha escrivaninha e me junto a ele. "Agradeço por você ter cuidado das minhas irmãs durante a semana em que tudo aconteceu."

Seu sorriso não chega aos olhos. Ele se inclina para a frente, as tênues rugas na pele bronzeada de sua testa se acentuando. "Tenho uma conta a acertar com você, Corbeau." Os músculos dos ombros, impulsionados por esteroides, se tensionam, e seus dedos tamborilam. "Você colocou meus filhos em perigo em Sorrowsong."

Balanço a cabeça negativamente e dou uma tragada. "Não foi bem assim que aconteceu."

"Não?"

“Não lhes pedi nada.”

“Você mandou minha filha caçar um assassino naquela floresta perto do

castelo. Se você não a tivesse deixado com uma arma, eu já teria arrancado suas entranhas pela boca.”

“Considere-nos, então, quites pelo estrago que fiz com os Ivanovs.”

Quando a colega de quarto de Ophelia — filha da grande rival de Rocco — foi encontrada morta em Sorrowsong no ano passado, Vincenzo parecia o culpado óbvio.

A rivalidade entre os Morello e os Ivanov já dura décadas e muitas vezes só piora porque cada família se recusa a enviar seus filhos para qualquer outro lugar que não seja Sorrowsong. Há gente influente demais ali para permitir que a outra família tenha rédea solta sobre os segredos e as sociedades que se escondem entre aquelas paredes em ruínas.

Felizmente, quando cheguei ao perseguidor de Ophelia — um professor de psicologia triste e chorão — ele estava vivo o suficiente para confessar o assassinato. Depois de três dias implorando aos russos para que reagissem, eles finalmente desistiram das tentativas de matar Vincenzo.

No mundo deles, nunca há tédio; isso eu reconheço.

Ele debocha. "Eu poderia ter lidado com os Ivanovs sozinho."

“Com derramamento de sangue”, eu argumento.

A caveira tatuada em sua mão se transforma em um sorriso sinistro quando ele fecha o punho. "É, e explosões, provavelmente. Coloque a segurança da minha filha em risco de novo e eu te mato."

“Você já tentou impedir Belladonna de fazer alguma coisa, alguma vez?”

Isso me rende um sorriso genuíno. Rocco Morello e Cain Green podem compartilhar muitas características, mas há uma em que se diferenciam: Rocco ama seus filhos com toda a sua alma. Ele veste bem o chapéu de capo, mas quando você o tira, o chapéu de pai fica mais próximo da sua pele. Sua vida gira em torno de Belladonna e Vincenzo. Ele chorou como um bebê na festa de dezesseis anos dela.

Apesar de toda a riqueza e poder que ele possui, sei que ele trocaria tudo por eles se fosse preciso.

Rocco me deu meu primeiro preservativo. Me comprou minha primeira garrafa de uísque. Me disse quais mulheres evitar e em quais confiar. Depois do meu primeiro término, ele me ligou para conversar. De muitas maneiras, ele foi mais pai do que Caim jamais foi.

Ele é como Vincenzo: seus valores morais são mesclados no ouro mais brilhante e no preto mais escuro.

Ele bate palmas com as duas mãos nos joelhos. "O que me dá prazer em estar

aqui hoje?"

Solto uma baforada de fumaça sobre minha mesa. "Um novo acordo."

“Estou ouvindo.”

“Chega de sucessos.”

Seu olhar se torna gélido. "Não estou mais ouvindo."

“Chega de assassinatos. Nem para você, nem para ninguém. Se você quer alguém morto, faça você mesmo.”

Meu pai era maleável, facilmente manipulado por qualquer criminoso disposto a pagar mais. Ele construiu um monopólio no mercado de aviação privada. Se alguém rico, alguém importante estivesse voando para algum lugar, meu pai sabia.

Se Rocco Morello quisesse eliminar alguém da face da Terra, meu pai daria um jeito, inventaria uma história e assinaria um acordo de confidencialidade. *Ele teve um ataque cardíaco pouco antes da decolagem; tentou sequestrar o avião — tivemos que atirar nele; ele nunca embarcou.*

Pelo preço certo, Cain Green faria qualquer coisa que alguém quisesse.

É um legado que não pretendo perpetuar.

“Sem acordo. Não se trata de fazer isso sozinho. Trata-se de reunir várias pessoas importantes no mesmo lugar ao mesmo tempo. Um helicóptero é um alvo fácil.”

“Chega de sucessos.”

“Você não quer arranjar um inimigo para mim, Alex.”

É verdade, mas, pela primeira vez, ele também não quer me ter como inimigo. Temporário ou não, sou tão rico quanto ele. Tenho melhores contatos do que ele. Sou mais respeitável, confiável e *digno de confiança* do que ele. Ele tem poder, mas eu também.

"Não consigo imaginar outra companhia aérea disposta a transportar você e seus homens o dia todo, e disposta a gastar tanto dinheiro quanto Green gasta para encobrir seus rastros dos russos."

Ele estreita os olhos. "Por que você está fazendo isso? Pela mulher?"

“Pela mulher.”

"Eu te avisei sobre as mulheres", ele rosna, perdendo a paciência. "Elas estragam tudo."

"Vou acabar com a Green. Eu nem deveria estar fazendo parceria com você, Rocco, mas estou disposto a continuar. Mas chega de hits."

“Estou dizendo não.”

“Estou dizendo que você não tem escolha.”

Ele solta uma risada ofegante. "Você não tem nada a ver comigo."

Mordo o sorriso, olhando para o relógio que aperta meu pulso: 9h01. O noticiário será ao vivo. Digito uma busca rápida no meu celular e me levanto para colocá-lo na mesa de centro.

A Green Aviation adquire a empresa de cibersegurança Synx, sediada em Nova Iorque, em um negócio de 540 milhões de dólares.

A Synx encobre todos os rastros digitais deixados por Rocco. Ela criptografa suas mensagens, oculta suas finanças e esconde seus negócios ilegais por trás dos legítimos. Além disso, é uma empresa *muito* lucrativa.

“Seria uma pena se sua empresa de segurança entregasse as provas aos federais.”

Rocco está com a mesma cor das cortinas verde-limão horríveis que ele deixou a esposa colocar na mansão Morello no Natal passado. Seus punhos se fecham e abrem sobre a lã cara de suas calças. "Você está perdendo a cabeça por causa de um pedaço de carne, Corbeau."

"Chame-a assim de novo e veja onde isso te leva." E *que* idiota! Não poderia ter escolhido alguém melhor para me deixar louco.

“Você demonstra muita lealdade para uma garota que conspirou contra você.”

"A Francesca não explodiu o seu carro duas semanas antes do seu casamento?"

Um carinho afetuoso se mistura ao veneno em seus olhos. Rocco e Francesca Morello talvez sejam o único motivo pelo qual ainda acredito no amor verdadeiro. "Ela é uma dinamite, essa aí. Ela me fez um favor, de verdade. O carro precisava ser trocado."

“Assim como meu pai.”

Seu resmungo de divertimento me indica que estamos de volta a um terreno mais seguro. Ele tinha um acordo lucrativo com meu pai, mas nunca gostou muito dele, e não gostou da maneira como ele tratou minha mãe nos últimos anos.

De repente, ele bate com o punho na mesa de centro e solta um palavrão. É fácil pisar numa mina terrestre com o Rocco. Se a Jacqueline aparecer com um café instantâneo, nem Deus conseguiria salvá-la. "Você não está limpando a sujeira, *coglione* , você está chantageando igualzinho a ele."

“Pelos motivos certos. Pelas minhas irmãs, pela minha mãe. Chega de sucessos, Rocco.”

Uma pequena quantidade de cinzas cinzentas cai na bandeja de porcelana sobre a mesa de centro, seus olhos arregalados de exasperação maníaca. Ainda

estou meio que esperando que ele estenda a mão e quebre meu pescoço. Ele é imprevisível, talvez um pouco instável. Acho que é preciso ser, no trabalho dele. "Vocês, crianças, vão me matar." Ele se recosta na cadeira novamente. "Tudo bem. Combinado. Só porque a Francesca gosta da sua mãe e o Vincenzo gosta de você."

Eu não precisava da aprovação dele, mas a aceito mesmo assim.

“Como ela está?”, ele pergunta.

“Ofélia?”

Ele bufa. "Não, seu idiota. Sua mãe. Eu não dou a mínima para aquela ruiva triste."

“Ela é a mesma.”

Ele desenha um gráfico com a mão, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Eu concordo com a cabeça. É basicamente isso. Altos e baixos, repetidamente, com volatilidade crescente.

"Quando Francesca levou um tiro nas costas, pensei que meus filhos ficariam sem mãe. É assustador demais, a ideia de perdê-la."

"E daí?", pergunto, esperando pelo discurso inspirador. O " *vai ficar mais fácil* " ou o " *ela sempre estará no seu coração"* .

Ele balança a cabeça, jogando o resto do charuto na bandeja. "Chega. É uma merda, é assustador e vai doer pra caramba. Nada que ninguém te diga, nenhuma frase idiota repetida de um cartaz na parede do banheiro vai resolver. Sua mãe vai embora, e isso é uma merda."

“Uma conversa animada para a minha manhã de terça-feira”, digo, mas, na verdade, aprecio a honestidade dele. Todo mundo está obcecado em me dizer que tudo vai ficar mais fácil.

Não consigo imaginar que isso jamais aconteça.

É incrível como as coisas se deterioram rápido. Meu relacionamento com meu pai, o que quer que eu tivesse com Ofélia, a saúde da minha mãe. Meu humor hoje não é exceção.

Ao ver Rocco entrar no elevador pouco antes do almoço, senti-me revigorada, mais uma tarefa riscada da minha lista, mais um peso a menos nos meus ombros. E aqui estou eu, às 15h45, lutando para imaginar como vou aguentar até às 17h.

Não consigo identificar um gatilho. Nenhum evento desastroso ocorreu entre os sapatos Oxford lustrados de Rocco saindo do meu escritório e agora. Mas há uma nuvem cinzenta pairando sobre minha cabeça novamente, lançando sombras

sobre todos os meus pensamentos.

Grossas gotas de chuva escorrem pelas janelas de vidro atrás de mim, manchando as calçadas com um tom de carvão escuro.

Como se estivesse combinado, meu celular vibra onde está, em cima do teclado do meu laptop. *Robert Harwood.* Atendo no primeiro toque.

“Robert.”

“Alex. Como você está?”

Nem me dou ao trabalho de responder. Ele já sabe a resposta. "Você não é muito bom em aproveitar as férias."

Ouço o sorriso dele. "Consigo arranjar tempo para visitar meus clientes favoritos."

É *mesmo* ? Ele só quer ter certeza de que seu salário ainda está garantido. "Seus clientes mais instáveis."

Ele ri. "Acho que você leva as duas coroas."

“Como está Lagos?”

“Movimentado. Úmido. Como está Nova York?”

Tamborilo a caneta na minha coxa. Sufocante. Deprimente. Congelante. Cinza. Tão solitária. "Está tudo bem."

“Conte-me mais.”

“Aproveite suas férias, Robert.”

“Tenho tempo. Ou isso, ou vou tomar uns drinques com minha tia-avó, então se você pudesse continuar conversando, seria fantástico.”

Dou de ombros, mesmo sabendo que ele não pode me ver. Encaro o trânsito lá embaixo. Tudo isso é tão inútil. "Estou apenas cansada."

"Dia ruim?"

Uma dor de cabeça lateja na base do meu crânio. O número de e-mails não lidos na minha tela aumenta. Um táxi bate na traseira de um ônibus no cruzamento. O sinal de pedestres fica verde. Uma multidão de pessoas se dispersa, e me pego procurando, entre elas, os cabelos loiros grisalhos do meu pai. Pergunto-me, pela milésima vez, onde ele está. "Só cansado."

“Vamos analisar a situação, então. Você está estressado no trabalho?”

"Na verdade, não." Não me importo muito com Green. "Encontrei-me com Rocco Morello esta manhã."

“E sua cabeça ainda está no lugar. Um milagre.”

Isso arranca um pequeno sorriso de mim. "É. Eu só estou..." *Estou sozinho.* Parece tão ridículo dizer isso em voz alta. Sou um homem adulto, com uma família grande em casa. Vincenzo está a apenas uma mensagem de distância.

Tenho amigos na cidade. Mas estou sozinho. A solidão corrói meus ossos no segundo em que abro os olhos pela manhã. Ela se instala no meu ombro enquanto estou na minha mesa, preenche o carro quando dirijo para casa.

E quando me deito na cama à noite, sinto um peso tão grande no peito que não consigo respirar fundo.

“Sinto falta *dela* .” Sinto falta do Vincenzo. Sinto falta do meu tempo livre. Sinto falta da minha mãe, sinto falta das minhas esperanças e sonhos. As palavras saíram sem a minha permissão, mas não são novidade para Harwood. “E me sinto presa pelas minhas irmãs.”

“Preso à própria sobrevivência?”

"Sim", sussurro, mesmo sabendo o quão horrível soa. Mas Harwood não me repreende. Não me diz o quão gratas algumas pessoas seriam por ter uma família. Não me diz o quão sortuda eu sou por ter motivos para continuar viva.

Um silêncio resignado se instala entre nós por um instante. "Acho que é uma forma muito válida de se sentir, Alex. Não é ingratidão, se é isso que você está dizendo a si mesmo. Vamos conversar sobre isso quando eu estiver no seu escritório na semana que vem. Liguei principalmente para saber se havia alguma notícia sobre seu pai."

Uma nuvem cinzenta entope minha garganta. Forçar as palavras para fora é como atravessar um pântano. "Nenhuma notícia. Ele desapareceu."

"Será que ele está morto?"

“Improvável.” Ele não é do tipo que se entrega facilmente, nem do tipo que não é implacavelmente eficiente. Duvido que ele atiraria em si mesmo a menos que soubesse que o tiro atingiria outra pessoa no caminho. Dobro do retorno do investimento. “Me preocupo com a possibilidade dele chegar até minhas irmãs e eu estar longe demais para ajudá-las.”

“Você contratou seguranças muito competentes para eles, e se ele aparecer para respirar, será pego. Você fez tudo o que podia. Você fez o suficiente.”

Talvez. Talvez não. Mesmo com o cartão de crédito bloqueado, meu pai é rico o suficiente para escapar da justiça. Rico o suficiente para silenciar pessoas, rico o suficiente para comprar sua liberdade. Ele tem informações comprometedoras sobre departamentos de polícia, hospitais, seguradoras, companhias aéreas, bilionários, gangues criminosas, *todo mundo* .

Sua ausência paira sobre mim, inquietante e ameaçadora. Uma faca acima da minha cabeça, presa a um fio desgastado. Tenho a sensação de que estamos todos apenas nos mantendo à tona, e em algum lugar abaixo de nós, meu pai é um tubarão à espreita, pronto para morder.

Encerro minha ligação com Robert e mando uma mensagem para Mack, meu investigador particular, e para Jordan, meu contato no FBI, perguntando se algum deles tem alguma novidade. Mack responde imediatamente. *Nada.* No aplicativo do meu celular, verifico as imagens das câmeras de segurança de casa. A sala de estar está vazia, o porão, o corredor, o hall de entrada, a sala de jogos, tudo desocupado. Na cozinha, minha mãe está sentada no balcão tomando café com a governanta.

Está tudo bem. Fecho o aplicativo de segurança e volto ao trabalho.

Uma parte perversa de mim gostaria de ter uma câmera filmando Ophelia. Dia e noite. Em todos os cômodos. Eu assistiria como se fosse meu programa de TV favorito, assistiria quando não conseguisse dormir.

Mas ela não me pertence mais. Ela escondeu a verdade de mim, e eu a abandonei. Perdi todo o direito de observá-la, e ela perdeu minha confiança.

Tenho a sensação de que vou ficar de olho nela pelo resto da minha vida.

Dou um tapa com a mão no teclado só para me livrar do reflexo do meu rosto no laptop e tento me concentrar em algo, *qualquer coisa* , que não seja ela.

Capítulo 3

OPHELIA

Me stalkeie uma vez, que vergonha. Me stalkeie *duas vezes* , e claramente, eu devo ser um completo idiota ou algo do tipo.

Ou algo parecido com o que dizem.

Não entendo como consegui ser perseguida duas vezes em um ano. Sou o tipo de pessoa que precisa se animar na frente do espelho para dizer ao barista que pediu a bebida errada. Choro em filmes infantis. Como é que *sou eu* quem acaba sendo perseguida? A Belladonna deu um soco em alguém que olhou para ela de um jeito estranho em uma festa semana passada e, pelo que sei, ela não está sendo perseguida.

Outro estrondo de trovão ecoa pelo castelo, trazendo-me de volta ao presente. Divya solta um iodelei nauseante, e os copos de coquetel no carrinho de bar dourado tilintam em sincronia com as luzes bruxuleantes. Colette empurra uma almofada do sofá sobre minha cabeça como se quisesse me matar. Sua amiga Magda solta um murmúrio melodioso.

As tentativas deles de me distrair dos trovões estão funcionando, mas provavelmente não pelos motivos que eles imaginam; estou realmente com medo pela minha vida, apavorado demais para sequer *pensar* em helicópteros enquanto Colette aperta o veludo contra meus ouvidos.

"Você já está se sentindo melhor?", ela pergunta, com a voz abafada.

"Eu não consigo respirar, porra!" Eu grito.

“Ah, desculpe.” Ela alivia a pressão na almofada e eu respiro fundo, agradecida. Meu riso fica abafado pelo tecido rígido.

A publicação do artigo sobre a família de Alex pode ter causado um grande caos na minha vida, mas também fortaleceu os poucos laços de amizade que ainda tenho. Divya e eu passamos nossas noites estudando na biblioteca em um silêncio agradável, e a melhor amiga de Colette, Magda, também se tornou uma das minhas melhores amigas.

Depois que a bomba explodiu entre mim e Alex e despedaçou a coisa delicada que estávamos construindo, eu fiz o que sempre fui capaz de fazer. Me isolar. Me privar de contato humano, porque como a solidão poderia ser pior do que a dor de perder alguém que você achava que estaria aqui para sempre?

Eu nunca perco uma boa oportunidade para me lamentar, e nossa, como eu me lamentei. Tipo, chorando na minha tigela de cereal seca e ouvindo música triste só para chorar mais. Correndo pelo chão como um rato de esgoto laranja e seboso para pegar os lanches que a Divya deixou do lado de fora da minha porta, mas me recusando a deixá-la entrar. *Esse* tipo de lamentação.

Mas minhas novas amigas não se deixam dissuadir tão facilmente, e quando a bota de cano curto de mil dólares da Colette entrou sorrateiramente pela porta antes que eu pudesse fechá-la no quarto dia, eu soube que estava perdida.

Depois de uma refeição nutricionalmente equilibrada e uma conversa motivacional regada a álcool, contei tudo aos meus novos amigos. Contei-lhes sobre meus pais, sobre Bancroft, sobre Cain Green. Contei-lhes por que eu nunca conseguiria entrar em um avião, por que o som do helicóptero me aterroriza e por que o estrondo do trovão no vale me faz lembrar da morte dos meus pais.

Eu disse a eles que sentia que a partida de Alex era demais, que me machucava tanto que eu não achava que conseguiria sobreviver.

No final, os três estavam soluçando comigo. E desde então, quando o primeiro relâmpago ilumina as paredes decadentes e os segredos bem enterrados de Sorrowsong, eles já estão à porta do meu quarto, munidos de lanches e cobertores. O que, para quem conhece bem os alertas de tempestade e os ventos uivantes das Terras Altas como nós, é uma dedicação impressionante. Cada corrida frenética das muralhas do castelo até a mansão parece uma provação mortal.

E, no entanto, eles acham que eu valho a pena.

Pela primeira vez, me vejo com amizades nascentes, raízes delicadas encontrando seu lugar em meu coração partido e preenchendo as menores rachaduras.

Estou *desesperado* para não danificá-los.

A ausência de Alex me causa um vazio enorme no peito todos os dias, mas há pessoas que se importam comigo. Estou começando a conhecer o meu reflexo no espelho. Estou aprendendo o que ela gosta, o que a apaixona. Estou conhecendo suas inseguranças, seus sonhos e todas as outras coisas que ela deixou de lado por cinco anos.

Vejo o próximo relâmpago através do travesseiro, e quando Colette finalmente o tira do meu rosto, a luz acaba. As exuberantes cortinas âmbar e o papel de parede art déco dos salões de Cortinar estão envoltos na tênue luz de velas.

"Que se dane esse tempo", murmuro, soltando um suspiro pesado que me faz afundar ainda mais no veludo macio do sofá.

“Que se dane esse tempo”, os três repetem em perfeita uníssono.

"E que se dane esse grupo de bate-papo", acrescento, com o celular aberto em um dos muitos grupos que me recomendaram entrar "porque são uma ótima maneira de fazer contatos", como se ter o filho de um magnata do petróleo na discagem rápida fosse algo que me seria útil.

Com sua boa aparência, especulações online sobre o quão mal seu pai o tratava, várias fotos de paparazzi dele deixando as irmãs na escola de bermuda de rúgbi e o desempenho econômico animador de Green, Alex se tornou uma espécie de tesouro nacional. E as pessoas adoram falar sobre isso, o que infelizmente significa que todo mundo me *odeia* . Mais mensagens chegam no grupo do primeiro ano de Sorrowsong.

Annabelle Young
Aparentemente, um aluno do segundo ano está desaparecido.

Lawrence Carlisle
Alguém precisa verificar o disco rígido de Ophelia Winters.

Rosa Hanover
Haha. Ou debaixo da cama dela.

Lawrence Carlisle
Ele provavelmente está no porta-malas do carro dela com Sofia Ivanov.

A parte interna da minha bochecha sangra de tanto que a aperto entre os dentes. Dá vontade de invadir as salas de aula e gritar com os alunos, mas isso não vai resolver nada.

Tabby Jones
Você acha que ela tem condições de comprar um carro?

Gabriel Bristol
Cuidado, Lawrence, ela vai desenterrar seus assuntos particulares e vendê-los para a imprensa.

Lawrence Carlisle
Tudo por alguns dólares, né, @Ophelia Winters?

“Ofélia”, repreende Colette, arrancando meu celular da minha mão para fechar o aplicativo. “Você vai ter que aprender a ignorar o que eles dizem.”

Mas eu não consigo. Parece que o resto dos alunos está fazendo um filme sobre o quão horrível eu sou. Como fui *eu* quem matou meus pais, como arruinei a vida de seis garotas, como iludi o Alex por meses. E eu, escrava da minha própria curiosidade mórbida e da aparente necessidade de me ver sofrer, não saí de nenhum dos grupos de bate-papo, não pedi a nenhum deles para me deixarem em paz.

“Uma delas disse que eu era insípida, Colette. *Insípida e submissa.* ”

Não é nem de longe a pior coisa que eles já disseram, mas ficou na minha cabeça.

Manso.

“Bem…” diz Magda, inclinando a cabeça de um lado para o outro como se isso pudesse ser uma avaliação justa. “Você não tem exatamente muito entusiasmo pela vida.”

Colette atira o travesseiro na cabeça dela. "Magda!"

“Ela tem razão”, diz Divya, com a boca cheia de pipoca. “Você nunca tem um pingo de fantasia. Você fica pisando duro por aí.”

“A Magda também!” protesto, apontando com a mão para as botas de plataforma pesadas que cobrem suas meias arrastão. O senso de moda da Magda fica entre o de uma noiva fantasma e o da Wandinha Addams, e ela sempre combina o delineador com as tranças.

Veja: Magda tem tudo sob controle. Eu, sinceramente, não.

“Faz parte do charme dela.”

Nem tento argumentar que tenho charme. Seja lá o que for o oposto de charme, eu o tenho de sobra.

Alex achava que eu tinha charme. Alex me fazia *sentir* como se eu tivesse charme.

Até que ele me deixou sem me dar a chance de me explicar, isto é.

Dou de ombros, afastando o pensamento, e me levanto na penumbra do salão comum de Cortinar. É sábado, então os alunos estão espalhados pelo amplo espaço, esparramados em sofás ou estudando em carteiras antigas. A máquina de café dourada, no fundo do salão, tosse e crepita, exalando o aroma intenso de café expresso quente.

Ainda estou chateado por não ter sido alocado para Cortinar.

Estico os braços acima da cabeça e pego minha bolsa de natação, ignorando os olhares de desprezo que recebo dos alunos que querem me matar por trair seu

príncipe de coxas musculosas e cabelos despenteados.

"Que suéter bonito", debocha o cara que está estudando perto da saída, os olhos percorrendo o suéter do meu pai de cima a baixo com uma expressão de repulsa mal disfarçada no rosto. Ele já disse coisas muito piores sobre mim esta semana, mas mesmo assim a raiva sobe à minha garganta.

Abro um sorriso doce nos lábios. "Você tem dezenove anos, Hugo. Preocupe-se primeiro com a sua calvície."

Uma orquestra poderia tocar naquela testa.

Volto-me para Colette, inclinando a cabeça em direção à porta. "Vamos."

Ela se levanta com dificuldade, com seus longos membros de Bambi e cabelos loiro-mel que caem em grandes ondas soltas ao redor de seu rosto bonito. Seu lábio inferior brilhante se projeta para fora, indicando que ela não está mais animada para ir ao treino de natação do que eu. Mas, considerando meu desempenho na piscina neste primeiro período — ou a falta dele —, é um milagre eu ainda não ter sido expulsa da equipe.

Minha relação com a natação, assim como minha relação com quase tudo desde os acontecimentos dos últimos meses, tornou-se mais complicada. Nadar era o hobby da minha mãe. Algo que fazíamos juntas, desde quando eu boiava com boias de braço laranja até quando fotos borradas minhas com medalhas de plástico baratas foram parar no jornal local.

Então ela morreu. A natação competitiva perdeu a graça. Os dois rostos que eu sempre procurava à beira da piscina, acolhedores e reconfortantes, simplesmente não estavam mais lá. A noite do hambúrguer e do cinema para comemorar um novo recorde pessoal se tornou uma lembrança tão distante que era difícil imaginar que um dia tivesse existido. As tábuas de cortar ficaram empoeiradas, as prateleiras da geladeira permaneceram vazias e meu uniforme de natação da escola nunca mais saiu da mochila.

Mas eu nunca parei de nadar. Talvez tenha trocado a piscina por lagos e rios, perdido o cronômetro, perdido a paixão, mas nunca parei. Era a única coisa que me fazia sentir perto deles. A única coisa que anestesiava a ferida profunda que a ausência deles deixara.

Agora não tenho certeza se quero me sentir próxima da minha mãe. O caso dela com Bancroft me parece uma traição cruel ao meu pai, o que me parece uma traição a mim, a todos os Natais, aniversários e noites de cinema que compartilhamos juntos.

Minha vida neste momento é uma sequência interminável de *incertezas* . Não sei quem era minha mãe, nem se meu pai sabia da traição dela. Não sei por que

Alex foi embora sem dizer uma palavra, nem se ele vai voltar. Nem sei se estou com raiva dele, ou se estou apenas com o coração partido por um garoto que deixou sua vida se tornar a ponte que outros atravessam.

E eu *realmente* não sei por que não contei a ele sobre meu plano de expor o pai dele, ou que minhas intenções no início do nosso relacionamento não eram genuínas. Relembro agora todas as oportunidades que tive para confessar, todas as oportunidades que tive para apagar o documento.

Acho que eu simplesmente não queria decepcionar meus pais, desistir de buscar algum tipo de justiça para eles, sentir que estava trocando-os por Alex.

Agora não tenho nenhum deles.

Colette resmunga ao meu lado, as unhas cor de taupe teclando na tela do celular. "O Vincenzo é *tão* engraçado", suspira, sorrindo para a sequência de mensagens azuis e cinzas. Sorrio de volta, mas não respondo. Vincenzo não fala mais comigo. Tenho vergonha de admitir que também sinto falta dele.

Saímos do labirinto de túneis na ala leste do castelo, um arco mal iluminado nos lançando no vale lá fora. Não passa do meio-dia, mas Sorrowsong está envolto em nuvens densas e pesadas que dão a impressão de ser início de noite. O ar úmido está impregnado com o cheiro de chuva, mas a tempestade parece finalmente estar dando trégua. Alguns raios de sol brancos penetram pelas clareiras onde a cobertura de nuvens se torna mais tênue.

Colette guarda o celular no bolso do seu casaco branco felpudo, me lançando um olhar sério. "Meu amor, se eu lesse e acreditasse em tudo o que dizem sobre mim, pessoas que mal me conhecem, eu nunca sairia da cama. Eu entendo: é algo novo e inédito para você. É impensável. Abominável. Mas é assim que as coisas funcionam. Nós simplesmente ignoramos."

Você acha que eu sou insosso?

"Acho você maravilhosa."

“Mas será que sou maravilhosa de uma forma insípida? Como batatas fritas salgadas ou pão branco?”

O sorriso dela se alarga enquanto subimos a trilha até a grande e ornamentada estufa vitoriana que abriga a piscina. "Acho você maravilhosa como rosas. Linda e espinhosa."

Cristo. "Isso tem a ver com as minhas pernas por fazer?"

O riso dela é contagiante, alegre demais para um lugar como este. "Os meus também são ásperos. Sinto falta da minha depiladora."

Mesmo que derretessem todo o acervo do Madame Tussauds, não haveria cera suficiente para consertar o estado das minhas pernas.

“Ei”, ela diz, mudando de assunto. “Ainda sem mensagens anônimas?”

Isso piora ainda mais meu humor. Ainda não sei quem me mandou aquela mensagem no aeroporto. A pessoa com mais motivos é o Cain, mas será que ele perderia tempo comigo? Não tenho poder nem influência nenhuma. Vin e Belladonna? Eles não são meus maiores fãs ultimamente, *principalmente* a Belladonna. Mas, de alguma forma, não consigo acreditar nisso. Os amigos do Shawn? Tenho certeza de que também não gostam de mim. Fujo do Carmichael sempre que posso, mas ele provavelmente tem meu rosto em um alvo de dardos. E sempre tem uns alunos aprontando alguma coisa na floresta à noite. Qualquer um poderia ter nos encontrado.

Meus amigos e eu estamos tentando descobrir quem está me mandando mensagens anônimas há semanas. Na segunda-feira passada, eles ficaram sentados nas janelas da torre enquanto eu andava pelo pátio por uma hora, como uma mosca que não consegue encontrar a porta. Estávamos na esperança de que eles pegassem alguém tirando uma foto minha, mas não tivemos sorte.

E quando flagramos Lettice Hartwick me seguindo até o lago há alguns dias, achamos que tínhamos descoberto tudo, mas não, não era ela. O que me deixou bastante aliviado, porque ser perseguido já é ruim o suficiente, mas ser perseguido por alguém chamada Lettice seria o cúmulo do absurdo, mesmo para mim.

Eu teria ido direto à polícia se a imagem anexada não fosse uma foto minha e do Alex enterrando um corpo.

Matamos um homem juntos. *Enterramos* ele juntos. E agora estou tentando lidar com as consequências disso sozinha. Talvez matar alguém não pareça tão significativo no mundo de riqueza e poder do Alex, mas no meu mundo de pacotes de batata frita e meias-calças rasgadas, é o suficiente para me tirar o sono.

Nas primeiras horas da manhã, abraço meus joelhos contra o peito no chão do banheiro e tento, com todas as minhas forças, justificar a morte de um homem, esfrego meus dedos até ficarem em carne viva como se ainda estivessem cobertos de terra úmida da floresta e imploro ao universo que apague da minha memória as coisas que vi naquela noite.

Ele matou meus pais por causa de sua obsessão doentia por minha mãe, porque ela não quis fugir com ele. Ele fez com que Caim os fizesse desaparecer como pagamento por manter sua imagem de homem de família.

Um vídeo de Cain dormindo com a secretária de Carmichael. Esse foi o preço da existência dos meus pais. E assim, o acidente de helicóptero se tornou o

preço da existência de Bancroft.

É *esse* jeito de pensar, como se tudo isso fosse apenas um conjunto de equações a serem equilibradas, que me assusta. Sinto como se Sorrowsong estivesse me influenciando, semeando os primeiros fios da corrupção em minha consciência.

Todos têm um limite a partir do qual abandonam a própria moralidade, Ophelia Winters, até você.

Foi uma das primeiras coisas que Carmichael me disse, nós dois sob o olhar penetrante de Achlys no meu primeiro dia aqui. Acho que cheguei a esse limite mais cedo do que imaginava.

"Não, chega de mensagens", finalmente digo, percebendo que Colette parou de andar e passou a me observar com grande preocupação.

Meu novo perseguidor me pediu para me entregar, mas se for o Caim, não faço ideia de onde ele esteja, e se não for, não faço ideia *de quem* seja essa pessoa. Então, decidi ficar em silêncio, cercada de amigos. Semanas depois, parece que está dando certo. Não ouvi mais falar daquele número. Se o Caim quiser me encontrar, terá que atravessar um campus universitário movimentado.

Com beladona.

Na entrada enferrujada, troco minhas botas de couro desbotadas por chinelos e sigo para a piscina, onde a tal herdeira da máfia desliza pela água em um ritmo que deixa claro por que ela é a capitã. Um braço musculoso e tatuado toca a borda de azulejos e ela emerge, tirando a touca e os óculos de natação e nos encarando. Mesmo que eu conseguisse criar coragem — mesmo que eu conseguisse criar *dezenove* — ainda assim teria medo dela.

“Vai se aquecer”, ela rosna, mais para Colette do que para mim. Ela deixou claro que acredita que o que aconteceu com Alex foi culpa minha e que também não quer ter nada a ver comigo. Na maior parte do tempo, consigo lidar com os abusos online, os olhares e os comentários venenosos, e as risadinhas sempre que faço uma pergunta em uma aula, mas quando vêm de alguém que eu esperava que pudesse ser minha amiga um dia, a sensação é muito pior.

O treino de natação é exaustivo. Fico muito tempo depois que os outros vão embora. Piscina após piscina, com Belladonna gritando comigo. Muito lento, muito desleixado, muito tenso, muito *relaxado* . Steve, o treinador de natação *de verdade* , não consegue falar nada. Ele é um homem baixo e magro que usa um agasalho azul-marinho que me diz que ele se agarra à juventude com a mesma força com que se agarra aos poucos fios de cabelo que ainda restam na parte de

trás da cabeça.

Ele talvez seja a única pessoa com mais medo de Belladonna do que eu.

Meus últimos cem anos são movidos apenas por frustração e rancor. Um mantra insistente de *"não chore, não chore, não chore"* ecoa na minha mente.

Milagrosamente, é o período do meu dia em que vivo mais rápido.

Saio da piscina com dificuldade, as coxas batendo na borda com um estalo molhado enquanto meu mantra de *"não chore"* se transforma em *"não vomite"* .

“Bom trabalho, Ophelia”, diz Steve, como se tivesse *acabado* de se dar conta de que é treinador.

Belladonna cruza os braços. "Continue nadando assim, e há uma pequena chance de você não perder *tudo* nesta temporada."

Vindo dela, isso é um grande elogio, e eu considero uma vitória.

Ela é a única pessoa no vestiário mal iluminado quando saio do chuveiro, vestindo um moletom com capuz. Armários industriais de ferro alinham-se em uma parede, bancos de carvalho na outra. O gesso manchado está descascando, revelando tijolos cinza por baixo. Parece um cenário pós-apocalíptico, como um bunker de guerra.

Belladonna não olha na minha direção, concentrando-se em guardar uma toalha dobrada na bolsa. O clima fica tenso enquanto tiro minha mochila do armário enferrujado, quase esperando levar uma facada pelas costas.

“Como ele está?”

Leva um minuto para eu perceber que foi *da minha* boca que essas palavras escaparam. Palavras que eu guardei com tanta força, engoli em todas as oportunidades, escapando sem a minha permissão.

Ela parece não acreditar que eu acabei de dizer isso. *Eu* também não acredito que acabei de dizer isso.

"Como você acha que ele está?", ela dispara, pegando a bolsa com muito mais força do que o necessário.

Não sei por que isso me dá um aperto no estômago; não é como se fosse uma surpresa que Alex esteja sofrendo. Sei o quão doente está a mãe dele, o quão perdidas estão as irmãs, o quanto o desaparecimento do pai deve pesar sobre ele, o quão ocupado Green deve mantê-lo. Vi vídeos nas redes sociais da Fleur tendo acessos de raiva em lojas de roupas, fumando do lado de fora de bares onde ela é muito jovem para estar, discutindo na rua com o novo namorado.

Deliberadamente ou não, eu fiz isso com eles.

“ *Ele* foi embora, Belladonna”, digo, sem ser convincente o suficiente para nenhuma de nós. “Ele foi embora sem dizer uma palavra.”

O que aconteceu entre Alex e eu foi uma bagunça, uma completa injustiça ao que eu sentia por ele, ao que eu sonhava para o nosso futuro. Deixei que meu desespero por vingança tomasse as rédeas da minha vida por quatro anos. Deixei que a dor que sentia pela perda dos meus pais me impedisse de fazer a única coisa que eles sempre quiseram que eu fizesse: viver.

Mas ele acreditou neles. Nos jornais, na mídia. Nas mentiras e nos enganos. Abri um espaço para ele no meu coração, e ele foi embora.

Belladonna está de frente para mim agora, caminhando até ficar quase nariz com nariz comigo. Ela é mais alta, mais larga, *mais forte* . As delicadas tatuagens de vinhas que espreitam por baixo do decote do seu moletom se esticam enquanto sua mandíbula se contrai. "Ele foi embora porque você colocou seis garotas em uma roda implacável de atenção da mídia. Você não achou que a mãe dele já estivesse doente o suficiente?"

"Não. Fui. Eu." Já disse isso tantas vezes que estou convencida de que as palavras estão gravadas na minha língua, desbotadas na minha alma.

Suas narinas se dilatam, o olhar azul pálido gélido. Tenho certeza de que ela consegue sentir meu medo. Não duvido que Belladonna mataria — talvez até *já tenha* matado — por aqueles que ama. "Faça um favor a todos nós e fique longe da vida dele, Winters. Ele não precisa de mais problemas."

A palavra final sai carregada de tanta malícia, tanta intenção, que, apesar dos meus esforços desesperados para me tornar mais insensível nas últimas semanas, ela penetra como uma faca quente na manteiga.

Uma bagunça. É isso que ela pensa que eu sou para o Alex.

Ela sai pisando duro antes que eu consiga pensar em uma resposta inteligente, gritando por cima do ombro enquanto se afasta: "Você está chutando muito aberto no nado peito. É por isso que você é péssimo."

O estrondo da porta faz meus ossos vibrarem, meus dentes baterem enquanto o vento entra pelas janelas entreabertas. Eu me afundo no banco, deixando minha cabeça pender em desespero.

Um silêncio pesado se instala no vestiário.

Meus dedos tateiam os cadarços das minhas botas, enquanto me apresso para fechar o zíper da minha mochila. Como sempre que estou sozinha aqui, meu coração dispara e pulsa na minha garganta. Bancroft pode estar morto, mas isso não impede que eu me sinta observada aonde quer que eu vá, ouvindo galhos estalarem atrás de mim na floresta, sentindo alguém parado do outro lado de cada porta.

Sempre que caminho pela trilha que leva à mansão Nightshade, dou uma

olhada por cima do ombro. Todas as noites, tranco meu quarto duas vezes e deslizo a cadeira para debaixo da maçaneta.

Alguém tirou aquela foto nossa na floresta. Tenho 99% de certeza de que foi o Shawn. Quem mais estaria me seguindo? Ninguém no campus, além dele, demonstrou qualquer interesse em mim.

E esses 99% me bastam, até altas horas da madrugada, quando a privação de sono me deixa paranoica e aquele 1% extra grita mais alto que o resto. Enterrei um perseguidor. Só espero que meu silêncio seja suficiente para conter a fúria de quem quer que tenha enviado aquela foto.

Não me sinto segura aqui, e também não me sinto segura na casa dos meus pais. É tão absurdo que, apesar da intensidade dos últimos meses — apaixonar-me, aprender a confiar, quase ser morta, derrotar Cain Green — não me sinto mais segura do que quando cheguei a Sorrowsong no outono passado.

Meu celular vibra na bolsa enquanto saio dos vestiários e deixo a área envidraçada da piscina. Uma perigosa esperança se acende no fundo da minha mente.

Será que é ele? Será que eu quero mesmo que seja ele? Prendo a respiração enquanto vasculho minha bolsa, pensando no que eu diria. Desculpe? Por que você foi embora? Estou com raiva de você. Como está sua mãe? Passei nas provas que achei que ia reprovar, bati meu recorde pessoal no estilo livre, algo que nunca imaginei que conseguiria.

Penso em você o tempo todo.

Milhares de pensamentos passam pela minha cabeça enquanto minha mão finalmente encontra o aparelho em meio às embalagens vazias de barras de cereal e protetores labiais.

Não é ele. É um número desconhecido.

Uma sombra se move no canto do meu campo de visão, me fazendo pular.

Mas não há nada lá, apenas um arbusto farfalhando ao vento.

Atendo a chamada, mas não digo nada, aguardando ansiosamente enquanto examino cada pequena abertura entre as árvores.

Um sotaque americano rouco quebra o silêncio. "Sra. Ophelia Winters?"

"Falando."

“Meu nome é Mack; lidero uma empresa que trabalha para o Sr. Corbeau-Green na investigação do desaparecimento de seu pai.”

“Ah.” Até o nome dele dói. “Entendo.”

"Gostaria de saber se você teria um tempinho para responder a algumas perguntas?"

Olho por cima do ombro ao ouvir passos nas árvores, mas não vejo nada. "Hum... ok. Como eu sei que você é... real?"

“Posso voar para a Escócia amanhã, se preferir. Ou você já voou para Nova Iorque?”

"Não!" Respiro fundo, tentando acalmar meu tom de voz. Só de pensar em entrar num avião, minhas mãos já ficam suadas. "Não, obrigada. Tenho medo de voar e você não precisa vir aqui."

"Posso transferir a ligação para o Sr. Corbeau para que você fique mais tranquilo?"

Um longo silêncio se estende pela linha. Imagino uma breve ligação telefônica, entre reuniões, curta e objetiva. Não estou preparado para isso. "Não, não. Tenha paciência comigo."

Se eu mandasse uma mensagem para Belladonna agora, ela provavelmente usaria sua influência para fazer meu celular explodir na minha mão, ou algo assim. Não sei como estou com Vincenzo hoje em dia, mas sei que ele não mentiria para mim.

Ofélia Invernos
Você conhece um cara chamado Mack?

Vincenzo Morelo
O investigador de Alex?

Ofélia Invernos
Então ele é legítimo.

Vincenzo Morelo
Um dos melhores.

“Está bem, então”, respondo, aliviada. “O que você quer saber?”

Sua voz está rouca devido à falta de sinal. "Você viu, ouviu ou recebeu algo suspeito desde o desaparecimento de Cain Green?"

Abro a boca para contar a ele sobre a mensagem que recebi no aeroporto, mas a fecho tão rápido quanto a fechei ao me lembrar *do* conteúdo. Uma foto minha e do Alex, sujos e ensanguentados, em pé sobre um homem moribundo na floresta. Se esse cara trabalha com a polícia, provavelmente não é uma boa ideia.

Eu morreria enterrando aquela foto se isso significasse que aquelas meninas não perderiam mais uma figura paterna em suas vidas.

Mas esconder a verdade do Alex é algo que estou tentando deixar para trás.

“Eu… acho que preciso falar com o Alex primeiro.”

“Você tem a liberdade de dizer o que quiser, sem ser julgado.”

Sim, mas é como se *eu tivesse roubado um biscoito de uma padaria quando tinha nove* anos, sem julgamentos, ou *como se eu tivesse esfaqueado meu professor e cuspido em seu cadáver,* também sem julgamentos. "Recebi uma mensagem de alguém."

Fecho a boca imediatamente antes que eu possa dizer mais alguma coisa.

“Isso foi antes ou depois de Alex ter enterrado seu perseguidor?”

Ah. Bom, isso esclarece tudo. "Eu... você..."

“Não tenho interesse em colocá-la atrás das grades, Sra. Winters. Estou mais interessado em manter Alex e suas irmãs em segurança.”

“Foi depois. Foi no dia em que o artigo foi publicado. Tinha uma… tinha uma foto.”

“Para o seu telefone pessoal?”

“Sim, é o meu único telefone.”

Você estará ocupado(a) amanhã? Gostaria de dar uma olhada no seu celular para ver o que consigo descobrir pelas mensagens.

Afundo a ponta da bota na lama úmida sob meus pés, desesperada para deixar tudo isso para trás. Deixar Bancroft para trás, Caim para trás, Sorrowsong para trás. "Não estou ocupada."

Seu tom é seco e eficiente, como se eu estivesse ajudando-o a concluir sua tediosa lista de tarefas. "Ótimo. Chegarei mais tarde hoje à noite."

A ligação cai antes que eu possa perguntar qualquer outra coisa, me deixando abandonada e tremendo na trilha florestal de volta ao castelo. Um arrepio percorre minha espinha, enviando uma baforada de ar branco para o ar gélido, e enquanto caminho em direção à minha palestra na torre mais alta, sinto olhares pesados sobre minhas costas o tempo todo.

Uma forte rajada de vento varre o vale, sacudindo a antiga janela em sua moldura.

Uma fina faixa de luar ilumina a poeira no piso frio do meu quarto. Consigo ouvir alguns estudantes rindo do lado de fora da mansão, apesar de já passar das três da manhã.

Estou lutando contra o sono. É assim todas as noites: me iludo pensando que sou uma nova espécie de ser humano que simplesmente não precisa descansar.

Minhas amizades podem estar melhorando, meu condicionamento físico também, minhas notas se recuperando, mas meus pesadelos não poderiam ser piores. É tão ruim que o vizinho do outro lado do corredor fez uma reclamação por barulho.

Eu estava dormindo melhor quando Alex... deixa pra lá.

Por que ele foi embora sem dizer uma palavra?

Eu deveria deixar isso para lá, seguir em frente, pensar em outra coisa, mas não consigo. Eu entendo por que ele saiu naquele dia, entendo por que ele aceitou o cargo de CEO, entendo por que ele abandonou a universidade, entendo tudo, exceto uma coisa.

Por que ele não me acordou e lutou por nós?

Só consigo imaginar o estado mental dele naquela manhã. Alex estava melhor nos meses anteriores à sua partida, mas eu ainda o tinha visto em seu pior momento. Aquelas noites esporádicas em que ele me pedia para ir embora me diziam que ele se sentia tão mal que talvez nunca mais conseguisse sair da cama.

A depressão pode ser uma doença cruel. Quando eu checava as notícias a cada dez segundos pelo resto daquele dia, não era para saber da morte do pai dele, mas sim da minha própria.

Então, como sempre faço a esta hora, quando a mansão Nightshade uiva e geme sob o vento cortante, permito-me procurar qualquer vestígio de Alex que eu consiga encontrar.

Ele faz tudo parecer fácil. Assisti a todas as coletivas de imprensa, a todos os vídeos borrados dos paparazzi. Meu Deus, cheguei a assinar o *Financial Times* por um mês só para ler uma matéria sobre ele.

Quando você se pega lendo a opinião do terceiro gestor de fundos de hedge sobre o próximo trimestre para aproveitar ao máximo sua assinatura de notícias, você sabe que se apaixonou demais por um homem.

Não pode ficar pior do que isso.

O story do Instagram da Fleur é uma selfie no espelho com o novo namorado dela. Se eu não estivesse tentando ser menos cético e crítico em relação ao mundo, diria que ele parece um completo idiota.

Mas eu sou, então não vou.

Mia ainda me permite seguir sua conta privada com cem seguidores, mas ela, assim como seus outros cinco irmãos, está em completo silêncio há um mês.

Estou preocupada com ele. Espero que ele tenha começado a tomar os antidepressivos e esteja mantendo as sessões com o Harwood. Espero que ele não esteja se sobrecarregando, mas sei que está.

Na escuridão sinistra, enxugo furiosamente as lágrimas antes que elas tenham a chance de cair. Estou com raiva de mim mesma, frustrada porque, não importa quantas vezes eu tente me fortalecer, sentir menos, *seguir em frente* , nada funciona.

Quero ser mais parecida com Belladonna, mas com certeza é mais difícil do que ela faz parecer.

Desliguei o celular, mergulhando o quarto na escuridão. Fechei os olhos com força antes que se acostumassem à claridade, antes que eu pudesse ver a cama intocada de Sofia, as teias de aranha nas paredes, a faca na mesa de cabeceira. Com o frio cortante da neve que caiu durante a noite penetrando pelas paredes, enterrei o rosto debaixo das cobertas e tentei, tentei, *tentei* relaxar.

Ping.

Uma notificação de texto toca, alta e clara, no quarto silencioso.

Não consigo explicar a sensação ruim que me invade, a forma como aquele toque soa muito mais ameaçador do que os outros idênticos de hoje. A nota é aguda demais, estridente demais, desafinada demais. Ela ecoa entre as vigas em ruínas acima de mim e cai direto no meu estômago com um baque nauseante.

Com um olho semicerrado, como se isso pudesse melhorar a situação, arrisco dar uma olhada no texto.

Deixo meu celular cair de volta na mesinha de cabeceira, deixo minha cabeça cair de volta na cama. Não é pavor, nem horror, nem medo que me invade. É exasperação. Um esgotamento completo, que suga toda a minha força de luta.

Não posso fazer isso de novo. Não aguento mais.

Eu me viro, enterrando o rosto no cobertor para não ter que ver a foto borrada, enviada de um número anônimo, de mim saindo da estufa da piscina hoje mais cedo.

Capítulo 4

ALEX

[RASCUNHO]

Assunto: Sudoku (substantivo) *Por favor, me ensine*
Para: Ophelia Winters

Não entendo como alguém pode gostar de Sudoku. Isso me irrita.

Eu sabia que meu dia começaria mal quando Josie, sem supervisão, comeu seis tigelas de cereal com marshmallow no café da manhã e depois vomitou tudo na saída de casa. Crise resolvida — devo um dia de folga para Emily, a babá, por essa — cheguei ao escritório às nove, apesar do trânsito típico de uma manhã de segunda-feira na cidade.

Jacqueline já tem minha agenda semanal na minha caixa de entrada assim que me sento na cadeira atrás da minha mesa. Um café expresso duplo está fumegando no porta-copos ao lado do meu laptop. Mando uma mensagem rápida de agradecimento para ela e abro a tempestade de e-mails que são meus e-mails depois de um fim de semana agitado em casa.

Duas notificações chegam exatamente às nove horas. Meu lembrete diário, *"Não ligue para Ofélia"* , aparece abaixo de uma mensagem de Harwood, pontual como sempre.

Robert Harwood
Bom dia. Estou de volta à cidade hoje. Hora do almoço?

Alex
Almoçar parece uma boa ideia.

Encaro o lembrete, lançando-lhe um olhar fulminante como se isso pudesse fazê-lo desaparecer. *Não ligue para Ofélia.* A mensagem permanece na minha

tela de bloqueio o dia todo, obscurecendo seus olhos castanhos expressivos na foto que tirei no banco de trás do Land Rover na véspera de Natal.

Foi a primeira mensagem que recebi do meu advogado e investigador no dia em que tudo desandou. Não ligue para Ophelia. Corte todo contato. Não incrimine ainda mais sua família. Não dê a Green um motivo para processá-la por difamação, para suspeitar que foi você quem a ajudou a escrever aquele artigo. Não sejam vistos juntos, não até que todos os vestígios da vida de Bancroft sejam enterrados.

Quinze cartas irritantes que tornaram tudo isso tão solitário do caralho.

Minha primeira ligação do dia é com Mack e Brendan: os dois detetives particulares que contratei para ajudar o FBI na busca pelo meu pai. Meu pai tem muitos contatos lá, então preciso de duas pessoas que estejam definitivamente do meu lado. Eles já trabalharam comigo antes para descobrir o vazamento de vários registros médicos da minha mãe ao longo dos anos.

Brendan aparece na tela do meu laptop, um moletom cobrindo seus cabelos despenteados. Por trás de seus óculos de armação grossa, ele franze a testa para a tela, indicando que só tenho metade da sua atenção. Com experiência em segurança cibernética e um QI que nós, meros mortais, só podemos sonhar, ele dá conta de tudo que envolve trabalho de escritório.

Acho que Mack não conseguiria ficar sentado atrás de uma mesa nem com uma arma apontada para a cabeça.

“Bom dia, Brendan.”

Ele ajeita os óculos no nariz. "Bom dia. Temos uma atualização para você. Vou esperar o Mack entrar online."

Sem problema, vou ter um colapso interno até lá. "Ótimo."

Mack demora uma eternidade para chegar, finalmente entrando na conversa pelo celular com seus AirPods. "Adivinha onde estou."

"Você realmente quer que eu adivinhe? Porque tenho outra ligação às nove e meia."

Ele revira os olhos para o meu humor, enquanto move a câmera por um aeroporto vazio.

Minha respiração falha, meus dedos congelam enquanto digito um e-mail na outra metade da tela. A última vez que estive no Aeroporto de Inverness, as paredes do meu universo estavam desmoronando ao meu redor.

Na última vez que estive lá, disse ao Harwood que sinceramente não conseguiria sobreviver ao dia, que não aguentava mais.

A última vez que estive lá, Ofélia estava presente, e eu me afastei.

Pensei que a distância dela tornaria tudo mais fácil. Mais fácil para mim, se eu escolhesse viver, mais fácil para ela, se eu escolhesse morrer. Mais fácil de administrar meu tempo entre minhas irmãs e o trabalho. Mas não tornou nada mais fácil.

A voz de Mack me traz de volta ao aqui e agora. "Você não é o nosso cliente mais falante."

“O que você está fazendo aí?” Endireito-me na cadeira, a ficha caindo de repente. A ideia de que meu pai possa estar na Escócia, perto de Ofélia, faz minhas mãos se fecharem em punhos cerrados sobre a mesa. “Ele está lá?”

“Bem”, começa Mack, como se tivesse todo o tempo do mundo, e não apenas vinte minutos, para contar essa história. “Acabei de sair de Sorrowsong esta manhã.”

Meu estômago revira, e eu caio com um baque no térreo, sessenta e dois andares abaixo. "Ela está bem?"

“Ela recebeu uma mensagem no aeroporto no dia em que você partiu.”

Recuei ao ouvir as duas últimas palavras. Não preciso de um lembrete. "Você me pediu para ficar longe dela", cuspi as palavras, com os dentes cerrados.

“E mantenho minha posição, visto que ninguém quer um homicídio em sua ficha criminal. Nem na dela, aliás.”

“Ninguém vai ligar que Bancroft se foi.”

“Por favor, não mande mensagem para a Ophelia, Alex. Não corra o risco de se incriminar.”

“Os homens de Rocco limparam completamente o local. Todos os vestígios de Bancroft — digitais *ou* físicos — foram apagados.”

“Ah. Sobre isso.” Meu celular vibra. É um e-mail do Brendan. ***Apague-o assim que abrir. Eu apagarei todos os vestígios da minha parte.***

Desbloqueio meu celular e abro a foto anexada. Está borrada, tirada com algum tipo de câmera de visão noturna barata. Quando me dou conta do que é, o resto dos meus órgãos internos se junta ao meu estômago duzentos metros abaixo de mim. "Merda." Passo as mãos pelos cabelos, imaginando o que isso poderia significar para as oito mulheres que são donas de cada célula do meu coração.

Para Ophelia, é hora de ir para a cadeia. É o fim de todos os sonhos que ela tanto merece realizar, os sonhos que eu tanto almejo para ela. Este seria o fim da minha mãe, a gota d'água. "Droga", repito, dando um zoom na figura agonizante de Bancroft diante de Ophelia e minha.

Deixo o telefone cair de volta na mesa. "Droga."

Mack franze os lábios como se estivesse gostando muito. "Uma foda tripla. Nunca tinha experimentado uma dessas antes."

“Isso não tem graça, Mack. Eu tenho as meninas para cuidar. E a Ophelia… isso não pode vir à tona.”

“Não consigo associar a mensagem a nenhum dos telefones do seu pai”, diz Brendan, mais sério que seu colega.

“Um celular descartável?”

“Talvez, mas não tenho certeza. Não sei como ele conseguiria um celular descartável tão pouco tempo depois da publicação daquele artigo.”

"Ele poderia ter feito isso." Ele tinha cem celulares para cem crimes. "Mas ele não poderia ter tirado a foto. Ele estava em Nova York naquela semana."

Minha mente gira como um flipbook, cem rostos diferentes surgindo em rápida sucessão. Shawn parece uma possibilidade óbvia. Carmichael, talvez. Consigo me lembrar de vários estudantes de administração e finanças que consideram meu pai uma espécie de herói, que fariam qualquer coisa por ele.

A pergunta que fiz antes permanece sem resposta. A compreensão do verdadeiro significado disso se infiltra sob a frágil barreira da minha pele, juntando-se à dor, ao cansaço e à ansiedade que já ali se encontram. Ophelia está lidando com mais uma ameaça anônima. "Ela está bem?"

“Ela está inteira, se é isso que você está perguntando. Ela parecia exausta.”

Merda. Olho para o e-mail novamente, tentando imaginar o impacto psicológico que ficar olhando para essa foto teve nela. Minha presença — a presença da minha família — na vida dela é um abscesso, infectando todo o tecido saudável ao redor. "Preciso ligar para ela."

“Não é uma boa ideia, não com essa imagem envolvida.”

Minha frustração está perigosamente perto de explodir. "Como se eu ligar para Ofélia fosse nos incriminar mais do que uma foto nossa ao lado de um corpo?"

“Essa foto sua não é das melhores. Obviamente, nosso objetivo é encontrar essa foto e abafá-la, mas se ela vazar, temos uma solução. Se pudermos alegar que você e Ophelia terminaram antes daquela noite, você provavelmente se passaria por outra pessoa. Na minha opinião, essa foto não tem nitidez suficiente para identificá-lo em um processo criminal.”

De repente, tudo faz sentido, e uma onda de fúria me invade. Estive ocupado demais para entender completamente a decisão de Mack e dos meus advogados de me distanciar tanto de Ophelia.

Eles a querem suficientemente longe de mim para que ela possa ser

descartada como bode expiatório, se necessário.

Mack interpreta meu silêncio como confusão ou falta de confiança em seu plano. "Não é como se você tivesse um motivo para o que aconteceu com Bancroft."

Mas Ofélia tinha o motivo perfeito. Ele não diz isso, mas o eco ressoa pelo meu escritório, ensurdecedor. Ofélia buscava vingança pela morte dos pais, e isso a torna o bode expiatório perfeito para todos os nossos problemas. "Essa *não* é a nossa estratégia. Não vou seguir por esse caminho, se for preciso."

“Alex, você tem uma companhia aérea, seis filhos menores e o plano de saúde da sua mãe dependendo de você. Ophelia… para dizer o mínimo, se ela fosse presa—”

Meus nós dos dedos ficam brancos. *Eu* me importaria. Isso faria diferença para *mim* . "Eu não terminaria essa frase se fosse você."

O tom gélido da minha voz deve tê-los feito perceber que seus empregos estavam em risco, porque ambos abandonaram a ideia completamente e não a mencionaram mais durante o resto da ligação. O restante das atualizações foi apenas para preencher espaço, cuidadosamente inseridas para me manter satisfeita. *Quase* encontramos isso, estamos *quase* lá com isso, *esperamos* conseguir fazer isso.

Por que será que nem mesmo os melhores dos melhores conseguem sentir o cheiro do meu pai?

“Ele vai ter que aparecer, Alex. Vá a um caixa eletrônico, alugue um carro, abasteça, coma alguma coisa. Ele vai aparecer, e nós o pegaremos assim que ele aparecer. Converse com seus advogados sobre se ligar para Ophelia é uma má ideia.”

Desligo o telefone e esfrego o rosto com as mãos. Giro na cadeira para encarar a cidade agitada lá embaixo, tentando controlar a respiração acelerada. Tudo está se acumulando. Tudo é demais e, ao mesmo tempo, insuficiente. Não consigo me livrar da sensação de que Ofélia está em perigo, de que alguém está atrás dela.

O som do meu laptop avisa que minha próxima reunião começou, mas sinto como se meu peito estivesse acorrentado.

Encaro minhas mãos trêmulas, tentando contar meus dedos em meio ao pânico que se alastra pela minha garganta. Não consigo respirar, não consigo inspirar profundamente. Quase deixo meu celular cair, meus dedos tremendo enquanto disco o número de Harwood. Ele atende no terceiro toque.

“Não consigo respirar. Não vou aguentar até a hora do almoço.”

“Você vai conseguir. Você pode e você vai.”

“Não consigo respirar.”

“É um ataque de pânico, Alex.”

Uma onda gélida de pavor me invade. "Desta vez não. É pior. Não consigo respirar. Não consigo fazer isso."

“O que aconteceu?”

Eu não consigo. Não consigo sobreviver aos próximos trinta segundos. Meu coração está quente e grudento na minha garganta, obstruindo minhas vias respiratórias. "Ele não está em lugar nenhum. Ele está em lugar nenhum, porra. Mas ele vai aparecer e vai machucar um deles quando aparecer. E Mack... Mack viu Ofélia e..."

E eu não estou lá para abraçá-la, para acompanhá-la até as aulas. Não posso protegê-la.

“Alex, pare. Ótimo, está bem. Agora respire. *Respire*. ”

Consigo soltar um suspiro profundo, ainda que lamentável. "Mack visitou Ophelia, e ela recebeu uma mensagem anônima, e... é uma foto nossa. Uma foto *ruim* . E isso pode ser o fim dela."

“Ophelia é mais forte do que você imagina. Ela sabe se defender. Me fale sobre a foto na hora do almoço. Tenho outro compromisso em dois minutos.”

A pequena falha na minha voz me enche de desgosto. "Não vou conseguir chegar a tempo para o almoço."

Há um sorriso em sua voz quando ele fala em seguida. "Conte-me sobre isso na hora do almoço."

Um pequeno resmungo incrédulo escapa entre duas respirações irregulares. "Às vezes, tenho dificuldade em gostar de você."

O riso dele é genuíno. "Sobreviva até o almoço, Alex. Depois conversamos mais. E peça café descafeinado para a Jacqueline pelo resto do dia."

Desligo o telefone, soltando um suspiro lento pelas bochechas, enquanto desenho linhas aleatórias no meu caderno. Meus batimentos cardíacos diminuem gradualmente. Toda essa situação é ridícula — eu, com vinte e três anos, sentada atrás da mesa de um CEO sem a menor ideia do que estou fazendo e com uma sensação opressiva de angústia existencial.

Respiro fundo por mais um instante, desenhando um pisco-de-peito-ruivo no canto da página até me acalmar o suficiente para atender a chamada. Ligo a câmera e tento domar meu cabelo rebelde. "Desculpe o atraso."

Estou na esteira às 23h com a Mia devorando um pacote de batatas fritas ao meu

lado quando ela murmura alguma coisa. Diminuo a velocidade da esteira para uma corrida leve. "Hã?"

“Quem é Brendan?”

Apertei o botão Parar. "Por quê?"

Você tem duas chamadas perdidas do Brendan. Você tem namorado?

Uma sensação incômoda de alarme percorre minha nuca. Eu já sei, pelo horário avançado e pelo fato de ser Brendan ligando e não Mack, que provavelmente é algo sério. Rezo para um deus em que nunca acreditei para que Ophelia esteja ilesa. Pego minha garrafa de água e meu celular de onde estão, ao lado da minha irmã. "Preciso retornar a ligação para ele."

"É coisa do trabalho?", ela pergunta, estendendo o pacote de batatas fritas na minha direção.

Balanço a cabeça para a sacola, tentando recuperar o fôlego. "Vá para a cama, M."

Saio pela porta da cozinha e vou para o jardim, andando de um lado para o outro enquanto o telefone toca sem parar. É insuportável. Ligo para ele pela quinta vez, passando a mão pelos cabelos. Mando uma mensagem para Belladonna perguntando se ela sabe se Ophelia está bem.

Beladona
Deixa ela ir, Alex. Ela é o equivalente humano de papelão molhado.

Ótimo.

Quando Brendan atende, eu meio que espero que ele tenha levado um tiro, ou que alguém o esteja mantendo como refém, ou algo do tipo. Ele *nunca* deixa de atender imediatamente. Sua voz sai abafada quando ele fala. "Desculpe, estava reabastecendo minha tigela de cereal. Você acha que estão colocando menos marshmallows no Lucky Charms?"

Já mandamos gente para a Lua, mas ainda não conseguimos dar um soco em alguém através de uma linha telefônica. A ciência está nos decepcionando. "Você tem trinta e cinco anos, Brendan. É melhor que isso seja bom pra caralho", eu disse entre dentes cerrados. "Ela está bem?"

“Ofélia? Acho que sim. Você consegue ver minha tela?”

Olho para o meu celular, onde Brendan começou a compartilhar uma foto. Está borrada, como se a câmera estivesse engordurada, mas eu reconheceria a piscina de vidro característica do Sorrowsong em qualquer lugar. "Sim, eu a reconheci."

“Ophelia recebeu isto. Só agora contou para o Mack.”

Dou um zoom na tela pequena e percebo por que ele está me mostrando isso. Ofélia está em frente à porta da piscina, olhando por cima do ombro como se soubesse que está sendo observada. Mesmo com a baixa qualidade da imagem, consigo perceber a preocupação em sua expressão. "Quando essa foto foi tirada?"

"Ontem."

Meus olhos se voltam para o brilho suave que emana da janela do quarto de Fleur e para a silhueta de Mia penteando o cabelo. Sinto que estou me desdobrando em mil para proteger todos que são importantes para mim, apesar de todos os meus esforços.

Escolhi as meninas em vez de Ofélia, escolhi minha família em vez dela. É a decisão que sempre soube que teria que tomar; é a decisão certa. Mas não consigo deixar de imaginar como Ofélia se sente. Deixada para trás, como sempre foi.

Porra.

Tiro um cigarro da caixa e acendo. "E você, de *todas* as pessoas, não consegue rastreá-lo?"

“Consigo rastrear a origem da foto, mas não adianta. Foi tirada em Sorrowsong, obviamente”, diz ele, como se eu tivesse três anos de idade.

“Mas enviado de Nova Iorque?”

“Enviado também de Sorrowsong.”

“Então, ou Ofélia tem uma nova inimiga, ou…?”

“Ou será que seu pai foi até a Escócia para punir Ofélia por causa do artigo? Será que ele faria isso?”

Abro a boca para perguntar como meu pai atravessaria continentes com um mandado de prisão internacional, mas desisto. Ele tem inúmeras conexões na indústria da aviação e uma riqueza inesgotável, tanto em dinheiro vivo quanto em contas bancárias privadas.

Será que ele faria isso? É uma boa pergunta. Tento me colocar no lugar do meu pai, imaginar que estou fugindo sem nada a perder. "Não tenho certeza se ele faria. Ela não é ninguém aos olhos dele."

Ofélia perdeu muito quando aquele artigo foi publicado, mas, da perspectiva de um observador externo, eu ganhei. Herdei uma empresa que não tinha direito de herdar, conquistei o apoio da mídia e me livrei do pai de quem nunca gostei. Imagino que meu pai me odeie mais do que qualquer outra pessoa agora. "Acho que, se Caim quisesse punir alguém, seria a mim."

“É isso que o Mack pensa também. Ele acha que seu pai está esperando o

momento certo para te encurralar. Ele ainda pode acreditar que consegue recuperar a vida dele."

Um arrepio percorre minha espinha, quente demais, pegajoso demais. Não tenho medo do que ele planejou para mim, mas se uma das garotas for pega no fogo cruzado…

Estremeço, a próxima tragada no cigarro é como um fogo ardente sob minha pele gelada. "Preciso ir até ela."

"Acho que sua equipe é totalmente contra essa ideia."

O raciocínio implícito por trás de sua declaração desperta uma raiva visceral, fervendo e volátil em meu peito. "Não vamos sacrificar Ophelia pelo que aconteceu com Bancroft."

"Se Rocco tiver feito um bom trabalho em abafar o caso, não precisaremos fazer nada, contanto que silenciemos quem estiver mandando mensagens para ela antes que vazem a foto."

"Com vazamento ou não, isso não vai acontecer", disparo. "Se ela for acusada de homicídio culposo, eu também serei."

"Você ouve como sua voz soa? Você tem uma família."

Talvez eu pareça ridícula para ele, mas para mim, não há discussão. Não serei mais uma pessoa a usar Ofélia dessa forma. Meu pai usou a morte dos pais dela para encobrir as provas de um caso extraconjugal. Não usarei a vida dela para encobrir as provas de um assassinato. "Deixe isso para lá."

"Ok, ok", diz ele, na defensiva.

"Vou visitá-la", declaro para a noite sem nuvens, mais para mim mesma do que para Brendan. Como se estivesse me dando um pequeno incentivo. *Vai dar tudo certo, Alex. Ophelia ficará encantada com a sua presença e com certeza* não vai *te dar uma bronca daquelas assim que te vir.*

Um suspiro é tudo o que recebo em troca.

"De qualquer forma, haverá uma conferência de aviação em Londres neste fim de semana."

"Ah, é mesmo?", ele diz, e eu acho que ele está convencido de que eu enlouqueci. "Incrível. Eu também adoro fazer desvios de onze horas quando estou em viagens de negócios. Me faça um favor e não registre sua viagem à Escócia em nenhum registro eletrônico. Não voe para Inverness. Eu reservo um carro alugado para você em Londres usando um pseudônimo."

"Pode deixar", eu digo. "E minha irmã de sete anos acha que estão colocando menos marshmallows."

"Eu sabia, porra", ele murmura antes de desligar, como se tivesse acabado de

resolver o maior caso de sua carreira.

Com o frio de fevereiro em Nova York penetrando o tecido fino da minha blusa de ginástica, abro minhas mensagens e peço a Jacqueline para reservar meus voos.

Vou ver Ofélia novamente.

Devo mandar uma mensagem para ela primeiro. Dar algum tipo de aviso.

Meus dedos pairam sobre o teclado, o cigarro pendurado nos meus lábios. *Oi.* De jeito nenhum. *Ei.* Pior ainda. *A gente devia conversar.* Jesus, não. Parece que vou sugerir um divórcio. *Estou indo aí.* Aperto a tecla Backspace sem parar, me lembrando de que estou tentando ao máximo *evitar* que ela me peça uma ordem de restrição.

Acima do pavor que se instala na medula dos meus ossos, uma estranha sensação de excitação percorre minha pele, e enquanto deixo o sono me levar mais tarde naquela noite, pela primeira vez em muito tempo, eu realmente quero acordar.

Capítulo 5

OPHELIA

Paguei sessenta libras por uma consulta particular remota com uma médica de clínica geral — foi mais barato do que fazer a viagem de quarenta minutos até o consultório médico mais próximo — sobre minha falta de sono, e ela me disse que estou com privação de sono e preciso dormir um pouco mais.

Assim, com essa sabedoria inestimável bem guardada debaixo do braço, faltei à minha última aula do dia para voltar ao meu quarto e ir dormir cedo.

E, naturalmente, estou acordado há seis horas.

Minhas janelas não são boas o suficiente para impedir que a brisa entre pela moldura, o barulho da neve e do cascalho sob meus pés lá fora é alto demais para que eu consiga dormir. Minha mente está girando tão rápido que poderia decolar, como o helicóptero da empresa que não voou uma vez sequer desde que Alex foi nomeado CEO da Green Aviation. Em vez disso, pego meu celular de onde está ao lado da faca debaixo do meu travesseiro e abro uma conversa com o contato mais recente da minha agenda.

Mack
Obrigado pelo seu tempo.

Mack
Vou tentar localizar as mensagens para ver se elas correspondem a alguma coisa que eu tenha sobre Cain Green.

Mack
Enquanto isso, Brendan está investigando o vazamento do artigo. Se fosse você, agora seria um ótimo momento para nos avisar. Você pouparia muito tempo para ele.

Envio uma resposta, digitando minha nova frase favorita.

Ofélia
Não fui eu.

Ele me perguntou isso quando também esteve aqui, nós dois conversando enquanto tomávamos café fumegante no canto mais escuro da biblioteca Nightshade, onde a luz das lâmpadas e velas não chegava nem perto. E, como sempre, vi o reflexo de incredulidade em seus olhos quando o encarei e disse que não tinha sido eu.

Mas quem era? Essa é a pergunta que realmente me intriga.

Sinto-me como no semestre passado: desconfiando de cada amigo, estranho e gesto de gentileza que encontro. Provavelmente é exatamente isso que eles querem: que minhas novas conexões sejam corroídas pela suspeita, que eu me isole. Fácil de alcançar.

Estou perdendo alguma coisa. *De novo.*

Enquanto eu lia as mensagens de Mack, outra apareceu. Era um número de telefone.

Mack
O novo número de telefone do Alex, caso você precise. Ele disse que eu podia repassar.

O que?

Sento-me ereta na cama, com o edredom escorregando até a altura da minha cintura.

O que?

Passei a primeira parte deste ano tentando desesperadamente superá-lo, tentando recuperar minha vida, e agora isso?

Ele está me pedindo para mandar uma mensagem?

Silêncio total por um mês e meio, e então… *aqui está meu número de telefone, Ophelia* , como se fosse um atendente de serviço ao cliente. *Por favor, não hesite em entrar em contato se tiver algum problema.*

"Oi, sim, meu namorado foi embora sem dizer uma palavra. Quero meu dinheiro de volta", murmurei, enquanto desligava o celular sem salvar o número.

Meus pulmões doem, e qualquer proteção que eu pensava ter construído contra o tapa duro do silêncio de Alex se desfaz. A raiva revigora minha mente cansada, o sangue pulsando em minhas veias quase um zumbido audível sob o edredom.

Por que ele me deu o número dele?

Jogo meu celular no pé da cama antes de fazer alguma besteira como mandar uma mensagem para ele.

O silêncio envolve o vale, uma pausa no vento oferecendo um breve alívio do

assobio e do sussurro que serpenteiam entre as árvores. De alguma forma, é pior que o barulho.

A solidão é como uma presença física na minha vida. Uma pessoa, mais do que um sentimento. Sem rosto, sem nome, de costas para mim. Provocando e zombando, rindo de mim sempre que tenho que jantar sozinha.

Como sempre fui, acho que fui um pouco ingênua sobre como minha vida mudaria depois que eu tivesse amigos. Amigos eram uma panaceia, uma grande esfera brilhante que, se eu conseguisse alcançar, transformaria toda a merda da minha vida em ouro. O abismo deixado pela morte dos meus pais diminuiria, e o silêncio não seria mais uma dor.

Agora que tenho alguns, as coisas não saíram exatamente como eu esperava. A chegada de amigos à minha vida preencheu um vazio *diferente* , anestesiou uma dor *diferente* . Meus amigos fazem as manhãs passarem mais rápido, enchem as tardes de barulho e risadas, mas quando a noite tira a cor do dia e o dia rouba a minha determinação, meu passado ainda me corrói.

Passo o dedo em volta do chaveiro da sorte que meu pai me deu no meu aniversário de doze anos. Na verdade, é um vale-presente para carrinho de compras, mas acho que ele não sabia disso. Ele só gostou do fato de ser laranja.

Ele adorava o cabelo da minha mãe, sempre dizia que era por isso que se apaixonou por ela à primeira vista. Acho que é por isso que não odeio o meu. Tenho dificuldade em encontrar defeitos no meu reflexo quando ele é a combinação das duas pessoas que amei mais do que qualquer outra coisa.

Dou um pulo, o chaveiro cai da minha mão quando ouço passos do lado de fora da porta. Espero que se afastem, que o rapaz do corredor feche a porta do quarto, mas tudo está em silêncio.

Minha respiração fica suspensa, meu corpo inteiro congelado enquanto observo duas formas negras pararem na faixa de luz tênue sob a porta do meu quarto.

Ninguém bate à porta.

Será que tranquei a porta? Meu Deus, espero que sim.

Meus dedos apertam a faca com força, minha própria voz me faz sobressaltar. "Olá?"

Sinto um arrepio ao ouvir o farfalhar dos lençóis enquanto me levanto lentamente da cama, os pés descalços silenciosos contra o azulejo. Não ouso respirar, a boca cerrada enquanto envolvo a maçaneta da porta com a mão.

Com o coração batendo rápido e num ritmo nauseante, conto até três e abro a porta com um puxão, segurando a faca, por precaução.

Não encontra… nada, ninguém.

O corredor está deserto, as sombras entre as portas estranhamente imóveis.

O único sinal de que não estou ficando completamente louco são os vestígios de duas pegadas molhadas que estão desaparecendo rapidamente aos meus pés.

Uma batida na porta do meu quarto me faz pular de susto.

É isso. Estou prestes a ser assassinado. Provavelmente.

Não consigo dormir há dois dias. Passo as noites tapando e descobrindo a pequena fresta por baixo da porta, sem conseguir decidir entre *"sim, adoraria saber que tem alguém do lado de fora"* e *"não, obrigado, prefiro morrer de uma morte rápida e ignorante"* .

“Ofélia”, canta Colette do outro lado da mata retorcida. “Temos lanches e planos.”

“Estou ocupado.”

Em seguida, vem a voz de Divya: "Ficar sentada na cama de toalha enquanto arranca pelos da barriga não significa *estar ocupada* ."

Meu Deus, estou ficando previsível.

"Que grosseria!", grito, jogando a pinça no fundo da gaveta. Visto um moletom com capuz e abro a porta.

Projeto Pheelz.

As cartas estão escritas com a caligrafia cursiva de Colette em um quadro-negro que Divya está segurando.

Colette termina de desenhar um pequeno coração acima do *J* enquanto Magda desenha brilhos ao redor dele com giz amarelo, as três criando um verdadeiro espetáculo no corredor escuro e empoeirado.

Magda estala a goma de mascar enquanto as três entram. "Isto é uma invasão domiciliar", declaro, observando Colette tirar as botas felpudas e mergulhar na minha cama.

"Será que um invasor traria biscoitos para casa?"

“Provavelmente, se eles estivessem tentando me convencer de que não se tratava de uma invasão domiciliar.”

"Está nevando demais para fazer qualquer coisa ao ar livre, os jogos de rúgbi e hóquei foram cancelados, as estradas estão praticamente intransitáveis, a energia elétrica está instável e estamos morrendo de tédio."

Colette pendura a tábua em um prego enferrujado entre duas pedras em ruínas. "Daí o nome Projeto Pheelz."

Magda estremeceu, afastando-se das teias de aranha espessas sobre o aplique

quebrado na minha parede. "Não podemos fazer isso em outro lugar? Eu odeio este lugar."

Não a culpo. A mansão Nightshade é assustadora, especialmente nesta época do ano. As luzes não funcionaram o dia todo.

“Projeto Pheelz”, declara Divya, lançando-nos um olhar de professora que acabou de flagrar dois alunos conversando. Ela tira um apontador laser do bolso. Eu reprimo uma risada, mas meu coração se aquece.

Eles me amam.

“Temos três objetivos principais”, explica Colette, desenhando marcadores em forma de coração enquanto Magda atira uma almofada em Divya por esta ter apontado um laser para o seu olho. “Uma mini transformação a tempo do Baile de Inverno.”

“Eu não vou.”

“Vamos todos. Renovação de guarda-roupa — com orçamento limitado. Matar Cain Green.”

Uma gargalhada escapa de mim enquanto Magda desenha uma linha ondulada e um brilho abaixo do último tópico.

Magda arranca o giz rosa das mãos de Colette e rabisca desleixadamente uma quarta frase: *Encontre um rebote.*

“De jeito nenhum.” Por uma infinidade de razões: meu coração dói demais. Ninguém se compara ao Alex. Jurei nunca mais me envolver com homens.

Um pensamento desagradável surge na minha mente, indesejado. Será que *ele* encontrou uma substituta? A ideia de Alex com alguém do jeito que ele estava comigo… o francês sussurrado, o contato visual, a língua deslizando pelo lábio inferior, o jeito que meu nome em seus lábios enquanto ele goza soa como um apelo desesperado.

Estou com náuseas.

Os outros devem ter percebido a mudança na minha expressão, porque as mãos delicadas de Colette me ajudam a sentar na cama. "Tudo bem, vamos esquecer a ideia do relacionamento rebote. Você não precisa fazer isso."

"Tudo bem", sussurro, com a voz distante. Respiro fundo, pensando racionalmente. Sei no meu coração que Alex não encontrou um novo amor, que isso seria tão repugnante para ele quanto é para mim.

“Vamos pular para o passo três. Vamos direto ao assassinato. É muito mais divertido do que transformações, de qualquer forma.”

Colette faz beicinho. Acho que ela está esperando ansiosamente há meses que eu pergunte se preciso de uma paleta de cores para a primavera ou para o

outono. Mas preciso dominar uma rotina de comer, tomar banho e escovar os dentes antes de descobrir se usar amarelo me deixa ainda mais com cara de cadáver do que já estou.

“Certo”, digo, soando mais assertivo do que realmente sou. “Não acho que sejamos as pessoas certas para capturar Cain Green. O FBI e os melhores detetives particulares já estão cuidando do caso.”

Os três rostos à minha frente estão contorcidos de decepção. Vejo-os baixarem seus tridentes metafóricos. Magda parece estar pensando que cancelei o Natal.

“Tentamos trocar o pneu da Divya semana passada e nós três estávamos chorando no final”, argumento. Isso me rende alguns acenos de concordância relutantes. “Mas *podemos* descobrir quem vazou o artigo.”

“E descubra se é Caim quem está te mandando mensagem.”

Divya tira uma prancheta do bolso. Colette entrega a ela um marcador de texto em todos os tons pastel que você possa imaginar. Meu ânimo se renova.

“Certo, vamos começar do início novamente. Quem teria motivos para invadir seu laptop e divulgar todas essas informações?”

Passo os dedos pelo meu lábio inferior rachado. É isso que eu não entendo. Cain, Shawn, Carmichael… todos tinham um motivo para me odiar, para querer me ver infeliz, mas também não tinham nenhum motivo para desejar a queda de Green, *principalmente* Cain. "Não faço ideia."

“E mais uma vez começamos com o pé direito.”

Agora estamos todos rindo, histéricos com o caos que é a minha vida. "Vamos deixar isso para os detetives e beber até cair?", pergunto.

"Não!" Todos gritam, sedentos de vingança e abastecidos com cafeína em excesso.

Levanto as mãos em sinal de rendição. "Ok, ok. Hum..."

“Alex tem algum ex-namorado(a) com quem tenha raiva?”

“Que eu saiba, não. E como eles saberiam do artigo que escrevi, afinal?”

Divya murmura. "Bom ponto."

Passo as mãos pelo rosto. "Com certeza estou perdendo alguma coisa. Poderia ter sido Carmichael?"

Colette se joga de volta na minha cama. Ninguém tem coragem de deitar na outra, onde o lado do quarto de Sofia permanece intocado. Tenho medo de que, se eu sequer aproximar a cama da parede, os Ivanovs descubram, de alguma forma. "Mas *por quê* ? Toda essa provação também não fez bem à reputação dele."

“Ophelia, não desista disso”, diz Magda, arrancando meu celular da minha mão depois que abro um aplicativo de Sudoku. “Você merece ter seu nome limpo.”

"Não me importo com o meu nome", resmungo, porque é verdade. As pessoas podem pensar o que quiserem de mim. Eu sei a verdade; meus amigos sabem a verdade.

“Se seu nome for limpo, você e Alex podem…” Divya para de falar, um silêncio constrangedor pairando no ar pesado.

“Podemos o quê? Nos reencontrar? Retomar como se nada tivesse acontecido? Como se o pai dele não tivesse matado meus pais, como se ele não tivesse me abandonado, como se eu não tivesse escondido aquele artigo por meses? Superar o fato de estarmos a quase cinco mil quilômetros de distância e de eu jamais me mudar para os Estados Unidos?” Meu riso é amargo, palavras que mantive enterradas por semanas finalmente escapando. “Ele me deixou. Bloqueou meu número.”

“Ele passou por muita coisa”, diz Colette, em voz baixa. “Ele se isolou de todos, até mesmo de Vincenzo.”

É uma birra, mas uma pontada de mágoa me atinge o peito. As palavras *"Time Alex"* poderiam muito bem estar piscando acima da cabeça dela. "De que lado você está aqui?"

“Estou do lado do Alex e da Ophelia. De vocês dois. Juntos. Ele te fez feliz.”

A ardência das lágrimas nos cantos dos meus olhos me faz desviar o olhar. Remexendo na minha bolsa em busca de algo para me distrair, tiro um saco de papel amassado, coberto de forma desleixada com fita adesiva marrom. "Continuem com as ideias. Preciso levar isso aos Correios. Volto em dez minutos."

Os dedos delicados de Colette se fecham em torno do meu bíceps enquanto eu saio. Ela deve ter notado o brilho vítreo nos meus olhos, porque um brilho semelhante aparece nos dela também. "Ofélia—"

“Está tudo bem. Só preciso de um pouco de ar.”

“Estou do seu lado. Sempre estarei do seu lado.”

Assinto com a cabeça, olhando para as minhas botas. "Eu sei. Só preciso postar isso."

Ela solta o aperto no meu braço. "Tudo bem, querida."

Está chovendo quando saio. Uma chuva cinzenta e pesada que derrete a neve, transformando-a em lama. Sou mesquinha demais para voltar e pegar minha jaqueta impermeável. A fita com a confissão do pai de Laura, o prego final no

caixão de Cain Green, parece quente e pesada debaixo do meu braço. Embora nada disso tenha acontecido como eu queria, espero que tenha trazido alguma paz para Laura.

Já faz semanas que quero responder para ela — sei o quanto isso é importante para ela. Também quero mandar uma mensagem para ela.

Tenho tido a intenção de fazer muitas coisas, mas não consegui.

Tentar superar o Alex está consumindo toda a minha energia emocional.

Enquanto caminho com dificuldade pela neve molhada e lama congelada, prometo a mim mesmo que isso não vai continuar. Perdi meus últimos quatro anos para o luto. Não vou encontrar mais nada para lamentar agora.

Preciso encontrar um hobby que não me faça sentir infeliz.

Minha respiração é uma nuvem branca que se filtra por entre meus dentes trêmulos enquanto entrego o pacote à mulher no pequeno posto de correios na estrutura principal do castelo. O papel pardo está um pouco encharcado, mas serve.

A chuva diminuiu para uma garoa gelada quando saí do castelo e coloquei as mãos de volta nas luvas. Março pode estar no horizonte, mas o inverno ainda reina no vale. Imaginei que fevereiro aqui seria pitoresco: torres cobertas de neve e veados correndo pela floresta congelada. Em vez disso, é um cenário bege-acinzentado e deprimente. Tetos com goteiras e janelas com vidro simples. Um nevoeiro denso que encobre as belas vistas das Terras Altas da Escócia.

Se não existisse sopa, eu já teria desistido.

Uma mensagem de Colette aparece na tela trincada do meu celular.

Colette
A energia elétrica voltou aos corredores de Cortinar! Encontrem-nos lá.

Colette
Vou fazer pipoca no micro-ondas!!

Pipoca cai bem agora. Guardo o celular no bolso e me abaixo sob os galhos que se curvam sobre a trilha tomada pelo mato que leva de volta à mansão. Um galho estala em algum lugar à minha frente, e eu congelo no lugar. A pequena parte racional do meu cérebro me lembra que isto é uma universidade. Que há estudantes por todo o campus. Que nem todo mundo aqui é um perseguidor.

Uma figura surge na trilha principal e eu cambaleio para trás. Minha caixa torácica parece pequena demais, uma gaiola constritiva que impede meus pulmões de se expandirem.

Não é um perseguidor.

Não se trata de um aluno zangado.

É pior.

É o Alex.

Meu cérebro implora para que meus pés se virem e corram, mas eles gentilmente recusam. Fico parada ali, com a boca abrindo e fechando como se, se eu continuasse, algo de bom pudesse surgir disso. As cem coisas que quero dizer a ele surgiram de uma vez, formando uma bola gelatinosa que entope minha garganta.

Suas botas pretas estão cobertas de neve, mas ele está impecavelmente vestido. Camisa passada, calças impecavelmente engomadas, cabelo úmido caindo sobre a risca central desarrumada. A brasa do cigarro em sua boca brilha, o olhar em seus olhos, angustiado. Ele não se move, não fala, como um caçador desesperado para não espantar sua presa.

Não sei porquê, mas achei que ele teria uma aparência diferente. Mais ameaçador, mais alto, mais forte, *mais velho* . O CEO sobre quem li nas notícias parece uma figura completamente diferente daquele rapaz que passou o Boxing Day pendurando luzinhas num carro alugado para que eu pudesse ter meu primeiro Natal em anos.

Mas ele simplesmente parece... o Alex.

Ele abre a boca para falar, mas não consigo suportar ouvi-lo. Não há nada que ele possa dizer que alivie a dor dos últimos meses. Balanço a cabeça em sinal de negação, desesperada por silêncio, pelo menos uma vez na vida. Não estou preparada para o quanto ouvir sua voz vai doer.

Seja lá o que ele queira dizer, eu não estou preparada para isso. Só espero que não seja algo idiota como *"oi"* .

Capítulo 6

ALEX

"Oi."

Após cinco dias ensaiando meu discurso para Ofélia, essas são as duas letras que saem da minha boca.

Gostaria de estender a mão e resgatá-los do espaço entre nós, mas não consigo.

Ela está paralisada, me encarando como se estivesse prestes a fugir. "Ofélia, eu—"

"Oi?" ela sussurra, com a voz rouca. Só o *som* da sua respiração dói. " *Oi!?* "

Um nó se forma na minha garganta, deslizando pelo meu esôfago até se tornar uma pedra pesada no meu estômago.

Sinto muito mesmo.

Passo a mão pelos cabelos. "Não foi meu melhor trabalho. Droga, Ofélia. Por favor, me escute."

"Não", ela sussurra, balançando a cabeça. "Por favor, não."

Dou um passo à frente. Ela dá um para trás. Já estivemos aqui antes, neste mesmo caminho, logo depois que ela se escondeu debaixo do sofá do Carmichael. Só naquela época, senti que *finalmente* estava prestes a tê-la. Agora estou a centímetros de perdê-la para sempre.

“Por favor, deixe-me falar.”

"Você me *abandonou* ", ela dispara, rosnando. A pontinha do seu nariz fica vermelha de raiva, e eu quero perguntar como ela ousa fazer algo tão adorável sem me deixar tocá-la. "Você e eu estamos condenados, Alex."

Pessoas certas, universo errado. É isso que ela pensa de nós.

É uma grande mentira. Preciso que seja uma grande mentira.

“Vamos dar uma volta de carro juntos.”

Ela endireita a coluna, os ombros se alinham. Um olhar determinado se solidifica em seu rosto, e *ali está* a mulher por quem me apaixonei. Ela é tão

linda.

"Prefiro me jogar num liquidificador."

"Posso colocar umas lâminas giratórias no carro, se isso ajudar."

“Só se você enfiar a cabeça por elas.”

“Ah, você sabe muito bem que eu colocaria a cabeça onde você me pedisse, Ofélia”, respondo, muito rapidamente.

A tonalidade rosada do seu nariz se espalha pelas suas bochechas sardentas, e de repente a névoa baixa que envolve o castelo de Sorrowsong não parece tão fria. "Eu... isso não é... eu não quis dizer isso dessa forma."

Ela está perturbada. A emoção que isso me dá é vertiginosa.

Dou dois passos cautelosos em sua direção. Ela não foge, mas parece que pode quebrar meu pescoço. Ao menos suas mãos seriam as últimas a me tocar. "Só me deixe falar."

“Já passou da hora de conversar, não acha?”

“Não, na verdade não.”

“Você é impossível.”

Dou mais um passo em sua direção. "Determinado."

"Desesperado."

Mais um passo, e ela está tão perto que quase posso tocá-la. "Apaixonado."

Ela se encolhe com essa pergunta, e finalmente estou perto o suficiente para ver as finas rachaduras nessa fachada de aço que ela construiu. Ela está pálida. As olheiras são profundas, cada tom de roxo como uma facada no coração. A casca dura da raiva está se desfazendo, e consigo ver a dor por baixo dela.

Estive tão envolvido com o trabalho, com minhas irmãs, com minha mãe, com o desaparecimento do meu pai, que só agora me dei conta do que fiz com ela. A atraí, passei meses convencendo-a a se abrir comigo, e joguei tudo isso na cara dela.

Puta que pariu, me desculpe.

Agora eu consigo ver, ela reconstruindo aquele muro que eu levei tanto tempo para desmantelar. Mas não posso deixar isso acontecer. E talvez ela tenha razão, talvez eu esteja desesperado, sufocado pela nuvem negra que simplesmente não se dissipa, não importa o que eu faça. Achei que estava fazendo a coisa certa me mantendo afastado, mas talvez seja *pior* assim.

A ideia de perdê-la é insuportável.

“Eu não deveria ter ido embora.”

O riso dela é frio e incrédulo. "E você só percebeu isso depois de tantas semanas?"

Inclino a cabeça para trás e solto uma longa baforada de fumaça na direção dela, pedindo silenciosamente ajuda ao universo. "Isso não é verdade."

Ela está empolgada agora, com um tom de total incredulidade. "E aquela coisa do número de telefone?"

“Eu sei, me desculpe. Tive que desativar meu número antigo. Alguém vazou. Eu ia te mandar uma mensagem. *Tentei* te mandar uma mensagem, mas…”

"Não."

“Entre no carro comigo.”

Só preciso que ela entre no carro. Ela não pode fugir se estivermos dentro do carro. A linha entre sequestro e romance parece estar ficando cada vez mais tênue, mas fazer o quê. Uma história para contar no nosso casamento: *eu a mantive refém no meu carro e a forcei a se apaixonar por mim de novo* .

Ophelia balança a cabeça, então desisto de ser justa. "Conto as novidades do Mack se você entrar no carro."

Isso chama a atenção dela. Os olhos cor de uísque se arregalam, curiosos. "Por quê? O que aconteceu?"

“Eu te conto no carro.”

“Diga-me aqui.”

“Não, porque você vai fugir.”

“Isso é chantagem.”

“É uma questão de negociação.”

"Puta merda!", ela resmunga, vindo na minha direção furiosa.

É a maior vitória que tive no último mês. Minha mão pousa na parte inferior das costas dela, mas ela a afasta com um tapa assim que a ponta dos meus dedos toca o tecido úmido da jaqueta.

Ela está furiosa. "Se você me tocar de novo, dessa vez eu vou mesmo defecar no painel do seu carro."

Enfio a mão no bolso, tentando me distrair da necessidade desesperada de sentir o calor da pele dela. "Anotado."

Ela para no estacionamento, onde eu destravo um Land Rover preto, estacionado ao lado do Bronco de Belladonna. "Onde está o verde-escuro?"

“Hum…” Coço a nuca, lembrando que estou mesmo tentando *evitar* uma ordem de restrição. Melhor não contar para ela que passo a maior parte das noites lá. “Era um imóvel alugado, lembra?”

“Ah, sim”, ela murmura, parecendo um pouco desapontada. Uma esperança se infla em meu peito. Talvez ela pense *naquela* noite com a mesma frequência que eu.

Ela empurra minha mão para o lado quando tento abrir a porta do passageiro para ela, abrindo-a com um puxão. Sua expressão é furiosa. " *Não* , Alex. Eu não sou..." Seu tom muda de raiva para uma paciência que você daria a uma criança pequena que está tentando entender algo, o que é ainda pior. "Eu não sou mais sua."

Levanto as duas mãos e dou um passo para trás, tentando agir como se aquela declaração não fosse uma lâmina serrilhada no pescoço. Ela tenta entrar no carro, mas para, virando-se para mim. "Não me toque. Não fale sobre *nós* . Não interprete isso como uma reconciliação. Conte-me sobre Mack e depois me deixe sair do carro."

"Tudo bem", sussurro. Não me permito sentir decepção. É mais tempo com ela do que eu mereço, e sei que ela só está protegendo o próprio coração.

Seja como for, eu a respeito por isso.

Ela entra no carro, e eu dou a volta e faço o mesmo. Ela está o mais à esquerda possível no banco, com o ombro encostado na janela.

Ainda assim, com ela no carro, sã e salva, ilesa e ao meu alcance, respiro fundo pela primeira vez desde a segunda semana de janeiro.

“Naquela manhã, quando acordei e vi o que tinha acontecido—”

“Você já está violando a regra dois.”

Um grunhido rouco de frustração escapa de mim quando ligo o motor. "Sério?"

“Não estou aqui para falar sobre nós. E não há necessidade de dirigir para lugar nenhum.”

Dou marcha à ré para sair da vaga de estacionamento, ignorando seus protestos. Se eu for embora do castelo para contar toda a história do Mack, teremos que preencher o silêncio durante a viagem de volta para casa.

“Isto é um sequestro!” ela grita, abaixando-se para mexer na alavanca de câmbio. Pisei no freio. Eu disse a ela meses atrás que queria sequestrá-la, então ela não *pode* alegar ignorância.

"Ophelia, que diabos você está fazendo?" pergunto, enquanto ela provavelmente estraga a transmissão do carro alugado.

“Colocar o carro em marcha à ré.”

“Quando estivermos a vinte milhas por hora?”

Ela solta um grito de frustração, irritada e furiosa. Um rubor toma conta de seu rosto pálido, e eu me apaixono novamente, dolorosamente e violentamente. "Por que é tão difícil mover essa coisa?"

“Porque meu pé não está na embreagem.”

“Então pise na embreagem.”

“Estou bem, obrigado.”

Ela tenta abrir a porta do passageiro — trancada, *obviamente* , essa é a regra número um de um sequestro — e pressiona as palmas das mãos contra os olhos. "Alex!"

Meu tom de voz é suave como manteiga. "Ofélia, minha querida."

Ela fica em silêncio enquanto saio pelos portões da universidade e sigo pelas estradas rurais esburacadas. As estradas estão geladas, mas o carro tem tração nas quatro rodas. Eu me deleito com a sensação dela, o calor do seu corpo, o cheiro de canela do seu cabelo, o som da sua respiração. "Estou *com tanta* raiva de você", ela diz, por fim.

"É, bem, não gostei nada daquele artigo que você escreveu e não me contou", digo, agora que a encurralhei. "Mas pensei que poderíamos discutir isso como adultos."

Ela ri amargamente. "Onde estava essa lógica quando o artigo foi publicado? Conte-me sobre Mack."

Passo a palma da mão pelo queixo, o estresse que eu havia momentaneamente esquecido voltando com força total. "Brendan rastreou as mensagens que você está recebendo até Sorrowsong."

“Eu sei. As fotos minhas são tiradas aqui.”

“Eles também são enviados daqui.”

Se eu pensava que ela não podia ficar mais pálida, estava enganado. "Mas... isso significaria... que seu pai está aqui? Em Sorrowsong?"

Deus, espero que não. Esse pensamento tem me tirado o sono, mas parece tão remoto, tão improvável. "O que te faz ter tanta certeza de que foi meu pai quem enviou isso?"

“Não falei com nenhum outro ser humano nos últimos quatro anos. Certamente, não posso ter muitos mais inimigos. *Tem* que ser ele. Quer dizer, existem outras opções, mas… ele é a única pessoa que me arruinaria.”

Minha expressão deve denunciar minha discordância, pois um longo suspiro cansado embaça a janela do lado dela, seu olhar solene fixo nos galhos nus lá fora. "Você não acha que seja."

"Acho que é indigno dele te atormentar assim."

Um pequeno sorriso se desfaz em sua expressão gélida, e *há* aquele brilho discreto em seus olhos. "Uau. Obrigada. Vou adicionar ' *não sou bonita o suficiente para ser perseguida virtualmente'* à minha lista de atributos."

"Você é definitivamente atraente o suficiente para ser alvo de perseguição

virtual. Atraente *demais* , até."

“Ah, que fofo”, diz ela, balançando os cabelos. “Talvez se você cortasse o cabelo, também pudesse ser vítima de cyberstalking.”

Uma gargalhada escapa de mim, surpreendendo a nós dois. Não preciso olhar pelo retrovisor para saber que estou um desastre. Passo as mãos pelos cabelos, tentando ajeitá-los. "Melhor?"

Seu sorriso é suave quando ela estende a mão para ajeitar uma mecha de cabelo, deixando-a cair sobre meu olho, exatamente como ela gosta. Quando seu dedo roça minha pele ao retirar a mão, juro que sinto um arrepio. Meu coração dispara, batendo forte e pesado. Ouço sua respiração falhar. De alguma forma, estamos perto. Tão perto que consigo ver cada uma das sardas espalhadas por seu nariz, bochechas, testa e queixo.

Tão perto que consigo ouvir como sua respiração mudou, puxando o ar para os pulmões em meio à tensão quente e pesada dentro do carro.

Sua língua desliza para fora, umedecendo o lábio inferior, e talvez o mundo não seja um lugar tão terrível, afinal. Talvez tudo dê certo.

Ela se dá conta do que está fazendo, balançando a cabeça como se tentasse dissipar aquela atmosfera inebriante. "Pronto", ela sussurra, com a garganta rouca, enquanto seus olhos voltam a se fixar no meu cabelo. "Você vai receber uma mensagem ameaçadora daqui a pouco."

E assim, de repente, a bolha estoura. O amor, a luxúria e a esperança desesperada, tudo escapa do carro e se perde no ar fresco lá fora quando ela se afasta de mim.

Juro que quase consigo ver o mundo lá fora ficar mais cinza, com cores mais apagadas.

Não sou ingênuo o suficiente para pensar que estar com Ophelia simplesmente me curará, mas ela é um milhão e um pequenos motivos para continuar, cuidadosamente embrulhados em uma jaqueta furada e um cachecol comido por traças.

“Colette diz que você excluiu Vincenzo.”

Minha mão para onde liga o aquecedor debaixo do banco dela, a pergunta me pegando de surpresa. A culpa se instala em algum lugar entre minhas costelas. Vincenzo merece coisa melhor. Eu me afastei *de todos* . "Não tenho tido tempo para amizades ultimamente. Não tenho tido tempo para muita coisa, exceto..."

"Estar à deriva", ela completa por mim, quando não consigo encontrar as palavras.

Solto uma risada suave, mas sem humor algum. É a analogia perfeita. Não

estou progredindo, não estou chegando a lugar nenhum. Esqueci como é começar o dia com um objetivo que não seja apenas sobreviver.

Nunca foi tão exaustivo não conseguir progredir.

Desabotoo o primeiro botão da blusa, de repente sinto muito calor, a conversa fica desconfortável. "Volte para o seu perseguidor", digo.

Ela ou não me ouve ou não me escuta. "Prometa-me que você vai continuar nadando."

“Você disse que só podemos falar sobre a investigação.”

Ela encara o colo, mexendo na pulseira da amizade que minhas irmãs fizeram para ela. Passo os dedos sobre a minha, igualzinha, a corda trançada lisa e gasta. "Me excluir, excluir seus amigos, eu sei que você acha que isso vai facilitar as coisas. Eu sei que sua depressão te convence de que se afastar das pessoas que você ama é a coisa certa a fazer, porque seria mais fácil desaparecer se ninguém viesse te procurar—"

Minha voz sai suave, implorando para que ela seja gentil com minha mente frágil. "Ofélia."

“Isso é mentira para você, Alex. Isolar as pessoas não vai resolver nada. Acredite em mim, eu tentei isso por quatro anos.”

“Você e Harwood seriam amigos.”

Ela me lança um olhar que eu sentia tanta falta. Uma exasperação divertida, eu acho. Mas ela muda de assunto, o que me deixa grato. "Não tenho medo do seu pai, Alex. Se ele realmente estiver aqui, eu não fugiria."

Meu Deus. Só de pensar nisso, já me dá vontade de agarrar o volante com força. "Pois bem, você deveria."

“Ele não me assusta.”

Teimosa demais para o próprio bem. Mas, pensando bem, talvez seja por isso que me apaixonei por ela.

"Preciso que você coopere com o Mack, Ophelia. Tudo o que ele perguntar, diga a ele. Se algo acontecer com você, algo suspeito, qualquer correspondência ou e-mail estranho, se alguém disser algo desagradável, conte a ele imediatamente."

Ela bufa. "Muita gente tem coisas desagradáveis para dizer sobre mim."

É verdade. A reação ao artigo foi desastrosa e equivocada. A única pessoa que recebeu mais ódio no Sorrowsong e nas redes sociais do que meu pai — o homem com um coração em ruínas — foi Ophelia.

É a história da vida da minha mãe, e eu detesto como ela se tornou a história da Ofélia. A mídia responsabiliza qualquer um, menos aqueles que são

verdadeiramente responsáveis.

Homens como meu pai jogam xadrez com a vida de pessoas reais, e são sempre eles que saem vitoriosos.

A divisora de famílias, a torturadora de uma mulher já doente, a destruidora da vida familiar de seis meninas, a traidora de Alex Corbeau-Green. Um elaborado quadro de Ofélia foi construído no último mês, e não é nada lisonjeiro. Cada pincelada é uma nova forma de a desmembrar. Eu gastaria cada centavo que pudesse para que o quadro fosse removido, mas, assim como acontece com o que as pessoas dizem sobre minha mãe, não há rede grande o suficiente para abarcar tudo.

Ophelia é a pessoa mais forte que conheço, mas vejo o peso disso tudo, os abusos, as mensagens, a atenção. Quero parar o carro e abraçá-la tão forte que ambas esqueçamos a sensação de estarmos despedaçadas.

Não consigo esconder a dor no meu apelo. "Por favor, não acredite no que eles dizem, Ofélia."

"Eu tento não fazer isso." Ela dá de ombros, e embora as lágrimas que ela pisca me dilacerem, é o fato de eu não poder puxá-la para o meu colo que me desfere o golpe fatal. Ela ainda deveria ser minha. Nada disso está como deveria ser.

“Ofélia.” Seu nome é uma prece desesperada. Diminuo a velocidade do carro até parar no meio da estrada deserta, tentando me lembrar das piores coisas que li sobre ela nas últimas semanas. *Não é de admirar que seus pais não a aguentassem mais. Eu entraria num helicóptero quebrado também.* Se é isso que as pessoas dizem online, só posso imaginar que seja pior nos corredores escuros e privados de Sorrowsong. “Droga, Ofélia.”

“Não preciso que você me defenda.”

"Eu sei."

“Você pode simplesmente dirigir?”, ela implora. “E conversar sobre seu pai e Mack?”

Ela precisa de uma distração, e eu faria qualquer coisa por ela, então eu falo. Conto a ela sobre Brendan, como até *ele* está tendo dificuldades para conseguir informações sobre o vazamento do artigo. Conto a ela sobre Mack, sobre o tempo dele no exército, sobre como ele está rastreando meu pai, como Brendan invade as imagens das câmeras de segurança por toda Nova York em sua busca.

Não volto atrás até que ela não tenha mais perguntas.

Diminuo a velocidade até parar num ponto de ultrapassagem numa estradinha estreita e protegida por árvores. Grossas gotas de chuva e um ou outro galho

batem no para-brisa. O rádio chia baixinho, abafando o som suave da respiração de Ophelia.

"Serei cuidadosa se você também for", diz ela, olhando para mim.

Isso é horrível. Estar tão perto dela e não poder tocá-la, não poder passar o dedo sobre cada sardinha para ver se apareceram mais algumas desde a última vez que deitei a cabeça no travesseiro ao lado dela.

Eu mereço ser punido pelos meus atos, mas isso é tortura. "Serei cuidadoso, Twist."

Ela sorri ao ouvir o apelido, mas é um sorriso suave e triste. "Como ela está?"

“Minha mãe?”

"Sim."

“Ela está bem. Na verdade, ela vai começar em breve um ensaio clínico para um novo tratamento.”

Sua expressão se ilumina, calorosa e genuína. "Ah, isso é bom, né?"

"Sim." Esfrego a testa. "Quer dizer, acho que sim. Não é isento de riscos, mas deixá-la na trajetória em que está não vai adiantar nada."

"Vou torcer por ela todas as noites."

Forço um sorriso. É difícil falar da minha mãe. Ela vai morrer muito jovem, e eu estou *em profunda* negação quanto a isso. Nas minhas visões de um futuro com Ofélia — com ou sem casamento, com ou sem filhos — eu imagino minha mãe presente em tudo. Mas ela não estará.

Estou apenas tentando recuperar anos das garras frias de seu corpo debilitado, castigado por drogas tomadas em excesso em idade precoce, por anos com sua saúde mental em declínio ignorada, por decepções demais por parte do meu pai. "Eu vou contar para ela."

“Alex, ela vai—”

"Não", consigo dizer, num tom mais áspero do que realmente pretendia. Estou cansada dessa promessa idiota. *Ela vai ficar bem.* As pessoas dizem isso no piloto automático, sem pensar no que estão dizendo. "Não me diga que ela vai ficar bem. Por favor, não me diga que ela vai ficar bem. Podemos falar de outra coisa?"

“Sim”, ela diz, mas o carro mergulha em silêncio. Entre nós, nosso parco bingo de tópicos de conversa aceitáveis se esgotou. Todo o resto está envolto em burocracia.

Eu olho pela janela, para as colinas onduladas e os Munros distantes que espreitam por entre as árvores. Ophelia recusa uma chamada de Colette,

digitando uma mensagem. Ela guarda o celular no bolso, mas nenhuma de nós diz nada.

É constrangedor, esse silêncio. E é constrangedor que seja constrangedor — que tenhamos passado de duas pessoas que não conseguiam tornar um silêncio constrangedor nem que suas vidas dependessem disso, para duas pessoas sem mais nada a dizer.

Começo a falar, e ela também. Nós duas paramos. Observo suas bochechas corarem, suas sardas se perdendo em meio ao rubor.

“Desculpe, o que você ia dizer?”

Que eu te amo mais que a própria vida. "Você primeiro."

“Eles começaram a colocar cebolas crocantes no macarrão com queijo do refeitório.”

Solto um suspiro, sem saber se rio ou choro. "E a sua resenha?"

Ela rói as unhas, a testa franzida em uma expressão de desagrado. Gostaria que ela olhasse para mim. "Nada bom. Por que temos que complicar tudo? Primeiro foram as cebolinhas, e agora isso. Eles ficam tentando ser espertinhos com as coisas. O que você ia dizer?"

"Na verdade, eu só estava me perguntando como está o macarrão com queijo do refeitório no momento."

O riso dela cura algo dentro de mim. "Ah, você estava?"

Encosto a cabeça no banco, fixando o olhar nela. Sua camiseta está justa por baixo da jaqueta, moldando-se ao seu peito de um jeito que me custa desviar o olhar. "Hum-hum."

“Você pode me levar de volta agora, por favor?”

“Meu advogado me pediu para romper relações com você.”

Seu corpo inteiro enrijece, seus pulmões travam na próxima inspiração. "Não antes de você ir embora, com certeza?"

“Eu fui embora porque me senti como se fosse morrer. Mas é por isso que não te liguei depois que aterrissei em Nova York.”

Você bloqueou meu número.

“Mack desativou o número.”

“Isso não é desculpa. Você poderia ter me mandado uma mensagem.”

"Eu sei."

Ela está prendendo a respiração, olhando pela janela. Ela nem consegue me encarar. "Se você tivesse me acordado, Alex..."

"Eu sei."

“Eu não publiquei esse artigo.”

"Você que escreveu", retruco, arrependendo-me imediatamente do golpe baixo. Ela não precisa de mais culpa pelo que aconteceu. Ela já assumiu sua parcela de responsabilidade. Posso ver isso na curvatura de seus ombros, nas olheiras, na pele avermelhada e irritada ao redor de suas unhas.

Eu sei que ela não divulgou. Vendo-a agora, não sei como pude duvidar disso, desconfiada demais do mundo para me permitir acreditar que coisas boas são genuínas, que pessoas boas não me decepcionariam.

“Sim, eu escrevi”, ela sussurra, como uma confissão moribunda. Consigo ouvir a dor em sua voz e, apesar do meu esforço, não consigo sentir raiva. Não mais. Não sei o que é — talvez seja ver a saúde da minha mãe se deteriorando, talvez seja a derrota em seu olhar, mas simplesmente não consigo perder mais uma hora ressentindo-me com Ophelia quando poderia estar amando-a. “Eu queria destruir seu pai. Queria que ele perdesse tudo. Queria que sua família se despedaçasse, que seus negócios falissem. Eu *queria* isso. Tudo isso. Eu queria que sua mãe sofresse porque queria que *ele* sofresse.”

“Você não fez isso.”

Ela se vira bruscamente para me encarar, os olhos faiscando de raiva. "Eu fiz. Você não vê? Era exatamente por isso que eu rezava, noite após noite. Eu queria que sua família se despedaçasse."

“Não assim. Você não queria assim.”

“Não é diferente, Alex. Você e eu estamos condenados.”

O pessimismo dela costuma ser encantador, mas não agora. "Pare de dizer isso."

Ela morde o lábio inferior para impedir que ele trema. "E eu estava errada. Mas você me abandonou. Não me deu a chance de falar, de explicar. E agora está me pedindo exatamente a mesma coisa."

A segunda frase está tão carregada de angústia que quase consigo ouvir o coração dela se partir ao dizê-la: "Eu tive que fazer o que era certo para as meninas."

“Mas você podia simplesmente ter me acordado”, diz ela, elevando a voz. Seus olhos estão vidrados, cobertos por lágrimas não derramadas. Ela está se esforçando tanto para não chorar na minha frente, para guardar as lágrimas para outro lugar, outra pessoa, e talvez essa seja a única coisa pior do que vê-la desmoronar. “Nós enterramos um *corpo* juntos, Alex. Nós matamos alguém, e você me deixou para lidar com isso sozinha.”

Droga. Se ela percebe que eu me encolho com as palavras dela, não demonstra. A lista de maneiras pelas quais eu a decepcionei só aumenta, o

arrependimento que me corrói há semanas fica cada vez mais pesado.

Talvez o monstro que meu pai alimentou dentro de mim seja maior do que eu esperava, porque eu não havia considerado isso de forma alguma, não havia realmente considerado Bancroft como algo além de uma foto que precisa ser enterrada.

Eu não tinha pensado em como ela lidaria com o que aconteceu com Bancroft, como isso afetaria alguém que não está acostumada com toda essa... confusão.

“Diga-me apenas como posso resolver isso.”

“Você não pode consertar isso. Eu estou tentando... estou tentando seguir em frente com a minha vida e agora você apareceu aqui e arruinou o pouco progresso que eu tinha feito.”

Fecho os olhos e encosto a cabeça no encosto. "Não consigo seguir em frente."

Ela aperta o casaco contra o corpo. "Esse não é o meu problema. Você está a milhares de quilômetros de distância. Quase não faz tempo." Ela limpa o nariz na manga, e isso aperta meu peito. "Só precisamos dar mais tempo."

Não quero dar mais tempo a isso.

Eu só *a* quero.

Lembro-me daquela manhã terrível, acordando ao lado dela com os primeiros raios de sol iluminando o vale. Era tão sereno. Tão silencioso. Com Bancroft enterrado, acordei com uma leveza incomum.

E então eu olhei meu celular e vi o caos. Foi *aquele* momento, aquelas duas horas horríveis seguintes, que me custaram isso. Me custaram *ela* .

Fiz o que sabia ser o melhor para minha família, mas me sinto *tão* mal.

Cerrei os punhos para me impedir de tocá-la.

“Ofélia, acho que nunca acreditei de verdade que você publicou o artigo. Talvez por cinco minutos, antes de eu ter pensado nisso—”

“Não é disso que se trata.” Ela esfrega a testa, suavizando as linhas da carranca. É algo que cada vez mais pessoas parecem fazer na minha presença, ultimamente. Sua risada amarga embaça a janela ao lado dela. “ *Meu Deus* , Alex… como podemos confiar um no outro de novo? Como você sobreviveria a ter que escolher entre sua família e eu de novo?”

“Não vou escolher.”

Ela se vira para mim. Seus pés escorregaram das botas, as meias brancas de tricô estão empoleiradas na beirada do assento, e meu coração traiçoeiro decide que agora é a hora de me apaixonar por ela pela centésima vez.

Com o queixo apoiado nos joelhos e meu pulso batendo desesperadamente, acho que ela talvez esteja prestes a concordar. A me dar a segunda chance que eu realmente não mereço. Mas ela abre a boca e diz: "Por favor, você pode me levar de volta agora?"

Soltei um suspiro de derrota e dei meia-volta com o carro em silêncio.

“Como… como está o trabalho?”, ela pergunta.

“Tão ruim quanto eu sempre soube que seria. Como está Sorrowsong?”

"Está tudo bem", diz ela, baixinho. Eu sei que ela odeia aquele lugar. "Vai servir."

Você passou nos exames?

"Sim."

Não consigo conter o sorriso. Dou uma olhada para ela enquanto dirijo. "Você fez isso?"

Aquele toque de orgulho na expressão dela faz meu sorriso se alargar. Essa é *a minha* garota. "É isso aí."

“Isso é incrível, Twist. Você é incrível.”

Ela é mais forte do que as pessoas imaginam, exatamente como Harwood me garante.

“Preciso que você não volte mais, Alex”, ela diz calmamente. Eu aperto a ponte do meu nariz. “Perdi meus pais e prometi a mim mesma que nunca mais me exporia a esse tipo de perda, e entendo por que você sentiu que precisava ir embora naquele dia. E não estou com raiva de você. Eu até te *perdoo* . Mas meu coração não aguenta que isso aconteça de novo. E você merece nunca mais ter que escolher entre nós dois.”

“Eu não vou embora.”

Ela balança a cabeça. "Em que universo paralelo nós dois teríamos um final feliz, Alex? Um em que você não tem uma família te prendendo a Nova York? E eu não tenho um monte de problemas e uma completa incapacidade de me abrir com você? Um em que eu me sentiria confortável namorando alguém famoso? Um em que eu ficaria feliz em simplesmente pegar um avião e me mudar para Nova York? Ou Paris? Um em que você não me guardaria rancor pelo que aconteceu nas últimas semanas? Onde nós *realmente* confiamos um no outro?"

“Vocês estão desistindo da gente antes mesmo de tentarmos.”

Quando olho para a esquerda, ela me olha como se eu tivesse lhe dado um tapa. "Nós tentamos. Este ano não será a única vez em nossas vidas em que as coisas ficarão difíceis. Outras coisas terríveis acontecerão, e eu não confio que você não me deixará de novo. É isso. É tudo o que há para dizer."

Mantenho o olhar fixo na estrada à frente, deixando que as palavras dela me absorvam.

Ela quer alguém mais estável. Ela *precisa* de alguém mais estável. Ela precisa cuidar da saúde mental dela, e eu, mais do que ninguém, consigo entender isso.

"Tudo bem", sussurro. Mergulhamos num silêncio. Não é constrangedor desta vez, mas é definitivo. Nenhum de nós está buscando desesperadamente algo para dizer.

Pouco tempo depois, estaciono no estacionamento do Sorrowsong. Está chovendo de novo, e dessa vez mais forte. Desligo o motor, pego um guarda-chuva no banco de trás e dou a volta no carro para abrir a porta para ela.

Ela sai do carro e se coloca sob o guarda-chuva que estou segurando. Odeio o quão triste ela parece. "Estamos no universo errado, Alex."

"Sim", digo, sem emoção. Forço um pequeno sorriso, na esperança de que isso a faça se sentir melhor. Ela não me afasta quando afasto a lágrima de seus cílios inferiores antes que ela tenha a chance de cair.

"Eu te amo", ela sussurra, como uma despedida.

Sorrio, deixando meu polegar traçar o contorno de seu queixo. Engoli minhas próprias lágrimas. Não tivemos uma despedida em janeiro, mas isso parece que sim. É *uma agonia* . "Eu te amo mais, Twist."

Ela balança a cabeça, o lábio tremendo sob meus dedos. Tudo o que consigo pensar é em beijá-lo. "Você não vai."

"Eu faço."

“É *porque* te amo que não consigo fazer isso.”

"Eu entendo", digo, porque entendo mesmo. Ela está protegendo o coração dela e o meu da única maneira que sabe. "E é porque eu te amo que estou deixando você fazer isso."

Permiti-me tocá-la. Um toque leve como uma pluma em suas bochechas, seu pescoço, seu nariz, seus lábios. Permiti-me afastar os cabelos úmidos de sua testa. Não consigo viver sem ela. O pensamento é insuportável.

Suas pálpebras se fecham lentamente, o rosto se inclinando em direção ao meu toque tão suavemente que me pergunto se é fruto da minha imaginação esperançosa. Seus lábios se entreabrem numa expiração que parece deixar seus pulmões em câmera lenta.

Seria tão fácil pressionar meus lábios contra os dela, deslizar minhas mãos por baixo de sua jaqueta molhada e pressioná-la contra mim. Suas mãos apertam onde seguram minha camisa, sua língua escapando para pegar uma gota de

chuva de seu lábio inferior. Engulo meu gemido, completamente embriagado de desejo, sem sequer um beijo.

O pulso dela pulsa forte e rápido sob meu polegar, em perfeita sincronia com o meu. Ela olha para mim, e o olhar em seus olhos deixa escapar o último fio de autocontrole. O ar frio e rígido se tornou quente e úmido, carregado de tensão. *Droga*. Dou uma olhada para a traseira do carro. Os vidros são escuros, o banco de trás é mais do que espaçoso. Ela deve sentir minha excitação, porque suas coxas se pressionam sob a saia.

Estamos à beira do abismo, caminhando na fronteira entre o adeus e o olá, o domesticado e o selvagem, o respeitoso e algo muito mais tentador.

Meus lábios pairam sobre os dela, separados por apenas meio centímetro.

O tempo parece parar completamente.

Mas aquele centímetro e meio entre ela e eu guarda *tanta* coisa. Tanto trauma, tanta reverência, tantas razões pelas quais diminuir essa distância a magoaria profundamente. O desejo corre como uma droga nas minhas veias, turvando meus pensamentos, encurtando minha respiração, mas meu respeito por Ofélia supera tudo, então dou um passo para trás.

A tensão explode como um balão inflado demais, escorrendo pela terra encharcada aos nossos pés.

O ar volta a ficar gélido e amargo. Meu humor retorna à melancolia.

Ela se dá conta do que fez, com os olhos arregalados como se não acreditasse que quase nos beijamos. O olhar que ela me lança é de gratidão.

Com um sorriso triste, ajeito a jaqueta dela, abrindo seu punho cerrado para colocar meu guarda-chuva em sua mão quente. "Fique longe de problemas, Twist."

Ela sorri, dando alguns passos para trás. Para longe de mim. Para longe de nós. Eu não consigo suportar, mas preciso. "Prometo."

E então ela se foi de novo, apressando-se para longe do meu carro e para dentro do castelo, exatamente como naquele primeiro dia em que nos conhecemos, deixando-me a mim e ao meu coração despedaçado na chuva torrencial.

[RASCUNHO]

De: Alex Corbeau-Green
Assunto: Ofélia (partida) *Alex, seu tolo*
Para: Ophelia Winters

Um futuro sem você não parece futuro nenhum.

Passa-se uma hora, talvez duas.

Estou sentada no banco do motorista, no estacionamento do Sorrowsong, fumando um maço de cigarros até restarem apenas dois. Minha cabeça está encostada no banco quando a chuva que respinga em minha bochecha pela janela aberta para de repente.

Abro um olho e vejo a cabeça estúpida e enorme de Vincenzo preenchendo todo o espaço. A cicatriz sobre o olho dele se enruga, um sorriso torto iluminando seu rosto. Ele se inclina ainda mais para dentro do carro, como aqueles avestruzes excessivamente amigáveis em parques de safári que só querem comer toda a sua comida. "E aí, cara. Por que eu tive que saber pela Colette, que soube pela Ofélia, que você estava aqui?"

Ele já se foi antes que eu pudesse responder, contornando o capô do carro e acomodando seu corpo desajeitado no banco do passageiro. Inclinou-se sobre mim para roubar o penúltimo cigarro, gotas de chuva escorrendo pela adaga tatuada em seu dedo indicador enquanto ele segurava a chama com a mão. Seu olhar azul se voltou para o meu, nunca deixando suas perguntas sem resposta.

Cara, eu senti muita falta dele.

“Não ando no meu melhor humor ultimamente.”

“Não me incomoda.”

“Você e a Colette, hein?”

O sorriso dele é de rachar o rosto. "Ela é tão gostosa. Eu... nós... você sabe o que é uma barra espaçadora?"

Aceno com a mão num gesto *de interrupção* . "Sem detalhes, por favor."

“Que pena para você.”

"Duvido muito. Ela é sua namorada?"

Seu semblante se fecha. "Não. Ela não quer isso. Nós só..."

"Amigos?"

“Ela me manda mensagem quando quer transar.”

"E?"

“Então, faremos.”

"E?"

“E então eu volto para a mansão.”

Esse é um padrão familiar para Vincenzo. "E você está bem com isso?"

"Bem... espero que ela queira passar mais tempo comigo. Sabe... fazer caminhadas e coisas assim, conhecer minha mãe."

“E vocês já conversaram sobre isso? Ela sabe que você quer uma namorada?”

"Mais ou menos. Provavelmente. Sim. Ela não quer compromisso."

Meu Deus. Estive tão absorto no meu próprio mundo que me esqueci de que outras pessoas também têm problemas de relacionamento. "Então ela provavelmente não vai querer fazer trilhas e coisas do tipo, Vin."

“Veremos.”

Vincenzo é um amontoado de contradições. Treinado pelo pai para ser um assassino implacável, ele também possui uma fé suave e gentil no mundo, algo que só pessoas com uma vida familiar estável e dois pais amorosos podem ter. Ele tem uma reputação injusta de mulherengo, mas está desesperado por uma namorada. Algo estável e confiável em seu mundo de crime e caos.

Uma mão aperta meu bíceps. "Você está com uma ótima aparência, cara."

Ele pode ser a pessoa mais irritante que já vi, mas tenho que admitir que é bom vê-lo. "Obrigado."

“Então… como foi com Ofélia?”

Dou uma *longa* tragada. "Terminamos. Oficialmente, agora, e não mais extraoficialmente."

“Porra. Tipo… para sempre?”

"Sim."

“Ela pode não querer te perder completamente. Ela pode querer ser—”

"Não diga amigos", disparo. Ele se cala.

Fumamos em silêncio, perdidos em pensamentos. Ele abre e fecha a boca de vez em quando, como se quisesse dizer algo.

"Como está Elise?" é o que acaba saindo da boca dele, mas percebo que não é o que quer que esteja na ponta da língua dele.

Sou grata por Vincenzo. Grata por nunca precisar adoçar a pílula. Grata por sua amizade inabalável. Espero nunca perdê-la. "Acho que ela está morrendo e não acho que eu possa fazer nada para impedir."

Ele não nega. Não me diz que tudo vai dar certo. Ele apenas suspira, me passando o último cigarro. "Sinto muito. Isso é uma merda."

“Sim, faz.”

“As garotas?”

“Eles são ótimos. Todos eles são mais fortes do que eu. Não sei como conseguem se manter tão positivos o tempo todo.”

“Crianças são loucas. Nada bate nelas.” Ele estende a mão para trás, em busca do cinto de segurança. “Tem uma barraquinha de kebab perto de Ullapool que faz os hambúrgueres *mais gordurosos* . Quer ir lá?”

Um hambúrguer bem gorduroso parece uma boa ideia, e eu não comi nada o

dia todo. Entrego meu celular para ele conectar ao GPS. "Claro."

Saio pelos portões de ferro negros de Sorrowsong pela segunda vez esta tarde, maravilhado com a rapidez com que meu humor despencou da esperança à completa desorientação em apenas duas horas. A culpa é exclusivamente minha.

Uma névoa rasteira se espalha pela paisagem, turvando ainda mais minha mente já confusa. Depois de quinze minutos de silêncio, estou farto das tragadas pesadas de Vincenzo. "Diga logo."

"Realmente?"

"Sim."

"Acho que você está sendo um completo idiota, e quero quebrar a sua cara."

O motor ronrona enquanto subimos uma colina sob uma chuva torrencial. "Ótimo."

“Você a *ama* .”

“E ela me pediu, respeitosamente, que me retirasse da vida dela para que ela pudesse seguir em frente.”

“Ela não está falando sério.”

Dou-lhe um olhar rápido enquanto dirijo por uma estrada alagada. Não gosto do tom dele quando fala dela, como se ela fosse uma tola. "Está insinuando que ela não sabe o que é melhor para si mesma?"

Ele levanta a mão tatuada em frustração. "É *exatamente* isso que estou sugerindo. Nenhum de vocês sabe o que é bom para si. Ambos estão se afogando em emoções e problemas. Mas eu sou um observador externo com uma visão melhor, e digo a vocês, *categoricamente* , que ir embora é a escolha errada, e provavelmente irreversível."

“E eu digo que não ir embora seria desrespeitar completamente os desejos dela.”

Ele rosna para as mãos como se eu o estivesse tirando do sério. "Você não desiste em nenhum outro lugar. Você praticamente perseguiu os médicos da sua mãe até que eles concordassem em não desistir de ajudá-la no ano passado. Você se mudou para o outro lado do Atlântico quando achou que isso poderia te ajudar a tirar Green do seu pai. Quando eu achei que ia morrer quando escalamos o Monte Suilven antes do Natal, você me arrastou até lá. E agora você está virando as costas para Ophelia no primeiro obstáculo."

Meu riso é oco, desprovido de humor. "É assim que você chamaria isso? Um obstáculo?"

“Sim. Daqui a dez anos, você vai olhar para trás e ver as coisas dessa maneira.”

“O fato de meu pai ter deixado seus pais morrerem não é um obstáculo, Vincenzo. É uma parede de concreto.”

“ *Deixar* os pais dela morrerem seria um obstáculo. Você não é seu pai.”

Ultimamente, não tenho tido essa sensação.

“Olha… é o Baile de Inverno de Sorrowsong depois de amanhã.”

O pânico me atravessa, a ferida que deixa manchada de verde pela inveja. "Ela vai trazer alguém?"

“É, seu idiota. Eu.”

“Que porra é essa?”

"Vou perguntar para ela para que nenhum outro cara pergunte! Ela chama a atenção, sabe?"

Aperto o volante com tanta força que meus nós dos dedos ficam da mesma cor das montanhas nevadas que surgem no horizonte. "Eu sei."

“Então vá ao baile com ela.”

Estou no centro de um frenesim midiático e sou o assunto dos corredores empoeirados de Sorrowsong. Deus sabe o quanto mais insuportáveis eles seriam se soubessem que eu estou aqui. "Não posso colocá-la sob os holofotes dessa forma."

Vincenzo parece que vai mesmo arrancar os próprios olhos com os polegares. "Mais do que ela já é?"

Faz sentido.

Ele estende a mão para o meu campo de visão periférico, curvando os dedos num gesto convidativo. "Vamos lá. Próxima desculpa. Vamos analisá-las uma a uma."

“Amanhã tenho um jantar oferecido pelo Ministro da Aviação.”

Vincenzo inspira profundamente, prendendo a respiração entre os dentes. " *Alex.* Escute o que você está dizendo."

"O que?"

“Verde acima da vida pessoal? Verde acima de uma das suas oito pessoas?”

Não sei se ele quis dizer um tapa forte, mas foi como se tivesse dado. Um balde de água fria da realidade na minha cabeça.

Quando olho pelo retrovisor, são os olhos do meu pai que me encaram. Desvio o olhar e passo a mão pelo queixo, sobre a barba por fazer de um dia. "Se ela me rejeitar de novo... acabou." E eu vou ficar um caco.

“E se você for embora, acabou. *Meu Deus.* É como se seu cérebro tivesse virado mingau lá dentro. Será que você deveria estar dirigindo se não consegue nem pensar direito?”

Finalmente, eu nos posiciono em uma estrada que pelo menos *parece* uma estrada. "Vai se foder, cara."

“Ela está pegando um vestido emprestado da Colette.”

Porra.

"Tenho quase certeza de que ela disse que é sem costas."

Porra!

"Vinnie, peça a ela para ser seu par, e será a última coisa que você fará na vida."

Capítulo 7

OPHELIA

A lista de coisas estúpidas que já fiz na vida provavelmente é longa o suficiente para dar duas voltas ao redor do perímetro do castelo, mas dizer para o Alex ir embora me pareceu algo que deveria estar lá no topo.

Mas se sentir-me estúpido for o preço a pagar por proteger meu coração de um golpe final e devastador, então eu o farei.

A dor em seus olhos quando me afastei ficou gravada em minha alma. Senti como se o estivesse vendo desistir. Não apenas de nós, mas de tudo.

Pedi à Colette que enviasse o Vincenzo para encontrá-lo, na esperança de que ele conseguisse convencê-lo de que tudo ficaria bem. Não quero que ele sinta que não pode ligar para ninguém quando estiver no fundo do poço.

É um clichê, tirado do comentário mais votado de qualquer tópico de conselhos sobre relacionamentos na internet, mas Alex e eu temos um longo caminho a percorrer em termos de autoaceitação antes de podermos tentar novamente. Acho que estamos muito traumatizados para confiar plenamente e nos abrir completamente para alguém.

Encolho os joelhos contra o peito enquanto estou sentada no fundo da van, com os AirPods que ele me deu nos ouvidos. Já estamos quase no fim da viagem de volta de uma competição em Manchester, e embora a medalha de prata na minha bolsa fosse suficiente para fazer Belladonna querer me afogar, acho que esta é a minha maior conquista.

Belladonna ganhou o ouro nos nados costas; eu ganhei a prata nos 400 medley. Colette ficou em sexto lugar, mas parece bem satisfeita.

O ônibus está silencioso agora. Iluminado apenas por faixas de luz azuis no chão e pelos postes de iluminação fracos na rua escura lá fora.

Meus pais ficariam loucos se soubessem que eu ganhei uma medalha num torneio tão importante. *Quem diria, pai, que exercício realmente funciona.*

Meu celular vibra, e eu me pergunto quanto tempo vai levar até que esse som

deixe de me encher de pavor.

É o Alex. A primeira mensagem do número novo dele.

Sinto um aperto no estômago. Abro a mensagem. É uma foto do laptop dele, com os resultados da natação deste fim de semana na tela.

Alex
Prata bonita, Twist.

Fechei os olhos, deixei minha testa cair sobre os joelhos. Um dia. Ele ficou longe de mim por um dia. Não respondi.

Aquele beijo inexistente foi... foi tudo o que eu precisava e tudo o que preciso evitar. Meus dedos percorrem meu lábio inferior, o som do seu gemido abafado ecoando no meu ouvido.

Colette toca no meu ombro, uma ruga de preocupação entre suas sobrancelhas perfeitas. "O que foi?"

Inclino meu celular na direção dela, para a única mensagem entre mim e o novo número do Alex. Ela franze a testa, provavelmente pensando algo como: *Por que eu deixei você chorar no seu cereal na minha cama a noite toda se ele ia te mandar mensagem amanhã?*

“Devo responder?”

"Obviamente."

“Você só está dizendo isso porque quer que a gente volte a ficar junto.”

“Exatamente.”

“Não quero iludi-lo.”

"Apenas diga obrigada. Nada de flertes. Assim, ele saberá que ainda pode contar com você se estiver realmente mal, mas você não estará dando esperanças a ele."

Encaro Colette com desconfiança. Não sei se confio nela, visto que, na minha opinião, ela está dando esperança a Vincenzo, mesmo que não haja a menor chance de ela namorar alguém ligado a uma família criminosa.

Digito uma resposta formal, mantendo-a bem longe de qualquer flerte.

Ofélia
Obrigado.

Alex
Você vai comemorar?

Ofélia
Espero que com uma boa noite de sono.

Alex
Você mereceu.

Passo o polegar sobre o nome dele. Se eu pudesse trocar o cérebro doente dele pelo meu, eu trocaria. Ele merece paz. Ele merece *viver* .

Desde que ele foi embora, só consigo pensar na mãe dele. Em como ele a está vendo partir. Não consigo imaginar — essa aceitação lenta e gradual de que ela provavelmente não viverá muito tempo. Eu também perdi minha mãe, mas rápido. Ela estava aqui e, de repente, não estava mais.

Não respondo às mensagens dele, mesmo me sentindo mal. Mas elas *me* dão esperança. Talvez um dia, quando tudo isso acabar e o pai dele estiver definhando atrás das grades, possamos ser amigos.

Quase dou risada da minha própria estupidez. Ter que forçar meus sentimentos por Alex a se encaixarem em um molde do tamanho de uma amizade, pegar o amor, a raiva e o desespero e tentar transformá-los em algo insosso e neutro, pode ser a gota d'água para a minha existência miserável.

Por sorte, ele encerra a conversa por mim, e eu prometo a mim mesma que, a menos que eu ache que ele esteja em perigo real, o assunto estará encerrado.

O *nosso* fim.

Alex
Boa noite. Durma bem.

Desliguei o celular ao ouvir meu nome sendo pronunciado algumas fileiras à frente. A maioria dos nadadores está dormindo, exceto um cara do terceiro ano e sua namorada, que estão a um passo de transar em seus assentos, usando um short inadequado. Colette boceja, os cílios tremulando sonolentos. "Já estamos quase lá?"

"Sim."

O celular dela toca. Alguém enviou um link para o grupo de bate-papo da natação, do qual me recuso a participar. Ela abre o link e vira o celular para longe de mim.

Isso nunca é bom.

"Mostre-me."

“É uma estupidez.”

Arranco-o das mãos dela. Está em alguma plataforma de mídia social que eu não tenho. Uma foto minha saindo da piscina hoje mais cedo, não muito lisonjeira — embora meus tríceps estejam *fantásticos* —, com a legenda: *"Quando a ex maluca da Alex Corbeau-Green está na sua competição de*

natação" .

“O que é TFW?”

“Exatamente como… *aquela sensação quando* …”

“ *Aquela sensação quando* a ex do Alex está na sua competição de natação?”

"Sim."

“Qual é a sensação?”

"O que?"

“O que isso significa? Qual é o sentimento? Ela nem sequer disse o que sente a respeito disso.”

Colette franze a testa, manda uma mensagem para Belladonna pedindo que ela use seus privilégios de administrador para apagar o link. "É só uma expressão da internet."

“Bom, é uma merda.” Pego o celular dela de volta e abro as respostas. São bem ruins. Devolvo o celular depois que meus olhos percorrem as palavras *“vadia de helicóptero”* .

Não é o apelido que eu teria escolhido para mim. "Viciada em biscoitos" talvez fosse mais apropriado.

“Eles não têm nada melhor para fazer?” pergunto, recusando-me a absorver suas palavras. Este é apenas um dos muitos motivos pelos quais não posso ficar com Alex. Eu e os holofotes não nos damos bem. Sou ruiva, pelo amor de Deus; *nasci* para me esconder em cantos escuros. Toda essa atenção da mídia é o sol, e eu estou completamente queimada de sol, cansada de tudo isso. “Por que recebo mais ódio do que Caim?”

“Porque o mundo vai ignorar as ações de um homem rico se houver uma mulher indefesa por perto para sofrer as consequências.” Seu semblante se ilumina ao ver uma mensagem na tela de bloqueio. “Meus vestidos para o Baile de Inverno chegaram!”

"Divertido", digo, sem conseguir esconder minha falta de entusiasmo.

“Ofélia, você tem que vir.”

“Estarei doente amanhã.”

Ela me encara com desdém. "Você está sempre doente."

“Então estarei ocupado amanhã.”

“Com o quê?”

“Preciso pendurar meus saquinhos de chá usados.”

“Você vai”, ela declara. “E você vai usar verde.”

“Ótimo. Vai ficar bem com o vinho que inevitavelmente vão jogar em mim.”

Eu me afundo mais no assento, puxando as mangas do meu moletom sobre

minhas mãos geladas enquanto os outros riem das piadas que estão lendo sobre mim.

Meu celular acende novamente na mesa dobrável à minha frente.

Desconhecido
Eu detestaria que algo acontecesse ao seu príncipe encantado por sua causa.

Desconhecido
Tudo isso poderia acabar tão facilmente.

Uma onda de ansiedade percorre minha nuca. Colette engole em seco, com os olhos arregalados. "Não aceite encontrá-los, Ophelia. Não deixe que usem Alex para atraí-la para uma armadilha. Deixe os investigadores cuidarem disso."

Tento passar as mãos pelos cabelos, mas sou impedida pelos nós intermináveis que parecem nunca se desfazer. "Mas não consigo desembaraçar."

“Pode ser só um aluno pregando uma peça idiota. Você está no centro das atenções agora. Continue ignorando e isso vai passar”, ela me tranquiliza, passando um braço em volta dos meus ombros.

Todo mundo parece pensar isso, mas eu não tenho tanta certeza. Se fosse um aluno, com certeza eu já teria descoberto alguma coisa.

Guardo o celular no bolso e deixo que ela conduza a conversa para a inauguração de uma galeria de arte que ela vai prestigiar no mês que vem, mas uma sensação de desconforto me invade. *Príncipe Encantado.* Será que me viram com o Alex no carro dele?

As ameaças à minha segurança se tornaram uma constante e incômoda dor de dente durante o tempo que passei aqui, irritantes e persistentes, mas cada vez mais... suportáveis. O que é ridículo de se dizer, mas é verdade. Elas fazem parte da minha rotina diária agora. *Acordo, como uma fatia de torrada, recebo uma ameaça de morte, como a segunda fatia de torrada, vou para uma aula.*

Mas agora não se trata apenas de mim. Uma ameaça à segurança de Alex?

Isso eu não posso ignorar.

Divya sai do banheiro e fica boquiaberta ao me ver. "Meu Deus! Você está um arraso!"

Sinto o constrangimento subir às minhas bochechas. "Não demonstre surpresa."

“Não estou. É só que já faz um tempo que você não usa pijama.”

"Que grosseria!", repreende Colette, rindo enquanto espalha algo em minhas

bochechas e nariz com o pincel. "Feche os olhos."

Sim, e um pincel menor acaricia minhas pálpebras. Colette suspira satisfeita. Acho que ela está no paraíso. Ela me deu um vestido que supostamente não queria. Só que é um verde escuro — minha cor favorita — e pelo menos um tamanho maior que o dela, com a etiqueta ainda presa.

Mas ela rejeita qualquer alegação de que seja algo além de um vestido velho que ela não quer mais.

Algo se acomoda sob a linha dos meus cílios. Espero que seja um pincel de rímel. "Ok, pisque. E de novo. E de novo. E de novo. E de novo. E de novo."

"Oh meu Deus."

Ela me faz repetir tudo do outro lado e depois faz ondas soltas no meu cabelo rebelde.

Parece uma tolice me arrumar toda para um evento que eu nem planejava ir até a Colette me convencer ontem. Já estou antecipando os olhares demorados, aqueles que variam entre pena e ódio. Mas eu anseio por uma noite com os amigos há tanto tempo que não ir me parece uma injustiça com todo o progresso que fiz desde que cheguei aqui.

Vestida com um espetacular vestido gótico com mangas de renda preta que lembram trepadeiras que se espalham por sua pele morena, Magda completa todos os nossos coquetéis com champanhe.

"Terminei!" Colette dá um passo para trás, impressionantemente firme sobre os saltos agulha de seus Louboutins azul-marinho.

Arrisco-me a olhar no espelho, incapaz de esconder o sorriso que se insinua nos meus lábios brilhantes. Há um leve delineado gatinho na linha dos cílios, e valeu a pena piscar, porque meus cílios estão *ótimos* . As olheiras roxas que pairavam sob meus olhos desapareceram. O vestido é decotado nas costas, exceto por algumas alças finas que acentuam minha cintura.

Divya sorri. "Você está tão bonita, não é?"

Colette bate palmas. "Bem, com uma tela tão bonita..."

“Gostei que você não tenha coberto minhas sardas.”

“Claro! Eu daria a minha vida por sardas como as suas.”

Magda e Divya estão discutindo sobre algum programa de TV que ambas estão assistindo. Colette cantarola baixinho enquanto passa a última camada de brilho labial. Por um breve e relutante segundo, fico feliz por ela ter me convencido a vir, porque essa amizade fácil e confortável é tudo o que me faltou nos últimos anos. Posso senti-la penetrando em mim, me fortalecendo, nutrindo aquela adolescente solitária que só queria ser incluída.

Quando cruzo o olhar com o de Divya no espelho, percebo com grande horror que estou *sorrindo* .

Calço meus Converse no exato momento em que um trovão baixo ecoa pelo vale. Clima perfeito para uma festa da Sorrowsong, suponho.

Corremos pelo pátio de paralelepípedos e entramos no Salão de Áclis, nós quatro tentando nos esconder sob um único casaco. O baile já estava em pleno andamento quando chegamos, o salão fervilhando sob o olhar atento da pintura que me deixava apreensiva desde o dia em que cheguei.

Velas enfeitam cada parede, penduradas em lustres acima de nós como um céu noturno cintilante, e o som dos nossos saltos batendo no mosaico de azulejos sob nossos pés. Os últimos raios de luz do dia escapam pelas janelas altas em arco nas duas paredes mais longas, sem conseguir iluminar o ambiente. Uma pequena orquestra toca na escuridão quase completa ao fundo. As pinturas e os vasos que decoram a parte mais próxima da sala têm todos temas de inverno: paisagens congeladas e lagos gelados atrás de rosas brancas e delfínios azul-claros que emergem dos vasos como pingentes de gelo. Mas no fundo do corredor, os lagos nas pinturas descongelaram, e as flores assumem tons pastéis de rosa e laranja.

Um lembrete de que estamos à beira da primavera.

Tento transformar isso em algo inteligente sobre recomeços e novos começos, mas não consigo.

Não consigo tirar nada de positivo da perda do Alex.

Se eu achava que o vestido de Magda era especial, o de Belladonna está em outro nível. Num vestido preto que parece ter saído das criptas empoeiradas de Sorrowsong esta manhã, ela está algures entre uma bruxa gótica e uma noiva da Regência, com um colar de aranha preto como acessório e a capitã da equipa feminina de râguebi.

"Winters", ela murmura, olhando para mim. Seus olhos são indecifráveis sob o delineador tão afiado que parece capaz de cortar alguém.

"Beladona."

“Que bom que você veio”, ela diz, como se soubesse de algo que eu não sei.

Abro a boca para perguntar por quê, mas ela se vira e sai pisando duro.

“ *Qual* é o problema dela?”, diz Divya, revirando os olhos. “Ela vai se arrepender quando morrer sozinha.”

Dou de ombros enquanto caminhamos em direção ao bar, pegando quatro coquetéis da bandeja de prata de vários andares que é quase tão alta quanto eu. "Acho muito difícil não gostar dela. Não sei por quê."

“Eu também! Acho que… crescendo nessa família, ela deve ter visto algumas coisas, né?”, diz Colette, que provavelmente já está um pouco alterada. “Tipo o Vincenzo — ele mal consegue dormir à noite.”

Eu franzo a testa. "Sério?"

“Sim. Definitivamente, ele tem algo acontecendo.”

Magda brinda com o copo dela contra o nosso. Levo o meu aos lábios, sentindo a agradável ardência do uísque deslizar pela minha garganta, deixando para trás o sabor adocicado do Drambuie. "Bem, os Ivanovs continuam tentando matá-lo, então isso não ajuda muito."

Colette examina a multidão, procurando por ele. Os alunos da Nightshade parecem espreitar nas sombras, beijos furtivos pairando entre conversas sussurradas e ameaças veladas. Os alunos da Hemlock inundaram a pista de dança, enquanto os da Snakeroot se misturam nas margens, em conversas profundas e reflexivas. Para aqueles que conheço em Cortinar, esta é apenas mais uma oportunidade para exibir seus vastos guarda-roupas e os milhões da família. Colette não é exceção, coberta de joias e com um vestido de tule azul-claro de ombro a ombro que a faz parecer que pode perder um sapatinho de cristal e encontrar um príncipe esta noite.

Conhecendo-a, provavelmente sim.

Ou talvez não , penso, ao avistar Eike, seu motorista que virou guarda-costas e depois estraga-prazeres, observando-a atentamente de sua posição debruçada sobre o corrimão ornamentado das duas escadas curvas atrás de nós, elegantemente vestido com um smoking preto.

Duvido que ele a deixaria respirar se o padrasto dela não permitisse.

"Você sabe dançar dança de salão?", ela pergunta, com o rosto se iluminando quando a música muda.

“Colette, eu tenho cara de mulher que sabe dançar dança de salão?”

Ela faz beicinho, mas Magda aceita sua mão de bom grado. Claro que Magda sabe dançar dança de salão. Eu me contento em ficar de pé observando-as, incapaz de conter um pequeno sorriso contagiante de Colette quando ela troca de par para dançar com sua amiga Hattie, filha de uma princesa e de um famoso cavaleiro de adestramento.

Divya é puxada por alguns amigos estudantes de medicina e, imediatamente, percebo outra presença ao meu lado, com um sotaque escocês suavizado.

“Parece que não faz nenhum tempo desde que nos encontramos neste mesmo lugar.”

Levanto os olhos para Achlys, para o jeito como ela me encara com desdém

na escuridão do corredor, pintada com tantos detalhes que parece que ela pode sair da moldura e passar as unhas sujas na minha bochecha. "Parece que foi há uma eternidade."

“Não é curioso como o tempo passa de maneira tão diferente para cada um de nós?”

Carmichael está olhando diretamente para mim quando eu olho em sua direção, seus olhos queimando minha alma.

Ele sempre me deu arrepios. Parece mais uma extensão do Castelo da Canção da Tristeza do que um funcionário. Se eu prestar atenção, o encontro em todos os eventos, em todos os jogos de rúgbi, em todas as provas, me observando com aquele olhar sem vida.

"O tempo passaria mais rápido para mim se você não tivesse deixado o assassinato dos meus pais escapar."

Seu sorriso é frio, seus olhos sem cor. As flores que espreitam do bolso do seu colete cor de vinho estão mortas e secas. "Eu tomaria cuidado para não desejar que sua vida passasse rápido demais, Srta. Winters."

Eu queria que ele simplesmente fosse *embora* . "O que você quer de mim?"

“Quero que você convença Alex a voltar para Sorrowsong.”

Isso me surpreende. "Por quê?"

Ele passa o polegar e o indicador pelo bigode, absorto em pensamentos enquanto observa um casal dançar valsa sobre o piso polido. "Para um amigo."

Eu o encaro com os olhos semicerrados, tentando montar um quebra-cabeça com a sensação de que não tenho todas as peças. "A mãe dele? Elise?"

“Eu disse a ela que cuidaria dele.”

"Por quê?", pergunto, seguindo seu olhar de volta para o casal que gira sob a luz de velas. "Meu Deus. Você está apaixonado por Elise."

“Eu já fui, um dia. Mas ela era jovem e eu era velho. Ela é toda a bondade do mundo e eu sou o mal. Cain Green cobriu suas asas de óleo, prendeu-a numa armadilha. Quando a saúde dela começou a piorar e as intenções de Cain para o futuro de Alex ficaram claras, ela me pediu para ficar de olho nele.”

Mordo o lábio, sem entender por que esse homem me deixa tão nervosa. "Você não vai me convencer de que é um bom homem, de que está fazendo isso porque se importa com o que acontece conosco."

Ele dá uma risadinha, mexendo no relógio de bolso. "Não sou um bom homem, Ofélia. Mas *sou* um homem de palavra."

“É isso que você pensa? Que está protegendo o Alex?”

“Eu disse à polícia que Clint Bancroft havia sugerido várias vezes no ano

passado que pretendia se matar. Depois disso, eles perderam todo o interesse na morte dele.”

A respiração fica presa na garganta, meus pulmões falham sob seu olhar sem vida.

Ele sabe que nós matamos Bancroft.

Meu celular queima minha mão. Carmichael poderia ter tirado a foto e me enviado. Carmichael poderia ter publicado o artigo para tirar Cain da vida de Alex.

Anoto para sugerir isso ao Mack quando falarmos da próxima vez.

O coquetel desce pela minha garganta com tanta facilidade, reacendendo a chama que se apagava na minha alma. "Alex e eu não estamos juntos. Convença-o você mesma."

“Ele só ouve você e o psiquiatra.”

Deixo meu copo vazio cair na bandeja de prata de um garçom que passa, encarando Carmichael com os ombros para trás e a cabeça erguida. "As decisões de Alex são dele, e eu não lhe devo nada."

Abro caminho em meio à multidão de estudantes em direção às portas duplas que dão para o corredor, desesperado por um pouco de ar.

A atmosfera muda à medida que me aproximo das escadas, o burburinho alto da conversa se transformando em um murmúrio. A multidão parece se abrir, algumas frases sussurradas filtrando-se por entre os outros. Viro-me e estico o pescoço, tentando ver o que está acontecendo. As pessoas olham para mim, depois voltam a atenção para quem acabou de entrar no salão.

E eu simplesmente *sei* .

Eu sei que é ele antes mesmo de ele aparecer. Eu sei que é ele pelo jeito que as pessoas o olham. Eu sei que é ele pelo jeito que o oxigênio no ar parece se extinguir e queimar.

Mas eu ainda não estava preparada quando ele parou no meio da pista de dança, olhando para mim como se eu fosse sua única esperança de um final feliz.

Alex de terno é um colírio para os olhos. Gotas de chuva brilham no tecido preto do paletó, pingam da mecha de cabelo que cai sobre sua testa, escorrem pela curva do lábio inferior e colam a camisa branca à sua pele.

Dou um passo para trás, com a sala inteira aguardando minha reação. Ele balança a cabeça levemente em sinal de reprovação. *Não fuja de mim.*

Ele se afasta de nós num instante, passando a mão pelos cabelos enquanto observa o vestido verde que se ajusta ao meu corpo como uma segunda pele. Parece ter esquecido o que o trouxera ali. "Droga, Ofélia. Eu tinha um discurso

inteiro preparado."

Abro a boca para argumentar, mas o peso de centenas de olhares impede que as palavras saiam. Colette está ao lado de Belladonna, à beira da multidão, sem demonstrar qualquer surpresa em suas expressões.

Traidores.

Vai. A palavra está na ponta da minha língua, pesada e desconfortável.

A música muda para algo mais suave, mais lento. Até mesmo os funcionários que se apressam com bandejas de bebidas parecem ter congelado, suspensos no tempo, até que Colette arrasta Vincenzo para a pista de dança. "Tenho certeza de que Alex e Ophelia adorariam dançar?", diz ela, em voz alta o suficiente para metade dos alunos ouvirem.

Meu olhar cruza com o dela. *"Vou te matar enquanto você dorme"* , diz meu olhar fulminante.

"Não se você estiver ocupada transando com o Alex" , respondeu ela.

As mãos de Alex pousam na minha cintura, largas e ardentes através do tecido fino do meu vestido. O pânico se alastra no meu peito, chamas frenéticas que lambem a parede ao redor do meu coração. "Eu não danço."

Tento recuar, mas ele me prende em seu aperto, seus olhos verde-brilhantes cintilando com algo tão reconfortantemente familiar que uma pontada de dor corta meu peito. " *Alex.* "

Seus dedos se flexionam e relaxam ao redor da minha cintura, como se estivessem testando se eu sou real. O peso de tantos olhares faz meus ombros caírem, lutando contra aquele desejo de longa data de me encolher e desaparecer. "Ofélia."

“Você concordou em ir embora.”

Um pequeno sorriso surge em seus lábios. "Eu era jovem e tolo naquela época."

" *Dois dias atrás?* " Solto um suspiro, incrédula.

Ele me puxa para o seu peito enquanto mais casais bêbados nos cercam. Sua voz é um murmúrio grave perto do meu ouvido. "É. Notícia velha. Esqueça que isso aconteceu."

Luto para manter o foco, luto para manter minha mente calma e firme quando sinto que o resto do meu corpo está sendo arrastado para a órbita dele. *Ele não parece bem. A mão dele deslizando pelas minhas costas não me excita.* "Não foi uma tolice, Alex. Foi a única coisa sensata que fizemos nos últimos dois meses."

Ele levanta minha mão na sua, girando-me uma vez. Quando me puxa de volta para si, minhas costas ficam pressionadas contra o seu peito, seus braços

deslizando sobre a carne macia da minha barriga. Seus lábios pressionam logo abaixo da minha orelha, sua próxima expiração beirando um gemido. Sinto como se meus joelhos não aguentassem mais me sustentar. "Foi uma tolice", ele sussurra, "porque eu teria que ser inimaginavelmente estúpido para desistir de uma chance com você."

Meus cílios se fecham lentamente enquanto me deleito por uma fração de segundo com a sensação de seu corpo quente e firme contra o meu. Seu perfume acalma meus sentidos, a pulsação acelerada de seu coração contra minhas costas em perfeita sincronia com o meu. "E você acha que tem alguma chance?", pergunto, deixando minhas mãos deslizarem para trás, encontrando desajeitadamente o caminho por baixo de sua jaqueta. "Isso não é Banco Imobiliário."

Sua risada é rouca e traiçoeira. A música parece desacelerar, suspensa em um tom meloso como o resto do mundo ao nosso redor. O salão está cheio de risos e conversas, mas consigo ouvir nossa respiração mais alto do que qualquer outra coisa. "Se fosse, você seria de Mayfair."

Minha cabeça está girando, uma combinação inebriante de álcool e das mãos de Alex Corbeau-Green que percorrem meu corpo como se ele não se cansasse. "E você estaria na cadeia."

“Mas eu tenho três tentativas para sair, certo?”

Porra. "Neste jogo não."

“Já usei um”, ele sussurra, os lábios traçando o contorno da minha orelha. O desejo pulsa como um tambor em algum lugar no fundo do meu ventre. “E não vou precisar de um terceiro.”

“Você usou a sua primeira arma quando quase me atropelou com o carro.”

Ele me vira de volta para encará-lo tão rápido que fico pressionada contra ele antes que eu possa piscar. "Isso não é justo. Você estava parada no meio da rua."

“Então, quando você comeu o último Jelly Baby na nossa primeira noite juntos.”

O rubor que acompanha seu pequeno sorriso esperançoso me consome. "Uma última chance de sair da cadeia, Twist. *Por favor.* "

Encosto minha bochecha em seu peito e solto um suspiro rouco e sofrido.

Mesmo de olhos fechados, eu vejo. O flash de uma câmera, me arrancando de qualquer transe em que eu estivesse. Outro flash vem, e é forte demais, intenso demais, como aquela luz ofuscante que fica perto demais do seu rosto no dentista.

E aqui está. Mais um lembrete de por que ele e eu somos como água e óleo.

Nossos mundos não se misturam. Tiro minhas mãos dos músculos duros e quentes de suas costas como se ele estivesse em chamas.

Quando abro os olhos, Vincenzo está dando um soco no celular de alguém e Alex está escondendo meu rosto com o corpo. Alguns outros alunos tiram fotos como se fosse a coisa mais interessante que aconteceu o ano todo, e eu sei que elas estarão em algum lugar online antes do fim da noite.

"Seus idiotas", Alex murmura, me arrastando em direção ao bar.

Mas eu não preciso de uma bebida. Não preciso de mais olhares sobre mim, de mais fotos minhas circulando pelos corredores deprimentes da universidade. Preciso *sair daqui* . Me solto bruscamente do seu aperto e corro em direção à pequena porta de madeira à nossa direita.

A chuva cai torrencialmente lá fora, escorrendo pelos canos enferrujados de Sorrowsong e batendo levemente na densa mata à minha frente. Inclino a cabeça para trás, deixando que as gotas geladas me roubem o fôlego numa tentativa desesperada de lavar o desejo quente e pegajoso do meu corpo.

Ouço a porta bater com força. Meu estômago afunda na terra úmida aos meus pés. "Só vai embora."

"Não."

“Eu—” Minha resposta se perde na minha língua. “ *O quê?* ”

"Não", ele sussurra, enquanto o trovão ribomba acima de nós. "Estou dizendo não, Ofélia."

“Não temos um final feliz.”

“ *Quem* disse isso?”

“O universo!” grito de volta, por cima da tempestade que chicoteia meu cabelo ao redor do meu rosto. Viro-me, qualquer coisa para não ter que ver o olhar dele. “Você vê o jeito que eles estão olhando lá dentro? Somos um desastre.”

Uma mão quente surge de repente e agarra meu bíceps antes que eu consiga entrar na floresta e me afastar dele. "Isso é besteira, Ofélia."

Me viro para encará-lo, puxando meu braço de sua mão. Tudo o que lhe ofereci até agora foi raiva, mas quando minha voz corta o uivo do vento, o que ouço nela é a mágoa e a insegurança que ele plantou naquela miserável manhã de janeiro. "Você me deixou!"

"Eu sei."

"Eu nunca mais quero que você tenha que escolher. Eu nunca mais quero que você se sinta dividida em duas. Eu nunca mais quero me sentir como me senti quando você foi embora."

“Isso não vai acontecer novamente.”

“Como você pode saber disso?”

Ele me puxa para perto, me protegendo da chuva. Sua voz está mais suave agora, quase inaudível em meio ao vento uivante. "Porque cada dia que você não é minha é como tirar um ano da minha vida."

Encosto minha testa no tecido encharcado de sua camisa, sentindo o coração acelerado por baixo. Eu faria qualquer coisa para proteger esse coração. "Não é só o que aconteceu no mês passado. É tudo. É o que seu pai fez comigo. É a distância entre nós. Eu sou estudante, Alex. Você é CEO. Estamos em mundos completamente diferentes. Quase não vou te ver nos próximos anos. Não posso pegar um avião para te ver, e não posso te pedir para ficar longe das meninas."

Sinto sua bochecha repousar no topo da minha cabeça, nós dois parados do lado de fora dos muros cobertos de líquen de Sorrowsong, sob uma chuva torrencial. Gostaria que estar em seus braços não me desse a sensação de estar voltando para casa. "Ainda nos veremos."

Algumas vezes por ano, se tivermos sorte.

Suas mãos deslizam por baixo do decote nas costas do meu vestido, sobre minha pele gelada. Sua respiração trêmula aquece o topo da minha cabeça, a voz rouca de desespero quebrando nosso silêncio. "Eu preciso de você. Não consigo viver sem você."

Suspiro contra a curva do seu pescoço, um refúgio quente e seco em meio à tempestade violenta. " *Alex.* Somos jovens. Não sabemos do que precisamos. Não sabemos nada sobre nada."

“É assim que você se sente?”, ele pergunta, deslizando as mãos até meus quadris e pressionando meu corpo contra o dele. “Um caso passageiro, jovem e tolo?”

Não. Parece o começo e o fim do mundo. A esperança desenfreada de um amanhecer e o arrependimento e o encerramento do sol se pondo no horizonte. Sinto como se ele estivesse segurando a agulha e a linha para costurar meu coração partido. Se eu o deixasse entrar e ele se afastasse novamente, a linha rasgaria a carne delicada e me deixaria sangrando até a morte no chão.

Mas meu julgamento está nublado pela luxúria, encorajado pelo gosto de uísque que ainda sinto na língua. O desejo é uma droga potente, e Alex parece me injetar com ela. Ele planta seus lábios macios no ponto onde meu pulso pulsa no pescoço e suga suavemente, fazendo minha cabeça cair para trás involuntariamente. Sua mão desliza pelas costas decotadas do meu vestido. O trovão abafa qualquer ruído que ele faça, mas sinto o tremor em sua garganta. "

Por favor. "

Eu o acompanho em direção ao muro de pedra molhado atrás de nós, com as pernas trêmulas.

“Me dê até meia-noite. Três horas. Só me dê três horas.”

Três horas. Cento e oitenta minutos para relembrar ao meu coração solitário a sensação de ser amado novamente.

Não sei como alguém poderia ser forte o suficiente para resistir.

Seu próximo beijo no meu pescoço faz minhas pernas fraquejarem. Ele se afasta, aguardando minha resposta com a respiração suspensa. Seus cabelos molhados caem em mechas despenteadas, a tinta preta em seu peito aparecendo através do tecido encharcado de sua camisa social branca. Uma gota grossa parece escorrer de seus cílios grudados em câmera lenta enquanto seu olhar se fixa em meus lábios, perguntando, implorando, *desejando* .

"Meia-noite", eu digo com a voz embargada, e seus lábios se chocam contra os meus.

Nada no beijo parece juvenil ou tolo. Seu toque é áspero e reverente ao mesmo tempo, percorrendo meu pescoço e mandíbula para me manter no lugar. Minha pele fica dourada onde seus dedos se cravam em minha carne.

Empurro o paletó dele para fora, sentindo os músculos do abdômen se tensionarem sob o algodão branco e impecável. A mão no meu queixo aperta suavemente, forçando minha boca a se abrir o suficiente para que ele aprofunde o beijo. O desejo escorre pela minha espinha, acumulando-se no meu baixo ventre como mel quente.

Meu Deus, como senti falta disso. Mas não é só isso — senti falta *dele* .

Ele nos gira, de modo que *minhas* costas fiquem contra a pedra das muralhas do castelo, sua mão agarrando a parte de trás da minha coxa e prendendo minha perna sobre o quadril dele enquanto abafa meu gemido frenético. Sua boca é quente e pesada, exigente e possessiva na minha, enquanto seus dedos encontram a pele sensível sob a saia do meu vestido, deslizando para dentro a partir do meu quadril.

Ele interrompe o beijo com uma mordida suave no meu lábio, o peito largo subindo e descendo. Suas pupilas dilatam, poços negros de desejo quando ele percebe o quanto me excita. "Posso?"

Assinto com a cabeça, desejando ardentemente que seus lábios se toquem novamente. "Sem compromisso."

Seus dedos afundam em mim, fazendo com que minha cabeça caia para a frente, contra seu peito, e meus olhos se voltem para a nuca dele.

Com mais ninguém será assim.

“Cordas, Ofélia. Tantas cordas, caramba. Cordas em cada célula do meu corpo.”

Meu grito sufocado se perde no vento, desejando ardentemente que ele estivesse errado. Estou ligada a Alex de uma forma que não consigo explicar, esperando como uma tola que os laços se dissolvam na chuva como pontos de uma semana atrás. " *Sem compromissos.* "

“Se é isso que você precisa dizer a si mesma”, ele admite, olhando para mim preguiçosamente como se seus dedos não me fizessem agarrar a pedra atrás de mim. Sua outra mão desliza por baixo do decote do meu vestido, o polegar roçando meu mamilo. Súplicas frenéticas escapam da minha boca, meus quadris começando a se mover no ritmo do seu antebraço grosso.

“Para você, isso não parece *ter compromisso nenhum* ?”

Minha perna cede, mas seu corpo me mantém ereta contra a parede. Cada batida pesada do meu coração envia outra onda torturante *dele* para minha corrente sanguínea. " *Alex.* "

Você acha que um homem sem compromisso poderia fazer você se sentir assim?

Meu calcanhar crava em sua lombar, minha mão se estende para agarrar seu braço como se houvesse alguma chance de ele parar. " *Por favor.* "

“Você não precisa me implorar por nada.”

Meu peito sobe e desce sob o vestido. Lágrimas estúpidas, raivosas, apaixonadas e extasiadas escorrem dos meus olhos. "Eu vou... eu vou..."

Ele se ajoelha sobre o calçamento molhado, movendo minha coxa do quadril para o ombro e enterrando o rosto sob o cetim exuberante da minha saia.

Minhas costas se arqueiam. Sua mão vem me amparar pela cintura. Grito seu nome para o céu rodopiante no exato momento em que um raio furioso o divide em dois.

E eu desmorono.

Fisicamente. Metaforicamente. Em todos os sentidos.

O mundo se dissolve numa folha branca e plana até que tudo o que existe seja ele, eu e a infinidade de fios que nos unem de cem maneiras diferentes.

Ele se levanta e me pega nos braços, afastando o cabelo do meu rosto. Seus lábios estão um pouco inchados, e seus vibrantes olhos verdes me observam atentamente. "Tudo bem?"

Fechei os olhos. Aquilo foi… *bem* , e isso não chega nem perto de descrever. Assenti fracamente, mole em seus braços enquanto ele me carregava pela

entrada do hall e pela trilha na floresta que levava à mansão. Coloquei a mão em seu peito, tentando alcançar o chão. "Me põe no chão."

“Você precisa se aquecer e se secar.”

“Mas meus amigos… eu os abandonei.”

“Colette e Vincenzo sabem que estou aqui. Eles ajudaram a organizar tudo isso.”

"Me põe no chão", repito, mas não há nenhuma convicção nas palavras. Minha cabeça se encosta na parede dura do seu peito, meus dedos se fechando no tecido da sua camisa.

Ele nos apressa pelo caminho, as pedras de calçada cobertas de musgo quase submersas a seus pés. A mansão parece escura e deserta quando passo meu cartão de acesso ao lado das portas duplas, hipervigilante a cada sombra, cada ruído, cada porta aberta.

Ele sobe as escadas em silêncio, exceto pelo bater dos meus dentes e o gotejar da água das nossas roupas nos degraus polidos. Eu o observo atentamente e finjo que o jeito como o polegar dele acaricia minhas costas enquanto caminha não me enche de esperança para o nosso futuro.

No meu quarto, Alex vai direto para o banheiro pegar uma toalha, e eu pego meu celular na bolsa emprestada da Colette para avisá-la que estou na mansão.

Meus olhos se fixam na única notificação na tela de bloqueio, e meu sangue gela nas veias.

A foto minha e do Alex está desfocada por causa da chuva, mas sei que foi tirada há pelo menos dez minutos, nós dois abraçados enquanto corríamos em direção à mansão.

Desconhecido
O que te faz pensar que você terá um final feliz?

Desconhecido
Deixe-o, ou ele morrerá com você.

Abro a boca para contar para o Alex, mas então chega a segunda mensagem.

Uma foto de um aeroporto. E além de uma cerca de arame, um jato da Green Aviation.

Desconhecido
Você não gostaria que nada acontecesse com o avião dele, gostaria?

Não, não, não. Por favor, não.

Chego à janela em meio segundo, examinando os arbustos e as sebes dos

jardins desordenados da mansão. A cada clarão repentino, me preparo para o pior, esperando avistar uma figura sombria parada sozinha no gramado. Caim, Carmichael, Shawn. Estou simultaneamente apavorada e desesperada para vislumbrar algo, qualquer coisa que possa identificar quem está fazendo isso.

“Ophelia”, Alex suspira, saindo do banheiro com uma toalha para secar meu cabelo. A exasperação é evidente em seu tom enquanto ele começa a secar meticulosamente cada mecha. “Você não pode estar falando sério sobre esse negócio de ‘sem compromisso’”.

Meu coração dispara, minha língua trava num nó. Seus olhos se voltam para a janela, para meu reflexo branco fantasmagórico no vidro fino. A próxima rajada de vento joga um galho de hera contra a janela, e eu dou um pulo.

Alex franze a testa ao meu lado, e uma mão firme pousa na minha lombar. "Você está bem?"

“Eu… eu acho que você não deveria estar aqui. Você precisa ir embora.”

Seus lábios tocam meu ombro, mas o medo é como um cobertor que sufoca a chama do meu desejo. "Discordo."

“Alex, você vai embora amanhã de manhã e provavelmente não nos veremos por oito meses.” Enumero as desculpas enquanto a mensagem martela na minha mente. “E eu não consigo lidar com você me deixando toda vez que você se convence de que não é digno de um relacionamento, e você está a tantos quilômetros de distância, e você tem suas irmãs, e—”

E ele sempre tem medo de que sua presença na minha vida me coloque em perigo, mas agora estou me perguntando se não é o contrário.

“Ofélia, *respire* .”

O sangue pulsa nos meus ouvidos, um rugido ensurdecedor como as hélices de um helicóptero em espiral descendo em direção à floresta. "Eu não consigo."

“Você consegue, querida. Com certeza consegue.”

Não consigo desviar o olhar da janela. Respiro fundo várias vezes, tentando contar a Alex sobre a mensagem, mas nada sai. E se tiver alguém rondando a porta, se alguém tiver grampeado meu quarto, se alguém estiver nos observando pela janela?

Preciso ligar para o Mack.

Uma caneca fumegante de chá surge entre minhas mãos, acompanhada de um beijo suave no topo da minha cabeça. "Não posso me envolver em um relacionamento sem compromisso. Não com você."

“Então vamos apenas…”

“Se você está prestes a dizer ‘ *sejam amigos* ’ —”

“Você deveria ir, Alex. Eu te ligo amanhã.”

“É isso mesmo que você quer?”

Não.

Viro-me para ele na escuridão silenciosa do meu quarto e conto-lhe metade da verdade. "Não confio em mim mesma para dividir a cama com você e simplesmente dormir."

Seus olhos se suavizam entre cílios úmidos e grudados, como se ele realmente entendesse. "Diga-me que ainda temos uma chance, Winters."

Lanço um olhar nervoso para a porta, a voz quase inaudível como se houvesse uma terceira pessoa invisível na sala, pronta para ouvi-lo e tirá-lo de mim. "Sim, nós precisamos. Eu só preciso... eu só preciso de tempo, Alex. Tenho coisas para... resolver."

O verde intenso de suas íris parece se diluir com o alívio, um pequeno sorriso surge em seus lábios. "Vou bolar um duplo."

Os lábios dele sempre foram tão tentadores? Como é que a gente conseguia estudar alguma coisa no semestre passado?

Ele segura meu rosto entre as mãos e me dá um beijo ardente nos lábios. O que aconteceu do lado de fora do Salão de Áclis foi pura luxúria, mas isto? Isto é algo completamente diferente. Um amor suave e terno que está unindo todos os meus pedaços quebrados.

"Eu te acompanho até em casa", eu disse de repente, em pânico por sua segurança.

Mas e se a minha presença apenas o tornar um alvo ainda maior?

Faz muito tempo que não tenho ninguém com quem me preocupar. Estou completamente perdida.

"Acho que vou sobreviver." Seu sorriso despreocupado só me deixa mais inquieta. A ponta do seu polegar desliza preguiçosamente ao longo do meu lábio inferior. "Fique longe de problemas, Twist."

E então ele começa a andar de costas, se afastando de mim. Para longe do perigo, espero. Sinto alívio e decepção na mesma medida, observando-o abrir a porta e se encostar no batente . *Meu Deus, por que ele tem que fazer isso?*

Estou corando como se ele tivesse acabado de fazer algo impensável, olhando para qualquer lugar, menos para o centímetro de pele exposta onde sua camisa saiu da calça. Ele está lutando contra um sorriso quando finalmente consigo fazer contato visual, como se meus pensamentos estivessem projetados na parede atrás de mim para que ele pudesse ver. “Quatro letras, a primeira letra *F —*”

Eu gaguejei, apertando as coxas sob a saia do meu vestido. "Eu... nós... *não* , eu não estava..."

"Que mente suja, Winters. Eu ia sugerir que você fosse comer alguma coisa."

E então ele se foi, levando consigo toda essa tensão sexual absurda. Vejo meu reflexo no espelho. Se *"excitada e ansiosa"* fosse uma expressão facial, eu a teria definido perfeitamente.

Se recomponha, Winters. Pelo amor de Deus.

Com o telefone pressionado contra a orelha e a testa contra a janela, observo a silhueta enorme de Alex subir o caminho, afastando-se da mansão.

A voz do outro lado da linha é alegre *demais* . "Pizza do Joe."

“Eu… o quê?”

“É o Mack. Você pode ser a primeira pessoa a cair nessa. Você está com sorte; eu estou com o Brendan. O que podemos fazer por você?”

“Você pode pedir para alguém verificar, verificar novamente e verificar mais uma vez o voo de volta para casa do Alex?”

Ouço dedos digitando em um teclado. "Eles fazem isso de qualquer maneira."

“Quadruplo, então.”

"Já estou trabalhando nisso." Ouço vozes abafadas. "Nossa!"

"O que?"

“A foto do avião.”

“Como você…”

Mesmo que Brendan *não fosse* capaz de invadir praticamente qualquer sistema em qualquer lugar do mundo, acho que eu teria adivinhado que Gandalf1 era sua senha nas minhas três primeiras tentativas. Você contou isso para o Alex?

"Não."

“Sabe, se vocês fossem fazer terapia de casal, a primeira regra é sempre a comunicação—”

“Alex não pode correr perigo, Mack. Não posso deixar que nada lhe aconteça.”

“Então estamos de acordo.”

“Não entendo por que você não consegue rastrear—”

“As mensagens para uma pessoa específica, sim, nós sabemos”, diz Brendan. “Você já disse isso doze vezes. Ophelia, se você fosse enviar mensagens anônimas para alguém, você faria isso do seu celular?”

“Não”, resmungo.

“Não. Exatamente. Você compraria um celular descartável. A questão não é

que não conseguimos hackear o celular. É que é um celular descartável barato, sem nada nele. Sem endereço de e-mail, sem dados bancários, sem endereços, nada. Tudo o que posso dizer é que as mensagens estão vindo de Sorrowsong e que nós—”

"Acha que seria indigno de Caim me perseguir? Sim, eu sei. Você já disse *isso* doze vezes."

Brendan me interrompe com uma risada que soa vitoriosa. "É da internet, a foto do aeroporto. Foi tirada de um site de observação de aviões."

Uma onda de alívio me invade, mas deixa para trás uma grande sensação de inquietação. *O que eles estão tramando?* "Só porque usaram uma foto antiga, não significa que ele não esteja em perigo."

Mack parece querer bloquear meu número. "Estamos sendo pagos para manter Alex e sua família em segurança, e é exatamente isso que estamos fazendo. Assim que você tiver qualquer prova de que não estamos fazendo isso bem o suficiente, aceitaremos de bom grado essa sua atitude deplorável—"

Alex desaparece da minha vista, perdido na escuridão sinistra além dos jardins da mansão. "Eu gostava mais da pizza do Joe."

Ouço a risada de Brendan. "Você já esteve em Nova York?"

“Eu nunca estive em um avião.”

“Pizza ótima.”

"Vou ter que acreditar na sua palavra. Boa noite."

Eles desligaram, mas eu não me mexi, fiquei parada prendendo a respiração e com o celular na mão até que finalmente ele vibrou com uma mensagem.

Alex
Cheguei ao meu carro ileso.

Alex
Você estava linda esta noite.

Capítulo 8

ALEX

[RASCUNHO]

De: Alex Corbeau-Green
Assunto: Respirar (verbo) *Mais difícil do que eles querem que você acredite*
Para: Ophelia Winters

Duas vezes na minha vida adulta, esqueci como se respira fundo. Ambas as vezes envolviam você usando um vestido sem costas.

O chuveiro está desligado há tanto tempo que a água na porta *de* vidro já secou. O *gotejar* rítmico do meu cabelo molhado *parou* há pelo menos vinte minutos.

Meus dedos se flexionam e esticam nas laterais da pia, uma expiração trêmula embaçando o espelho.

Hoje está tudo cinza. Pior que o normal.

Já se passaram nove dias desde que voltei, dez dias desde que Ophelia reorganizou meu universo com um único beijo e depois me disse para ir embora.

Não consigo entender nada. Não consigo compreender por que minhas seis filhas engraçadas e inteligentes e nossa querida mãe lá embaixo não são suficientes para me fazer feliz.

Por trás do meu reflexo, praticamente vejo a palavra *"ingrato"* piscando acima da minha cabeça.

Acordei, fiz exercício, tomei café da manhã com minhas irmãs. Fiz tudo o que deveria, e ainda me sinto uma merda.

Mas se eu morrer hoje, não vou poder experimentar a receita idiota de focaccia que a Mia e a Éléanor fazem há uma semana e que levam dois dias para ficar pronta.

Meu telefone vibra enquanto coloco meus anéis nos dedos e tento domar meu cabelo rebelde — mas finalmente aparado. *Mike Wilson.*

Meu segundo em comando provavelmente está se perguntando o que diabos eu estou fazendo.

Apertei o botão de recusa e vesti uma camisa e calças.

“ *Alexandra* ”, diz Mia, falando como uma das personagens da realeza naqueles romances de época que ela assiste. Finjo que não assisto nem me importo, embora eu vá jogar a TV no lixo se a empregada não ficar com o duque.

"Entre."

Mia entreabre a porta, espiando para dentro. "Oi."

"Ei."

Você pretende ir trabalhar em algum momento?

"Cale-se."

“Ótima recuperação. O que mais você tem a dizer?”

"Cale-se."

“Este material é ótimo. Vocês fotografam casamentos?”

Visto um casaco. "Funerais e divórcios?"

“Ótimo. Vou reservar um de cada.”

Eu sorrio e bagunço seus cabelos escuros. "Você deveria estar estudando."

“Sim, estou. Mas pensei em vir ver como você está. Estou preocupado com os milhões da família, sabe?”

Meu telefone acende com uma chamada recebida. "Parece que o Mike também está lá."

Ela está logo atrás de mim enquanto desço as escadas. Será que eu tinha tanta alegria de viver aos quinze anos? Duvido.

“Estou surpresa que você o tenha mantido.”

"Microfone?"

“Sim. Quer dizer, ele estava sempre puxando o saco do meu pai, então—”

“Obrigada pela imagem, Mia. O Mike é bom, ele entende do assunto.”

Ela engasga atrás de mim, seguindo-me até a porta. "O que aconteceu na sua viagem a Londres?"

"Nada."

“Bem… alguma coisa aconteceu. Você está estranho desde que voltou.”

"Não."

“Você foi para a Escócia?”

Eu me encolho. "Mia."

“Bem, Beatrice Jones disse que você apareceu no Baile da Canção da Tristeza e depois eu vi alguém postar uma foto sua e—”

Odeio que todos pareçam se importar com o que eu faço. Odeio que minha presença no baile só tenha provocado mais grosserias contra Ofélia. Não ajuda em nada quando estou tentando convencê-la de que as coisas são melhores quando estamos juntos. "Ao interagir com esse conteúdo, você só está perpetuando o ciclo em que estamos."

O tom dela está mais sério agora, e de repente ela se parece muito mais com a irmã gêmea. Evie sempre foi a mais pragmática das duas. Mia... bem, Mia uma vez jogou um ovo cozido no pai, então... não é tão pragmática assim. "Bem, talvez se você conversasse mais com a gente, não seríamos obrigados a procurar detalhes da sua vida privada em sites aleatórios."

Viro-me para encará-la, mas ela já está subindo as escadas pisando forte.

Brendan me liga por vídeo assim que me sento à minha mesa, aceito um café fumegante e recebo um olhar preocupado de Jacqueline. "Alô?"

“Ei, um segundo, tenha paciência. Estou jogando *Minecraft* .” Seus olhos estão focados em outro lugar, a boca em uma linha determinada.

“Às onze da manhã?”

“Sim, às onze da manhã. A que horas você prefere que eu faça isso?”

“Não quando você me liga.”

"Você era bem menos babaca antes de ser CEO, Corbeau. Vocês são todos iguais. Se você não pagasse um salário absurdo, eu já teria ido embora há muito tempo."

Sinto um arrepio só de pensar nisso. Meu pai era como eu antes de se tornar o homem que é hoje?

“Diga-me o que você sabe.”

Ele bagunça o cabelo por baixo do moletom preto, parecendo um pouco desconfortável. "Rastreie o vazamento do artigo."

Puta merda. Estive tão concentrado no paradeiro do meu pai que quase me esqueci do artigo. "E daí?"

“É um amigo meu da faculdade.”

Confusão e frustração me invadem em igual medida. "Quem?"

“Ela trabalha na área de tecnologia, como eu. Ela sabe o que está fazendo. Escondeu seus rastros tão bem que levei meses para encontrá-la.”

Basicamente, ela é uma hacker.

“Quem lhe pagou?”

Ele levanta a mão, com os lábios cerrados. "Ela não vai dizer. Seria uma verdadeira quebra do código tácito da minha parte ficar perguntando. Você não

gostaria que eu revelasse a estranhos que trabalho para você. Todos nós respeitamos o trabalho uns dos outros."

Minha vida está sendo arruinada por algum código hacker. "Precisamos descobrir quem foi."

“Estou trabalhando nisso, mas, *cara* , é difícil entrar nos carros dela.”

Se eu fosse meu pai, eu a torturaria para arrancar a informação dela.

Mas eu não sou.

“Tenho uma pista. Ela não está nisso pelo dinheiro. Todos os trabalhos dela seguem um padrão.”

"Como?"

“Na faculdade, ela invadiu a conta bancária de alguém e transferiu o dinheiro para a esposa dele. Descobriu-se que ele a estava abusando muito. Ela trabalha principalmente com mulheres vulneráveis, mulheres que foram decepcionadas.”

Assim como Ofélia. "Será que isso foi um pedido? Será que ela descobriu por acaso o que aconteceu com os pais de Ofélia e fez isso para se vingar de uma mulher maltratada?"

“Foi um pedido. Ela já me disse isso.”

"Tem que ser alguém que não conhecemos. Essa é a única possibilidade que consigo imaginar."

Mack aparece na outra metade da tela, com um boné de beisebol abaixado sobre o rosto bronzeado. "O que eu perdi?"

"O Alex acha que eu sou um idiota por jogar *Minecraft* . E eu já contei para ele sobre o vazamento do artigo."

“Alguma ideia de quem poderia ser, Alex? Estamos inicialmente reduzindo as possibilidades para uma mulher, mas ainda pode ser qualquer pessoa.”

“Não faço ideia. Vou ter que ligar para a Ofélia. Pode ser alguém do passado dela.”

“Caso contrário, o possível avistamento do seu pai no Reino Unido seria falso. Tratava-se de outro indivíduo foragido. Tenho uma pista que o coloca em Nova Iorque.”

Minhas unhas cravam nas palmas das minhas mãos debaixo da mesa. Estou furiosa, mas não surpresa. Meu pai tem se esquivado da lei de tantas maneiras diferentes há tantos anos. Ele só está fazendo o que faz de melhor.

Uma pequena parte de mim reza para que meu pai esteja aqui, longe de Ofélia, mas outra parte de mim o quer bem longe da minha família.

Odeio o fato de conseguir entender a lógica dela, de conseguir entender por que ela sugeriu que não houvesse compromisso.

Ofélia não conheceu nada além de solidão e isolamento durante toda a sua vida adulta. O homem que ela merece estaria ao seu lado agora, abraçando-a e protegendo-a.

Esse não sou eu. Eu não posso ser esse homem.

Mas eu morreria tentando fazer disso a nossa realidade.

Desligo o telefone e deixo minha cabeça repousar entre as mãos. Estou cercada por pessoas incríveis, e ainda assim anseio desesperadamente por sentir algo que não seja cinza.

Laranja serviria.

Alex
Onde você está?

Ofélia
Acabei de voltar da piscina. Vou tomar banho, por quê?

Desde que voltei, temos trocado mensagens esporádicas, mas constantes. Ela não está me ignorando, mas está acontecendo exatamente como ela previu: um ciclo interminável de " *desculpa, te ligo depois* " e *"surgiu um imprevisto, vamos marcar para amanhã* " . Eu ligo para ela enquanto está em aula, ela me retorna a ligação enquanto estou colocando a Josie para dormir, eu ligo de volta e ela está nadando.

Uma espécie de tortura tentadora que eu preferiria ao silêncio dela, sem dúvida.

Liguei para o contato dela pelo FaceTime e, depois de alguns toques, o rosto preocupado dela preencheu a tela. Ela estava nua, exceto por uma toalha que cobria o peito. "O que houve?"

Meu cérebro entra em curto-circuito ao vê-la. "Nada."

"Diga-me."

"Você está lindo."

“E é isso que está errado?”

Eu rio. "Sim."

“Você sabe que ainda pode conversar comigo sobre qualquer coisa.”

“Vire a câmera.”

Ela franze os lábios, mas seus olhos brilham com algo que me faz sentir embriagado. "Alex, nós..."

"Sem compromisso, indo devagar, como você quiser", digo arrastando as palavras, como se fossem apenas detalhes chatos que não me interessam.

Ela faz o que peço e vira a câmera em direção ao espelho, expondo cada

centímetro vertiginoso de seu reflexo. Meus dedos adiam meu próximo encontro sem que meu cérebro precise sequer pedir. Cabelos cor de cobre caem sobre a pele pálida de seus seios, ondas desgrenhadas lambendo sua barriga como chamas. Pressiono os nós dos dedos da minha mão livre contra os lábios para tentar manter minha boca inquieta fechada antes que eu a assuste novamente. "Boa garota. Coloque o pé na pia."

Ela faz o que eu peço, e eu tenho certeza de que o mundo começa a girar para oeste. "Próximo?", ela sussurra, e meu coração dispara.

“Porra, Ophelia. Deixa eu ver você se tocar.” Os olhos dela se fecham lentamente, a boca se abre em espanto enquanto a mão sai do enquadramento. Meus dedos se enrolam na borda da mesa, como se eu fosse começar a levitar a qualquer momento. “Você me deixa louco.”

Ela inclina a cabeça para trás num movimento lento e lânguido, e eu acho que ela está tentando me levar ao clímax, porque sua língua sai para umedecer os lábios antes que ela diga: "Você também. *Por favor.* "

Em meio segundo, tranco a porta do meu escritório e desabotoo o cinto, e o som que ela faz quando gemo o nome dela parece muito mais significativo do que qualquer outra coisa que eu possa fazer neste escritório.

E é tão fácil fingir. Quando ela sussurra meu nome, soa exatamente igual a quando ela tinha certeza de que me queria.

Um pequeno fio laranja se enrola em um ponto em algum lugar dentro da minha caixa torácica.

Que é mais uma corda num mar de dez mil?

Eu reservo quinze minutos na minha agenda todas as tardes durante o resto da semana, só por precaução, caso Ofélia queira repetir o que aconteceu hoje mais cedo.

Então, meio a contragosto, mando uma mensagem para Mike e Luis dizendo que estou livre para o nosso encontro, e me viro para encarar a cidade. A chuva é uma garoa fina que deixa as calçadas escuras e as ruas brilhantes.

Onde você está, Caim?

Mike bate à porta e entra, equilibrando o laptop, o telefone, o caderno e uma xícara de café fumegante. "Como foi sua ligação com os franceses?"

“Na verdade, foi ótimo. Lembrei a eles que cinco aeroportos rescindiram seus contratos com a Vortex só este ano. Somos a escolha óbvia, mesmo com toda a polêmica envolvendo meu pai.”

“Precisamos fechar com Nice. Há *muitos* negócios vindos de Mônaco no

momento.”

“Sim”, concordo, *tentando* genuinamente me importar.

Eu não odeio administrar um negócio. Faria tudo de novo, mas talvez quando eu for mais velho e mais experiente. Gosto de negociar, gosto de analisar os números, mas jatos particulares e aeroportos não me interessam nem um pouco.

De uma forma distorcida, cada centavo de lucro que obtenho aqui me parece um favor ao meu pai. *Olha só para mim, Caim, fazendo exatamente o que você sempre disse que eu faria.*

Contratei a Synx, a empresa de cibersegurança, puramente para ter influência sobre o Rocco, uma forma de forçá-lo a concordar com meu plano de não permitir mais que ele use os helicópteros da Green como ferramenta. Chega de ataques, chega de grampear helicópteros com dispositivos de escuta e rastreamento. Mas agora estou considerando manter o contrato, mesmo depois de sair da Green.

Luis entra, acenando com a cabeça para nós dois. "Que droga de LAX."

“E quanto a eles?”

“Três jatos no hangar para manutenção. *Todos* atrasados. Falta de pessoal.”

"Falarei com eles logo depois disso", digo, batendo a caneta na minha coxa. Grande parte deste trabalho consiste em ficar com raiva ao telefone.

Talvez Ofélia devesse fazer isso.

Meu telefone vibra.

Vincenzo
Adivinha de quem eu acabei de quebrar o nariz

Alex
A sua própria?

Vincenzo
Desta vez não. Hugo, do time de futebol Sorrowsong.

Alex
Nossa! Esse nariz está na minha lista de narizes que eu sempre quero quebrar.

Vincenzo
Ele disse algo para Ofélia que a fez atirar um tiramisu na cabeça dele durante o jantar.

Meu estômago embrulha. Teria que ser algo terrível para ela desperdiçar um bom tiramisu.

Alex
Quando sarar, quebre de novo para mim.

Vincenzo
Se sarar, é porque não fiz um bom trabalho.

Volto a prestar atenção na conversa de Luis e Mike, mencionando alguns " *vamos conversar sobre isso depois"* , alguns " *vamos evitar reinventar a roda"* e, para completar, uma *ideia* inovadora . Eles concordam com a cabeça e passam a falar sobre alguns números de vendas que recebemos mais cedo. Enquanto os dois conversam, folheio meu calendário, observando as próximas duas semanas. *Dia de portas abertas da faculdade para Mia. Apresentação de dança da Evie. Conferência de Aviação de Boston. Consulta da mãe no hospital. Conferência de professores da Élé.*

Alex
Quer que eu arruine a vida do pai do Hugo?

Ofélia
Não, tudo bem. Obrigada pela oferta, mesmo assim.

Alex
Não poderei ir aí esta semana. Sinto muito.

Ofélia
Não precisa se desculpar, eu não esperava isso de você.

E esse é exatamente o problema.

Capítulo 9

OPHELIA

O Professor Maguire substituiu o Professor Bancroft, e embora ambos pareçam ser o tipo de pessoa que fica acordada até tarde, contando ansiosamente os dias para a coleta de lixo, as semelhanças terminam aí.

O novo professor de psicologia social da infância parece gostar do seu trabalho, agitando uma vareta em frente a um quadro-negro como um maestro de orquestra que tomou alguma coisa.

Com sorte, não vou matar este.

O auditório está comicamente escuro, os apliques de latão emitindo um brilho alaranjado suave que não alcança nenhum dos cantos da sala. O vento assobia pelas vigas acima de nós, e tenho certeza de que toda a última fila está dormindo.

Enquanto Maguire fala, continuo digitando minha redação para o curso, encerrando a última aula do dia. Apesar de todos os aspectos negativos de Sorrowsong, adoro a obra, e quando os professores não estão tentando me matar, eles são realmente os melhores em suas áreas.

Uma notificação aparece na minha tela de bloqueio.

Desconhecido
Que notebook bonito. Foi seu namorado rico que te deu?

O que?

Giro em torno do meu lugar, observando os rostos iluminados pelas telas. Vou de pessoa em pessoa, esperando que alguém cruze o meu olhar, cometa um deslize, se entregue. Viro-me para a frente, mas todos os laptops abertos que vejo estão com as anotações da aula abertas.

Meus olhos se voltam para a única outra maneira pela qual alguém poderia ter me visto: uma enorme janela arqueada de vitral na frente da sala. O mundo

além está escuro demais para distinguir qualquer coisa.

Foi seu namorado rico que te deu isso?

Eles parecem quase... ciumentos. Ciúmes do Alex? Ciúmes do nosso relacionamento?

Ou... com ciúmes por eu *ter escolhido* o Alex? Sinto um nó na garganta ao fechar o laptop, jogando minhas coisas na mochila às pressas e saindo da sala de aula em direção aos túneis.

A porta dos corredores de Cortinar está entreaberta quando chego lá, deslizando pela fresta para o interior aconchegante e sofisticado da sala comunal. Shawn Miller está exatamente onde eu esperava encontrá-lo, rindo com seus amigos do setor financeiro, cujas testas brilham tanto quanto seus mocassins.

"Quem é a sua vítima desta vez, Winters?", pergunta uma garota perto da porta.

"Vai se foder!", respondi aos berros, quase pronto para abandonar aquele castelo e nunca mais voltar.

O sorriso de Shawn desaparece quando ele me vê me aproximando, e a conversa animada ao redor do pequeno círculo de sofás Chesterfield diminui até se tornar um silêncio constrangedor.

Ele consegue recuperar sua expressão presunçosa, percorrendo com os olhos minhas botas enlameadas e a calça de moletom larga. "Nossa, Winters. Você está... você sabe que o Halloween só é em outubro, né?"

Dou-lhe um sorriso doce, esperando em silêncio que os seus amigos, aos risos, pegassem fogo. "Não estavas a dizer isso quando me imploravas por um segundo encontro, pois não?"

Seu sorriso irônico se transforma em um rosnado. "O que você quer?"

“Para conversar. A sós.”

Ele ri. "E acabar num saco de lixo no porta-malas do seu carro?"

"Com todas essas testemunhas, Shawn?", pergunto, como se ele tivesse três anos de idade. Minha paciência já se esgotou. "Você não é lá muito esperto, né?"

Ele debocha, murmurando algo para seus amigos que os faz gargalhar. "Podemos conversar aqui dentro."

"Em particular", digo entre dentes, e alguém assobia atrás de nós.

“Não vou te aceitar de volta”, diz ele, cruzando um tornozelo sobre o joelho e se inclinando ainda mais para trás no assento.

“Conselhos de investimento como preliminares não funcionam muito bem para mim, então o sentimento é recíproco.”

“Se você quer seguir o mercado e perder os melhores pontos de entrada,

fique à vontade”, diz ele, com um sorriso de canto de boca como se tivesse acabado de dar uma alfinetada certeira.

Ele é ainda mais incompetente do que eu pensava.

Você está me seguindo?

“Você é um psicopata. Alguém já te disse isso?”

“Você está me mandando mensagens?”

“Quanto tempo livre você acha que eu tenho?”

“Seu pai é amigo de Caim, certo?”

Seus olhos se estreitam sobre mim. "Do que você está me acusando?"

“Você está me enviando mensagens anônimas?”

"Você está além da esperança, Winters", ele murmura, virando o uísque do copo.

“E você está irritado porque eu escolhi o Alex.”

"Delirante", ele resmunga, mas estou distraído pelo som inconfundível de um helicóptero sobrevoando.

Deus, não. Por que agora?

Qualquer resposta que eu quisesse dar ficava presa na minha garganta, bloqueando minhas vias respiratórias.

Ouço vagamente declarações do tipo "Meu Deus, ela vai mesmo fazer isso. Ela vai surtar" e "Shawn, você está morto, cara".

Aquele som horrível e estridente me faz vibrar os ossos.

Volto cambaleando pelo círculo de estudantes que nos observam, tentando puxar o ar para os pulmões. Meu coração está batendo tão rápido que parece que vai parar, que não vai aguentar esse ritmo por mais um minuto.

Alguém está filmando. Alguém me pergunta se estou bem.

Saio cambaleando pela porta e desabo contra a parede do lado de fora. Eles têm razão sobre mim. Estou perdendo o controle. Este lugar é a minha ruína. Estas pessoas são a minha ruína.

Eu só quero meu pai.

Quase não saí do meu quarto nos últimos dois dias. Quase não me mexi. Também não comi nada, exceto os quatro biscoitos amanhecidos que encontrei na minha sacola.

Em vez disso, descobri *a rolagem* .

Acontece que posso descer do meu pedestal, porque, afinal, não sou imune ao vício em conteúdo de formato curto.

Não sei por quanto tempo assisto pessoas fazendo slime, caindo, cozinhando

em churrasqueiras enormes e estranhas, preparando versões deprimentes e com poucas calorias das minhas comidas favoritas. *Com vontade de um rolinho de canela? Adicione uma colher de chá de canela ao queijo cottage, o gosto fica exatamente o mesmo ,* diz a loira alegre na minha tela.

Jesus Cristo, a vida é desoladora.

Eu estava no meio de observar um homem aparando o casco de um cavalo quando Colette ligou, interrompendo minha diversão.

Recusei a busca e optei por pesquisar o nome de Alex em várias plataformas de mídia social para ver se ele havia saído de casa de bermuda recentemente. Humilde o suficiente para vasculhar a internet, orgulhoso demais para dizer: " *Ei, Alex, preciso de uma foto das suas tatuagens na coxa para fins científicos"* .

Mas quando pesquiso, sou eu que aparece. Minha foto menos favorita, saindo da piscina naquela competição de natação idiota em Manchester.

Pelo menos os vídeos do meu colapso espetacular nos corredores de Cortinar desapareceram.

Dou um zoom na foto novamente, focando na parte de trás das minhas coxas. Estou convencida de que não sou assim de verdade. *Com certeza* não sou assim.

A legenda da publicação diz tudo melhor do que eu conseguiria.

Alex Corbeau-Green e isso???? Faz sentido.

Eu os odeio. Odeio todo mundo. Minhas lágrimas são de raiva, escorrendo pelas minhas bochechas que, tenho certeza, já devem ter sulcos profundos.

Encaminho para Colette.

Ofélia
Por favor, me ajude a não ficar com essa aparência.

Colette
Atenda o telefone, seu idiota!

Ofélia
Deixe-me desfrutar da minha paz.

Alguns minutos depois, ouço um ruído vindo da porta.

Permaneço em silêncio, recusando-me a escapar do calor do meu edredom.

Só que não para por aí. E ouço a maçaneta sendo empurrada para baixo. Mais barulho. Maçaneta de novo. Alguns palavrões de frustração. Maçaneta *de novo* .

Mas não tenho a mínima vontade de me mexer. *Descanse em paz, Ofélia — morta pelo pior ladrão do mundo.*

Finalmente, a porta destranca e eu pego minha caneca, pronto para atirá-la na cabeça de quem quer que entre pela porta.

A porta se abre de repente, e eu retiro minha mão.

Colette grita, e eu deixo a caneca cair na mesinha de canto bem a tempo. "Ops. Desculpe."

Sem concussão, ela cruza os braços e me observa. A embalagem de biscoito, a pilha de xícaras de chá. Os lenços de papel na mesinha de cabeceira, o papelão amassado de quando meus lenços acabaram e eu usei a caixa mesmo. "Meu Deus, Ofélia."

“Deixe-me em paz.”

“Não. De jeito nenhum. Levante-se.”

"Me deixem em paz!", grito, e o falso humor que tento inserir na minha voz não consegue nem começar a disfarçar a tristeza.

Colette começa a desfilar pelo local com seu longo sobretudo branco e seu chapéu branco felpudo, enfiando meus pertences em uma bolsa.

"O que você está fazendo?"

“Vamos passar um fim de semana só de garotas! Em Londres! Vai ser muito divertido. Vamos comprar roupas para você, comer comida gostosa e dar uma escapadinha de Sorrowsong por um tempo.”

"Não."

“Por favor? Eu também adoraria. E isso me dá uma desculpa para não passar o fim de semana visitando meu padrasto. Ele... ele realmente reencontrou o ânimo *para me escolher como marido* .”

“Serei seu marido.”

“Sou muito cara”, diz ela, colocando sua bolsa de vinte mil euros sobre minha mesa como se quisesse provar seu ponto.

“Então, podem me excluir da disputa.”

Ela senta-se na cama, abre meu celular, apaga rapidamente a captura de tela da postagem desagradável sobre mim e fecha todos os meus aplicativos.

“Onde ficaremos hospedados?”

“Escolhi o *melhor* hotel, não se preocupe. Eu não nos hospedaria em um lugar ruim. O spa é um dos melhores.”

“Não é isso que *realmente* me preocupa.”

“Eu pago.”

“ *Colette* .”

“Vamos dividir um quarto, então é como uma festa do pijama! E também vamos ficar num hotelzinho charmoso em Sheffield.”

Ela estende a mão, com a pele macia e hidratada e unhas rosa-bebê. Relutantemente, deslizo a minha para dentro da dela e deixo que ela me tire do

meu poço de desespero.

Capítulo 10

OPHELIA

Duvido que algum homem já tenha sentido o alívio que Eike sente ao chegarmos em frente a um hotel chique nas ruas movimentadas do centro de Londres.

Ele desliga o motor e, com isso, seu pesadelo de vinte e quatro horas com duas jovens de vinte e poucos anos berrando a trilha sonora de *Mamma Mia* chega ao fim.

Pela milésima vez, me pergunto por que ele continua nesse emprego. Ele não deve ter mais de trinta e cinco anos, é inteligente, bonito, provavelmente conseguiria emprego em qualquer lugar que quisesse. E, no entanto, está passando o início dos seus trinta anos em um castelo frio e úmido, sem vida social, sem família por perto, protegendo a filha distante de algum bilionário luxemburguês.

Mas aqui estou eu, permanecendo neste mesmo castelo sem nenhum motivo aparente, então quem sou eu para julgar?

O hotel parece *bonito* . Daqueles com homens bem vestidos de fone de ouvido nos degraus e portas duplas que parecem saídas de um conto de fadas. Eike dá a volta no carro para abrir a porta de Colette, e um funcionário do hotel, segurando um guarda-chuva, abre a minha, protegendo-me da garoa londrina. Vou pegar minha mochila no porta-malas, mas Eike já a pegou, junto com a mala de Colette — grande o suficiente para caber um pequeno elefante dentro.

Eike nos conduz ao saguão, com seus pisos de mármore polido e móveis de veludo macio. Ouço vagamente ele nos dizer para ficarmos onde estamos enquanto ele faz nosso check-in, mas estou distraída com o luxo do ambiente. Se há uma coisa que minha vida solitária me ensinou, é a ser curiosa, e o saguão de um hotel é um deleite para os sentidos. Um casal discute no balcão de check-in. Um influenciador digital está montando um tripé em frente à fonte do saguão. Um homem com três seguranças sai do elevador.

Quem são todos eles e como têm dinheiro suficiente para gastar vários

milhares numa estadia de vários dias num hotel?

Colette vem de uma família rica *tradicional* , Alex me informa. Como se isso importasse. Em Sorrowsong, todos estão preocupados com a antiguidade da fortuna de alguém. O que não lhes interessa é como essa fortuna foi conquistada. Parece que a regra é: *não importa se você fez algo hediondo para ganhar sua mansão, contanto que tenha sido antes da invenção da televisão a cores* .

Eike surge diante de nós, sua voz rouca abafando a discussão do casal que eu me esforçava tanto para ouvir. "O quarto está pronto."

A ida até o quarto do hotel é uma aventura por si só, passando por não um, nem dois, mas *três* restaurantes, e pela entrada de uma enorme academia, decorada em tons berrantes de dourado. Colette parece despreocupada, digitando no celular enquanto o som dos seus saltos para diante de quatro elevadores. Sigo o exemplo dela, fechando a boca com um estalo e fazendo a minha melhor cara de indiferença.

Não estou na faixa de renda adequada para entender por que precisamos de um homem impecavelmente vestido para apertar os botões do elevador para nós, mas é um toque agradável.

Nossas malas já estavam no quarto quando Colette passou o cartão-chave, empurrou a porta, tirou os saltos e se jogou na cama enorme. "Ooh, champanhe na mini geladeira!", exclamou, se esparramando sobre o edredom branco e impecável. "Vamos jantar fora? Ou pedir serviço de quarto? Faz *tanto* tempo que não tenho um fim de semana só de meninas."

Estou ocupada explorando a suíte ridícula, cheirando todos os produtos de higiene pessoal gratuitos. Há dois chuveiros com efeito de chuva, e minha mente traiçoeira divaga sobre como seria dividir um quarto como este com Alex.

Reprimo meus pensamentos dispersos e volto para o quarto, onde Colette está servindo duas taças de champanhe. "Eike também está hospedado aqui?"

“Sim, ele tem um quarto em algum lugar.”

“Há quanto tempo ele trabalha para o seu padrasto?”

Ela toma um longo gole e solta o ar como se estivesse no paraíso. "Hum... um ano e meio. Ele costumava fazer coisas mais... arriscadas. Acho que ele queria algo mais tranquilo."

Não insisto no assunto. Não acho que Eike seja o tipo de pessoa que compartilha muito do seu passado com alguém, nem mesmo com Colette. Pego a outra taça de champanhe da mesinha de cabeceira e me junto a ela na cama, dando um gole.

É bom. Não tão bom quanto suco de laranja ou chocolate quente, mas é bom.

"Podemos fazer uma pedicure?", ela diz, enumerando uma lista interminável de detalhes do site do hotel enquanto eu ligo a TV em algum reality show de qualidade duvidosa que o Vincenzo provavelmente adora.

"O que está acontecendo entre você e o Vincenzo?", pergunto de repente.

“Somos apenas amigas”, diz ela, com naturalidade.

"Certo", digo, meio hesitante. Ela e Vincenzo parecem ter algum tipo de acordo: ele vem aqui e transa com ela de todas as maneiras possíveis quase todas as noites, e depois os dois fingem que nada aconteceu no dia seguinte. Eu sei com certeza que é ela quem está escondendo isso, porque Vincenzo é obcecado por ela.

A expressão dela se torna escandalosa. "Como se *você* pudesse falar. E você e o Alex?"

“Hum… amigos também.”

Amigos que fazem coisas indizíveis no FaceTime.

Ela acena lentamente com a cabeça, num tom sarcástico. "Sim, claro."

“Se você e o Vin são apenas amigos, eu e o Alex também somos.”

Ela balança a cabeça para mim enquanto termina sua primeira taça de champanhe, pegando a garrafa para encher as nossas duas. "Não. Vincenzo e eu não estamos apaixonados. Você e Alex são *almas gêmeas* . Não dá para ser amigos com benefícios e almas gêmeas ao mesmo tempo. Não funciona."

Observo as bolhas se agarrarem à borda do meu copo, com o coração afundando. Ela não está errada. Alex e eu sabemos que isso só termina em desastre, mas nenhum de nós tem força de vontade para ficar longe. "Não podemos ficar juntos; não podemos ficar separados. Não sei o que estamos fazendo. Talvez daqui a alguns anos a gente consiga."

“Vocês poderiam ficar juntos.”

"Como?"

Observo as engrenagens do seu cérebro girarem, repassando cada cenário. Eu arrumo minhas coisas, abandono meu curso e minhas novas amizades, pego um avião e me mudo para Nova York? *Não.* Ele muda toda a família para a Escócia? *Não.* Ele se muda para o Reino Unido, deixando a família para trás? *Não.* Mantemos um relacionamento à distância, nos vendo apenas ocasionalmente? *Não.*

O peito dela murcha. "Olha... se não há como vocês ficarem juntos, seja lá o que vocês estejam fazendo agora, só vai tornar a vida mais difícil para os dois."

"Eu sei. Tentei dizer isso a ele", resmungo, justamente quando uma mensagem de Alex chega no meu celular.

Alex
E aí, Twist. Como você está se sentindo? Vamos fazer uma chamada de vídeo?

Com a sabedoria de Colette ainda fresca no ar entre nós, digito uma resposta.

Ofélia
Desculpe, não posso.

Sua resposta é imediata, como sempre.

Alex
Você está bem? Dormiu melhor ontem à noite?

Coloco meu celular no silencioso, tentando tirá-lo da minha cabeça. Dormi melhor ontem à noite, como todas as noites desde que ele começou a me ligar antes de eu ir para a cama, lendo em voz alta até eu adormecer em algum sonho lascivo. Mas Colette tem razão. O coração de Alex já está partido o suficiente, *o meu* também, e eu estou brincando com os dois.

"Sem compromisso" é a mentira mais estúpida que eu já contei.

Jogo meu celular do outro lado da sala, terminando meu segundo copo, enquanto Colette marca uma pedicure para nós duas e pede duas mimosas.

São duas da manhã e estou *mais* bêbado do que nunca. Posso até vomitar neste quarto super luxuoso.

Mas minhas unhas dos pés estão bonitinhas, e meus pés estão *tão* macios.

Colette dá um tapa no meu celular, derrubando-o da minha mão antes que eu consiga enviar uma foto dos meus pés para Alex. "Menina, o que você está fazendo?", ela pergunta arrastando as palavras, o final de cada uma se misturando com o início da próxima.

"Tentando arrancar elogios", digo, tentando recuperar o que senti. Quando me inclino, o mundo inteiro gira em torno do próprio eixo. "Foi um terremoto?", grito.

"Um terremoto de bêbada", diz ela, vestindo seu short de pijama. "Você não precisa de elogios; você é tão bonita."

“Não segundo todos no Sorrowsong”, digo, fazendo beicinho. O entregador do serviço de quarto chega com duas pizzas, e eu não consigo decidir se devoro ou se tenho ânsia de vômito.

Ela abre a caixa na cama, dobra uma fatia ao meio e a come de uma só vez. "Você é *tão* bonita. Eles são simplesmente maldosos."

Ai, não. Acho que estou chorando. Chega outra mensagem do Alex.

Alex
Eu te vi ontem à noite, em meu sonho.

Ofélia
O que eu estava fazendo?

Alex
É melhor eu não dizer nada.

Mordo meu lábio inferior. Tesão e tristeza se tornaram a base do meu humor ultimamente. E do Alex também, imagino. Me jogo de volta na cama e desligo o celular antes que eu possa dizer algo igualmente romântico em resposta.

Alex
Não fique em silêncio agora. Se eu fiz alguma coisa, vamos conversar sobre isso.

O soluço que deixo escapar é aguado e constrangedor. Nunca dei muita importância à minha aparência, nunca me importei com meus olhos, meu nariz, meus quadris, minha barriga. Até as últimas semanas, quando me olho no espelho e me critico de uma forma que jamais faria com mais ninguém. "Dizem que sou sem graça e entediante... Não acredito em como estou nessa foto."

“As pessoas dizem que você é sem graça porque não sabem nada sobre você.” Ela está mexendo no celular, com a borda da pizza pendurada nos lábios rosados, quando seu rosto se ilumina. “Meu *Deus* .”

"O que?"

“Você devia fazer isso! É daqui a dois dias. Seria perfeito para a sua autoconfiança!” Ela bate palmas, parecendo dez vezes mais animada do que um minuto atrás. Ela pula da cama como o avô do Charlie Bucket, me passando o telefone. Estou tão bêbada que o story do Instagram parece um emaranhado de espaguete.

Eu pisco duas vezes, deixando as letras voltarem lentamente a se alinhar.

Precisa-se de modelo vivo de última hora devido a cancelamento. Oportunidade remunerada.

“De jeito *nenhum* .”

“Minha amiga Jas fez isso e disse que *transformou* completamente a autoconfiança dela.”

“Não estou nua na frente de um monte de gente. Não faço ideia se meus mamilos são normais. E se eu tiver mamilos estranhos, e *for* assim que vou

descobrir?”

Ela cruza os braços, os olhos fixos na minha regata. "Mostre-me."

"Não!"

“Você seria ótima. Você tem o corpo da Afrodite.” Os olhos dela estão tão arregalados que parecem que vão saltar das órbitas, e ela balança a cabeça como uma miniatura de painel de carro. “Eu vou com você!”

Seis drinques me fizeram pensar que talvez não seja uma ideia tão ruim assim. Talvez *me* empodere. Talvez meus mamilos *sejam* normais. Talvez sejam até bonitos.

Digo a mim mesma que essa é a coisa que toda mulher deveria fazer pelo menos uma vez na vida. Ser uma musa. E daí se seus mamilos não são normais? Mamilos normais provavelmente são chatos de desenhar. *Deixe que os londrinos desenhem seus mamilos estranhos!*

“Isso *realmente* aliviou… não… ajudou *mesmo* … seu amigo?”

"Sim!", ela diz, entusiasmada.

Eu solto uma risadinha incrédula. "Tá bom, *então* ."

Ela vibra, dançando pela sala como se tivesse ganhado na loteria. "Eu vou com você! Vou torcer por você lá de trás. Quem sabe eu encontre um artista muito gato!"

“E vocês podem morar no Vale do Loire e administrar um retiro para pintores!”

“E ter bebês lindos”, acrescenta ela, tropeçando na cadeira.

Dou uma mordida enorme na pizza. É *incrível* .

Essa é uma ideia horrível.

Capítulo 11

ALEX

Eu nunca fui uma pessoa violenta, apesar dos esforços do meu pai.

Ele tentou me deixar tão revoltado com o mundo quanto ele, tentou fazer com que eu transformasse meu próprio ódio por mim mesmo em pequenas balas para atirar nos outros, mas esse não é bem o meu estilo.

E, no entanto, aqui estou eu, a aproximadamente dois segundos de dar um soco na tela do meu laptop.

Não consigo entender como, nos dias de hoje, nesta era da tecnologia, das câmeras de segurança, dos bancos eletrônicos e dos controles de fronteira, meu pai pôde ficar completamente incontactável por dois meses.

Estávamos chegando perto, pensávamos, tínhamos dois possíveis avistamentos e uma gravação borrada de circuito interno de TV de alguém fazendo check-in em uma pousada barata em Boston, *não em* Nova York, com documentos falsos. Mas não. Nada disso foi suficiente para determinar se era ele ou não, e os investigadores encontraram o quarto da pousada vazio, com as taxas pagas em dinheiro vivo.

E agora já se passaram seis dias sem nenhuma notícia, ampliando nossa busca mais uma vez para o mundo inteiro.

Não deveria me surpreender. Meu pai pode ser uma pessoa detestável, mas é inteligente, engenhoso e rico — contas bancárias congeladas ou não. Bastaria que ele penhorasse alguns de seus Breitlings mais raros e conseguiria se livrar de qualquer enrascada.

" *Que* besteira!", digo, recostando-me na cadeira do escritório. "Que monte de besteira."

Mack coça a barba por fazer, segurando o celular com as mãos trêmulas dentro de um carro em algum lugar de Massachusetts. A agente do FBI responsável pelo caso esfrega a testa. "Vamos pegá-lo."

Ela tem dito isso em todas as ligações telefônicas desde o início de janeiro,

assim como Mack. A cada vez que dizem isso, a crença nessas palavras parece diminuir um pouco.

“E quanto à vantagem que você tinha com Gerry Suarez?” Um dos amigos escrotos do meu pai transferiu um jato particular de Nova York para Boston dois dias atrás, aparentemente sem motivo algum.

“O jato não se moveu. Eles podem saber que estamos seguindo o rastro. Eu diria que estão prendendo a respiração em algum lugar neste momento, mas terão que emergir.”

Observo o relógio marcar 14h no canto da tela. Vou me atrasar para uma visita à minha mãe no hospital. Ela foi internada há alguns dias, depois de um episódio terrível. Estamos conseguindo controlar melhor a psicose e os delírios, mas a falta de apetite, os analgésicos, os comprimidos, os efeitos colaterais estão fazendo com que ela se torne uma mulher irreconhecível.

Anos sendo criticada, cutucada, pressionada a ser mais magra. Passarelas, vício em drogas e um filho que apareceu em sua vida antes do que ela jamais planejou. Um marido que a decepcionou a cada passo, seis filhas em sua esperança desesperada por um segundo filho, um filho *melhor* .

Talvez se eu não fosse tão—

“Alex? Você está conosco?”

Passo a mão pela boca, tentando controlar a respiração. "Preciso ir. Da próxima vez que conversarmos, é melhor você ter algo mais útil para me dizer."

Interrompi seus *"sim, senhor* " fechando a tampa do meu laptop com força, meu humor afundando mais do que jamais imaginei ser possível.

Por que estou no escritório em um sábado?

A depressão pode ser uma doença mental, mas em dias como hoje, a sensação é física. É como se tivesse amarrado pesos enormes aos meus membros, embotado as terminações nervosas do meu cérebro e encolhido minha caixa torácica, tornando o espaço para meus pulmões um *pouco* apertado demais.

Mas tenho consulta com minha mãe hoje e jantar de espaguete com as amigas amanhã, então sei que preciso sobreviver aos próximos dois dias pelo menos. Depois, reavalio a situação.

Nunca fui uma pessoa particularmente ansiosa, mas estou um caco de nervos enquanto caminho pelas ruas do sul de Manhattan, com as calçadas brilhando de chuva. Nunca fui religiosa também, mas mesmo assim me pego implorando a alguém, qualquer um que esteja ouvindo, para que os dias da minha mãe fiquem mais fáceis.

Estou atrasada, mas também estou quase dormindo em pé, então dou uma passada rápida no café ao lado do hospital, esperando que meus óculos de sol sejam suficientes para que ninguém aponte um celular para o meu rosto e tire fotos minhas online quando eu for buscar meu pedido.

Abro meus e-mails e espero, encarando a longa sequência de rascunhos não enviados para Ophelia.

Estou muito *mal* .

Uma perturbação distrai minha atenção: uma figura encapuzada força a saída pela porta.

Ele é alto. Da minha altura. Magro e atlético, e quando ele vira a cabeça para o lado por um segundo, eu vislumbro alguns fios de cabelo loiro grisalho e , *meu Deus, é ele* .

Abandonando completamente a discrição, empurro a fila de pessoas que esperam para fazer o pedido, saio correndo pelas portas e piso na rua. É sábado à tarde em Manhattan; as ruas estão movimentadas, rostos escondidos por guarda-chuvas. Olho para a esquerda, para a direita, para a esquerda novamente, examinando o que parece um mar infinito de gente.

Avisto a figura atravessando apressadamente a faixa de pedestres e corro, abrindo caminho entre grupos de turistas e compradores, e tudo vem à tona: a raiva, o desgosto, o ódio amargo. Aperto seu ombro com a mão, forçando-o a me encarar, forçando-o a olhar nos meus olhos quando eu—

Porra.

Não é meu pai.

Ele tem olhos azuis e sotaque do leste europeu. Seu cabelo não está ficando grisalho, na verdade. "Que porra é essa, cara?"

De volta à estaca zero. Abro a boca para responder enquanto buzinas soam no trânsito parado, mas não tenho nada a dizer. Ele se afasta bruscamente de mim, desaparecendo na rua movimentada e me deixando com meu coração acelerado no meio da via.

Ainda estou abalado quando chego ao hospital, mas reprimo meu pânico por causa da minha mãe. Ela está sentada na cama e parece mais animada do que há alguns dias, e o alívio deve estar estampado no meu rosto, porque ela revira os olhos para mim. "Você me viu *ontem à noite* , Alex."

“Eu sei, é bom te ver.”

Sento-me ao lado da cama, deixando sua mão repousar na minha enquanto os dois médicos conversam comigo sobre como ela está e sobre os novos

antipsicóticos que estão testando. E embora minha mãe e eu tenhamos prometido a nós mesmas que pararíamos de criar expectativas há muito tempo, tudo parece positivo.

Uma pequena e perigosa semente de esperança planta-se em um dos buracos do meu coração.

Observo minha mãe fazer alguns exercícios simples, como separar blocos por cores e realizar alguns testes de memória. Ela engole os comprimidos e se recosta nos travesseiros, apertando minha mão. "Como está Ofélia?"

Os médicos nos deixaram à vontade, felizes por minha mãe poder continuar sua recuperação em casa depois do jantar. "Ela está... bem, eu acho. Não sei. Ela ficou em silêncio comigo. Acho que não passei exatamente a impressão de ser um namorado confiável nesses últimos meses."

Estou tentando convencer Ophelia a não desistir do amor, a nos dar uma chance. Faço videochamadas com ela à noite, interpreto demais cada palavra que ela diz, e me animo a cada risada.

Meu coração constrói castelos com as pequenas migalhas que ela me deixa, tece futuros inteiros a partir dos menores sorrisos. Eu moldo e adapto as coisas que ela diz para que se tornem o que eu quero ouvir, porque um futuro sem ela parece insustentável.

Mamãe pega, com a voz trêmula, uma das framboesas que eu trouxe para ela. "Ai, não. O silêncio significa que ela está pensando demais."

“Ofélia está sempre pensando demais.”

“Melhor do que pensar pouco. Seu pai é um que pensa pouco.”

Eu sorrio para ela. "Aquele homem não tem um pensamento coerente há anos."

Então, nós dois estávamos rindo de uma situação da qual realmente não deveríamos estar rindo, trocando insultos cada vez mais criativos contra meu pai.

Meu celular acende com uma chamada FaceTime do Vincenzo.

"Atenda. Não me importo."

Seu rosto preenche a tela, com um sorriso cínico estampado no rosto. Ele está aprontando alguma coisa. Está vestindo a camisa de rúgbi do Sorrowsong, com um céu negro e pesado pairando sobre sua cabeça.

Sinto falta do rugby. Só comecei a jogar porque o Vincenzo me pediu, mas agora estou com vontade de voltar. Ele olha mais de perto. "Onde você está?"

Eu movo a câmera pela sala, e minha mãe dá um pequeno aceno para Vincenzo.

“Uau”, ele diz, quando viro a câmera para que ele possa nos ver. “Essa é…

certamente não pode ser… essa é a mulher mais linda do mundo?”

"Essa é a minha mãe, seu idiota", eu digo, mas *a mamãe* está rindo. As bochechas dela estão rosadas, como se o Vincenzo tivesse acabado de alegrar o mês dela.

Seu peito treme de tanto rir, ele se diverte me provocando. "Como vai, Elise?"

“Aparentemente, estou bem. Você parece suspeito.”

"É porque tenho algumas informações que o Alex *realmente* vai querer."

Inclino o telefone para trás, em minha direção, com a mente a mil. "O quê?"

“O que eu ganho com isso?”

“Sobre o que é?”

“Uma certa garota ruiva.”

"Diga-me."

"Tudo bem, mas você precisa falar bem de mim para a Colette, tá bom? Ela ainda não está convencida sobre nós."

Péssima ideia, mas concordo com a cabeça. Provavelmente daria a ele meu testículo esquerdo por uma dica sobre Ofélia, se ele quisesse. "Fechado."

"Ela está em Londres num fim de semana entre amigas com a Colette, e vai fazer aquele ensaio de modelo nua numa aula de arte amanhã à noite", diz ele, praticamente pulando de um pé para o outro de tanta animação.

Os sons de uma enfermaria movimentada lá fora diminuem até se tornarem um zumbido abafado nos meus ouvidos. "Ela é *o quê* ?"

“A Colette me ligou ontem à noite, completamente *bêbada* , e me contou tudo. Pelo visto, chama-se desenho de modelo *vivo* .”

“Eu sei o que é desenho de modelo vivo, caramba!”, eu disse, com os nós dos dedos brancos de tanto apertar o telefone. “Onde é a aula? Que horas?”

Vincenzo gargalha. "Eu *sabia* que você ia surtar com isso. *Só amigos* , é o que eu digo."

"Não estou surtando por causa disso", digo entre dentes. Estou absolutamente, categoricamente, definitivamente surtando por causa disso, sem nenhum motivo aparente. Ophelia é adulta. Ela pode experimentar coisas novas. Já fiz vários desenhos a partir de modelos reais. Sei melhor do que ninguém que não há nada de sexual nisso.

No entanto, a ideia de uma sala cheia de pessoas olhando para ela, reparando nos pequenos detalhes do seu corpo, nas suaves estrias espalhadas pelas coxas, na leve curvatura dos quadris… está me transformando em outro homem. Um homem ciumento. Um homem *irracional* .

Isso não tem nada a ver com ela. Aliás, eu diria que parece o pior pesadelo dela.

“Diga-me onde fica, Vincenzo.”

Ele acaricia o queixo. "Elise, o que você acha? Eles são *apenas amigos* ?"

Minha mãe traiçoeira cantarola ao meu lado, num tom tão sarcástico que fica óbvio de onde Fleur herdou isso. "Não sei ao certo, Vincenzo, é *tão* difícil dizer."

Estou a um segundo de levantar a voz — o que *nunca* faço — quando um link surge do Vincenzo no topo da minha tela, salvando a vida dele. "Preciso ir", digo, desligando.

"Eu *sabia* ."

“Nem pense nisso”, digo à minha mãe, que está com um ar de superioridade, enquanto abro o link para o evento. “Só estou… me certificando de que ela não cometeu nenhum erro. Cuidando dela.”

“É assim que vocês, jovens, chamam isso hoje em dia?”

Cerrei os dentes, encarando a descrição do evento. É amanhã à noite em Camden. Eu mal chegaria a tempo.

Fechei os olhos, tentando ser racional.

Não há absolutamente nenhuma razão para eu ir a Londres. Ou intervir. Ou sequer me preocupar com isso.

Uma mão suave pousa sobre a minha. É uma mão que conheço melhor do que a minha própria. Ela repousou sobre meus dedos em cada reviravolta da minha vida. Quando minha visão estava turva pelas lágrimas, quando a vida parecia insuportável, quando sangrei pelas mãos do meu pai, quando pesadelos embalavam meu sono na infância. "Você deveria ir, Alex."

Afasto a mão e deixo minha cabeça cair na dobra dos cotovelos, entrelaçando os dedos atrás da cabeça. "Eu realmente não deveria."

“Seu cérebro te priva das melhores coisas da vida.”

“Não vou conseguir fazê-la feliz. Ela quer alguém presente, não alguém como eu.”

“Quem vai ganhar o Super Bowl no ano que vem? Eu aposto neles.”

"O que?"

“Diga-me quem vai ganhar o Super Bowl, já que você parece tão confiante de que consegue prever o futuro?”

“ *Mamãe.* ”

“Não, Alex. Sou sensata o suficiente para saber que ela é a pessoa certa para você. Você está se privando da chance de viver algo lindo porque existe a possibilidade de não dar certo. E enquanto isso, você fica me pedindo para

experimentar novas pílulas, mesmo sabendo que as chances estão contra mim.”

Droga. Ela tem razão. Não estou dando um bom exemplo para ela. "Estou com medo", sussurro, finalmente admitindo em voz alta. "Medo de perdê-la de novo, medo de não me recuperar disso."

“O amor é enlouquecedor, Alex. É nauseante, assustador, constrangedor, deprimente. Ele nos transforma nas pessoas que juramos nunca ser. Quando te peguei no colo pela primeira vez, fiquei apavorado. Senti como se meu coração estivesse andando fora do meu corpo, e eu teria que mandá-lo para a escola, para o treino de futebol, para a casa do Vincenzo, e confiar que ele voltaria para casa em segurança. Se você não estiver absolutamente apavorado, você não está fazendo direito.”

“Mas teríamos que ter um relacionamento à distância, e se ela se machucar e eu não conseguir chegar até ela, vou enlouquecer.”

“Você ainda não provou para ela que consegue lidar bem com relacionamentos à distância. Ela provavelmente está preocupada que você fuja se algo ruim acontecer novamente. Você precisa conquistá-la. Queremos que você seja feliz. Queremos que você escolha por si mesmo, que vá até ela. Você não precisa largar tudo e vir correndo para cá o tempo todo. Temos uma equipe para ajudar.”

Os dedos dela se enroscam no meu cabelo, e, meu *Deus* , não consigo imaginar como vou sobreviver à morte da minha mãe quando ela chegar.

"Volto em cinco minutos", resmungo, com a ardência nos olhos, deixando para trás o sorriso triunfante da minha mãe e saindo para o corredor.

"Se eu tivesse alguma novidade, teria te ligado", resmunga Brendan, atendendo ao primeiro toque.

“Preciso de um favor.”

“É legal?”

“Não, provavelmente não.”

"Estou intrigado. Será que foi um ataque hacker?"

"Há um evento em Londres que está esgotado. Quero que todos os bilhetes sejam reembolsados, cancelados, e depois quero todos os bilhetes para mim."

“De que tamanho estamos falando? Se for um show, você nunca vai se safar.”

“É pequeno. É… Ofélia é… não se preocupe com o que é, estou lhe enviando um link agora.”

Ele permanece em silêncio do outro lado da linha, mas consigo imaginá-lo empurrando seus óculos de lentes grossas demais para cima do nariz e se inclinando para frente.

Ele cantarola alegremente. "Cara, este site é uma merda. É, fácil demais."

“Obrigado. Agora pode me enviar a fatura.”

“Por conta da casa.”

“Não é o seu estilo habitual.”

"Sim, mas você precisa de uma namorada, e eu sou um romântico incurável."

Isso é novidade para mim. Acho que ele nunca teve um encontro na vida. "Você tem?"

“Não. Só estou farta do seu mau humor. Te mando mensagem quando terminar. Tchau.”

A ligação cai antes que eu possa me despedir. Mando uma mensagem para minha equipe avisando que ficarei em Londres por algumas noites e, em seguida, ligo também para a governanta, as babás e a equipe de segurança.

Quando volto para o quarto, minha mãe está dormindo e parece tão tranquila que não me atrevo a acordá-la. Mando uma mensagem para o grupo de irmãos no WhatsApp.

Alex
Vou para Londres esta noite. Volto assim que possível. Ingrid, Erin e Emily estarão com você, e os seguranças, obviamente.

Evie
O que há em Londres?

Mia
Rima com "schmophelia"?

Élé
NÓS SABÍAMOS!!!

Mia
CEO de uma companhia aérea e ele está completamente arrasado por causa de uma garota.

Evie
kkkkk muito verdade

Flor
Estamos falando da garota que espalhou tanta merda sobre nós em uma notícia? Vocês não se importam com isso?

Meu estômago se revira. Fleur não poderia estar menos entusiasmada com Ofélia.

Mia
Ei, se o artigo da Ophelia foi o que finalmente fez meu pai me deixar em

paz, eu aceito.

Evie
Acordado

Alex
Cuidado com a linguagem que você usa em chats em grupo. M. Élé tem doze anos.

Élé
Conheço palavras MUITO piores do que "fuck".

Fantástico.

Alex
Vou trazer a mamãe para casa em algumas horas. Ela adoraria ver todos vocês.

Recosto-me na cadeira desconfortável, reservo um voo para o final da noite e tento elaborar algum tipo de discurso para fazer a Ofélia.

As palavras da minha mãe dissiparam a névoa da dúvida que me impedia de seguir em frente. Ofélia é minha. Ela é minha de uma forma que me fez começar a acreditar no destino. De uma forma que me faz pensar que talvez, *só talvez* , haja um futuro mais brilhante reservado para mim, que caminhe ao lado deste mais sombrio.

Tenho um pressentimento muito forte de que estou numa encruzilhada onde preciso escolher um caminho.

Ligo para Ophelia, mas cai na caixa postal, então envio uma sexta mensagem de texto, sem qualquer vergonha, que não será respondida.

Alex
Liga para mim

Finalmente, recebi uma resposta.

Ofélia
Precisamos conversar, mas ainda não estou pronto para isso. Estou no Colette com o bar e o Eike.

Ofélia
Hahaha

Ofélia
Eu quis dizer que estou em um bar.

Ofélia
Com Colette

Ofélia
E Eike

Não, não, não.

Alex
Me liga, meu bem.

Ofélia
Isso dói mais do que te faz bem?

Alex
Liga para mim.

Ofélia
Estamos condenados, Alex.

Minha doce, solitária, pessimista e bêbada garota. Quero ser o motivo pelo qual ela aprenda a ter fé no mundo novamente. Sinto que dei a volta por cima. Que podemos ficar juntos e lidar com a distância e os problemas depois.

Alex
Estamos destinados, Ofélia.

Ofélia
Destinado à desgraça.

Alex
Destinada a uma velha casa de campo empoeirada, onde poderei observar você fazendo palavras cruzadas até que seus cabelos fiquem brancos.

Ofélia
Não existem casas de campo na cidade de Nova Iorque.

Alex
Quem falou alguma coisa sobre Nova York?

Ofélia
Te ligo na segunda-feira quando eu voltar para Sorrowsong, tá bom????

Coloco as coisas da minha mãe numa mala, pensando por que, depois de uma vida numa casa com sete mulheres, não estou nem perto de entender o que se passa na cabeça delas.

Capítulo 12

OPHELIA

A paixão de Colette por um café com leite gelado não conhece limites.

Ela toma um gole do seu chá com um canudo de papel manchado de batom enquanto eu seguro minha caneca gigante de chá, observando a chuva escorrer pelas janelas de um café tranquilo em Covent Garden. A temperatura em Londres pode estar perto de zero grau, e o índice UV pode até ter chegado a valores negativos, mas Colette está usando uma minissaia e óculos de sol. São aqueles óculos de armação fina que só alguém como ela conseguiria usar com estilo, equilibrados precariamente no topo da cabeça enquanto ela suspira satisfeita enquanto toma sua bebida.

Eike está sentado em silêncio na mesa atrás de nós, lendo um livro de suspense com seus fones de ouvido.

A ideia de um dia de compras me apavorava, mas quando Colette disse que trabalhava com *qualquer* orçamento, ela estava falando sério. Uma manhã perambulando pelas araras das lojas de caridade mais empoeiradas de Londres me rendeu dois vestidos bonitos, uma saia nova, jeans que realmente me servem e dois suéteres de tricô novos, tudo por menos do que o único drinque que comprei no bar ontem à noite.

O celular de Colette vibra na mesa à nossa frente, fazendo com que ambos nos inclinemos para olhar. É curiosidade mórbida da minha parte; as mensagens que Vincenzo envia para ela são extremamente obscenas. Preciso pesquisar metade das coisas que vejo nelas no Google. Mas não é Vincenzo. É um endereço, enviado de um número não salvo.

Ela me olha com cautela, e uma onda de preocupação percorre minha espinha. Me viro e examino o café, só por precaução. Tive uns dias tão corridos que quase me esqueci da minha perseguidora. "Não abra."

“Você acha que é de… meu Deus. Como eles conseguiram meu número? E se eles souberem em qual hotel estamos hospedados?”

Eike tira os dois fones de ouvido e está ao nosso lado em um instante. "O que foi?"

“Alguém enviou um endereço para Colette.”

“Estamos com muito medo de abrir.”

Assim que termino de falar, uma segunda mensagem de texto chega. Ficamos olhando para o telefone como se ele fosse explodir a qualquer momento.

Aqui está o endereço de hoje. Muito obrigada por isso, não temos palavras para agradecer! O evento está esgotado e seria uma pena cancelar! Clemmie x

Colette atende o telefone, franzindo a testa. "Eu marquei alguma coisa para nós? Trabalho voluntário?"

“Não sei. Não me lembro.”

Suas unhas rosadas batem na tela, com uma expressão pensativa. Eike está me deixando estressada, emanando tensão como um radiador pairando sobre nós. O rubor rosado de Colette desaparece, seu rosto empalidece.

"O que é?"

“Está bem, Ofélia”, diz ela, como quem tenta acalmar um lobo.

"O que é?"

“Preciso que você não entre em pânico.”

Obviamente, vou surtar. Nunca consegui *evitar* um surto. "Me conta."

"Ai, meu Deus", ela diz, passando as duas mãos pelo rosto de um jeito *tão* incomum para ela. Ela borrou a maquiagem, então sei que deve estar *feia* .

“Estou surtando.”

“Ai, Deus”, ela repete. “Ai, Deus.”

“Eike, aperte o botão de reiniciar dela, ela está com defeito.”

“Droga, Ofélia”, ela murmura, e agora estou realmente preocupada, porque ela *nunca* fala palavrões. Se for paraquedismo, vou surtar. “Tudo está voltando à minha memória.”

Coloco minhas palmas úmidas em seus ombros estreitos e a sacudo levemente. "O que foi?"

“Nós te inscrevemos para ser modelo em uma daquelas aulas de desenho com modelos nus.”

Saltar de paraquedas teria sido uma boa ideia, na verdade.

E assim, pequenos fragmentos da noite de quinta-feira voltam à minha mente. Três mimosas no spa, uma garrafa de champanhe do frigobar do quarto do hotel, um drinque do serviço de quarto. A pizza. O desenho de modelo vivo.

Eike vai até o balcão, enche um copo d'água e o coloca na minha frente.

Colette está me encarando, preocupada. "Diga alguma coisa, Ofélia."

Minha voz soa distante. "Eike, se você pudesse... me atropelar com o carro..."

“Certo, tenho certeza de que podemos cancelar.”

Arranco o telefone da mão dela e disco o número. Se eu tiver que vencer meu medo introvertido de rejeitar pessoas para vencer meu outro medo introvertido de literalmente expor meu traseiro para uma sala cheia de londrinos artísticos, que assim seja.

Uma voz alegre e suave ressoa pelo alto-falante. "Olá, Clementine falando."

Puxa vida. Claro que o nome dela é Clementine. "Hum, oi, Clementine. Sou Ophelia, a modelo de hoje."

“Oi, querida! *Que* gentileza sua se voluntariar. Todos os ingressos foram vendidos!” ela exclama, radiante.

“Sim… sobre isso… sinto muito.”

“Você está com dúvidas? Isso é totalmente normal.”

Já passei da fase de ter dúvidas. Estou pensando em dezenas de coisas. "Eu estava bêbado quando me inscrevi, e *realmente* não sou a pessoa certa para o trabalho."

“Vai ser ótimo para a sua autoconfiança. É realmente empoderador.”

Não acho que me ver em cima de uma mesa, encolhendo a barriga e toda arrepiada como um frango cru de supermercado vá ser algo empoderador. "Não tenho tanta certeza."

A respiração dela parece um pouco tensa agora. Como se ela estivesse imaginando ligar para cada convidado e dizer para não viajarem para o evento. Agora *estou* pensando demais. E se alguém tiver vindo de longe? E se essa aula de desenho de modelo vivo for a atividade de aniversário dos sonhos de alguém? "Eu preciso ficar nu?"

“E se cobríssemos apenas algumas partes com um lençol?”

“Sim, mas—”

“Eba! Muito obrigada. Você vai ser perfeita. Te vejo daqui a algumas horas.”

A ligação cai.

Colette estende as duas mãos num gesto como quem diz " *bem?* ". "Você cancelou?"

"Não."

"Não?", repetem ambos.

Até o Eike parece preocupado que eu esteja tendo algum tipo de colapso nervoso. "E agora?"

“Eu cavo um buraco e rastejo para dentro dele, obviamente.” Cruzo os braços sobre a mesa e deixo minha testa cair sobre eles, soltando um grito abafado.

“Ok, então vamos olhar para os pontos positivos.”

"Como assim?", respondi bruscamente.

Colette fica sem resposta. Eike olha para a descrição do evento no site. "Um drinque grátis na chegada?", ele oferece, e isso me faz rir, só porque Eike diz em média 2,5 palavras por dia.

Empurro a cadeira de madeira para trás e me levanto. "Vamos encontrar um bar. Preciso de algo mais forte que chá se eu realmente quiser fazer isso."

Apesar dos meus apelos desesperados por um pequeno acidente de trânsito sem gravidade a caminho do evento, a direção de Eike continua tão tranquila como sempre. Ele para em frente ao que parece ser uma elegante casa vitoriana, contornando o carro para abrir a porta para Colette e para mim.

"Nem sequer depilei as axilas", sussurro, enquanto Eike sobe os três degraus de pedra para abrir a porta para nós.

"Como uma deusa", diz Colette, alegremente. Ela já se ofereceu para fazer isso comigo umas cem vezes, mas acho que Colette é famosa o suficiente para que a notícia chegue aos ouvidos do seu padrasto, que é muito rigoroso.

"Vou esperar no carro aqui perto", resmunga Eike, com uma voz tão grave que mal consigo ouvir. "Me manda uma mensagem quando terminar, Colette."

“Obrigada”, diz ela, pegando minha mão enquanto entramos.

A pequena entrada é mal iluminada, com um enorme mural à minha esquerda repleto de cartazes para todos os outros eventos que acontecem ali: clubes infantis, aulas de Pilates, bancos de alimentos, oficinas de tambores de aço. O ar cheira a constrangimento e humilhação, e a um futuro vídeo viral intitulado "Colapso Mental da Modelo Ruiva em HD - Versão Completa".

Ok, tem cheiro de algum tipo de incenso, mas mesmo assim.

Sinto-me doente.

Uma porta no final do corredor vazio se abre de repente, e *uau* , Clementine é exatamente como eu a imaginei. Ela está usando calças largas de retalhos e um top esportivo, e a bolsa a tiracolo tem a inscrição " *energia de clitóris grande* ". "Meu Deus!" Ela me gira, encantada. "Você é a modelo *perfeita* . Vai arrasar."

Ela me conduz a uma pequena sala de aula onde sete cavaletes estão dispostos em círculo ao redor de uma chaise longue.

Meu Deus. Eu não consigo fazer isso.

“É um evento bem informal, cada um traz sua bebida, toca música, esse tipo de coisa. Posso ficar ou ir embora — o que for melhor para você.”

"Hum, talvez vocês pudessem ir embora?", digo, como se oito estranhos

vendo meus mamilos estranhos (que ainda não identifiquei) fosse de alguma forma pior do que sete.

“Claro!” Ela deixa um roupão felpudo e um lençol para mim, aumenta um pouco a temperatura do termostato e acende algumas velas.

"Acho que vou vomitar", digo, assim que ficamos a sós.

Colette me envolve num abraço caloroso. Ela cheira a flores, roupa de cama limpa e uma fé inabalável em mim. "Estou tão orgulhosa de você."

Eu não quero me despir, mas a ideia de ter que fazer isso depois que todos já chegaram, cada um deles me observando sem jeito enquanto tento tirar uma meia e mexo no lençol, é *muito* pior do que eu tirar o cardigã, as botas e o vestido.

Mal consigo olhar para Colette, que se apressa em pegar o lençol enquanto me sento na chaise e o enrolo nos ombros. "Vamos embora?"

“Não. Você vai fazer isso e depois vamos sair para comemorar. Podemos comer batatas fritas.”

“Batatas fritas. Batatas fritas de pub de verdade. Batatas fritas triplamente cozidas.”

“Triplamente cozido? Tipo… queimado?”

“Meu Deus. Você não viveu de verdade.”

"Beleza, combinado. Eu pego o triplo de fichas pra gente, ou algo assim."

Eu me deito de costas como aquela garota do filme *Titanic* , deixando Colette drapejar delicadamente um tecido branco sobre meus quadris e seios. Ela morde o lábio para conter um sorriso. "Você está *tão* linda."

“De alguma forma, duvido disso.”

Capítulo 13

OPHELIA

Quando, três minutos após o início da aula, ninguém apareceu, eu deveria me sentir um *pouco* decepcionado, mas o que me invade é puro alívio.

"Talvez ninguém venha?", digo ao ver a expressão desanimada de Colette.

O som da porta principal abrindo e fechando ecoa alto e claro no corredor vazio. Fecho os olhos, uma nova onda de pavor me invadindo. " *Por que* eu disse isso?"

Vozes abafadas vêm de fora da porta do corredor. Permaneço sentado em silêncio, como se estivesse aguardando a execução.

A porta do corredor se abre. Não consigo nem olhar, meu corpo todo fica vermelho de vergonha. O lençol é pequeno demais, minha pele está exposta demais. Os arrepios no meu braço são quase dolorosos.

Essa foi uma má ideia.

“Hum… Ofélia”, sussurra Colette atrás de mim. O tom cortante de sua voz me faz levantar os olhos bruscamente.

Verde. Verde brilhante, como a chuva fresca no campo inglês.

É um tom de verde que eu reconheceria em qualquer lugar.

Alex me olha da porta, os cabelos escuros molhados pela chuva. Sete ingressos pendem da mão ao seu lado. Seus lábios estão entreabertos, ofegante. A camisa que se ajusta ao seu corpo está úmida.

Ele é *devastador* .

"Alex", sussurro. Sai como uma pergunta, um pedido, uma prece desesperada. Nem sei o que estou pedindo a ele. *Me deixe em paz. Não ouse ir embora. Me dê espaço. Deixe-me te amar para sempre. Não me toque. Me toque em todos os lugares.*

Acho que ele não percebeu que Colette está aqui. Ele está me encarando de um jeito que não tenho certeza se ele sequer notou que estou nua.

O silêncio se desfaz entre nós como um fio esticado demais até que,

finalmente, ele o rompe. Sua voz está rouca, carregada de emoção. "Eu estou realmente, *realmente* apaixonado por você, Ophelia Winters."

Eu o amo tanto que chega a ser uma doença.

Colette sai pela porta atrás dele. As dobradiças rangem ao fechar, e então ficamos sozinhos.

“Eu ia te ligar.”

“Você ia terminar tudo.”

"Eu só... você já tem coisas demais, Alex, e eu sou só mais uma coisa. Um relacionamento à distância é só mais uma coisa."

“Você é *tudo* .”

Ele está enganado. *Ele* é tudo. Ele é a luz no fim do túnel, a lareira numa casa fria. Ele merece algo melhor do que *um relacionamento sem graça, entediante* e com jet lag interminável por causa de uma garota que ele só verá algumas vezes por ano.

Tento me mexer, mas ele balança a cabeça negativamente. "Já paguei por esta sessão."

"Você só pode estar brincando."

“Londres é cara. Quero praticar desenho.”

“Alex, você poderia comprar este prédio inteiro se quisesse.”

“Que bom que eu não quero, então”, diz ele, largando a mochila. Meu coração bate forte e abafado no peito enquanto ele caminha até a mesa de coquetéis, pega um e vem até mim.

Os poucos centímetros preciosos que nos separam não impedem que o calor da sua pele aqueça a minha, sua presença um bálsamo para minha pele sensível. A borda do copo está gelada quando ele a pressiona contra meu lábio inferior.

Não digo nada. Não *faço* nada, atônita e sem palavras com sua chegada, sua aparência, a fome em seu olhar, diferente de tudo que já vi antes. "Ora, ora, Ofélia", ele diz arrastado, prendendo o polegar entre meus lábios para separá-los. "Boca fechada não se come."

Puta *merda* . Fechei os olhos, tentando ignorá-lo. Preciso manter a cabeça no lugar perto dele, e seja lá o que ele esteja fazendo aqui, a minha está completamente despedaçada entre aqui e a Tower Bridge.

Uma gota de um líquido doce e intenso pousa na minha língua: maracujá, vodka e pura luxúria. Seu aroma familiar me envolve como um casulo, quente e acolhedor. Ele se inclina, tão perto que penso que vai me beijar, mas seus lábios não tocam os meus, parando na concha da minha orelha. O único consolo que tenho para o constrangimento de estar mais excitada do que nunca é o fato de

perceber que ele também está. "Paguei cento e quarenta libras pelo privilégio de desenhar a mulher mais linda do mundo, e *detesto* desperdiçar dinheiro."

Com isso, ele se foi, o ar frio invadindo o espaço para preencher o vazio que deixou. Eu fico olhando para suas costas musculosas, observando-o escolher pastéis coloridos nas caixas ao lado dos coquetéis.

"Você mora em Nova York agora", é tudo o que consigo dizer, com a voz embargada, depois de finalmente recobrar o fôlego. Ele está sentado a cavalo num banquinho em frente ao primeiro cavalete, arregaçando as mangas da camisa branca, e , *meu Deus* , preciso desviar o olhar. Eu poderia me perder naquelas coxas.

"Eu moraria em qualquer lugar com você", diz ele, por cima do som suave do giz pastel no papel.

“Mas você não pode.”

“Não, ainda não. Mas assim que eu sair de Green.”

“Você já tem problemas suficientes. Eu posso ser difícil.”

“Você foi a decisão mais fácil que eu já tomei.”

Você merece coisa melhor.

“Nós merecemos um ao outro.”

“Sou insosso e entediante.”

“Você é todas as cores que me faltavam.”

Encaro o lençol branco que cobre meu peito pálido, lambendo uma lágrima salgada do meu lábio superior. "Tenho medo de que nos percamos de novo, que a distância nos consuma por dentro."

"Eu também sou."

“E isso não te incomoda?”

“Isso me incomoda menos do que a ideia de uma vida sem você.”

Enquanto ele desenha, fico ruminando suas palavras. Em resumo, é isso. Pensei tanto nisso que me esqueci de que tudo se resume a uma decisão simples: uma vida sem ele ou um futuro juntos.

E não sei se é o olhar dele, a vulnerabilidade da minha posição ou o fato de ele estar aqui na minha frente, mas sinto as engrenagens da minha mente desacelerarem. Sinto meu cérebro hiperativo se encaminhar para uma decisão.

Prefiro estar apavorada ao lado dele do que destemida e sozinha. Meu sorriso é fraco. "Você realmente quer me ver fazendo palavras cruzadas até eu ficar velha e grisalha?"

Sua mão desliza rapidamente sobre o papel, mas ele está olhando para mim. "É tudo o que eu quero, Twist."

“Eu também quero. Mas—”

“Vamos resolver a logística outro dia.”

“Sou perseguida como se fosse um esporte olímpico.”

Ele reprime um bocejo, os cantos da boca se curvando num sorriso juvenil. "Que chato. Perseguidores são chatos."

“Não quando estão tentando nos impedir de ter um final feliz.”

“Eles ficam *especialmente* chatos nessa época. Seu perseguidor, minha mãe, as meninas, seu medo de voar, a distância, meu pai, a mídia. Vamos dar um jeito em tudo isso.”

Aceno com a mão, como se fossem apenas detalhes insignificantes e não os obstáculos gigantescos que levam a maioria dos casais à separação. "Semântica insignificante."

Ele ri. É uma risada rouca, genuína e feliz. " *Agora* você está entendendo. Somos jovens e tolos, mas sei que vamos dar um jeito."

Ele fica de pé, admirando sua obra. Eu me sento, mas ele me encara fixamente, deslizando para o banquinho do segundo cavalete. "O que você está fazendo?"

“Sete bilhetes. Sete sorteios.”

"Só consigo te ver sentada nesse banquinho e continuar respirando por um certo número de vezes."

Ele esboça o próximo em silêncio, e o seguinte. Eu entendo por que ele me observava fazer palavras cruzadas até ficarmos velhos demais para lembrar o nome um do outro, porque eu poderia observá-lo fazer isso até o sol se pôr neste planeta miserável pela última vez.

Ele espalha o excesso de giz branco do dedo sobre o músculo musculoso do antebraço, um arco-íris discreto de laranjas, azuis e rosas sobre suas tatuagens de corvo.

Estamos fazendo isso, vamos tentar de verdade. A empolgação supera o medo.

O gemido que escapa dos meus lábios quando ele se senta no banquinho novamente o faz ajeitar as calças, com os olhos faiscando. "Você é safada, Ofélia."

“E os pensamentos que estão passando pela sua cabeça agora são perfeitamente inocentes?”

“Se eu expressasse em voz alta o que estou pensando agora sobre você, aquela igreja do outro lado da rua pegaria fogo.”

Aperto minhas coxas, rezando para que ele não perceba. Obviamente ele

percebe; estou completamente *nua* . "Então me foda."

Sua mão congela na quinta folha de papel, como se ele não esperasse isso de mim. Mas eu estou desesperada, desejando, ansiando por sentir suas palmas calejadas deslizarem pelos meus quadris, a mordida suave de seus dentes sobre a pele que cobre meu pulso, as coisas impensáveis que ele sussurra quando está enterrado fundo dentro de mim.

Já se passaram *meses* .

“E desperdiçar dois ingressos?”

“Que se dane os ingressos.”

Ele estala a língua, cantarolando pensativamente. "Talvez não seja tão bom quanto você."

“ *Alex* .”

Ele sorri afetuosamente, desenhando como se tivesse todo o tempo do mundo. "Sete letras, a primeira letra *O. O sol, a lua, o mundo e tudo o que nele existe.* "

Estou tão sem fôlego, tão carente que chega a ser constrangedor. "Quatro letras, a primeira letra é *A. Alguém me ajude, ele está me torturando.* "

“A parte da tortura vem depois.”

Deslizo a mão pela parte inferior da barriga, cansada de esperar. Ele larga o giz. "Nem pense nisso. Vou desenhar duas vezes mais devagar."

Meu grito de frustração é sufocado, minha cabeça inclinada para trás contra o veludo vermelho.

Após quinze minutos que pareceram quinze horas, ele teve pena de mim e parou depois do sexto desenho, caminhando lentamente em círculos ao redor dos cavaletes. Ele girou o primeiro, e lá estava eu, formada por linhas desordenadas e suaves. Minha pele era pálida, mas meu cabelo era de um vermelho vibrante. Eu estava esparramada na chaise, e talvez Colette estivesse certa, talvez eu *realmente* parecesse bonita, porque ele certamente fez parecer que sim.

"Alex", sussurro, engolindo o nó de emoção na minha garganta.

Ele pega minha mão, puxando-me para que eu me levante. O lençol cai no chão entre nós, e eu luto contra o impulso instintivo de me cobrir. Ele inspira profundamente, com as duas mãos nos cabelos, como se precisasse tocar em algo, *qualquer coisa* , que não fosse eu, e de repente, estou do lado de Clemmie.

Isso *é* empoderador.

Ele me puxa para o segundo cavalete, e lá estou eu de novo, mas não em uma chaise longue, não em um salão na chuvosa Camden. Estou no banco de trás de um carro, segurando um copo de macarrão instantâneo entre as duas mãos sob

uma fileira de luzes de Natal.

Fico sem ar, qualquer comentário inteligente que eu tivesse planejado já se foi enquanto ele me guia de cavalete em cavalete. Estou flutuando de costas na água, meus cabelos espalhados ao meu redor como chamas rodopiantes. Estou sentada na cama, de costas para ele. Estou mordendo a ponta de uma caneta, franzindo a testa para uma palavra cruzada. Estou tomando banho, a cabeça inclinada para trás contra o jato d'água. Ele ficou para trás na curva suave da minha barriga, nas estrias pálidas do meu quadril.

E então, em meio às minhas próprias lágrimas, minha visão fica turva, uma mão suave acariciando a minha nuca enquanto contemplo as obras de arte à nossa frente.

“Eu sei que você está preocupada que eu entre em pânico e te abandone de novo quando as coisas ficarem difíceis. Eu não provei exatamente o contrário”, diz ele, traçando uma linha com o polegar entre minhas omoplatas. “Eu sei que você está preocupada com a distância, que isso vai desgastar demais o nosso relacionamento. Me desculpe por ter deixado você acreditar nisso.”

Abaixo a cabeça, mas um dedo delicado levanta meu queixo e o inclina para a esquerda, de modo que eu o encaro enquanto falo. "Eu só não quero que isso não seja suficiente. Não quero que você se esqueça de mim."

“Não preciso de você na minha frente, Ofélia. Não preciso de você como modelo. Conheço as curvas da sua cintura melhor do que os corredores da minha própria casa. Eu poderia desenhá-la em qualquer vida, juntos ou separados. Não fiz um desenho desde janeiro que não seja você de alguma forma. Se tivermos que ter um relacionamento à distância, sei que conseguiria, porque você nunca está mais longe de mim do que meu lápis.”

Enterro meu rosto em seu peito e deixo um soluço descontrolado escapar da minha garganta. Nunca precisei me tornar mais resistente perto dele.

Ser amada por Alex Corbeau-Green é algo que nunca experimentei antes.

Ele nos conduz até o último cavalete, sentando-se no banquinho. Ele se afasta, aqueles olhos atormentados me encarando por entre os cabelos despenteados que precisam de um corte.

Seus olhos descem até meus lábios, sua língua traçando uma linha lenta atrás dos dentes. Ainda não nos beijamos, mas ele está excitado sob a calça jeans escura, praticamente vibrando de desejo.

É demais, quente demais, tentador demais. Perdi o controle do meu pulso, meu autocontrole se foi no fundo do Tâmisa. Passo os dedos pelos seus cabelos e me sento sobre ele, a cavalo. Seu gemido é animalesco. "Acho que a Tangerine

está lá fora."

“Clementina?”

“Satsuma?”

Eu remexo meus quadris contra os dele, impaciente. "Você vai ficar falando de frutas macias a noite toda?"

Não me lembro da última vez que ele sorriu assim. Como se o peso que o oprimia o dia todo tivesse sido temporariamente aliviado. "Eu não iria *aumentar* sua pressão arterial desse jeito."

“Alex!”

Sua risada ecoa pelo salão, um leve rubor surgindo em suas bochechas. Me apaixono novamente, ridicularizando a garota dentro de mim que pensava *que nenhum compromisso* duraria. Ele suspira, a expressão séria enquanto me observa como se eu tivesse colocado a lua no céu e arrumado as estrelas ao redor dela, só para ele. "Tenho quase certeza de que ela está ouvindo lá fora."

Passo os dedos pelo peito dele, preocupada que ele não seja real. Talvez Clementine tenha me assassinado com sua garrafa gigante de kombucha, e este seja o além. Talvez Eike *seja* um motorista perigoso. "Não me importo."

Suas mãos em mim são descaradas e desajeitadas, percorrendo minha cintura, meus quadris, meus seios e minhas coxas como se ele também não acreditasse que estou ali. Seu polegar desliza sobre meus lábios, as pupilas tão dilatadas que seus olhos são um abismo escuro como breu. "Você pode ficar quieta, Ofélia?"

" *Você* pode ?"

Uma risada ofegante me faz cócegas na garganta. Suas mãos se aproximam perigosamente do topo das minhas coxas, traçando um caminho suave sobre a pele sardenta. "Eu não teria pensado assim, não."

Seus dedos deslizam entre minhas pernas, a mão livre firmando minha cintura. Minha cabeça se inclina para trás, seu nome escapando de meus lábios como um suspiro desesperado. Ele guia minhas pernas ainda mais para os lados, seus dedos habilidosos penetrando em mim para aliviar uma dor que me atormenta há tanto tempo.

Agora é diferente; não há segredos pesando no fundo da minha mente; não estamos tentando encaixar sentimentos grandes demais numa caixa do tamanho de uma amizade. Meu coração está nas mãos dele, e o dele nas minhas.

Seus dedos roçam meu clitóris, seus lábios traçam o contorno da minha clavícula, e embora suas ações possam parecer pecaminosas, suas palavras são tudo menos isso. Suas palavras são adoração.

"Não consigo viver sem você, Ofélia", ele sussurra contra minha pele pálida.

"Nem nesta vida, nem na próxima."

“Você começou a filosofar comigo.”

Sua língua roça meu mamilo, e não há como Clementine não ouvir o gemido suave que ecoa pelo salão vazio. "Bem, você me deu esperança para o futuro."

Meus dedos tateiam os primeiros botões da camisa dele até que mais da sua pele fique exposta. Respiro fundo, deixando-o preencher cada centímetro dos meus pulmões. A onda de euforia que se segue é vertiginosa. "E você me tornou mais forte do que meu passado."

Meus dedos deslizam sobre o zíper de sua calça jeans escura. Ele prende a respiração, soltando um gemido baixo. É a minha perdição. "E você vai me transformar em um homem de um minuto."

Dou uma risadinha, um pouco grata pela mudança para um assunto menos emocional. A última coisa que preciso é começar a chorar durante uma reconciliação quente. Tem que haver pelo menos *um* evento no meu ano em que eu não chore.

Seus dedos se movem mais rápido dentro de mim, o polegar circulando meu clitóris. Uma longa onda de calor se desenrola em meu abdômen, minha testa repousando em seu ombro. Sua mão livre se espalha sobre minha barriga, ambos cobertos por listras de cores pastel, em tons diferentes.

“É assim que meus sonhos acontecem”, ele sussurra. “Todas as noites, é assim que eles acontecem.”

Somos uma obra de arte criada por ele, linhas desordenadas que formam algo maravilhoso em meio ao caos.

“Porra, porra, eu vou—”

Ele para abruptamente, me empurrando do banquinho, e eu penso que talvez ele esteja tão perto quanto eu, só por alguns toques. "Jesus *Cristo* , Ofélia. Vire-se."

Faço o que ele diz, virando-me para a tela em branco. Sua respiração está ofegante quando ele estende a mão por trás de mim e pega dois dos lápis de cor pastel. O tecido áspero de sua calça jeans roça na pele sensível da parte de trás das minhas coxas, cada toque de sua camisa em meus braços me causa um arrepio na espinha.

Ele desliza os pastéis coloridos sobre minhas mãos com pinceladas longas e lânguidas, sem pressa, mesmo enquanto a evidência de seu desejo pressiona minha lombar. Um tremor percorre meu corpo, o peso da expectativa entre nós quase insuportável.

Um beijo suave pousa em meu pescoço; uma maldição abafada paira sobre

meu ombro. Duas mãos grandes puxam meus quadris para trás o suficiente para que eu precise espalhar as mãos sobre o papel em branco para me firmar. Marcas de mãos marrons e laranjas mancham a página branca e imaculada.

A voz rouca de Alex no meu ouvido, sua respiração derretendo a casca fria que construí ao redor da minha pele ao longo de tantos anos. "Pinte um quadro para mim enquanto eu te fodo, Ofélia."

O som que escapa de mim é constrangedor: um gemido e uma versão ininteligível do nome dele tentando escapar ao mesmo tempo. Marcas de garras alaranjadas arranham o papel enquanto luto para manter o equilíbrio. Alex desliza o polegar pela curva da minha coluna, murmurando uma sequência de palavras em francês.

Ele parece querer aproveitar o momento, absorver cada detalhe, massageando a pele das minhas costas como se fosse um escultor e eu a peça mais valiosa da sua coleção.

Mas *agora sou mais do tipo "transar e examinar as vértebras um do outro depois"* .

“Qual é o problema?” pergunto, com a voz carregada de desespero. Ele está prolongando isso só para me ver me contorcer. “Preso no trânsito, ou algo assim?”

Ele ri incrédulo, enrolando um punhado do meu cabelo em seu punho, me obrigando a olhar para a bagunça que já fiz com o papel. Lágrimas picam meus olhos, todos os meus sentidos em alerta máximo. Suas mãos na minha cintura estão em brasa, marcando suas impressões digitais na minha pele, e de repente estou delirando de desejo, com uma ânsia frenética de ser *dele* novamente. A palavra *"por favor"* escapa dos meus lábios como um mantra.

“Ofélia, querida. Você está toda nervosa.”

"Mais um, *por favor"* escapa dos meus lábios, e então ele impulsiona os quadris para a frente, uma mão na minha cintura, a outra no meu ombro para me impedir de cair no cavalete à nossa frente.

Ele é tudo, *em todo lugar* . O olho do furacão, a calma no caos. O prazer em uma vida inteira de dor. Nenhum de nós fica em silêncio. Eu grito o nome dele, ele sussurra um *obrigado* entrecortado, como se estivesse se afogando há semanas e tivesse acabado de receber uma tábua de salvação.

E pela primeira vez desde o início do ano, consigo ver terra depois de tanto tempo no mar.

Capítulo 14

ALEX

Se Ofélia não estivesse tão preocupada com a possibilidade de Clementine entrar, eu a teria mantido naquele corredor a noite toda.

“Uma para baixo, onze letras, primeira letra *M ”*, endireito-a para depositar um beijo entre suas omoplatas. Ela cheira a café, lareira e algo tão singularmente *dela . “ Uma obra de arte excepcional, nossa criação mais primorosa. ”*

“Uma obra-prima”, ela sussurra, entre risos. O papel à nossa frente é a prova condenatória de nossas transgressões, repleto de impressões digitais em tons de laranja e marrom, borrões, *marcas de garras* dos dedos delicados de Ofélia.

Não tem preço.

Desvio o olhar antes de a virar de costas novamente. Viro-a para que me encare, colocando uma mecha rebelde de cabelo ruivo atrás da orelha. Suas sardas se perdem em meio ao rubor, seus olhos castanho-escuros arregalados e marejados quando ela quebra o silêncio tranquilo. "Eu te amo."

"Eu também te amo."

Reúno os sete desenhos, tratando o último com cuidado redobrado enquanto ela se veste em silêncio atrás de mim. O silêncio não é constrangedor; não está repleto de palavras não ditas e tensão sufocante como naquele dia no meu carro. É um silêncio de contentamento e conforto, como se estivéssemos exatamente onde deveríamos estar.

Quando me viro, Ophelia está usando um vestido longo de alças finas, verde e floral, combinado com meias grossas e botas. O decote é profundo. Levo a mão à boca, tentando pensar em algo para dizer que não seja totalmente inadequado para um momento tão doce. "É um vestido novo."

Minha voz soa tensa, falhando na última palavra como se eu tivesse quatorze anos. Ela percebe, claro, e ri de mim como se eu fosse uma idiota. E eu *sou* uma idiota. "Custou duas libras na loja de caridade."

Ela se abaixa para amarrar os cadarços, esticando o fino algodão que cobre

sua bunda. Quase perco a cabeça. "Ficou ótimo. *Você* está ótima."

Um pequeno sorriso surge em seu rosto, e ela me oferece o vestido, dando uma meia volta como se estivesse começando a se enxergar da maneira como eu a enxergo. Sua confiança está se recuperando, pequena, mas constante. Isso me deixa mais animada. "Colette escolheu para mim."

Vou ter que começar a pagar uma comissão para aquela mulher.

Ela tira o celular do bolso e lê uma mensagem: "Eike levou Colette de volta para o hotel."

"Quer que eu te deixe lá?", ofereço, embora provavelmente vá acabar com um desses pastéis no meu olho se ela disser que sim.

Para a sorte da minha retina, ela balança a cabeça com um sorriso suave. "Vamos jantar? Estou a quinze minutos de ficar com muita fome."

Puxa. A Ofélia, quando está com fome, é uma força a ser reconhecida. "É melhor ir comer macarrão antes que você comece a dar socos em pessoas por aí."

“É quando os carros começam a ser destruídos que você realmente precisa se preocupar.”

Domino meu cabelo e aliso minha camisa, tentando manter um mínimo de discrição pelo bem de Ofélia, embora não exista universo em que Clementine não tenha me ouvido, de forma nada educada, me pedindo para transá-la mais rápido uns cinco minutos atrás.

Mas Ophelia parece convencida de que podemos manter nossa fachada de inocência, então, quando puxo a porta e encontro nossa anfitriã, vestida com roupas coloridas, no corredor, aparentemente competindo com minha namorada para ver quem consegue corar mais, luto para não deixar o sorriso ridículo escapar do meu rosto.

Guardando os desenhos debaixo do braço, dou-lhe o meu sorriso mais encantador — o sorriso de conferência de imprensa — e deixo uma gorjeta de quarenta libras na mesinha de canto do corredor. "Evento fantástico, Clementine. *Muito* obrigada." *E desculpe por ter transado com a modelo.*

“Durmam bem… durmam juntos… boa noite juntos… tenham uma boa noite”, ela diz com a voz embargada, toda suada e nervosa. Ophelia consegue murmurar um *“muito obrigada”* arrastado, e acho que meu lábio está sangrando de tanto que tentei conter o sorriso.

Nossa, como senti falta dela.

Os três primeiros restaurantes em que parei estavam lotados, e o quarto me

ofereceu uma mesa em troca de uma postagem nas redes sociais sobre como a comida era boa. Então, o humor de Ophelia passou de eufórico para irritado e faminto. Ela estava irritada com a chuva, irritada com as alças do sutiã, irritada com o trânsito.

Planos para um jantar elegante já foram abandonados há muito tempo; ela está no banco do passageiro do meu carro, abraçada a duas caixas de pizza fumegantes, beliscando pedacinhos das bordas a cada trinta segundos, quando pensa que eu não estou olhando.

Sua música melancólica toca pelos alto-falantes, sua coxa tamborilando sob minha mão. A escuridão dentro de mim diminuiu o suficiente para me permitir respirar fundo.

"Vi isso", digo, enquanto ela pega um pedaço de pepperoni da minha pizza e come.

“Viu o quê?”

“Você está roubando meus ingredientes.”

Ela me olha com a testa franzida, o rosto iluminado pelo sinal vermelho em que estamos parados. Ela é etérea. "Você está mesmo ficando velho. Vamos marcar uma consulta para um exame de vista."

Eu a encaro com os olhos semicerrados. "Quem disse isso?"

Ela ri baixinho quando o sinal abre, cantarolando baixinho enquanto eu dirijo em meio à chuva torrencial e ao trânsito intenso do fim de semana até a casa do meu pai em Kensington. É uma casa de cinco quartos no final de um conjunto de casas geminadas em uma rua bem cuidada, mobiliada de forma tão brega quanto se esperaria de um CEO bilionário que acha que veludo cinza amassado ainda está na moda.

Estaciono na rua, olhando em volta enquanto o faço. Não tenho dúvida nenhuma de que meu pai adoraria pôr as mãos em Ofélia. A rua está silenciosa, as sebes impecavelmente aparadas, perfeitamente imóveis. Nenhum sinal de algo fora do normal.

Caminho até a porta do carro para abrir para Ophelia, tirando as caixas do colo dela. Ela fica quieta enquanto caminhamos até a porta da frente, como sempre fica quando observa como pessoas como eu vivem. Sei que ela está enojada com todo esse excesso.

“Outra casa de hóspedes”, ela murmura, enquanto giro a chave na fechadura e digito o código de segurança no teclado. “É como um Monopoly da vida real para vocês.”

“E você é a melhor carta de Chance que eu já tirei.”

Ela revira os olhos, mas seu rosto fica rosado. "Tudo bem, Corbeau. Se acalme."

A casa está fria e silenciosa, e tento me lembrar da última vez que nós oito ficamos aqui. Passamos muito tempo em Paris, mas Londres foi um lugar que paramos de visitar quando meu pai deixou de se importar em ser pai.

“Mostre-me seu quarto!”, ela diz, animada. “Você tem pôsteres? Fotos constrangedoras da sua infância?”

Eu rio, mas é um riso um pouco forçado. "Não é esse tipo de lar, querida." *Não foi esse tipo de infância.*

Não me dou ao trabalho de fazer um tour, nem ela pede um. Ela me segue escada acima até o quarto onde costumo dormir. As paredes são brancas, o banheiro é de mármore. As estantes estão cheias daqueles livros de capa dura que ninguém nunca leria. *Coleções de bolsas de luxo dos anos 90.* Esse tipo de coisa. Não há uma foto, pôster, brinquedo ou toque de cor em toda a casa. "Ah."

"Sim."

Ela se joga na cama, pegando a pizza que eu lhe ofereço. "Podemos pendurar seus desenhos."

Deito-me ao lado dela, abrindo a tampa da minha caixa de pizza. Parece que um rato esteve lá dentro. "Seu desenho vai para o meu escritório, onde poderei ficar olhando para ele o dia todo."

Ela dobra uma fatia ao meio e come de uma só vez. *Essa é a minha garota* . "Parece inapropriado para um ambiente corporativo."

“Então, fazer sexo por telefone com você enquanto estou sentada na minha mesa também é uma opção.”

Ela fica vermelha como um pimentão. "Ops."

“Sim, *ops* .”

Deitados na cama, esparramados sobre o edredom, devoramos duas pizzas extragrandes com facilidade.

Tiro o celular do bolso e dou uma olhada no grupo de mensagens dos irmãos. A Mia documentou todo o processo de preparo dos seus biscoitos de pistache, inclusive com uma selfie dela e da Evie no final, com as bochechas cheias como hamsters.

Mia
Você está perdendo uma ótima oportunidade, Alex.

Olho para a garota ao meu lado, com o cabelo ainda bagunçado do tempo que passamos no corredor, e uma mancha de molho de pizza em seu lábio inferior

rosado.

Acho que vou conseguir.

Alex
Vocês estão todos bem? Guarda um biscoito para mim, M.

Mia
Tudo bem por aqui. Mamãe está contando para o jardineiro que você tem uma namorada de novo.

Evie
Partindo o coração dele, sem dúvida.

Alex
Tenho certeza de que George está feliz com sua esposa, com quem está casado há vinte e cinco anos.

Mia
Ofélia te perdoou por ter sido um idiota?

Alex
Talvez eu tenha me safado.

Evie
Fotos ou não aconteceu

Eu rio e envio uma foto desfocada de nós dois na cama.

Élé
Vestido fofo

Mia
Mande isso para a sua mãe. Vai alegrar o ano dela.

É exatamente isso que eu faço, e depois jogo meu celular de lado para poder fazer amor com a minha namorada.

Acordo sobressaltado, como se algo tivesse me assustado.

Ofélia está estirada sobre mim, seus membros nus entrelaçados aos meus. Seus cabelos se espalham, flamejantes e selvagens, na faixa de luar que penetra pela cortina branca.

Passo o dedo pela bochecha dela, esperando que meu coração acelerado volte ao ritmo normal.

Ela está aqui. Estamos seguros.

Então, por que me sinto tão tenso?

Pego meu celular na mesa de cabeceira, com cuidado para não acordar

Ophelia, e mando uma mensagem para Fleur.

Alex
Está tudo bem em casa?

Flor
Não são umas 2 da manhã para você?

Alex
Acordei com uma sensação ruim.

Flor
Pode ser depressão clínica?

Solto um resmungo baixinho na casa silenciosa. *É, talvez.*

Flor
Estamos todos bem. Os outros estão assistindo a um filme antes de dormir.

Alex
Como está o Freddie?

Flor
Você realmente se importa?

Eu não conseguiria me importar nem um pouco com o namorado idiota dela, mesmo que passasse a noite inteira tentando, mas me *importo* com a Fleur, e se ela encontrar um homem que a faça feliz, tentarei superar meu medo irracional de ver minhas irmãs crescerem.

Alex
Eu me importo com cada aspecto da sua vida, Fleur.

Flor
Exceto, é claro, pela minha segurança quando meu pai está em um ataque de fúria.

Fechei os olhos, soltando um suspiro lento. Se eu me desculpar de novo, será a milésima vez. Mas eu faria tudo de novo. Meu pai, enquanto estava à frente de uma empresa bilionária, era completamente invulnerável. Agora, ele não tem nada.

Flor
O Freddie está bem. Talvez você tivesse razão sobre ele.

Em meio segundo, meu telefone está pressionado contra minha orelha, e o

suspiro exasperado de Fleur ressoa em meu ouvido. "O que ele fez?"

“Por que você está sussurrando com raiva?”

“Porque estou com raiva, mas Ofélia está dormindo. Diga-me o que ele fez.”

"Ele é... engraçado com as minhas roupas."

Não. Ele tem que ir embora. Não vou deixar uma das minhas irmãs entrar num relacionamento que vai acabar como o dos meus pais, onde a fase de lua de mel se transforma numa dinâmica distorcida em que um suga a energia do outro. "Isso é um caminho perigoso, Fleur."

“Mas o pai dele é um ótimo agente de modelos. Ele conseguiu uma campanha da Dior para a Bea.”

“E nossa mãe é uma das supermodelos mais famosas de todos os tempos. Você não precisa ficar perto dele para ter contatos na indústria.”

“Vou ver como as coisas vão.”

“E se um dos capangas de Rocco o empurrar acidentalmente de uma ponte?”

O riso dela é tão raro hoje em dia, que às vezes eu queria poder engarrafá-lo. "Nem pense nisso. Boa noite, Alex."

Ela desliga antes que eu possa reclamar mais sobre o namorado dela, mas mando uma mensagem para o Brendan pedindo para ele me arranjar o número de telefone do Freddie, só por precaução.

Agora estou ainda mais estressada do que quando acordei. Saio de baixo de Ophelia, cubro-a com um cobertor enquanto ela dorme, visto uma calça de moletom e fecho a porta delicadamente atrás de mim.

Enquanto leio alguns e-mails de trabalho no escuro, desço até a cozinha para pegar um copo d'água.

A casa está silenciosa. Tudo está estranhamente silencioso, especialmente para um bairro movimentado de Londres. Tenho vontade de verificar debaixo de todas as camas, mas hesito em ceder à paranoia. Não quero cair no mesmo caminho que minha mãe.

Acendo as luzes na ostentosa sala de recepção e no escritório em casa. O pôster enorme de um helicóptero da Green Aviation do meu pai atrás da mesa me dá ânsia de vômito.

Na cozinha, pego um copo de cerveja no armário, esfregando os olhos para espantar o sono. Na janela acima da pia, dou uma olhada por cima do ombro do meu reflexo para verificar se não há ninguém lá, como quando eu ficava acordada até tarde assistindo a filmes de terror quando criança.

Abro a torneira de água fria e, em seguida, a janela de vidro à minha frente se estilhaça com um *estalo* nauseante.

A casa inteira está inundada por um alarme ensurdecedor, tão estridente que parece vir de dentro da minha cabeça, sacudindo os ossos do meu crânio.

Viro a cabeça bruscamente para o lado, tentando evitar os milhares de estilhaços de vidro que voam em minha direção. Uma luz intensa queima por trás das minhas pálpebras fechadas, e quando as abro de repente e corro para a porta, os refletores do sistema de segurança inundam o pequeno jardim com uma luz branca e forte.

Na extremidade oposta, uma figura vestida de preto está subindo apressadamente pela treliça na parede de tijolos.

Abro a porta de vidro com um puxão, atravessando o jardim a toda velocidade no exato momento em que a figura encapuzada desce do outro lado do muro. Subo com facilidade, mas quando me impulsiono para cima dos tijolos frios, o beco tomado pelo mato abaixo de mim está deserto e silencioso.

A fúria queima sob minha pele, meu peito sobe e desce com uma frustração mal contida.

Se Ofélia não estivesse em casa, eu a procuraria pelas ruas. Solto um palavrão enquanto volto para o jardim, meu olhar se detendo na luva preta pendurada na treliça, emaranhada na hera.

Eu a arranco das folhas verde-escuras e volto para dentro de casa pensando em apenas uma pessoa.

Ela está pálida e com os olhos arregalados na soleira da porta da cozinha, o alarme de segurança tão alto que é difícil pensar em algo. Seus pezinhos estão descalços no piso frio, perto demais dos cacos de vidro. Passo por ela sem fazer barulho e reinicio o sistema no corredor, e o silêncio que se segue me deixa com os ouvidos zumbindo.

"A culpa é minha", é o que ela finalmente diz, enquanto nós duas ficamos paradas olhando para o vidro que parece uma camada de neve cobrindo toda a bancada da cozinha. Tem um tijolo na pia da cozinha.

"Não", consigo dizer, mas estou com tanta raiva que não consigo falar mais nada. Envio uma série de mensagens rápidas para Mack e Brendan.

Quem quer que tenha sido, vai morrer por tê-la assustado.

Pego nossos casacos na porta e guardo minha carteira no bolso, colocando meu moletom sobre a cabeça dela. "Brendan está providenciando um quarto para nós em algum lugar."

Ela balança a cabeça. "Devo voltar para Sorrowsong."

"Não."

“Fui avisado tantas vezes.”

“ *Ofélia.* ”

“Não é seguro para você ficar comigo. Não até que eu encontre quem está fazendo isso.”

“Provavelmente foi um adolescente tentando a sorte com um furto. Isso não tem nada a ver com você”, digo, embora nem eu mesma esteja convencida. Quem quer que tenha sido, claramente esperou que eu estivesse na cozinha antes de… o quê? Não entendo o motivo.

Eles não previram o sistema de segurança. Isso é evidente.

“Vamos dormir um pouco e deixar a polícia revistar o local.”

Há um olhar distante em seus olhos, seus ombros encolhidos como se ela estivesse apenas esperando que algo mais nos atingisse. Exalo um suspiro lento e tranquilizante, puxando-a para um abraço apertado. Enterro meu nariz em seus cabelos e, por mais que a abrace, parece que não é o suficiente. Seu coração bate forte e descompassadamente em seu peito. "Você está bem, Twist."

"Eu queria ter um lar para onde fugir."

É uma confissão sussurrada, talvez não para eu ouvir, mas é como uma facada no peito, porque ela tem razão.

Quando eu desembarcar do avião em casa, a casa estará cheia e movimentada. Minha mãe estará me esperando; minhas irmãs estarão prontas para criticar qualquer aparição pública que eu tenha feito esta semana. Meu quarto estará quentinho, e Josie estará roncando no quarto ao lado.

Eu faria qualquer coisa para que ela tivesse essa sensação.

Enrolo meus dedos nos cabelos na parte de trás da cabeça dela, como se talvez eu conseguisse mantê-la firme, mesmo que um pouco.

“Devo ligar para Colette.”

“Ofélia, você—”

Ela se afasta, os olhos fixos no pequeno corte que sinto logo abaixo do meu lábio inferior. Delicadamente, ela passa o dedo ali. Seus olhos são um mar fervilhante de emoções. "Eles *te* ameaçaram, Alex, eles quase... você quase... Se algo acontecesse com você por minha causa, eu não sobreviveria."

“Não aconteceu. Não vai acontecer.”

Ela vira minhas palmas, arranhadas pelos cacos de vidro e pela parede de tijolos. "Me *avisaram* para ficar longe de você, mas todo mundo me disse para ignorar."

“Como deveria ser. Não deixe que quem quer que seja essa pessoa roube tudo de bom da sua vida.”

“Você é a coisa boa da minha vida, Alex. Eu poderia ter te perdido. Suas

irmãs poderiam ter te perdido.”

Tiro a luva do bolso e a coloco na palma da mão. "Eles deixaram cair isto."

Ela franze a testa, vendo o que eu vejo. Acho que minha mão não caberia nessa luva, mesmo que tivéssemos meia hora para tentar. "Tem certeza?"

"Sim."

Ela paira a mão sobre o tecido preto. Parece servir perfeitamente.

“Não é meu pai, Ofélia”, digo, repetindo o que ela já ouviu centenas de vezes. “Eu sei que você acha que pode ser ele, mas não é. Essa perseguição é desleixada, desorganizada. Ameaças fracas, como se quisessem te machucar, mas não conseguissem. Esse não é Caim.”

Seus ombros caem, como se ela tivesse sido empurrada para a casa "Partida" neste jogo de tabuleiro maluco que estamos jogando. Eu sei que não é que ela esteja desesperada para que seu perseguidor seja meu pai; é que ela está desesperada por algo, *qualquer coisa* , que sugira que estamos progredindo.

“Não faça o que eles mandarem, Ofélia. Os homens de Rocco vão pegá-los em Canção da Tristeza.”

“É óbvio que não”, diz ela, limpando o nariz na manga. “É como se essa pessoa fosse invisível, esquecida e apagada de todos os registros.”

“Fique na água mais um pouco. E venha comigo para um hotel.”

“Volte para Nova York.”

"Não."

“Por favor. Até que tenhamos capturado essa pessoa, até que eu saiba que ela não pode te machucar.”

Seus lábios são macios como um travesseiro, seu rosto quente entre minhas palmas. Inspiro profundamente pelo nariz, tentando absorver o suficiente *dela* para que o próximo período sem ela pareça mais suportável.

"Eu te amo" , diz o olhar dela.

Você é a razão pela qual sou grato por estar vivo , espero que a minha pessoa diga o mesmo.

Afasto uma mecha de cabelo da sua testa, sustentando seu olhar com tanta intensidade na casa silenciosa e escura que a sensação é mais íntima do que qualquer outra coisa que pudéssemos fazer. "Não venha com essa *de 'sem compromisso* ' de novo."

“Nossos laços estão costurados no meu coração, Alex. Não consigo me livrar deles, mesmo quando tento.”

Capítulo 15

OPHELIA

Sorrowsong tem essa capacidade de te convencer de que você está perdendo a cabeça, como se a névoa que constantemente envolve as torretas tivesse se infiltrado no seu cérebro e nublado seu julgamento.

Alguém realmente tentou abrir a minha porta ontem à noite, ou isso foi parte do meu sonho?

Aperto o celular contra o peito, com a faca no bolso, enquanto subo a ladeira íngreme do lago até as grossas muralhas de pedra do castelo.

Não deixe que quem estiver te mandando mensagens te impeça de viver uma vida normal.

São conselhos que me foram dados por Alex, Colette, Mack, Divya e Magda.

É um conselho fácil de dar quando você não está na minha situação.

Quando encontrei Alex na cozinha daquela mansão ridícula em Londres no último fim de semana, com sangue escorrendo pelo queixo, minha disposição de acatar aquele conselho irritante diminuiu e morreu.

Se fosse o Alex recebendo mensagens de texto, *com minha* vida sendo ameaçada caso ele ousasse passar tempo comigo, tenho certeza de que seria uma história diferente.

Minhas botas afundam na lama sob meus pés, samambaias brilhantes estendendo-se em direção às minhas canelas.

Já faz uma semana. Fico pensando no que ele anda fazendo. O que ele comeu no café da manhã, o que fez no trabalho. Fico pensando em como ele está se sentindo.

Eu queria tanto que tivéssemos tido um destino diferente. Que pudéssemos passar as noites da semana juntos, viajar e que eu pudesse levá-lo para conhecer meus pais.

Eu gostaria de não ter medo de que ele se machuque por minha causa.

As nuvens parecem lançar um filtro cinzento sobre a paisagem e sobre o meu

humor. O campus em volta do castelo está silencioso, todos ou de ressaca, ou voltando para casa mais cedo para o feriado da Páscoa, ou mergulhados em livros didáticos antes das provas finais do próximo mês.

Colette viaja para Bora Bora na próxima semana, e Divya vai para um resort de luxo no Sri Lanka alguns dias depois.

Tento não pensar em voltar para a casa dos meus pais. Preciso ligar para o asilo e implorar por um emprego. Minha conta bancária está indo de volta a zero.

Um arbusto farfalha em algum lugar atrás de mim, um farfalhar forte demais para ser causado pelo vento. Espero que um cervo surja da folhagem, mas tudo fica imóvel.

Uma sensação incômoda e arrepiante percorre minhas palmas.

Olho por cima do ombro pela terceira vez em três minutos, desejando que minhas pernas cansadas se movessem mais rápido.

Juro que ouço uma inspiração profunda atrás de mim. Viro-me bruscamente para a floresta, apertando a faca com os dedos enquanto examino as árvores que escondem o caminho para o castelo.

Minha voz soa mais segura do que eu me sinto quando quebro o silêncio. Este sempre foi o meu plano, não é? Manter isso só entre nós dois? Estou cansada de ficar esperando que os outros resolvam meus problemas. "Não era isso que você queria? Eu, sozinha?"

Entro na densa folhagem, tentando vislumbrar qualquer movimento.

“Vamos fazer isso como adultos”, digo, nas sombras escuras da floresta.

Consigo sentir alguém me ouvindo, sinto a presença de alguém.

Meu celular vibra, o som ecoando entre os troncos retorcidos das árvores. Me apresso para colocá-lo no silencioso, com o pulso martelando na minha nuca.

Desconhecido
É você quem está pegando.

Em algum lugar entre as árvores, uma figura vestida de preto sai correndo.

Antes que eu pudesse começar a persegui-los, três tiros com silenciador vieram da minha direita. A figura hesitou por um instante antes de correr mata adentro, desaparecendo de vista.

Um dos homens de Vincenzo sai da vegetação à minha direita, com uma pistola em cada mão, disparando mais dois tiros contra as árvores. Ele abaixa a arma com um suspiro de frustração, como se errasse o alvo com frequência. "Você está bem?"

"EU …"

Eu não nasci para a Canção da Tristeza. Eu não nasci para nada disso.

Meus amigos podem não sentir repulsa pelas armas, pelo perigo, pela fama e pela riqueza, mas eu sinto.

O homem — acho que o nome dele pode ser Luca — coloca uma mão pesada no meu ombro, me tirando bruscamente do meu estado de transe. "Você está machucado?"

Eu balanço a cabeça negativamente, mas ele não parece convencido.

"Você o viu, não é?" pergunto, desesperada por uma confirmação de que Sorrowsong não está me levando à loucura.

“Não consegui ver o rosto deles”, resmunga ele, pressionando o telefone contra a orelha. Dou mais um passo para dentro da mata, mas ele segura meu braço e balança a cabeça negativamente.

O ar não está congelante, mas meus dentes batem violentamente, o interior da minha jaqueta parece lixa contra os arrepios que percorrem minha pele.

"Por que você teve que fazer isso?", respondi bruscamente, repentinamente frustrada por não estar sozinha, por não poder perseguir meu perseguidor até a floresta e acabar com isso de uma vez por todas.

Luca me encara por um instante, percebendo que estou falando sério. "Salvar sua vida?"

"Intervenham." Minha voz soa maníaca, uma das mãos se erguendo no ar enquanto me viro para encarar a floresta, mas é inútil. Eles já foram embora há muito tempo.

Ele aperta a ponte do nariz e pragueja em italiano. "Belladonna não estava mentindo sobre você."

"O que?"

“Instintos de sobrevivência de uma mariposa.”

Fico parado na beira da floresta por um tempo que parece uma eternidade, até que mais homens dos Morello desaparecem entre as árvores para procurar, e minha raiva vai crescendo até chegar ao ponto de ebulição.

Estou em um estado de transe enquanto minhas pernas me levam morro acima, atravessando os gramados tomados pelo mato de volta à mansão, com um plano tomando forma em minha mente.

Todas as outras emoções dentro de mim foram substituídas pela raiva. Abro minhas mensagens e envio minha primeira resposta.

Ofélia Invernos
Você queria que eu me entregasse?

Desconhecido
Tudo isso poderia ser tão simples.

Ofélia Invernos
Amanhã?

Um sinal de localização aparece, indicando uma pequena área arborizada não muito longe de um posto de gasolina perto de Lochinver.

Desconhecido
5h da manhã. Deixe o atirador para trás, desta vez.

Ofélia
É um encontro.

Obviamente, não vou sozinha. Esse é literalmente o primeiro erro que toda heroína de filme de terror comete. Em vez disso, disco o número de alguém que provavelmente vai ignorar minha ligação.

A ligação toca por tanto tempo que acho que estou certo, até que a voz suave de Belladonna surge pelo alto-falante.

Acho que ela não gosta de mim. Só espero que ela goste o suficiente do Alex para me ajudar.

"Sinceramente, acho que não somos próximos o suficiente para você começar a me ligar, Winters. Você é mais um contato por mensagem de texto."

Encantador. "Você contou aos seus homens que eu tenho o instinto de sobrevivência de uma mariposa?"

“Esse é o menor dos seus problemas. Eu já disse coisas muito piores.”

“Preciso de um favor.”

Ela deve ter percebido a seriedade no meu tom de voz, porque o ruído de fundo desaparece, como se uma porta estivesse se fechando do outro lado da linha. "O que foi?"

“Só preciso que você me leve a algum lugar amanhã.”

"Por acaso eu pareço estar administrando um serviço de táxi?"

"Só quero que você me leve a algum lugar de manhã e fique de prontidão. Posso te pagar a gasolina."

“Não me insulte.” Ela suspira, como se eu fosse uma criança pedindo mais uma rodada de jogo. “Ofélia, se você precisa que alguém morra, deixe com a gente. Você vai fazer uma baita bagunça.”

Devo estar com os hormônios à flor da pele, porque o fato de Belladonna estar disposta a matar por mim não deveria me deixar emocionada. "Só estou conhecendo alguém, é tudo."

"Quem?"

“Eu… não sei exatamente quem é.”

O silêncio se prolonga, e eu quase consigo ouvi-la tentando se decidir.

“Alex sabe disso?”

“Não. É por isso que estou perguntando a você e não ao seu irmão. Escute, semana passada… semana passada eu passei uma noite com o Alex em Londres, e alguém invadiu a casa.”

“Algum de vocês se machucou?”

“Eu estava lá em cima. Podia ter sido ruim para o Alex. Quem quer que tenha me enviado essas mensagens… me disse que ia machucá-lo, e eu não dei ouvidos.”

Sua voz assume um tom letal quando ela profere a seguir. "Certo, e seu plano é..."

Você sabe atirar?

Ela ri como se estivesse ofendida com a pergunta.

“Quem quer que seja, eu não quero que morra, mas quero que seja capturado. Só que eu deveria ir sozinho, e…”

“Se você contatar a polícia, eles não aparecerão.”

"Sim."

“Isso é uma má ideia, você sabe disso?”

Eu sei disso, mas também não posso continuar assim.

“É como se minha vida estivesse sendo ditada por outra pessoa. Eu só quero saber que fiz tudo o que pude. Quem está me mandando mensagens claramente não pode ser rastreado. Os investigadores do Alex já teriam encontrado essa pessoa.”

Sua voz se acalma, suaviza-se nos contornos. "Eu entendo isso."

“Não estou pedindo que você se coloque em perigo. Se parecer inseguro, simplesmente vá embora.”

“Eu não estarei em perigo. Eu *sou* o perigo. Darei uma passada no seu quarto quando voltar de Raigmore mais tarde.”

Os jardins selvagens de Sorrowsong brilham sob uma fina camada de orvalho quando encontro Belladonna do lado de fora da mansão Nightshade às quatro da manhã. Ela veste calças de moletom pretas e um moletom com capuz, as chaves do carro penduradas no dedo mindinho enquanto digita algo no celular. Ela nem sequer levanta os olhos, apenas solta um "Vamos lá" gélido e começa a me guiar pela trilha de cascalho.

Caminhamos em silêncio pelas trilhas sombreadas até o estacionamento ao sul do castelo, mas estou inquieta, com os dentes batendo e as mãos suadas nos bolsos. Se ainda havia algum cansaço em mim quando meu alarme tocou esta manhã, foi engolido por completo pela adrenalina que faz meu coração disparar.

Belladonna destranca seu Bronco e desliza para o banco do motorista, colocando uma garrafa térmica de café fumegante no porta-copos. "Ainda tem certeza?"

"Sim."

Suas unhas tamborilam na tela grande do console central, cujo interior combina preto e vermelho escuro. Faltam pouco mais de trinta minutos de viagem quando ela aperta o botão verde para iniciar o trajeto, saindo da vaga de estacionamento e subindo a pista irregular até os portões.

Tamborilo os dedos na minha coxa, nervosa com o silêncio constrangedor. Bem que eu precisaria de um guia agora. *"Como puxar conversa com a filha de um chefão da máfia notório, para leigos"*.

“Como está sua família?”, pergunto, tentando responder.

"Devo denunciar como suspeita qualquer pessoa que pergunte sobre minha família."

“Muito bem, então.”

O silêncio se instala novamente, e o olhar gélido de Belladonna se volta constantemente para o espelho para se certificar de que estamos a sós.

Enxugo as palmas das mãos suadas na calça legging, soltando um suspiro lento pelas bochechas.

Simplesmente não consigo lidar com o silêncio quando estou nervoso.

“Como está Raigmore?”

"Multar."

Você tem alguma área favorita... da medicina?

“Neuro.”

Faz sentido, de alguma forma. Consigo imaginá-la fazendo isso. "É isso que você está escolhendo?"

Seu maxilar se contrai, seus lábios se pressionam. "Não. Medicina de emergência."

"Ah." Não é frequente eu ver Belladonna demonstrar emoção, mas agora eu a sinto. Não insisto no assunto, embora esteja desesperado para me distrair do que quer que aconteça daqui a trinta minutos.

“É melhor para os negócios da família”, diz ela, por fim.

“Medicina de emergência?”

“Sim. Vou trabalhar como médico para sustentar a família.”

Será que ela tem muita escolha?

Ela fecha a boca com força quando viramos para uma estrada menos tomada pela vegetação. Interpreto isso como um sinal de que não sou alguém com quem ela queira se abrir.

"Como você conseguiu deixar seu cabelo tão brilhante?" Eu tento.

"Genética."

“Então, você está me dizendo que eu não deveria passar sementes de linhaça, bananas e coco na minha cabeça, como aquele vídeo do YouTube me ensinou?”

Ela reprime um sorriso, lançando-me um olhar de soslaio. "Fazer granola na cabeça não vai resolver nada." Ela massageia o músculo do ombro e faz uma careta. "A indústria da beleza lucra com aquilo que você não pode mudar. É por isso que ainda é uma indústria."

Ela pode me ver como uma mosca irritante, mas acho que meus problemas de apego e eu estamos começando a vê-la como uma irmã mais velha.

“Por que você não gosta de mim?”

Você está buscando algum tipo de desenvolvimento pessoal ou algo assim?

“Sim, sou”, digo, sinceramente.

Ela ri, esfregando as mãos como quem diz: " *Por onde eu começo?* ". "Acho que você é imatura. E talvez isso seja duro, porque acho que eu também era assim na sua idade. Mas ainda assim é irritante. E você é egoísta, ignora como suas ações afetam os outros."

"Como o que?"

Ela gesticula com a mão ao redor do corpo. " *Assim* ... Fazendo isso sem se importar com o impacto que uma coisa teria no Alex. Só estou indo com você porque, se você fosse sozinha, faria alguma besteira, como escorregar e levar um tiro na hora, e aí ele ficaria deprimido pelo resto da vida."

Ela provavelmente tem razão.

Não estou acostumado a ter alguém que se importe.

"Talvez eu faça algo muito legal, tipo... dar um chute voador na cabeça deles."

Ela ri. "Você é literalmente aquela personagem do filme que simplesmente... *morre* ."

Ótimo. Isso realmente me enche de confiança.

Meu Deus, isso *é* uma péssima ideia.

"Espero que você e o Alex consigam resolver isso", ela diz, após alguns minutos de silêncio, e eu sei o quanto ele é importante para ela, então talvez essa

seja a coisa mais gentil que ela já me disse.

"Eu também."

“Até o final desta noite, você se sentirá dez vezes mais leve”, diz ela, com a mesma confiança tranquila que Alex demonstra em relação à sua própria segurança. Talvez seja um efeito colateral da combinação vertiginosa de dinheiro e poder, mas todos na Sorrowsong parecem acreditar que são invencíveis. “Então, qual é o plano? Lidamos com o seu perseguidor e, depois disso, você e Alex estarão resolvidos? Assim, sem mais nem menos?”

Não está resolvido, mas talvez tenhamos uma chance de começar a consertar, de começar a construir as escadas gigantes que precisaremos para superar os obstáculos entre nós. Parece que temos enormes pedras bloqueando nosso caminho, que talvez haja um final feliz para nós em algum lugar no futuro, mas nenhum de nós consegue enxergá-lo.

Só temos que acreditar que está lá.

"Tão ruim assim, hein?", ela diz, quando o silêncio se prolonga.

Meus dedos apertam o cinto de segurança quando ela derrapa numa curva em *alta* velocidade. "Temos muita coisa para nos adaptarmos. Muitas coisas que vão dificultar. Mas vamos dar um jeito. Eu sei que vamos."

A tela à nossa frente se ilumina, projetando sua carranca e as flores tatuadas em seu braço esquerdo em um brilho azul. O som do telefone dela tocando ecoa pelos alto-falantes do carro, interrompendo o que quer que ela fosse dizer.

“Papai”, diz ela, carinhosamente. “É sempre bom ter notícias suas.”

A voz do pai dela é grave, rouca, como se ele tivesse passado muitos anos fumando charutos. "Belladonna, minha querida", ele começa, com um tom meloso demais. "Luca acaba de me informar que seu carro não está no estacionamento do castelo."

“Ele sempre foi muito observador.”

“O que você está fazendo às quatro da manhã sem nenhum guarda?”

“É só um favor para um amigo. Se tivermos uma comitiva, não vai funcionar.”

Procuro não me deter muito na palavra *"amiga"* , caso ela a retire.

A frustração subjacente em sua voz é superada pelo carinho. "Você está me deixando com cabelos brancos, *Piccola* ."

“Estou seguro, eu prometo.”

“Quem você está enterrando?”

Ela ri, seu rosto geralmente carrancudo se iluminando da mesma forma que o de Vincenzo quando ele fala sobre sua família. "Eu te conto daqui a uma hora."

“ *Beladona Luigia Francesca Morello.* ”

"O que?"

“Se eu contar para sua mãe, ela vai querer sua cabeça numa bandeja.”

“Quem quer que seja, tentou matar Alex na semana passada.”

Há uma pausa carregada de tensão, e talvez as histórias de Alex sobre como seu pai o tratava tenham me marcado, porque fico esperando a sequência de palavrões, o comentário cortante. Mas Rocco apenas suspira, como se esta fosse a terceira vez nesta semana que Belladonna colocasse sua vida em risco. "Não tente nada esperto. Apenas mire no coração e eu cuido do resto."

Meu Deus! Acho que estou tendo um ataque de pânico.

Eu me desligo do resto da conversa deles, contemplando a paisagem escura que se projeta acima dos arbustos. As colinas, os campos e os pinheiros das Terras Altas estão tingidos em tons escuros de zimbro e ardósia, agitados pelo vento sob um céu negro e nublado.

Belladonna está me observando pelo canto do olho. Tenho certeza de que ela consegue ver o pânico no meu rosto, porque ela diz: "Você quer que eu me vire?"

"Não sei."

“Não vou deixar nada acontecer com você. Alex é da família, o que faz de você parte da família também. Eu acho você um idiota, mas ele claramente não pensa assim.”

"Obrigada", sussurro, enquanto cutuco as unhas. "Estou tão cansada de ter isso me atormentando. Não me lembro da última vez que dormi de verdade. Tipo, uma *noite de sono* reparador."

“Então, vamos fazer isso”, diz ela, com um tom definitivo.

Ela diminui a intensidade dos faróis na estrada deserta. Sei que não estamos longe de Lochinver, pois consigo distinguir a curva solitária de Suilven, que se projeta sobre as colinas e lagos.

A tela indica que estamos a poucos minutos de distância, então ela reduz a velocidade do carro até parar completamente, inclinando-se ligeiramente para a frente para observar cada arbusto, pedra e árvore que ultrapassamos.

É estranhamente silencioso, estranhamente deserto.

A localização descrita no texto nos leva para fora da estrada estreita e para uma planície gramada que parece não levar a lugar nenhum. O vento açoita o carro, agitando o mar de sarças afiadas e samambaias secas que cobrem o chão sob nós.

Ela apaga todas as luzes agora, os pneus afundando na terra pantanosa

enquanto seguimos às cegas em direção a um denso bosque de pinheiros à distância.

Deus, espero que o carro não fique atolado.

Eu não gosto disso, e pelo jeito que Belladonna se inclina sobre mim para abrir o porta-luvas e pegar sua arma, percebo que ela também não gosta.

Ela para o carro na terra macia, apontando para algo à distância.

Um carro está estacionado na beira da mata.

“Pelo menos não levamos um bolo”, digo, entre risos nervosos. Tento distinguir o carro prateado no escuro. Parece barato, amassado e danificado. “Consegue ver a placa?”

“Não. Parece um carro de péssima qualidade. Podem ter roubado.”

Minha mão trêmula puxa a maçaneta da porta o mais silenciosamente possível, o suave assobio do vento infiltrando-se no carro. "Estou com medo", sussurro, enquanto empurro a porta. A ideia de ficar cara a cara com meu algoz é repentinamente avassaladora. A lista de suspeitos desfila pela minha mente, uma pequena procissão de todos que já irritei.

“Não estou”, ela responde, calmamente. “Nós vamos resolver isso.”

“Se for Caim?”

“Não é. Mas se for, lidaremos com isso.”

“Se for Carmichael?”

“Não vai acontecer. Seria uma estupidez inacreditável da parte dele. Ele adora este trabalho.”

“Quem você acha que é?”

Os olhos dela se arregalam, como se uma pergunta irritante a fizesse me abandonar para morrer em algum pântano espinhoso nas Terras Altas. "Como diabos eu saberia? Mal te conheço."

“Será que é o Shawn?”

"Eu poderia partir o Shawn ao meio. Você vai ficar citando nomes a manhã toda?"

“Certo. Uhh… não. Eu vou indo.”

Minha bota afunda no chão, o frio impiedoso penetrando a gola do meu moletom. "Espere aqui."

Então, aperto meu canivete com força na mão e fecho a porta do carro.

Capítulo 16

OPHELIA

Abandonar Belladonna parece uma péssima ideia, mas não posso arrastá-la para mais nada além disso. Essa é a minha bagunça.

A curta caminhada até as árvores parece uma maratona. Tanto tempo para pensar demais, tanto tempo para meu coração acelerar num ritmo descompassado. Cada sussurro do vento no meu ouvido ou cada galho nu que se estende em direção às minhas pernas me faz girar para encarar uma pessoa que não está lá.

Quando chego ao Golf abandonado, mal consigo distinguir o veículo de Belladonna atrás de mim.

Dou uma olhada ao redor, o mundo tão silencioso que minha respiração é ensurdecedora e meus passos soam como se pudessem ser ouvidos a quilômetros de distância. Ouso ligar a lanterna do meu celular, espiando através dos vidros amarelados. O carro está imundo, por dentro e por fora. O banco do motorista está vazio, o banco do passageiro coberto de garrafas de água vazias e embalagens de comida. O pequeno banco traseiro tem um travesseiro manchado e um cobertor.

Quem estiver aqui, está morando neste carro.

As coordenadas que me foram enviadas levam à massa de pinheiros à minha frente, mas quando examino a linha das árvores, não há vestígio de ninguém nem de nada.

Ando de um lado para o outro ao redor do veículo, com a faca entre os dedos suados. Não encontro nenhuma pista dentro do carro, mas meus olhos pousam na placa, tão coberta de sujeira que é quase ilegível.

Pego meu celular e me assusto com o brilho da tela, tentando abaixá-lo às pressas antes que alguém me veja. Quase espero que o técnico do Mack não atenda, mas ele atende. Deus sabe que horas são onde quer que ele esteja.

"Brendan?" sussurro, tão baixo que mal consigo me ouvir. Olho por cima dos

ombros, agachando-me para me esconder atrás do carro. "É Ophelia. Se eu te der a placa, você consegue me dizer quem está dirigindo?"

Ele deve ter percebido o medo na minha voz, porque não me pergunta por que preciso disso. "De que país é o carro?"

“O Reino Unido.”

Ouço uma gaveta abrir e fechar do outro lado da linha, e depois o som dele digitando. "Por que você está no meio do nada?"

Olho para baixo do carro e para o conjunto de árvores além, mas não encontro ninguém. "É uma longa história."

Ele suspira. "Diga-me os pratos."

“MG01 ARJ.”

"Aguentar."

Em algum lugar entre as árvores, um galho estala. O pânico me invade. Consigo ouvir Brendan resmungando baixinho, como se estivesse tendo problemas do lado dele. "Hum, quanto tempo até você conseguir um fósforo?"

Você está em perigo?

Acho que agora não é hora de dourar a pílula. "Eu acho que sim."

“De quem é o carro? Da pessoa que está enviando as mensagens?”

Olho para baixo do carro novamente, observando a linha das árvores como um falcão. "Sim."

“Ofélia, saia daí e deixe isso conosco.”

“Estou deixando isso nas mãos de vocês há meses. Não posso simplesmente ficar sentado esperando que alguém mate o Alex.”

"Certo, então me avise quem é o perseguidor, se você sobreviver. O carro está com a inspeção veicular vencida. Também não está com o IPVA pago. Provavelmente foi roubado."

Eu praguejo frustrada, mantendo-o na linha enquanto caminho de um lado para o outro até um pequeno arbusto redondo, observando, esperando que alguém apareça. Ninguém aparece.

Não me resta outra opção senão ir até as árvores, estremecendo a cada galho e folha que estala sob minhas botas Doc Martens. Meus dentes batem ao expirar, enquanto sou mergulhada na escuridão total. A respiração calma de Brendan e o som das teclas digitadas são as únicas coisas que me fazem companhia.

Assim como na Floresta Solene que circunda as muralhas em ruínas de Sorrowsong, a floresta me rouba todos os cinco sentidos. Perco a noção de direção, tateando às cegas entre os troncos rachados das árvores até ouvir um segundo par de passos à minha frente.

Ou será que estão atrás de mim?

Cada som reverbera pela floresta, vindo de todas as direções.

Sigo na direção dos passos, faca na mão, e quando parece que eles poderiam estar caminhando ao lado dos meus, a floresta fica silenciosa e imóvel.

Um suor frio gruda na minha pele.

Sinto isso de novo agora, exatamente como senti naquela floresta com Bancroft: uma espécie de pavor nauseante e opressivo.

Mas, de alguma forma, me sinto mais forte do que naquela época.

“Te peguei”, murmurou Brendan, me fazendo pular. “No ano passado, o carro estava registrado em Inverness em nome de uma tal de Sra. L—”

Algo — *alguém* — me atinge pelas costas, fazendo meu celular voar. A terra me recebe com um baque surdo, o gosto de sangue e terra úmida invadindo minha boca. Seguro minha faca, golpeando-a atrás de mim enquanto um par de joelhos se abate sobre minha lombar.

Mas eu sei que, assim que aqueles joelhos tocarem minhas costas, essa não é uma luta justa.

Não há peso algum. Quando minha mão envolve o antebraço que serpenteia pelo meu pescoço, ele não passa de pele e osso.

A voz que surge é rouca, marcada pela doença e fragilidade, mas o sotaque escocês é familiar. "Eu te odeio, Ofélia."

Fechei os olhos para me proteger dos espinhos e da sujeira e amaldiçoei minha própria estupidez.

Não sei por que não percebi isso antes.

Só conheço uma pessoa que queria que Green desmoronasse com a mesma intensidade que eu.

“Laura”, eu consigo dizer com a voz embargada.

“Eu te dei a fita do meu pai”, ela sibila, a linha fina do seu antebraço pressionando com mais força meu pescoço. “Você me enganou para que eu te desse a última parte dele.”

Lembro-me da casa dela, do desespero quando me entregou a fita com a confissão que nos daria a vingança que ambos almejávamos há tanto tempo. Era uma informação crucial no meu caso contra Cain Green. Era o bem mais precioso dela, e eu lhe prometi que valeria a pena entregá-la.

Mas, em vez disso, eu busquei um final feliz.

E quase não pensei mais nela.

"Não foi assim", sussurro, com a respiração ofegante. Aperto a faca com força, mas tanto faz jogá-la no mato.

Eu não vou matar Laura. Eu não consigo matá-la.

“Como seu namorado te subornou para roubar a última prova contra a família dele? Você me implorou por ela, fingiu que odiava os Corbeau-Greens.” Ela ri maniacamente, os joelhos ossudos cravando-se na minha espinha. “Eu te mandei aquela fita, e você *sumiu* . E eu pensei que talvez você tivesse se esquecido de mim, como todo mundo faz. Mas eu encontrei o Alex online. Rindo com você, passando o Natal com você.”

"Não, não, não", imploro, tentando fazê-la entender, tentando apagar as chamas da culpa que me consomem por dentro.

“Eu vim até você. Eu observei você. Vim até Sorrowsong porque, *certamente* , aquela garota que veio à minha casa não era realmente má. Certamente tudo não passou de um mal-entendido. E o que eu encontro? Você e ele, enterrando aquele homem. Ele também era como eu? Você o enganou?”

"Laura, por favor", eu digo com a voz embargada, "eu não estava tentando te enganar, eu me apaixonei por ele depois, eu juro. Eu sempre tive a intenção de derrubar o Green."

“Você só sabe *mentir* .”

Eu a empurro para longe o suficiente para rolar de costas. Está escuro demais para distinguir seus traços, mas a silhueta de seu cabelo oleoso está murcha e sem vida contra as copas das árvores iluminadas pelo luar. "Eu coloquei de volta. A fita adesiva", digo ofegante. "Pode ficar com ela."

“Vendi a casa para pagar um hacker para terminar o que *você* me prometeu que começaria!” ela grita, agarrando meu pescoço com as mãos. Dedos finos cravam-se na minha carne, mas não há ameaça, nenhuma força por trás de seus movimentos.

Ouço um *clique* mecânico em algum lugar ao nosso lado e congelo, meus olhos se arregalando em consternação. "Belladonna, não atire!"

Um raio de luar irregular incide sobre as linhas metálicas características de uma arma, apontada diretamente para nós.

Mas isso só deixa Laura em pânico, com as mãos gesticulando freneticamente.

“Ela tem uma faca, Ofélia.”

“ *Não. Atire* ”, imploro, tentando segurar um dos braços de Laura. A faca para no meu pescoço, minha mão em seu pulso impedindo que ela penetre na minha pele. “Laura, me escuta.”

“Te ouvir? Te ouvir era minha última esperança.”

"Sinto muito, *muito* mesmo."

E eu sinto muito. Um simples "desculpe" não é suficiente. A culpa me deixa sem fôlego, me gela o sangue.

Laura sou eu, e eu sou Laura. Duas mulheres desiludidas pelo mesmo homem. Duas mulheres unidas pelo mesmo trauma. Duas mulheres esquecidas pela lei.

E depois eu também me esqueci dela.

Envolvo a lâmina com a outra mão, e ela corta minha palma enquanto a afasto cuidadosamente do meu pescoço. Sangue escorre para minhas roupas. "Vou chamar ajuda. Vou te ajudar."

“Você me fez *acreditar* ... Mas você é igual a todos os outros.”

"Sinto muito. Nunca tive a intenção de me apaixonar", imploro, desesperado para que ambos saiamos daqui vivos. Não me custa muito empurrá-la para cima e afastá-la de mim, para que eu veja, pela sua silhueta, o quão esquelética ela realmente é.

Eu fiz isso.

Não sou melhor do que as pessoas que juro destruir.

Sua respiração se acalma um pouco. Meu polegar faz pequenos círculos em seus nós dos dedos, onde seguro suas duas mãos nas minhas. "Isso mesmo", sussurro, como se estivesse domando um animal selvagem. "Respire. Eu vou te ajudar. *Me* desculpe."

Ela se afasta de mim e, por um segundo, acho que está funcionando.

Mas então ela comete o erro fatal.

Ela avança em direção a Belladonna.

"Não!" grito, mas sempre admirei Belladonna por sua capacidade de se colocar em primeiro lugar. Um único tiro corta o ar denso, implacável e eficiente.

A luz banha a floresta num brilho alaranjado por uma fração de segundos, e então Laura desaba no chão num amontoado de roupas manchadas e membros desengonçados.

"Não", murmuro, rastejando até ela. Mesmo no escuro, com um alvo em movimento, o tiro não poderia ter sido mais preciso. Pressiono minhas mãos sobre o sangue que jorra do ferimento logo acima do coração dela, como se isso fosse resolver alguma coisa, como se eu não tivesse matado Laura cinco meses atrás, quando escolhi o amor em vez da vingança.

"Sinto muito", sussurro. *Ai, meu Deus, sinto muito, muito mesmo.*

O branco dos seus olhos parece brilhar no escuro, arregalado de choque. Seu sangue é um rio carmesim que escorre para a terra, e se ela tivesse recebido a

bolsa de estudos, se tivesse encontrado alguém por quem se apaixonasse, se os nossos papéis fossem invertidos, seria eu.

"Não quero ir para a prisão", ela sussurra, como se acreditasse que poderia sobreviver a isso.

Eu a abraço forte, minha mão servindo de apoio firme sob sua cabeça. "Você não vai. Eu não vou deixar isso acontecer."

"Promessa?"

“Eu prometo”, digo, segurando sua mão magra na minha. Algo se estilhaça dentro do meu peito. “Belladonna é realmente boa em esconder provas.”

"Sim?"

Afasto o cabelo do rosto dela, uma lágrima escorrendo pelo meu lábio superior e estourando na minha língua. "Sim."

Ela morre rápido. Mais rápido que Bancroft. Ela morre com a mão na minha e meu moletom sobre seu corpo trêmulo.

Acho que uma parte de mim morre com ela.

"Sinto muito que ela tenha morrido", diz Belladonna, após cinco minutos de silêncio em que fiquei ajoelhado ao lado dela com a cabeça entre as mãos.

Minha voz soa estranha, distante e abafada. "Eu não gostaria que você tivesse se colocado em risco."

“Ela provavelmente está melhor assim”, diz ela, e isso destrói a ilusão que eu tinha de querer ser exatamente como Belladonna um dia, porque é uma coisa tão fria e insensível de se dizer. Se ser forte significa insensibilizar as emoções para coisas assim, acho que não quero ser forte de jeito nenhum.

Faltam apenas alguns minutos para que alguns dos homens de Rocco Morello cheguem, iluminando com lanternas a cena horrível à nossa frente, iluminando o que eu fiz a uma mulher que merecia muito mais, e enquanto começam a limpar os vestígios de sua existência, apenas um pensamento martela minha mente.

Deveria ser eu.

Capítulo 17

OPHELIA

A casa não está muito diferente de quando a deixei logo após o Ano Novo, exceto pelas contas atrasadas na porta e a camada recente de mofo nos parapeitos úmidos das janelas.

Está fazendo onze graus lá fora, mas de alguma forma aqui dentro parece ainda mais frio. Enrolo meu casaco marrom fino com mais força ao redor do corpo, e as meias brancas grossas que estão por cima da minha meia-calça não fazem nada para amenizar a sensação de frio.

Doía voltar a esta casa antes do Natal, com suas estantes vazias e móveis empoeirados, mas agora, onde as lembranças de Alex e eu se misturam à dor e à decadência, é de alguma forma ainda pior.

Não vi o que a equipe de Morello fez para limpar a cena; apenas voltei, mudo e rígido, para o carro de Belladonna.

Deixei que as perguntas me envolvessem. *Você está ferida? Laura estaria trabalhando com alguém? Ela tem família que precisamos silenciar? Para onde você quer ir agora? Podemos limpar o corte na sua mão?*

Eu só tinha uma resposta: Por favor, não me levem de volta para Sorrowsong.

Em vez disso, pedi aos homens de Belladonna que me trouxessem algumas roupas e meu laptop e me deixassem aqui, embora eu não tenha me dado ao trabalho de trocar de roupa. Minhas leggings estão cobertas de lama e há sangue debaixo das minhas unhas que acho que nunca conseguirei apagar completamente.

Estou *enojado* de mim mesmo. Enojado do que fiz com ela. Enojado por estar tão desesperado para sair do ninho de cobras da perda, da solidão, da raiva e do desespero, a ponto de escalar a escada e levá-la comigo.

Ignoro o toque incessante do meu telefone na bancada de laminado lascado da cozinha. Preciso de uma, duas, *três* tentativas para que meus dedos trêmulos consigam ligar a chaleira na tomada, e mais duas tentativas para abrir a lata de

chá enferrujada e despejar um saquinho na caneca favorita do meu pai.

Não sei o que fazer.

Um simples "desculpe" não seria suficiente, mesmo que ela ainda estivesse viva para que eu pudesse me desculpar.

Minhas lágrimas pingam nos envelopes brancos enquanto os abro. Água, gás, eletricidade, impostos. Não representam quase nada, mas o mesmo acontece com o meu saldo bancário.

E no momento não tenho condições de ligar para o lar de idosos e pedir um emprego.

Soluço um soluço enquanto levo a caneca aos lábios, o vapor queimando meu nariz, vermelho e irritado de tanto chorar.

Chá sem leite não tem graça.

Viro o celular, ousando olhar para a tela. Dez chamadas perdidas de Colette. Mais dez de Divya e Magda. Quatro de Vincenzo. Três de Mack, duas de Brendan. Uma de Belladonna.

Inúmeras ligações de Alex.

Isso deveria aquecer meu coração. É tudo o que eu esperava.

Mas é uma lembrança de Laura, de como o celular dela devia estar: vazio, exceto por mensagens anônimas para uma garota que a decepcionou.

Desligo o telefone antes que as lágrimas *realmente* comecem. Antes que o arrependimento, a desolação e a autodepreciação que reprimi nas últimas oito horas finalmente me atinjam. Isso faz minhas pernas bambearem no pequeno patamar quadrado no topo da escada, me dobra ao meio, espalha uma enxaqueca como óleo quente pelo meu crânio.

Pela primeira vez em quatro longos anos e meio, cambaleio até o maior dos dois quartos e puxo os cobertores impecáveis, deslizando para debaixo do edredom com os olhos inchados e o coração partido. Meu grito de frustração é abafado pelo travesseiro. "Preciso de vocês", soluço no tecido empoeirado. "Preciso de vocês dois, e vocês não estão aqui."

Caminho a passos lentos pelo conjunto habitacional, com a garrafa de leite da mercearia da esquina pendurada no meu dedo mindinho e um pirulito na boca. Aguentei quatro horas sem uma xícara decente de chá antes de ceder e seguir arrastando os pés pela rua, vestindo o que tenho certeza ser uma combinação lisonjeira de calça de moletom do Alex e as sandálias velhas da minha mãe.

Pela primeira vez desde a morte dos meus pais, me sinto livre de perguntas.

Sei que meus pais morreram em consequência de um acordo mesquinho e

hediondo para manter em segredo um dos muitos casos extraconjugais de Cain Green.

Eu sei que Bancroft e minha mãe tiveram um caso.

Eu sei quem mandou a foto do Alex, minha e do corpo do Bancroft.

Sei que Brendan conseguiu recuperar o celular de Laura e apagar todos os vestígios dele.

Eu sei *de tudo* .

Então, onde está a satisfação? Onde está a sensação de vitória que venho buscando incessantemente há cinco anos?

Preenchi as respostas para todas as minhas incógnitas como se fossem buracos nessas estradas escocesas horríveis, mas parece que elas só pioraram.

Só preciso aguentar o dia de hoje. Amanhã vou lidar com coisas como tomar banho, comer e estudar.

Aceno para a Sra. Smith, que mora na esquina, de roupão e com um cigarro entre os lábios. Ela acena de volta, colocando sua xícara de chá em cima da lixeira verde ao lado dela. "Você tem pastilhas para lava-louças sobrando, Winters?"

“Não tenho máquina de lavar louça, Mary.”

Ela tosse, uma tosse forte e úmida que sacode todo o seu corpo. "Você devia tomar um."

"Provavelmente."

“É verdade? Você estudou naquela escola chique que ficava num castelo?”

"Sim."

“Como é?”

Paro logo depois da casa dela, que está quase tão deteriorada quanto a minha. Um suspiro pesado faz meus ombros caírem. "A comida é boa."

"Aposto que sim." Ela solta uma densa nuvem de fumaça. "Se você vir o Steve, pergunte a ele se ele tem uma pastilha para lava-louças sobrando."

Não sei como consegui fazer isso por quatro anos, sobreviver à base de pão de posto de gasolina e minhas próprias lágrimas. Quando viro a esquina e dou de cara com o terraço de pedra cinza que chamo de lar, meus pés param.

Eu ficaria feliz em vê-lo, em descobrir que ele ainda não tinha voltado para casa, mas tem algo estranho naquele carro estar aqui. Um carro de cem mil libras estacionado entre casas que custam o mesmo. Carros que provavelmente custam o aluguel de um mês cada, enquanto Mary troca os itens do armário da cozinha por pastilhas para lava-louças.

Quando chego ao ridículo Land Rover, ele está vazio, mas as luzes internas

estão acesas, algo que eu não me preocupei em fazer.

A porta está destrancada. Tiro as sandálias no piso vinílico descascado e me arrasto até a cozinha.

Alex se vira para mim, e o silêncio toma conta do ambiente. Ele parece cansado. Seu olhar percorre meu corpo, e o que quer que veja é suficiente para preenchê-lo com algo que se assemelha muito à tristeza.

Ótimo.

“Pelo bem da minha pegada de carbono, Ophelia, vamos ter mesmo que trabalhar nos nossos problemas de comunicação.”

Eu me ajoelho para colocar o leite na geladeira, mas agora está com uma aparência ridícula, cercado por frutas frescas, iogurte, queijo e refeições prontas que Alex já colocou lá.

A luz amarela da lâmpada da geladeira emana das lágrimas que não consigo conter, da culpa que pesa sobre meus ombros, pesada demais para que eu a suporte.

Apoio uma mão no chão borbulhante à minha frente, enquanto aperto a outra contra o peito, porque *dói* . Se fosse qualquer outra pessoa atrás de mim, eu ficaria envergonhada do soluço convulsivo que escapa da minha garganta.

"Você não pode simplesmente acender todas as minhas luzes", eu grito, como se esse fosse o problema. "Estou tentando economizar nas contas."

Uma mão pousa na minha lombar, fazendo um leve círculo com os dedos. "Deixe-me ajudar com—"

Eu me sento sobre os calcanhares, nós dois ajoelhados em frente à geladeira nesta cozinha minúscula. "Você não pode simplesmente gastar dinheiro com tudo para consertar as coisas", eu digo secamente, mesmo sabendo que soa rude. Ele é excepcionalmente bom em não me dar dinheiro, em não me deixar desconfortável dessa forma.

“Conte-me o que aconteceu.”

"Eu esqueci", eu disse, soluçando entre lágrimas.

"Esqueceu o quê?"

“Eu esqueci *disso* .” Aponto para a casa toda com a mão, depois para a foto desbotada dos meus pais pregada na porta. “Eu esqueci deles. Esqueci da Mary, lá da rua de baixo, e esqueci da Laura. E vocês estão todos tão distantes, e eu me acostumei tanto com todos os luxos que acabei me distanciando também.”

“Ofélia, você não é alguém acostumada a coisas luxuosas.”

“Não é a isso que me refiro.”

Não me refiro aos carros, às bolsas, aos sapatos. Refiro-me a luxos *reais* .

Amigos que se importam, que aparecem com quadros-negros e lanches sempre que algo precisa ser planejado, amigos que te levam de carro às quatro da manhã só porque você pede. Alex. Alex, que me ama tanto e tão profundamente que as correntes do meu passado parecem mais frouxas agora.

Luxos que Laura poderia ter tido, se eu não a tivesse abandonado.

Seus olhos se suavizam com compreensão. "Ser amado e aceito por quem você é não é um luxo que você não merece."

“Alguém *morreu* por minha causa.”

“Não sei quem é Laura, mas sei que você não é o vilão da história dela. Você não decidiu o destino dela. Você está se dando muito poder na vida dela.”

“Pare com isso.”

“Não estamos fazendo isso. Você não está se privando de gentileza porque acha que não a merece.”

Meus ombros tremem, meu peito dói. "Por favor, pare."

“Conte-me o que aconteceu.”

"Acabei desistindo da vingança por um relacionamento com você", disparo, com mais raiva dele do que realmente queria. Só existe uma pessoa com quem estou realmente com raiva. "Eu me deixei consumir por você."

“Quem é Laura?”

A autoaversão é uma lâmina cega em algum lugar dentro de mim, abrindo caminho de dentro para fora. "Ela sou *eu* ... Ela seria eu se eu não tivesse te conhecido."

Ele se levanta e eu ouço o tilintar de uma caneca contra a bancada, o borbulhar da chaleira. E então ele se foi, passos soando escada acima antes do som da água enchendo a banheira.

Isso só faz com que o que eu fiz pareça pior.

Estou no meu terceiro episódio de *MasterChef* , criticando a maneira como Clare, de Birmingham, fez um roux, mesmo sem ter a mínima ideia do que seja um roux, quando Alex finalmente se junta a mim no sofá depois do que pareceram cem reuniões de trabalho. Recém-saído das lentes de contato, ele está usando aqueles óculos de leitura, aqueles que aparecem tão raramente, mas que estão presentes em quase todos os meus devaneios.

Após o que só pode ser descrito como um colapso catastrófico durante a noite, hoje me sinto completamente sem forças, como a quietude que se instala depois da tempestade, quando o céu já não podia mais chover.

"Ela colocou alecrim no roux", digo, porque não quero falar de mais nada.

Suas pernas se juntam às minhas na mesa de centro à nossa frente, enquanto ele levanta meu moletom para verificar os hematomas que marcam minhas costelas da briga com Laura. "Que porra é um roux?"

“Não sei. Mas aposto que não se deve colocar alecrim nisso.”

“Que idiota.”

"Literalmente."

Ele encara a TV com um leve desinteresse, assistindo a um participante passando batatas por uma peneira com tanto entusiasmo que gotas de suor começam a se formar em sua testa. Alex está inquieto, os músculos sob as tatuagens de corvo em seu antebraço se contraindo enquanto ele gira o anel de ouro em seu dedo indicador. Há uma aura sombria nele que me lembra daquele primeiro dia em que nos encontramos do lado de fora dos portões de Sorrowsong, como se uma tempestade estivesse se formando sob sua pele.

Eu me inclino para arranhar seus cabelos com as unhas, observando seus olhos se fecharem lentamente e a tensão se dissipar um pouco de seus ombros. "Fale comigo."

“Nunca vamos conseguir pegar meu pai.”

“Você vai sim. Ele é simplesmente repugnante.”

"Ele é inteligente demais. Tem contatos demais. Acho que não existe força policial, aeroporto, órgão governamental ou grupo criminoso em lugar nenhum em que ele não tenha um contato... Por que estão peneirando batatas?"

"Desisti de tentar entender esse programa de TV quando você fumou seu primeiro cigarro. Aquele ruivo acabou de esmagar um tomate."

Ele suspira, como se fosse realmente o programa de TV que o estivesse incomodando, e não todo o resto. "Qual é o sentido de tudo isso?"

"Não sei", digo, colocando um biscoito na boca. "Você vai ter seu pai, Alex. É uma questão de esperar."

"Só quero me livrar dele. Já passamos por muita coisa. Já esperamos tempo demais."

“Parece que sim, mas três meses não é tanto tempo assim.”

“Quando você teve que esperar três meses para o lançamento de um novo livro, disse que três meses era o período mais longo imaginável. E quando eu perguntei: 'E se fossem quatro meses?', você me mandou cuidar da minha vida.”

Eu *disse* isso, mas não admito. "Oh, céus. Visão *e* memória em declínio. Você é um caso perdido, Corbeau."

"Eu sou."

De alguma forma, acabamos deitados, de conchinha no sofá estreito demais,

com a TV ligada em alto volume. Um silêncio satisfeito se instala na sala de estar antiquada enquanto observamos Clare fazer uma bagunça ao empratar seu gratinado dauphinoise e fingimos que o mundo não está pegando fogo ao nosso redor.

Quando o juiz diz que aprecia o alecrim que foi usado no roux, Alex desliga a TV como um torcedor de futebol revoltado, tapando meus ouvidos até o som parar, como se eu fosse uma criança e ele não quisesse que eu ouvisse algo inapropriado. "Isso é besteira. Não dê ouvidos a eles, querida. Você estava certa sobre o roux; eles estavam errados."

“Vou enviar um e-mail reclamando.”

Ele suspira, o corpo tenso atrás de mim. Eu me viro no sofá, de modo que ficamos quase nariz com nariz. Acho que ambos estamos delirando de sono. "Vamos superar isso, Alex. E depois vamos superar a próxima coisa. E a seguinte."

Ele sorri, e isso faz meu coração disparar. "Estou cansado de *tudo* ."

“Que azar. A vida é cheia de *surpresas* .”

Seu sorriso é suave, o dedo deslizando pelo meu nariz. "Obrigado por ser minha."

“Obrigado por ter vindo à aula de desenho de modelo vivo.”

“Sou irracional. Não suporto a ideia de outra pessoa te desenhar.”

Mordo o lábio. "Com ciúmes, Alex?"

A mão dele desce, o polegar pressionando o ponto onde meu pulso martela no meu pescoço. "Estou morrendo de inveja do vento que entra pelos buracos dos seus suéteres de tricô, Winters. Inveja não chega nem perto de descrever."

“Você não precisa ser.” Meu sorriso é involuntário, mas é tão bom. Eu gosto do Alex com ciúmes.

Seus olhos brilham novamente, não mais poços infinitos de desespero. Passo o dedo sobre a cicatriz abaixo de sua sobrancelha. Obra de seu pai.

Eu odeio Cain Green por inúmeras razões.

Sua garganta se move com um engolir, o olhar fixo no mundo além das minhas cortinas amareladas. O sol está se pondo lá fora, fragmentos de luz cor de cobre iluminando os terraços em ruínas da minha rua. Um avião corta a neblina e, como se estivesse lendo meus pensamentos, ele diz: "Preciso voltar para casa em breve."

"Eu sei."

“Não faço ideia de quando terei tempo para te visitar novamente.”

“Você merece muito mais do que eu posso te dar.” Tenho tentado ouvir

podcasts sobre medo de voar para poder visitá-lo, mas meu medo é tão profundo, entrelaçado com tanto trauma, que não estou chegando a lugar nenhum. “A distância é só mais um *problema* , Alex. Nós vamos superar isso.”

Ele está tenso, com os músculos contraídos como se estivesse reprimindo algo. "Você deveria saber no que está se metendo comigo. Preciso que tenha certeza."

“Eu sei.”

Seus lábios roçam os meus, suaves e ternos. "Venho acompanhado de minha mãe, que está doente."

"Eu sei."

Um beijo pousa no meu queixo. "E a guarda de seis meninas que são ótimas, mas também muito, muito malvadas. Depois que você se formar, quando finalmente pudermos ficar juntas, as meninas mais novas ainda estarão comigo."

"Eu sei."

Outro beijo, desta vez na minha clavícula. "E um cérebro cansado e miserável."

"Eu sei."

“Não tenho certeza se algum dia quero ter filhos.”

“Nem eu.”

"Nos meus piores dias, sou insuportável de se conviver."

"Eu quero você. Quero toda a sua bagagem também. Amo sua mãe. Amo as meninas. Quero tudo em você."

O alívio em sua expressão quase me faz cair de joelhos. Ele realmente acha que eu não o entendo. Que vou fugir quando a vida em casa ficar muito difícil, ou quando a depressão piorar.

"Eu quero a vida bagunçada, Alex. As brigas grandes, as pequenas, as máquinas de lavar com vazamento, os carros quebrados e as adolescentes mal-humoradas. Eu quero uma vida normal, cheia de gente e todos os seus problemas."

Agora ele está com um sorriso de orelha a orelha. "Eu também quero isso."

"Sim?"

“Sim.” Ele engole em seco, enxugando uma lágrima do meu cílio inferior. Eu nem tinha percebido que estava ali. “Quero uma casa de campo e um jardim exuberante. Quero tardes longas e preguiçosas entre suas coxas. Quero ver você ficar grisalha. Quero flores frescas e uma esposa mais velha. E se tivéssemos filhos, eles jamais temeriam o som dos passos do pai.”

Sinto uma segunda lágrima cair, lenta e silenciosa enquanto escorre pela

minha bochecha. Para alguém que se recusa a pensar no futuro porque tem dificuldade em acreditar que terá um, a magnitude da sua confissão não me passa despercebida. "Podemos ter tudo isso. Só precisamos superar as *dificuldades* ."

“Eu consigo aguentar.”

“Aguente firme até meia-noite. Mantenha-se na água até meia-noite.”

Sinto o sorriso dele contra o topo da minha cabeça, os braços dele me apertando. "Até meia-noite."

Quando acordo, Alex está sentado na beirada da cama, vestindo um moletom preto com capuz e *aqueles* shorts de rugby. Suas malas estão prontas aos seus pés, e uma decepção que eu não tenho o direito de sentir me invade.

Estou exausta. Uma noite de sonhos com Laura e a floresta me deixou pior do que quando fui dormir.

“Tenho que sair em meia hora para o meu voo.”

"Está bem", eu digo com a voz rouca, tentando manter um tom alegre. "Tudo bem."

Algo em sua expressão me diz que há mais alguma coisa.

“Brendan tem meu pai gravado por câmeras de segurança a cerca de quinhentos metros da nossa casa.”

O pavor me atinge em cheio.

“Em Nova Iorque?”

“Sim. Ontem à noite. Ele está mascarado, mas é definitivamente ele.”

“Droga, Alex.”

“Há segurança na casa, mas…”

"Que bom que você vai chegar logo", digo, indo ao banheiro escovar os dentes, tentando assimilar essa notícia.

Eu realmente preciso que Alex e suas irmãs saiam dessa ilesos.

Jogo água fria no rosto, levemente horrorizada com meu próprio reflexo. Se eu fosse gentil, diria que Alex e eu andamos com uma aparência um pouco... desarrumada ultimamente. Só que ele está arrasando. O cabelo dele está bagunçado de um jeito sexy, como se tivesse acabado de acordar. O cansaço no rosto o faz parecer mais velho — mais sexy — e toda essa vibe mal-humorada e taciturna só me deixa mais sem jeito.

Eu? Não estou conseguindo disfarçar tão bem. A cor da minha pele passou de um branco pálido para um tom azulado, e cutuquei tanto o único fio de cabelo solitário no meu queixo que agora virou uma espinha.

Mas quando volto para o quarto e me sento encostada nos travesseiros, Alex

me olha como se eu fosse tudo o que ele sempre desejou e muito mais.

O colchão afunda sob o seu peso, e suas mãos pousam de cada lado da minha cabeça. Ele paira sobre mim, com os lábios entreabertos e os longos cílios escuros, enquanto contempla minha camisola, já gasta e pequena demais.

Nunca me cansarei desta vista.

O laptop de trabalho dele não para de tocar na mesinha de canto, até que ele se inclina e fecha a tampa com tanto entusiasmo que não consigo conter o riso.

"Como é o mundo dos jatos particulares e das bolas de cristal da bolsa de valores?", pergunto, enquanto meu pulso acelera na garganta. Será que algum dia vou parar de ter essa reação visceral a ele, a mesma reação que tive no primeiro dia em que o conheci? Como se eu tivesse caído direto na armadilha dele, mas nunca mais quisesse sair.

Estou colocando papel de parede e móveis feios nessa armadilha, transformando-a em um lar.

Ele está brincalhão apesar do cansaço ao redor dos olhos e da escuridão que o oprime. Ele puxa o moletom sobre a cabeça, joga-o para o lado e se deixa cair de volta sobre os dois antebraços grossos. Meu cérebro simplesmente desligou. "Minha bola de cristal está se mostrando bastante útil."

"Oh sim?"

Ele roça o focinho no meu pescoço, inalando meu perfume. Ele está duro contra minha coxa. "Hum-hum."

"E o que diz?", pergunto, esperando que ele me conte alguma baboseira entediante sobre cadeias de suprimentos e taxas de rotatividade de funcionários.

“Que você deveria montar no meu rosto.”

Dou uma risada surpresa, passando as mãos pela nuca dele. Uma chama arde em algum lugar do meu baixo ventre. "E?"

“E depois meu pau.”

Eu rebolo meus quadris por baixo dele, transformando sua próxima expiração em um rosnado baixo. "Hum. Não parece ser muito útil para o mercado de ações. Pode estar quebrado."

Ele entrelaça a perna na minha, virando-nos de forma que eu fique sentada em seu colo. "Amor, eu não dou a mínima para o mercado de ações — ou para qualquer outra coisa, aliás — desde o dia em que descobri que você tem meias."

Com as mãos em volta da minha cintura, ele me puxa alguns centímetros para trás e dobra meu joelho, de modo que sua coxa pressiona, firme e forte, entre minhas pernas. Não consigo conter o sorriso. É como nossa primeira noite juntos, a primeira vez que finalmente cedemos.

Parece que percorremos um longo caminho, e ao mesmo tempo não há distância nenhuma. Ainda apaixonados, mas ainda fora do alcance de um final feliz.

Ai, *meu Deus* ... Vou sentir muita falta dele.

Eu aceitaria o Alex de qualquer jeito; se tiver que ser por videochamadas e noites roubadas durante suas escalas no aeroporto, que seja, mas não vou fingir que não me dói saber que não vamos acordar juntos como todos os nossos amigos que namoram fazem.

Ele passa o polegar pelo meu queixo, com ternura e reverência como sempre faz comigo. "O que se passa nessa cabeça, Twist?"

Soltei um suspiro trêmulo, expulsando todos os meus pensamentos negativos. Não quero estragar nossa última meia hora com meu pessimismo inato. Movimentei meus quadris contra ele, pulso acelerado, estômago embrulhado. "Acho que pode ser *muito* perigoso desobedecer à bola de cristal. Não quero desafiar o destino."

Ele inspira profundamente, apertando minhas coxas com tanta força que uma dor deliciosa e quente percorre minha parte inferior. "Parece sensato", diz ele, entrando na brincadeira. "Por *questões de segurança* , você deveria ejacular no meu rosto."

“E o seu pau.”

“Você é um verdadeiro farol para a comunidade.”

"Exatamente", digo. Meu riso se transforma em um grito quando ele desliza as mãos por baixo das minhas coxas e me puxa para perto até que meus joelhos estejam de cada lado da sua cabeça.

Ele faz uma pequena pausa, antes de uma risada suave fazer cócegas na minha coxa. "Sabe, quando Harwood me faz imaginar meu lugar feliz, é bem aqui."

E com esse comentário casual, que parece tudo *menos* casual pela forma como se instala profundamente em meu coração, ele aperta meus braços ao redor das minhas coxas e me faz esquecer *de tudo* .

Capítulo 18

ALEX

“Alex.”

Esta casa tem janelas Tudor. Talvez sejam as janelas originais da época da construção, com o vidro ligeiramente deformado. Há um jardim de inverno envidraçado com vistas deslumbrantes para a paisagem verdejante e acidentada e para o Mar do Norte ao fundo, um lago que parece saído de um conto de fadas.

Eu cliquei em Salvar. Sabe, *só por precaução* .

A próxima tem nove quartos. Uma antiga mansão aninhada em hectares de árvores, grama e riachos cintilantes. Um ateliê de arte que a Evie talvez gostasse. Um quarto com vista para o jardim que eu sei que a Fleur adoraria.

Salvar.

“ *Alex.* ”

“Hã? Droga, desculpa.”

“Tenho outros clientes que realmente aproveitam meu tempo.”

Fecho o site imobiliário no meu laptop, onde a localização selecionada no menu suspenso do filtro acabou acidentalmente na Escócia, em vez da cidade de Nova Iorque.

Acontece.

Robert está me olhando por cima dos óculos como se estivesse com muita vontade de jogar o caderno em mim. "Desculpe. Estava distraído."

"Aconteceu algo em particular esta semana?"

“Acontece sempre a mesma coisa toda semana”, resmungo. Ele levanta uma sobrancelha, como se não aceitasse isso como resposta. “Achei que tinha visto meu pai.”

"Quando?"

“Antes de Londres. Eu estava em uma cafeteria e… eu tinha *tanta* certeza. E senti que ele tinha vindo ao café para… sei lá, me provocar… e eu saí correndo e confrontei esse cara no meio da rua, e obviamente não era ele, e eu simplesmente

senti que…”

“Parecia a sua mãe.”

Assenti com a cabeça, engolindo em seco. "Isso não te preocupa? Que eu esteja ficando paranoica? Não é assim que tudo começa?"

Ele pisca, os ombros caindo em uma longa expiração. "Não, Alex. Não estou preocupado que você esteja nesse caminho. O estresse pode fazer coisas incríveis com o cérebro, e você está sob muito estresse."

Você acha que é genético?

"O que?"

Passo a mão pelo corpo, percebendo o quão exausta devo estar. "Não sei... isso. Se eu tivesse filhos, eles também seriam infelizes?"

Eu detestaria isso.

“Isso é algo que te preocupa? Seus futuros filhos?”

Jesus Cristo. "Será que a prova final para ser psiquiatra consiste em responder a cada maldita pergunta com outra pergunta?"

Ele ri, tomando um gole de chá. "Basicamente. Você nunca mencionou filhos antes."

Nunca tinha pensado que pudesse ter um futuro. Dou de ombros. "Se a Ofélia quisesse filhos e eu... se eu os tivesse... Acho que herdei problemas da minha mãe e do meu pai. Não quero que ela... não quero..." Minha voz falha, sem saber ao certo o que estou perguntando. Não quero acabar como meus pais. *Não quero que ela tenha um filho como eu.* Não quero esse futuro para a Ofélia.

“Acho que suas dificuldades têm muito a ver com seu ambiente e suas experiências.”

Engulo em seco. Forço um aceno de cabeça. "Tudo bem."

Meu laptop não para de receber e-mails, mas um remetente em particular me chama a atenção: *Harris Carmichael.* Antes que eu possa lê-lo, Robert pega meu laptop da mesa e o fecha.

“Eu estava lendo um e-mail.”

“Você quer continuar me pagando quase quatro dígitos por sessão para que eu fique te observando ler seus e-mails em silêncio?”

“Por que o fato de você estar cobrando preços exorbitantes é problema meu?”

Seu sorriso é genuíno, e as meias cor mostarda aparecem enquanto ele estica as pernas em frente ao sofá, cruzando um tornozelo sobre o outro. Eu rabisco algo no meu caderno pela milésima vez. "Dia ruim?"

Hoje é um dia de mau humor. Um dos piores. Um dia em que não sei como vou aguentar até a meia-noite. Um dia em que o dinheiro perdeu todo o sentido,

a comida não tem gosto e os problemas do trabalho não me causam nenhuma reação. O mundo parece um incêndio florestal me perseguindo, e morrer parece uma piscina gelada e refrescante. "Não entendo por que quero morrer."

“Quando você finalmente tiver Ofélia de volta?”

"Sim."

“Um relacionamento não vai curar sua depressão, não importa o quanto você a ame.”

“Nos filmes isso acontece.”

"Nos filmes, Alex, os ratos cozinham dentro de chapéus de chef, esse não é um bom ponto de referência."

“É um rato. O nome é literalmente *Ratatouille* .”

Ele acena com a mão como se fosse um detalhe insignificante. Ophelia teria algo a dizer sobre isso. "Você está deprimido, Alex. Talvez Ophelia não resolva isso, talvez a melhora da sua mãe não resolva, talvez sair de Green não resolva, talvez a prisão do seu pai também não resolva."

“Isso é reconfortante. Obrigado.”

“Sua visão sobre Ofélia não é particularmente saudável, como já conversamos inúmeras vezes. Ela não é a solução para todos os seus problemas. Mas sentir-se apoiada e amada tornará muito mais fácil para você se apoiar. Você não consegue cuidar de si mesma no momento porque cada minuto do seu dia é gasto pensando no seu pai.”

"Não posso ficar me mantendo à tona para sempre." Estou *cansado* .

“Cedo ou tarde, o primeiro dominó vai cair.”

“Não importa como a última peça do dominó caia, vai ser uma merda para as meninas. A Josie ainda acha que o pai dela é um super-herói. Ela está convencida de que ele vai voltar para casa. Estou tentando prepará-las.”

“Por terem mandado morrer o pai? Ou por ele ter sido preso?”

Minha caneta traça uma linha longa e sinuosa até que o desenho na página se assemelhe aos quadris de Ofélia. Espero que ela esteja bem. Espero que ela nunca conheça um estado de espírito tão deprimido quanto este. "Qualquer um. *Ambos.* "

Fleur está seguindo o mesmo caminho que eu. A última coisa que ela precisa é de mais drama, mas ela vai ter. Provavelmente terá drama pelo resto da vida.

O resto da minha sessão com Robert foi igual: eu em desespero, ele oferecendo respostas sensatas e racionais que me recusei a ouvir. O único ponto positivo foi descobrir que ele saiu com a Jacqueline na semana passada.

Meu celular vibra quando ele sai. Ofélia. Recuso o contato e envio uma

mensagem rápida para ela.

Alex
Hoje eu sou uma companhia ruim, querida.

Ofélia
Não para mim. Só liguei para avisar que voltei para Sorrowsong em segurança.

Alex
Evidências?

Sou recompensado com uma foto dela em seu quarto horrível em Sorrowsong, meu moletom bem apertado em volta do rosto dela, exatamente como estava quando eu saí. Ela está sorrindo e tem sardas.

É o lembrete perfeito do porquê de eu ainda estar à deriva.

Alex
Bonitinho

Alex
Eu te ligo mais tarde.

Ofélia
Vou usar meias.

Ah, *chega* ! Já me deixaram na expectativa por causa das meias. Liguei para o contato dela pelo FaceTime. Ela atendeu, mas desligou logo em seguida — só o suficiente para eu ouvir a risada dela do outro lado da linha.

Ofélia
Tenho que ir a uma palestra à noite. Até mais.

Alex
Ótimo, agora estou deprimido e com a cabeça fria.

Ofélia
Quando é que você não está?

Estou sorrindo para o meu celular quando o bloqueio. Ela é um pesadelo. *Meu* pesadelo. Mas ela acendeu uma faísca de cobre em um dia que, de outra forma, seria cinza-escuro.

Volto a consultar meus e-mails. Carmichael quebrou seu silêncio de meses comigo para me encaminhar um artigo de notícias de três anos atrás, como se estivesse tentando me lembrar de algo.

A Universidade Sorrowsong adiciona Arquitetura à sua lista limitada de

cursos oferecidos, em uma rara quebra de tradição.

Vindo de Carmichael, parece uma bofetada na cara.

Nenhuma desculpa pela forma como ele me tratou, pela forma como tratou a minha namorada, apenas isto.

Ele atende minha ligação quase imediatamente. "Alex. Faz tempo."

“Você é um verdadeiro merda, Harris.”

"Eu não apagaria meu e-mail sem pensar bem." Ele está calmo. Amigável, quase. Como se fosse meu pai, tendo um papo franco comigo sobre minha carreira. Isso só me deixa mais irritado.

“Você tem muita audácia em me mandar um e-mail.”

“Lamento sinceramente a forma como tudo aconteceu, Alex.”

"Você votou contra mim", disparo, empurrando a cadeira para trás e andando de um lado para o outro no escritório. O céu está tão carregado de nuvens negras que a cor é quase a mesma do meu humor. "Você quase me custou o cargo de CEO. Depois de *tudo* ... Eu vim para a Sorrowsong sem nenhum motivo aparente. Você nunca votaria a meu favor."

"Eu era."

Dou uma risada amarga, e ele deve perceber que estou prestes a desligar, porque continua. "Eu era, até realmente conhecê-la. Não poderia, em sã consciência, concordar em elegê-la como CEO da Green."

Bem, isso é grosseiro. Eu ainda não levei a empresa à falência. "Estou bem."

“Não é uma questão de competência, Alex. Eu sabia que você se sairia bem.”

“É melhor você começar a falar coisa com coisa logo, antes que eu mande um dos homens do Rocco te dar um soco.”

“Pergunte à sua mãe.”

“Minha mãe não consegue se lembrar que dia é hoje na metade das vezes.”

“Ela me pediu para votar contra você, Alex. No mesmo dia em que você partiu para Sorrowsong. Ela sabia exatamente por que você estava indo e me pediu que, se fosse preciso, eu fizesse tudo ao meu alcance para impedir que você assumisse o cargo do seu pai.”

Abro a boca e fecho-a novamente. Confusão, mágoa, traição, *negação* ... Tudo isso invade minha mente. "Ela não faria isso."

“Ela me fez prometer.”

Você está mentindo.

“Como ela está?”

“Você não tem absolutamente nenhum direito de perguntar sobre nenhum deles.”

“Nosso programa de arquitetura já é amplamente reconhecido, Alex.”

Desligo o telefone, fervendo de raiva. Se eu pudesse agarrá-lo pelo colete roxo e jogá-lo da torre mais alta de Sorrowsong, eu o faria.

Mas isso faria de mim o meu pai.

Então apaguei o e-mail dele sem responder e coloquei a cabeça entre as mãos na minha mesa.

Quando volto para casa, minhas irmãs estão na escola. Saí do trabalho para terminar o expediente em casa, muito abalada para fazer qualquer outra coisa.

É estranho quando eles não estão em casa. Frio demais, silêncio demais nesta monstruosidade moderna de casa. As paredes brancas são clínicas, as luzes são fortes e agressivas, os espelhos me deixam infeliz.

Mal posso esperar para deixar esta casa, estas memórias, para trás. Anoto mentalmente para enviar um e-mail ao meu corretor de imóveis.

Minha mãe está no pequeno jardim com uma de suas cuidadoras, colhendo flores e colocando-as em um vaso. Ela está se recuperando de uma fase muito difícil. A cada dia, ela come menos e parece mais frágil. Abro as portas de correr ruidosamente para não assustá-las e saio para a brisa fria.

O rosto da minha mãe se ilumina quando ela me vê, como sempre acontece. A cuidadora entra para nos dar um momento a sós. "Você está em casa."

"Estou em casa."

Sento-me no banco ao lado dela, soltando um longo suspiro.

Ela inclina meu rosto em sua direção, me examinando. "Aconteceu alguma coisa com seu pai."

“Como você sabia?”

“Você e Ophelia estão bem. Eu estou à beira do colapso, mas isso não é novidade. As meninas estão bem. Não sei o que mais poderia te deixar com essa aparência tão exausta.”

“Ele está por perto. Ele está nos rodeando, eu consigo sentir.”

Ela suspira, abrindo delicadamente as pétalas de uma flor antes de colocá-la no vaso. "Ele tem muitos contatos na cidade e no ramo de turismo."

“Sim. Uma pena que ele não tenha entrado em algo como padarias.”

Seu riso é melodioso, os olhos brilhantes e alertas acima das olheiras profundas. "Se ele gostasse de padarias, teria sido contrabandeado para cá dentro de um saco de farinha. Você sabe como ele é."

“Eu me sinto tão inútil.”

Ela desliza os dedos sobre a aliança de ouro no meu dedo indicador — o anel

do pai dela. "Eu disse a mesma coisa para a minha mãe quando tinha a sua idade."

“E ela disse?”

“Você não é inútil; você só tem vinte e três anos. Às vezes, eles podem se sentir assim. Eu não poderia estar mais orgulhoso de você, mesmo se tentasse. E eu não tenho medo do seu pai.”

"Eu sou."

“Conte-me sobre o tempo que passou com Ofélia.”

Pego uma foto da minha filha segurando as caixas de pizza no carro, com o rosto parecendo uma nuvem de tempestade. Minha mãe ri. "Faça ela crescer."

Dou um zoom e devolvo a foto. A alegria da minha mãe é quase infantil. As mulheres da minha vida se intrometem *demais* na minha vida amorosa. "Ela não é maravilhosa? Tem um cabelo incrível. Tantas sardas. E que vestido lindo."

“Ela acabou de comprar numa loja de caridade. Custou duas libras”, digo, passando para a próxima foto. Ophelia está na minha cama, em nossa casa em Londres, abraçando os joelhos enquanto come uma fatia de pizza. Ela parece muito mais feliz nesta foto. O sorriso da minha mãe se alarga, se é que isso era possível. “Alex! Comendo pizza em lençóis brancos. Eu não te criei para ser um homem das cavernas.”

“Acho que você deve ter feito isso.”

Deslizo o dedo novamente para uma foto de Ofélia tão enrolada no edredom que só seus olhos e nariz são visíveis. Mamãe pressiona a mão contra o peito e suspira. "Ah, Alex. Estou louca para conhecê-la. Ela deve te amar muito para conseguir enxergar além do que seu pai fez."

Isso não me passa despercebido. Fico impressionado todos os dias que ela passa comigo. "Eu sei."

Ela me olha com tanto carinho. "Como era a casa em Londres?"

"Tudo bem", digo, desligando o telefone. Omito qualquer detalhe sobre o arrombamento. Não adiantaria nada para ela.

Sei que minha mãe não gosta muito de Nova York. "Você gosta daquela casa?"

Ela cutuca uma casquinha no lábio inferior rachado, perdida em pensamentos.

"Você se mudaria para lá?", pergunto, antes que ela se lembre de algo antigo. "Quando tudo isso acabar?"

Ela apoia os joelhos no banco, abraçando-os. "Talvez. Quero sair desta cidade um dia. Nunca gostei muito de cidades, de qualquer forma. Prefiro o

campo."

"Na Escócia?", pergunto, meio brincando, meio esperançosa.

"Eu adoraria, Alex. Mas convencer as meninas talvez seja mais difícil."

“É verdade.” Convencer Fleur a deixar Nova York seria a conquista de uma vida inteira.

“Mas não desista. Aquelas garotas sabem o quanto você se sacrificou por elas; não me surpreenderia se elas morassem lá por dois anos enquanto você estuda. Já passamos por muita coisa aqui em Nova York.”

Eu me pergunto se o brilho, o glamour e as memórias que preenchem essas paredes se transformaram em algo podre para alguma das meninas. Se os passos do meu pai ecoam pelos corredores, os gritos da minha mãe também fazem as janelas tremerem para elas.

Cresci entre Paris, Londres e Nova Iorque. Nunca me senti em casa aqui, mas tenho certeza de que para a Josie, que só *viveu* aqui, sim. Preciso da aprovação de todos antes de poder nos mudar.

“Além disso, não há muita coisa que Mia não faria por você.”

Sorrio quando ela coloca o vaso de flores no pátio de pedra aos nossos pés. "Adoro aquela idiota."

“Ela tem as melhores características do seu pai.” Ela mexe nos dedos, inquieta. “Talvez daqui a alguns meses, quando eu não estiver mais tão deprimida, eu possa voar para conhecer Ofélia.”

Não tenho certeza se é a melhor ideia, mas não a descarto completamente. "Vou conversar com os médicos."

Ela suspira, satisfeita e feliz com a luz do sol filtrada em seus dedos descalços, e adormece com a bochecha encostada no meu ombro. Eu coloco meu casaco em volta de seus ombros delicados e prometo a mim mesmo nunca me esquecer de momentos tranquilos como este.

Capítulo 19

OPHELIA

Saber que Cain Green não está na Escócia seria um alívio se eu não soubesse que ele está em Nova York. Alex deve estar cansado de eu mandar mensagens a cada cinco segundos para confirmar se ele e as irmãs ainda estão vivos.

Sua atualização mais recente vem na forma de seu braço, coberto de amostras de sombra para os olhos, enquanto três mãos diferentes aplicam tons variados de roxo nos espaços restantes de seu antebraço.

Alex
Socorro! São 3 da manhã.

Sorrio enquanto digito uma resposta no meu laptop em um dos cantos escuros e empoeirados da biblioteca Nightshade, onde estudo em frente a Divya.

Ofélia
Roxo pode ser a sua cor.

Ele me envia uma foto ampliada e, embora esteja desfocada, sei que é um recorte bem próximo do meu cabelo.

Alex
Essa é a minha cor.

Ofélia
Cuidado, Corbeau. Não queira ser muito incisivo.

Alex
Essa paixão que sinto por você está ficando fora de controle.

Alex
Me faça uma chamada de vídeo quando você tomar banho mais tarde.

Meu lábio inferior quase sangra de tanto esforço para conter o sorriso. Por

causa de um *homem* , para piorar a situação. Como eu caí em desgraça.

Fecho a aba antes que eu adicione *reprovar em todas as minhas provas* à lista de coisas que estou fazendo por causa de um homem. Divya me lança um olhar cúmplice, provocativo, mas com um sorriso de orelha a orelha enquanto está sentada com seus fones de ouvido, debruçada sobre um livro de cardiologia.

Acho que ela está sentada aqui há treze horas. Cursos de medicina não são para os fracos.

O tempo lá fora está sombrio, como sempre. O céu tem uma escuridão profunda e trovejante que se arrasta sobre os pinheiros desgrenhados. Uma fina névoa de chuva obscurece as torres do castelo, mas aqui dentro, a lareira ao lado do bar da biblioteca emite um calor constante. Um brilho aconchegante dos candeeiros de parede de latão ilumina suavemente as prateleiras empoeiradas e as escrivaninhas rangentes. Está tudo quieto aqui, graças a uma festa que se estendeu até muito tarde na noite passada, então a sensação de presságio que paira sobre mim enquanto escrevo minhas anotações sobre o luto na infância não faz sentido.

Odeio a distância. Muitas vezes me sinto impotente. Sempre que o Alex tem um dia ruim, tudo o que posso fazer é mandar uma mensagem para ele.

Só espero que seja o suficiente para nos ajudar a passar pelos próximos dois anos.

Divya estava dormindo em cima do teclado do laptop quando voltei do treino de natação, exatamente onde a deixei.

Coloco meu casaco sobre os ombros dela e a deixo descansar.

Eu trabalho na biblioteca até que as linhas do meu ensaio sobre percepção multimodal pareçam não fazer mais sentido, até que eu tenha encarado a palavra *cognição* por tanto tempo que ela se torne um amontoado estranho de letras sem significado.

É então que começo a notar os olhares estranhos.

Na verdade, eles nunca pararam de verdade. Não consigo atravessar este campus sem receber alguns olhares mortais, mas definitivamente parecem estar ficando mais intensos.

As duas garotas no sofá marrom perto da lareira, vestidas como se estivessem cavalgando e não sentadas em um castelo empoeirado nas Terras Altas da Escócia, giram em seus assentos. Uma delas sussurra algo para a outra, o que não é incomum. Geralmente algo sobre minha roupa, ou meus dentes um pouco tortos, ou minhas sardas. Eu esperava me manter fora dos holofotes este ano,

mas voltar com o Alex destruiu esse plano. Tudo o que eu faço agora parece ser debatido publicamente, classificado como *digno dele* ou *não* .

Mas desta vez, ninguém parece estar rindo. Na verdade, parecem... solidários? Preocupados? *Irritados?* Não sei ao certo; sou péssimo em decifrar as pessoas.

Quando olho ao redor, para as prateleiras de madeira desgastadas e os tetos abobadados empoeirados da sala, vejo que muita gente está me encarando. Abro o aplicativo da câmera no meu MacBook para ver se tenho molho de macarrão no queixo, mas tem um filtro idiota que faz meus olhos parecerem maiores que o resto da minha cabeça.

Na galeria de fotos no canto inferior esquerdo, fotos minhas e do Alex na cama, na casa dos meus pais, com olhos arregalados e lágrimas de riso brilhando em nossas bochechas, me encaram.

A dor no meu peito é oca e pesada ao mesmo tempo. Namoro à distância é *difícil* . Principalmente em tardes como esta, quando não consigo falar com ele e fico me perguntando se ele está em um milhão de reuniões ou deitado na cama, buscando razões para continuar.

O nome de Colette aparece no canto superior da minha tela.

Colette
Ei, querida. Você está bem?

Ofélia
Será que eu vesti uma roupa particularmente lamentável, ou algo assim?

Colette
Você não sabe?

Alex. Uma sensação nauseante me invade. Cem imagens passam pela minha cabeça. Meu *Deus* . Uma ligação da Colette faz meu celular vibrar na mesa, mas eu recuso e junto minhas coisas.

Não posso perder mais ninguém.

Ofélia
Envie uma mensagem.

Saio cambaleando da biblioteca e entro no saguão. As paredes parecem se fechar sobre mim, os retratos em ruínas rindo do meu pânico.

Colette envia um link para um artigo de notícias.

A ex-modelo e esposa do magnata da aviação desaparecido, Elise Corbeau, encontra-se em estado crítico após desmaiar em frente à sua casa em

Manhattan.

Não.

Não, não, não.

“Ophelia, aqui está você.” Vincenzo entra correndo da chuva, com o telefone pressionado contra a orelha. Ele o afasta novamente, discando novamente. “Vamos lá, cara. Atende”, ele sussurra, uma mão gentil envolvendo meu braço enquanto me puxa em direção à escada em espiral escura. Preciso correr para acompanhá-lo, com um zumbido agudo nos meus ouvidos.

“Ele não responde”, diz Vincenzo. “Estou tentando ligar para ele há vinte minutos.”

Não preciso imaginar o que Alex está passando. Eu sei. Revivo isso todas as noites, toda vez que estou entediado, toda vez que vejo hambúrgueres, peças de Scrabble, helicópteros, qualquer coisa que me lembre deles.

Tenho que ir para Nova Iorque. Tenho que estar com ele.

“Bella.” A voz de Vincenzo corta a neblina, o telefone no viva-voz para que ele possa mandar mensagens e falar enquanto nos guia pelas escadas.

"Você soube da Elise?" A voz de Belladonna está tensa na linha.

“Sim. Vou voltar de avião.”

“Suas provas, Vincenzo.”

"Vou refazer as provas, fazer um semestre extra se precisar. Isso é maior do que apenas exames."

Você teve notícias do Alex?

"Não." O pânico estampa as palavras.

“Já volto com você. Ligo daqui a pouco.”

Eu ligo para Alex enquanto Vincenzo liga para o pai dele. Concentro-me no ritmo constante das suas botas de combate no chão de pedra, tentando não pensar no que isso significa.

Isso significa viagem aérea, e nem mesmo o meu terror por Alex e sua mãe é suficiente para me distrair disso.

Mal consigo respirar.

Minha ligação para Alex cai na caixa postal. Tento não desabar. *Por favor, Senhor, que ele fique bem.*

> **Ofélia**
> Aguenta firme, Alex. Aguenta firme até meia-noite, e a partir daí a gente vê o que acontece.

Paramos no topo da escada, e Vincenzo estende a mão para a porta, hesitando

sobre a maçaneta como se tivesse esquecido de fazer algo. Ele me puxa para um abraço brusco. "Você está bem?"

Engulo em seco e dou de ombros. Sua presença é reconfortante, segura e confiante como sempre. Sou grata por Alex tê-lo, *por sempre* tê-lo tido. "Estou preocupada com ele."

Ele se afasta, duas mãos enormes pousando nos meus ombros como se tentasse me manter firme. "Ele vai ficar bem. Ele tem você. Vocês dois são de verdade."

“Ele me tem”, repito, assentindo com a cabeça. *Preciso* estar presente para ele. Não sou mais a garota que se entregou ao desespero por quatro anos. Não sou mais a garota que foge, que fecha o coração. Eu cresci. “Vamos lá.”

VINCENZO paira na minha porta enquanto eu esvazio o poço sem fundo de quinquilharias que é a gaveta de cima do meu criado-mudo, jogando tudo na cama. Meu passaporte está lá, preso por um Haribo derretido. Serve.

"Não posso levar líquidos?", pergunto, jogando uma mistura eclética de roupas em uma mala sem olhar direito. O voo é o elefante na sala. Percebo que Vincenzo não acredita que exista a mínima possibilidade de eu realmente entrar em um avião.

Eu também não, mas espero fazer isso quando chegar a hora.

“Sim, você pode.”

"O que?"

“É um jato particular. Você pode levar o que quiser.”

“Eu…” Oh, não. Um jato particular. Minhas mãos tremem violentamente enquanto tento abrir o zíper da minha mala. “Eu… eu posso…”

“Preocupe-se com toda essa questão do avião mais tarde, Pheelz.”

"Sim", consigo dizer, finalmente fechando o zíper da minha mochila. Vincenzo joga minhas duas mochilas e as dele sobre o ombro, atendendo a outra ligação enquanto caminhamos.

Ele me conduz para fora da mansão e para o caminho sombreado que leva ao estacionamento. Paro ao lado de seu Maserati inconfundível, mas ele continua andando em direção ao Bronco de Belladonna. "Ela dirige mais rápido."

Belladonna chega, acompanhada de Jack, um dos amigos de Alex do time de rúgbi, cujos pais fazem parte da equipe médica de Elise. Não falo com Belladonna desde a noite na floresta, embora ela apareça frequentemente em meus pesadelos, um ciclo interminável da morte de Laura e do sangue em minhas mãos.

A situação entre nós está tensa. Não nos falamos, exceto por algumas mensagens ocasionais que ela me envia, com perguntas dos seus homens, para confirmar que eliminaram todos os vestígios da existência de Laura e enterraram a última cópia da foto que deu início a tudo isso. Não tenho o direito de ficar chateado por ela ter intervido, por ter matado para se proteger, mas estou. Ela tinha todo o direito de estar com raiva por eu tê-la colocado nessa situação, e pelo olhar que me lança, ainda está.

Vincenzo joga todas as nossas malas na traseira do carro, e nós quatro entramos. Belladonna faz Eike parecer lento. Eu apoio uma mão no teto e a outra na janela enquanto ela derrapa com o carro para fora da longa entrada arborizada de Sorrowsong.

Pelo lado positivo, isso me deixa um pouco menos apreensivo em relação ao voo, porque, nesse ritmo, nenhum de nós chegará vivo ao aeroporto.

Todos eles fazem ligações telefônicas: Belladonna para o pai, Vincenzo para seus seguranças, para a mãe, para o aeroporto. Jack para a mãe, para a namorada.

Todos ligam para seus familiares, mas o meu — o meu *único* familiar — está a três mil milhas de distância, em algum lugar onde não posso abraçá-lo ou confortá-lo, como ele faz tão bem por mim.

Tudo que preciso fazer é entrar naquele avião. Não posso sair depois que ele decolar. Só preciso me sentar no meu assento e entrar em pânico depois.

Mas fico olhando o tempo de viagem diminuindo no painel do Belladonna como se fosse uma contagem regressiva para a minha morte. Esfrego as palmas das mãos suadas na minha meia-calça, tentando pensar em coisas que posso ver, cheirar, ouvir, saborear.

As águas cinzentas e as colinas enevoadas do Loch Glascarnoch estão desaparecendo no retrovisor. Tenho um medo terrível de que, quando chegar a hora, eu volte atrás e decepcione o Alex.

Pouco mais de treze segundos. Esse foi o tempo que meus pais ficaram em queda livre. Não parece muito tempo, mas aposto que foi. Fico pensando se eles estavam conscientes. Se sabiam o que estava por vir. Se sentiram como se aqueles fossem os treze segundos mais longos de suas vidas.

Provavelmente demora ainda mais em um avião.

Essa linha de raciocínio não é útil.

Quando uma luz de advertência nos obriga a parar para abastecer a cerca de quinze minutos do aeroporto, estou paralisado de medo.

Vincenzo sai do carro para abastecer o de Belladonna, abrindo a porta do meu veículo para espiar. "Quer alguma coisa para a... hum... viagem de ônibus?"

"A viagem de ônibus?", pergunto, com a voz distante e o olhar fixo à frente, através do para-brisa. Meus dentes batem, minhas mãos tremem, meu pulso dispara.

"Vou te trazer um chocolate", ele diz, mas sua voz parece distante.

Acho que nunca senti tanto medo.

“Ophelia, ei”, diz Jack, como se estivesse tentando distrair uma criança. Ele coloca o moletom sobre minhas pernas. “Dá umas atividades para ela, Vin. Tipo um livro de palavras cruzadas. E um pacote de chiclete.”

"Pode deixar." Ele bate a porta.

Jack se vira para mim. "Baixe um filme e algumas músicas, ou um podcast, ou algo assim para o voo. Vai ajudar."

Belladonna me encara com desdém, mas não diz nada.

Quando Vincenzo volta para o carro, ele traz o que parece ser a compra de alimentos da semana para uma família de quatro pessoas. Ele joga uma sacola plástica no banco de trás, entre Jack e eu. "Trouxe aqueles Wine Gums horríveis que você gosta, Bella. E um Red Bull."

“Obrigado, Vinnie.”

“São apenas sete horas de viagem de ônibus, Pheelz. Nada mais.”

“Quarenta mil pés de altura.”

Vincenzo se vira no banco enquanto Belladonna arranca com o carro, apertando minha mão de leve. Os seguranças fazem o mesmo no SUV preto atrás de nós. "Você consegue. Eu sei que consegue."

Assim como Colette, eu tenho uma espécie de problema peculiar: quando as pessoas são gentis e carinhosas comigo, eu fico triste. "Não faça isso."

Ele remexe na bolsa, o cinto de segurança quase o estrangulando. Deixa cair um pacote de balas Werther's Originals no meu colo. "Aparentemente, essas são balas para idosos. Você adora coisas de velho."

"Que grosseria", resmungo. Não é grosseria nenhuma. É amizade, companheirismo, e é tudo o que me faltava.

O sorriso de Vincenzo é torto, com olhos brilhantes e dentes lascados. "Bem... você gosta de creme inglês e palavras cruzadas. E de paz e sossego. Você acha que carregadores portáteis de celular são o auge da tecnologia."

De alguma forma, ele conseguiu arrancar um sorriso relutante de mim. "Esses são meus doces favoritos."

Ele gargalha vitoriosamente, deslizando de volta para o banco da frente. "Eu sabia!" Ele enfia a mão no banco de trás do carro, como meu pai fazia sempre que me ouvia mexendo em um pacote lá dentro. "Me dá um para experimentar."

Eu coloco um na palma da mão dele, observando sua mão enorme lutar com a embalagem. Ele o leva à boca e o engole imediatamente. Nós três não conseguimos parar de rir, até mesmo Belladonna. Chego a pensar que ele vai se engasgar, mas ele consegue engolir e desobstruir as vias respiratórias. Sua mão reaparece imediatamente, os dedos se movendo num gesto impaciente de convite. "Outro. Não consegui provar esse."

“Você também vai enfiar essa na sua traqueia?”

“Não pretendo fazer isso, não.”

Dou-lhe mais uma, finalmente entendendo por que Alex está tão determinado a manter Vincenzo por perto, apesar de querer cortar completamente os laços com esse mundo. Em qualquer situação, ele é quem mantém todos unidos.

Ele também deve gostar de doces, porque a mão dele aparece periodicamente na minha frente durante todo o caminho até o aeroporto.

Os últimos quinze minutos foram bem melhores, mas a primeira coisa que vejo quando Belladonna nos conduz até o estacionamento de longa duração é um helicóptero decolando.

"Merda", respira Vincenzo. Ele coloca os fones de ouvido nos meus ouvidos em meio segundo, a música ensurdecedora, mas é tarde demais. Eu me encolho, esperando o estrondo, esperando a explosão estrondosa. Conto até treze e, como nada acontece, conto de novo. Imagino o helicóptero caindo em espiral em direção à paisagem acidentada da Escócia.

Nos meus pesadelos, é *o meu* nome que meu pai grita enquanto cai.

Se eu não tivesse dito para eles correrem para casa para a noite do hambúrguer, talvez eles ainda estivessem aqui.

Saio cambaleando do carro, com os olhos fixos nas minhas botas Doc Martens enlameadas.

Vim aqui sem motivo algum.

Não há a mínima possibilidade de eu embarcar em um avião.

Digito um pedido de desculpas para Alex e logo percebo que é a última coisa que ele precisa. Apago a tecla Backspace freneticamente, abafando todos os sons externos com a música de Vincenzo. Ele e Jack pegam todas as malas, e Vin levanta um dos meus fones de ouvido para falar comigo, inclinando a cabeça na direção dos homens do pai. "Eles querem te revistar separadamente antes de você embarcar, me desculpe. Eles não estão totalmente convencidos de que você está estável."

Uma risada escapa de mim ao imaginar minha roupa desarrumada, o rímel escorrendo pelo rosto, o cabelo arrepiado. "O que poderia ter dado a eles essa

impressão?"

Ele sorri com pesar. "Mesmo assim, sinto muito."

Entramos no aeroporto. Está mais silencioso do que da última vez que estive aqui. É um dia em que não consigo nem pensar. Um dia em que Alex e eu achávamos que ficar separados seria menos doloroso do que estar juntos.

"Senhorita", diz um dos homens de Vincenzo, puxando-me para o lado. Meus olhos se arregalam em pânico, encarando Vincenzo.

Ele me dá uma piscadela e um sinal de positivo. *Você vai ficar bem.* "Te encontro do outro lado."

É diferente para aviões particulares, ou pelo menos para os Morellos. Nós furamos a fila curta da segurança. Os homens de Vincenzo e um funcionário do aeroporto me revistam em uma sala lateral, esvaziando minha mochila e minha sacola em bandejas.

"Você tem medo de voar?", pergunta o funcionário do aeroporto, enquanto minhas mãos trêmulas tentam amarrar os cadarços das minhas botas. Eu aceno com a cabeça, me sentindo pior a cada segundo. Por que eu achei que conseguiria fazer isso?

“É moleza. O meio de transporte mais seguro. Ninguém *nunca* morre”, diz ele, estalando o chiclete. Quase jogo a bota na cabeça dele.

Fiel à sua palavra, Vincenzo está me esperando lá fora. "O ônibus está só reabastecendo, já estará pronto."

Assinto com a cabeça, engolindo a bile que sobe pela minha garganta. "Certo."

“Esses doces são realmente muito bons.”

"Sim."

"Você prefere que sejam dedos de chocolate ou que, cada vez que comprar um pacote de doces, venha um dedo dentro?"

Ele arranca mais um sorriso de mim. "Vincenzo, não faço a mínima ideia."

"Eu preferiria que fossem dedos."

O tremor parece ter se espalhado das minhas mãos para todo o meu corpo, cada respiração um esforço árduo. "Igual, eu acho."

“Quer saber um segredo?”, ele pergunta, e algo em seu tom de voz me obriga a olhar para ele.

"Não", resmungo, tremendo novamente. Estou farta de segredos.

“Tenho medo de tiros.”

Um riso discreto escapa de mim antes que eu perceba que ele está falando sério. "Você?" Por mais gentil e engraçado que ele possa parecer para aqueles

que ama, ele vive e respira violência.

"Sim, eu. Minha mãe levou um tiro nas costas por mim quando eu tinha dez anos. Ela se jogou na minha frente e a bala atingiu sua coluna. Minha mãe está viva e bem, mas as armas perderam o encanto depois disso."

E assim, de repente, descobri que Vincenzo não era exatamente o raio de sol alegre que aparentava ser. "Você treina arremessos quase todas as semanas."

"Se sentir medo for o que eu preciso fazer para manter meus pais seguros, para mantê -*la* segura", ele inclina a cabeça na direção de Belladonna, que pega um café para viagem, "então eu passaria o resto da minha vida apavorado."

"Sinta o medo e faça mesmo assim", sussurro, assentindo com a cabeça.

Eu consigo fazer isso. Eu consigo fazer *qualquer coisa* . Principalmente pelo Alex.

“Com certeza, Winters.”

Sinto que acabamos de fazer um pacto tácito. *Continuarei sendo corajoso se você continuar.*

Um dos homens de terno preto e fones de ouvido toca no ombro de Vin. "Jet está pronto, Sr. Morello."

Saímos para a pista. Gostaria que não estivesse ventando e chovendo. Gostaria que as nuvens não estivessem tão densas. Nada disso acalma meus nervos.

Lidar com o clima é melhor do que eu esperava. Lidar com o zumbido silencioso dos motores em marcha lenta e com os funcionários de colete refletor segurando coisas que parecem raquetes de tênis.

Eu consigo dar conta de tudo, até que leio o logotipo preto que percorre a lateral do jato particular branco. *Green Aviation.*

Meus pés diminuem a velocidade até parar.

Qualquer bravura que eu tivesse se dissipa no ar gélido. O terror puro e absoluto invade o vazio.

Treze letras, cinco sílabas que marcam o túmulo arborizado dos meus pais. Possivelmente as duas últimas palavras que eles leram.

As lâminas metálicas do motor têm um aspecto feroz. As janelas da cabine se curvam num rosnado. As asas parecem finas demais, frágeis demais para suportar a decolagem.

Vincenzo se vira alguns passos à frente, fazendo um gesto para que eu me aproxime. "Vamos. Não podemos perder o momento da decolagem."

O pânico toma conta do meu peito, e todas as outras emoções racionais sucumbem.

Treze segundos para eles. Uma agonia sem fim para mim.

"Desculpe", digo, dando o primeiro passo para trás.

Belladonna gira no lugar onde parou, a meio caminho da escada que leva ao jato. Seu rosto está mais tempestuoso que o céu acima de nós. Ela entrega seu laptop e café para a aeromoça e desce de volta.

"Desistir?", ela me pergunta, como se fosse um desafio que ela acha que eu terei que aceitar.

"É que... meus pais morreram num helicóptero da Green." Eu gaguejo, mal consigo pronunciar a última palavra.

Se olhares matassem, eu estaria sangrando no asfalto. "Sob um novo CEO."

Ela percebe a hesitação no meu rosto e ergue os olhos para o céu nublado, praguejando em italiano. Não há bondade em seus olhos, nenhuma paciência. "Que Deus me ajude, Ofélia. Seu homem está tendo o pior dia da vida dele lá, e tudo o que pedimos é que você vá vê-lo. Pela primeira vez na sua vida de merda, pedimos que você coloque os problemas dele à frente dos seus. Só *uma vez*. Entre logo nesse maldito avião e volte a se lamentar outro dia."

E então acontece a coisa mais estranha. Eu... entro num avião. A única coisa que jurei nunca fazer, uma vida inteira me assustando e aceitando meu destino, parece se partir em duas enquanto minhas botas me levam pelas escadas de metal.

É como uma experiência extracorpórea, ver alguém parecida comigo atravessar a porta e entrar no jato. Estou na lateral, oscilando violentamente entre aplaudir e gritar, e implorando para que ela volte.

Fiquei tão atônita que só me dei conta do que tinha acontecido quando minhas botas pararam em um tapete macio e claro e Belladonna pediu aos funcionários que fechassem a porta.

Vincenzo se acomoda em uma das quatro poltronas de couro creme ao redor de uma pequena mesa, enquanto eu fico parada no meio do corredor, imóvel. "Você foi dura, Bella."

Belladonna senta-se ao lado dele. "Ninguém nunca conseguiu fazê-la cair na real, e isso fica evidente."

Meus olhos percorrem o ambiente freneticamente. O interior é decorado em tons suaves de creme e madeira natural. O carpete é macio. Há um biombo embutido na parede junto à mesa onde Bella, Vin e Jack se sentaram. Há um sofá à direita e mais dois assentos vazios mais adiante, cada um com seu próprio biombo. Quatro agentes de segurança estão sentados ao redor de uma mesa no fundo do salão. Duas comissárias de bordo estão ocupadas perto da porta.

É bastante confortável, para uma máquina de matar de alumínio.

Corro até a janela como um cachorro observando pessoas brincando lá fora, com o nariz colado no vidro. Há manchas prateadas nas asas que me fazem sentir um enjoo terrível. "Meu Deus", eu digo com a voz embargada. "Está sendo mantido junto com *fita adesiva*, caramba!"

Eles olham pela janela e riem, apertando os cintos de segurança.

“Ninguém está preocupado com isso?”

"É fita adesiva de alta velocidade", diz Jack, observando-me entrar em combustão espontânea.

“Não quero velocidade extra. Só quero uma velocidade segura e normal.”

Um par de sapatos de salto alto azul-marinho para atrás dos meus pés. "A senhora precisa se sentar para o táxi e a decolagem, senhorita."

Viro-me para a comissária de bordo. Seu crachá diz *Caroline* , e seu tom é educado e paciente. "Há fita adesiva nas asas."

“É apenas para garantir pequenos reparos.”

Passo as palmas das mãos pelas minhas bochechas, a voz um sussurro baixo. "Pequenos reparos?"

"Está com medo de voar? Nós lhe ofereceremos uma bebida assim que estivermos no ar."

Uma caneca de vodka talvez resolva.

Eu me sento ao lado de Jack e em frente a Belladonna, nós quatro ao redor da mesa. Parece que ficamos ali sentados para sempre, com o avião se movendo a passos de tartaruga.

Ruídos estranhos soam abaixo de nós, ao nosso lado, atrás de nós. Vincenzo apenas repete a palavra *"normal"* várias vezes após cada ruído.

E então sou jogada de volta na minha cadeira, um rugido ensurdecedor nos meus ouvidos. Me apresso em cobri-los, aumento o volume da música ao máximo, mas ainda consigo ouvi-lo. Meus olhos se abrem de repente, alarmados, e se fixam no azul glacial de Belladonna.

Estamos descendo a pista em alta velocidade. Rápido demais, barulhento demais, fora de controle demais.

Ela está calma. Serena. Até mesmo *entediada* .

O avião acelera ainda mais, minha cabeça inclinando-se para trás contra o assento. Fecho os olhos com força, espremendo duas lágrimas quentes. Elas escorrem pelo meu rosto, enquanto meus punhos se fecham com força.

Estou em silêncio e imóvel, com a respiração presa nos pulmões, cada músculo contraído.

Isso é horrível. Pior do que eu jamais imaginei. Não consigo acreditar que o Alex fazia isso quase toda semana no final do ano passado. *Alex. Estou fazendo isso pelo Alex.* Espero que ele esteja bem. Espero que a mãe dele esteja bem.

Uma mão fria envolve a minha. Os dedos de Belladonna entrelaçam-se nos meus. Uma mão quente pousa na minha outra, e ouso entreabrir os olhos. Jack segura minha mão esquerda, Belladonna inclina-se para a frente, segurando a minha direita. A outra mão dela repousa na de Vincenzo, sobre a mesa. Estamos conectados num círculo improvável, os três calmos e serenos, eu lutando para respirar.

Quase me faz desabar, mas estou distraído por uma sensação nauseante de afundamento, como se estivéssemos despencando.

É isso aí.

Treze, doze, dez.

Aperto as mãos de Belladonna e Jack com tanta força que tenho medo de quebrar seus dedos.

Nove, oito, sete.

Lágrimas escorrem pela minha mandíbula, úmidas e desconfortáveis no meu pescoço. Meu estômago revira. *Tudo* parece estar afundando.

Seis, cinco, quatro.

Meu nome, gritado pela voz do meu pai, ainda ecoa em meus ouvidos.

Três, dois, um.

O baque não acontece. Abro os olhos e encontro os de Belladonna novamente. Desta vez, eles *são* gentis. Orgulhosos, até. "Isso foi corajoso", ela sussurra, pegando sua xícara de café.

Não respondi, *não consegui* responder, rangendo os dentes até virarem pó quando o avião fez a curva para partir.

E então, um único e sinistro *toque soa* , ecoando pela cabine.

A aeromoça aparece com quatro taças e uma garrafa de vinho espumante, me dando um sorriso tranquilizador e um leve aperto no ombro.

Que coisa mais bizarra. A gente vai cair do céu a qualquer segundo, e ela está tirando a rolha de uma garrafa de vinho.

Mas acho que prefiro morrer bêbado do que sóbrio, então aceito o copo com gratidão quando ela me oferece.

Capítulo 20

OPHELIA

Para minha surpresa, e contra todas as probabilidades estatísticas, o avião pousou. Depois de sete horas — as sete horas mais difíceis e exaustivas da minha vida — me encontro em Nova York.

Como uma garota que não se aventurou muito para fora da zona rural da Escócia nos últimos anos, não posso deixar de achar tudo isso completamente *selvagem* .

Os prédios são maiores, os carros são maiores. Os táxis são amarelos. A cidade é uma interminável malha quadrada de cafés, hotéis e restaurantes sofisticados. Pizzarias movimentadas e parques verdejantes. Bares esportivos bregas e boutiques de luxo.

Enquanto atravessamos uma ponte sobre um rio cintilante, contemplo a densa massa de arranha-céus além, como se tivesse aterrissado na lua.

Não admira que Divya ache Sorrowsong entediante.

Rocco enviou um motorista para nos buscar no aeroporto de LaGuardia. Agora estamos na parte de trás de um enorme SUV preto, mobiliado de forma semelhante ao jato particular. Há um pequeno frigobar na parte de trás que deixamos completamente intacto.

Ninguém teve notícias do Alex. Nem eu, nem o Vin, nem a Belladonna. O clima no carro está sombrio e abatido.

Independentemente do estado em que sua mãe se encontra agora, eu já sei o que ele vai fazer consigo mesmo. Vai acumular ainda mais culpa sobre seus ombros já sobrecarregados, analisando demais tudo o que poderia ter feito para evitar isso.

Estávamos presos num longo engarrafamento a dez minutos do hospital quando Vincenzo finalmente conseguiu falar com Fleur.

"Vin?", ela pergunta, com a voz rouca pelo alto-falante dele. Ela está segurando as lágrimas.

“Fleur, onde você está?”

“Ainda estamos esperando no hospital. Acabei de carregar meu celular.”

“Quem somos nós?”

“Eu e o Alex. Ele só está verificando se há alguma novidade. Ele quer que eu vá para casa comer e dormir.”

Alex está bem. Ele está com Fleur e está bem. O alívio que me invade é imenso.

“Estou a dez minutos de distância.”

“Você está em Nova York?”

“Sim. Quer que eu te leve para casa?”

Eu ouço a versão dela da conversa, ouço Alex convencê-la a ir descansar, prometendo que ligará se descobrir algo mais.

Ele parece forte. Firme e calmo.

Duvido que seja assim que ele realmente se sente.

"Você pode me levar para casa?", ela pergunta, com uma voz que soa muito mais jovem do que seus dezessete anos.

“Nós também ficaremos esta noite”, diz Belladonna. “Para ajudar a equipe com as meninas.”

Há tanto amor neste carro. Está na maneira como Vincenzo guia Fleur em algumas respirações calmas. Está na maneira como Belladonna liga para o pai para dizer que não voltará para casa esta noite. Está na maneira como Jack passou toda a viagem pesquisando a melhor forma de ajudar Alex e sua mãe.

Nunca fui tão impactado por isso, nunca me foi apresentado de forma tão clara.

Alex está imerso em amor, nadando nele. E de repente eu entendo sua batalha interna mais do que nunca. Como é frustrante para ele se sentir tão mal com uma rede de apoio tão grande ao seu redor, ter família e amigos e ainda assim se sentir sozinho.

Deve ser muito cansativo.

O carro para em frente a um hospital perto do Central Park. "Ligue para nós se precisar de alguma coisa, ok?"

Aceno com a cabeça para Vincenzo, saio do carro e mergulho na agitação de uma cidade desconhecida. Os carros passam em alta velocidade, buzinando como se isso fosse fazer o sinal abrir mais rápido. As pessoas se apressam como se tivessem compromissos.

Apesar de todos os traumas que vivi, quase nunca pisei num hospital. Antes do acidente de helicóptero, minha vida era muito tranquila. Mesmo assim, tudo

parece mais brilhante, mais novo, mais luxuoso do que os hospitais decadentes da minha cidade natal. Parece mais uma loja de eletrônicos.

Aproximo-me de três recepções diferentes, sendo encaminhada como uma bola de pinball. A quarta mulher me olha de cima a baixo, mascando chiclete. "Você é da imprensa?"

“Não, eu sou… eu sou da família.”

“Você é aquela garota que vazou o artigo?”

Minha exasperação atinge novos patamares. "Não, não fui eu. Mas, por favor, deixe-me ver o Alex."

“Nunca gostei muito do Cain Green, de qualquer forma”, diz ela. “Você já baixou nosso aplicativo?”

"Não", digo, sentindo meu último resquício de paciência se esvair nas ruas movimentadas lá embaixo.

“Tem um mapa nele.”

Por que tudo precisa ser um aplicativo? Se eu já disse isso uma vez, já disse mil vezes. *Tudo* está se tornando um aplicativo. "Por favor, você poderia me indicar o caminho certo?"

Leva mais dez minutos, mas finalmente sou levado para um corredor mais silencioso alguns andares acima. Sei que estou no lugar certo, porque um cara alto, atarracado e careca com um fone de ouvido está no corredor.

Ele me reconhece, de alguma forma. "Sra. Winters."

“Alex saiu com Fleur?”

Ele balança a cabeça e a inclina em direção a uma porta à sua esquerda.

É uma sala de exames pouco iluminada, quase toda coberta por uma cortina de papel. Abaixo a maçaneta delicadamente e entro. "Alex?"

Contorno a cortina e o encontro sentado em uma poltrona, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça entre as mãos.

“Alex.”

Ele levanta o olhar e, *puta merda* ... Uma dor aguda revira meu estômago.

Ele parece completamente arrasado. E é evidente que não viu nenhuma das mensagens que lhe enviei, porque parece não acreditar que estou aqui. Por um breve instante, vejo todas as perguntas que ele está exausto demais para fazer passarem pelos seus olhos. O *porquê* , o *como* e o *quando* .

“Você não é real.”

Eu me agacho em frente a ele e entrelaço meus dedos nos dele. "Eu sou real."

“Você não está aqui.”

Por ele, contenho as lágrimas. "Estou aqui."

E como se estivesse me esperando sem nem perceber, sua cabeça cai para a frente, o rosto enterrado em meu cabelo.

O primeiro soluço silencioso que sacode seu corpo abre uma pequena rachadura no meu coração, o segundo o parte em dois. Envolvo-o com meus braços e uso tudo o que resta dos meus músculos cansados para mantê-lo inteiro.

“Estou tão cansada de ficar à deriva, Ofélia. Só quero me libertar.”

Passo os dedos pelos seus cabelos. "Eu sei."

“Estou sem forças para lutar. Não quero mais nada disso.”

“Eu sei. Mas estou aqui para manter nós dois à tona.”

E assim ficamos sentados. Eu de joelhos, ele na cadeira. Ele desmoronando, eu me mantendo firme. Ele convencido de que o mundo está acabando, e eu, pela primeira vez, convencida de que temos um lugar nele.

Ficamos completamente imóveis enquanto o sol se põe lá fora, até que ele consiga respirar fundo e eu tenha certeza de que meus joelhos devem estar doloridos. Até que ele se afasta, passa as mãos pelos meus lábios, nariz, sobrancelhas, queixo, para ter certeza de que sou real. Ele me dá um beijo suave nos lábios. "Estou cansado, Ofélia. Não é um cansaço passageiro."

“Tudo bem. Eu também.”

Ele me segura à distância, um leve riso escapando de sua próxima expiração. "Você sabe que eu te amo, né?"

“Sim, por quê?”

“Você está com uma aparência horrível.”

Minha risada ecoa pela sala fria e impessoal. "Acho que posso dizer que não lidei bem com o voo." Observo as rugas de cansaço em seu rosto, o tom avermelhado em seus olhos. Ele é lindo. "Você também está com uma cara péssima."

“Não tenho dúvidas disso.”

"Sua mãe está...?" Minha voz falha, sem nem saber o que estou perguntando. Obviamente, ela não está bem.

“Não sei”, diz ele, passando o dorso da mão pelos olhos. “Quase não me contaram nada. O coração dela está fraco porque ela está muito magra há muito tempo e os antipsicóticos que ela toma pioram a situação, e como diabos eu vou explicar tudo isso para as meninas se eu mesmo não entendo—”

“Ei”, interrompo, passando as mãos pelos seus cabelos para tentar acalmá-lo antes que entre em pânico. Eu, mais do que ninguém, sei que não devo prometer que ela ficará bem, ou que ele se sentirá melhor amanhã. Então, faço a única promessa que sei ser verdadeira: “Estou aqui para você. Sempre estarei aqui para

você.”

Estendo a mão até minha mochila de aparência cansada, tiro um pacote de balas de goma e o jogo no armário ao lado.

O pequeno sorriso em seus lábios me dá esperança. Ele me puxa para o seu colo na poltrona. O calor do seu corpo envolve o meu, seu cheiro familiar como um cobertor em volta dos meus ombros. "Até meia-noite?"

“Daqui a cem anos.”

"Eu te amo", ele sussurra, os olhos se fechando lentamente. A linha entre suas sobrancelhas se suaviza, sua respiração se aprofunda, se acalma. Sinto seu corpo relaxar sob o meu enquanto passo os dedos pelos seus cabelos despenteados. Acho que ele adormeceu. Então prendo a respiração e a vontade de urinar que tenho há horas, contentando-me em ouvir a batida constante do seu pulso.

Pouco depois, uma médica de uniforme cirúrgico entra na sala. Ela acena para Alex. "Devo voltar? São notícias positivas."

Graças *a Deus* . Balanço a cabeça e acordo Alex gentilmente, levantando-me.

“Ela está acordada há pouco tempo e está alerta”, diz o médico, antes que Alex possa perguntar algo diferente. Sua cabeça cai entre as mãos novamente, os ombros relaxando de alívio. Peço licença para ir ao banheiro enquanto o médico explica tudo o que está acontecendo com o coração debilitado de Elise. Seria estranho ouvir isso sem a permissão dela.

Quando volto, Alex está no corredor.

“Posso visitá-la.”

“Você prefere que eu fique aqui fora?”

Ele acena com a cabeça, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. "Acho que sim. Ela se preocupa com a aparência. Acho que ela gostaria de ter a chance de se trocar, arrumar o cabelo e a maquiagem antes de te encontrar."

O mundo não o merece.

“Vou procurar um café para nós.”

Ele me encara, os músculos da mandíbula relaxando ligeiramente. Seu polegar roça minha bochecha, como um escultor dando o toque final. "Não acredito que você está aqui."

Deixei meus cílios se fecharem lentamente, me inclinei para o seu carinho. "Estou aqui."

Estou aqui, e sinto que estou exatamente onde preciso estar.

A enfermeira-chefe teve a gentileza de nos deixar passar a noite lá, deitados de conchinha numa cama de hospital pequena demais, sobrevivendo com salgadinhos de máquina de venda automática e bebidas energéticas.

Não tenho certeza se Alex realmente consegue dormir. O estresse emana dele em ondas, a ponto de eu me surpreender que as janelas deste quarto ainda não tenham se estilhaçado.

Já passa das dez da manhã quando ele me acorda. Alguém da equipe de segurança trouxe uma mala de viagem para ele, e ele trocou de roupa, vestindo algo mais casual: uma jaqueta preta e jeans folgados que não deveriam estar tão bem nele. "E aí."

"Ei."

Ele passa o polegar pelo meu lábio inferior. "Você está se sentindo com jet lag?"

“É por isso que me sinto uma merda?”

Ele sorri. "Pode ser uma de dez razões. Você quer conhecer minha mãe?"

“Ai, meu Deus. Eu preciso lavar o cabelo.”

Ele revira os olhos de forma bem-humorada. "Vocês dois são parecidos. Ela não vai ligar nem perceber."

Saio da cama e estico os braços cansados acima da cabeça, na esperança de dar um pouco de vida ao meu cérebro sonolento. Escovo o cabelo e os dentes rapidamente, visto jeans e um dos suéteres antigos do meu pai. É um suéter verde de tricô com um buraco na manga, e provavelmente precisa de uma lavagem, mas não me importo. Eu precisava dele comigo, precisava me sentir perto dele. De certa forma, é como levá-lo comigo para conhecer a mãe do Alex.

"Ela vai ficar desapontada", digo, olhando para o meu próprio reflexo no pequeno espelho acima da pia na sala de exames.

Alex aparece atrás de mim, com as mãos na minha cintura. "Ela vai ver o que eu vejo."

“Qual é?”

“A melhor coisa que poderia ter me acontecido.”

Me viro bruscamente da pia para encará-lo. "Meu pai teria adorado você."

Isso o faz sorrir. Raramente toco no assunto perto dele, perto de *qualquer pessoa* . É uma ferida que ainda dói. "É mesmo?"

“Sim. Ele também gostava de rúgbi. De todos os esportes, na verdade.”

“Ele te observou nadar?”

“O tempo todo. Ele era chef. Adorava cozinhar para nós, então eu era uma nadadora bem mediana de doze anos, comendo como se estivesse a duas

semanas de ganhar uma medalha de ouro olímpica.”

Seus olhos brilham de divertimento. " *Uau.* Então cozinhar não é genético, hein?"

"Vai se foder, Corbeau, um dia você vai me agradecer pela minha torrada queimada."

Suas mãos apertam meus quadris, me puxando para perto dele. "Ah, imagino. Ele deve ter sido um grande homem para criar uma filha tão maravilhosa."

“Ah, bem…” Estou olhando para os meus pés, com as bochechas coradas sem motivo aparente. “Que gentil.”

Nossa mão se entrelaça com a sua. "Vamos lá."

Espero do lado de fora de um quarto de hospital em um corredor diferente, observando Alex entreabrir a porta. " *Mamãe* ?"

Não consigo ouvir a resposta em voz baixa.

“Ofélia está aqui, mas sem pressão.”

Outra resposta, dita tão baixo que não foi possível ouvir.

“Seu cabelo está lindo, mãe.”

Ouço-a pedir um corretivo, vejo Alex lançar-me um olhar cúmplice antes de desaparecer lá dentro por um instante. Roer as unhas, nervosa, é o que me leva a pensar.

Sou decepcionante.

Imagino as perguntas que ela poderia me fazer. Para onde viajei? Para lugar nenhum. Como são minhas notas? Apenas o suficiente para passar raspando. Quais são meus objetivos de carreira? Não tenho nenhum.

Alex me chama, e eu dou uma espiada com um olho só, como se isso fosse me salvar do meu terror.

Tenho a sensação de já conhecer a mulher na cama. Não apenas pelas revistas que minha mãe tinha quando eu era criança, mas pela forma como ela transparece em Alex.

Embora visivelmente debilitada e muito frágil, Elise é exatamente tão linda quanto nas fotos, mesmo em seu ambiente atual. Ela veste um vestido de cetim branco que provavelmente trouxe de casa, e seus cabelos estão penteados com um brilho suave.

"Oi", eu sussurro, parada na porta como alguém que nunca socializou na vida.

“Ofélia”, ela responde, e eu não sei como alguém consegue condensar tanta ternura e tanta acolhida em sete letrinhas, mas ela consegue. Seu sotaque é carregado, como aquele leve toque de francês que permeia o de Alex.

Algo nela me atrai. Ela é segura, gentil e sorri para mim como o Alex faz. Seus olhos são poços brilhantes de um verde claro, assim como os dele. "Você está tão linda."

“Parece que levei um choque elétrico. Duas vezes”, digo, afundando na cadeira ao lado da cama dela. Ela estende a mão para que eu a segure, rindo baixinho. Seus dedos estão frios e finos sob os meus.

“Não. De jeito nenhum. E ninguém *fica* com a melhor aparência depois de um voo longo.”

“Não sei como o Alex consegue voar com tanta frequência. Eu estava convencido o tempo todo de que íamos cair.”

“Você vai ficar por mais tempo?”

Olho para Alex. Não conversamos sobre isso. Não faço ideia dos meus planos. Só tenho mais três dias de roupa íntima. Não sei se ele quer que eu conheça as irmãs dele, se Fleur sequer me deixaria entrar na casa delas sem me matar.

"Espero que sim", foi tudo o que ele disse, olhando para mim com tanta emoção nos olhos. Amarelo da felicidade, vermelho da paixão e o azul intenso de sua lealdade inabalável.

Adoro quando ele não está grisalho.

“Ele estava perdido sem você.”

" *Mãe* ."

“Você era!”

"Acho que precisávamos de um tempo separadas para resolver algumas coisas entre nós", digo, apreciando a sensação da minha mão na dela. Isso ameniza a ausência da minha mãe e, ao mesmo tempo, a torna muito pior.

Alex sai para atender uma ligação de trabalho urgente, e eu aproximo minha cadeira da beirada da cama para mostrar a Elise algumas fotos das roupas que comprei em brechós com a Colette. Parece que isso a distrai um pouco, pelo menos.

É fácil conversar com a Elise. Ela não me faz nenhuma das perguntas que me preocupavam. Ela pergunta como foi meu tempo com a Colette, como estão as aulas de natação, se eu gostaria de uma xícara de chá.

"Eu sabia que você era a pessoa certa para ele desde o começo", ela diz, sorrindo para a tela de bloqueio do meu celular depois que termino de mostrar a ela todas as fotos aleatórias do meu rolo da câmera, para não ter que pensar em um novo assunto para conversar.

Encaro a foto, tirada em dezembro passado. Uma selfie borrada do lado de

fora da mansão Nightshade, neve acumulada nos nossos cílios, o rosto queimado pelo vento. "Às vezes acho que ele é realmente extraordinário, e eu..."

“Não ouse dizer que você é uma pessoa comum.”

“Uma caneca de chocolate quente é a minha ideia de um grande prazer. Caminhar até a mercearia da esquina é um passeio de um dia inteiro.”

Isso a faz rir. "Você é extraordinária, Ofélia. Não caia na mesma armadilha em que eu caí, não deixe que te façam acreditar que é a riqueza ou a fama que definem uma pessoa. É o que você faz nos momentos de tranquilidade."

Penso no meu último momento de tranquilidade. Acho que o passei equilibrando um tubo de Pringles e meu celular na barriga. "Acho que sim."

“Ele voltou a desenhar com cores.”

Isso me fez levantar a cabeça imediatamente. "O quê?"

“Depois que ele te conheceu, ele começou a desenhar em cores novamente, não apenas em preto e branco.”

Lembro-me dos esboços que vi quando conheci Alex. Desordenados, caóticos, muitas vezes repetitivos. Sempre em carvão preto.

E então, à primeira vez que ele me desenhou, em um tom pastel laranja vibrante. Às obras de arte da aula de desenho de modelo vivo: retratos coloridos em tons pastel suaves.

“Eu não sabia disso.”

Ela aperta a minha mão, o olhar semicerrado e sonolento. "Isso faz você parecer extraordinária para mim."

“Ele é muito talentoso.”

Ela olha para a porta, como se estivesse verificando se Alex ainda está ao telefone. "Eu não vou durar para sempre, Ophelia. Nestes últimos meses, justamente quando minha mente começa a apresentar algum progresso, sinto meu corpo desistindo de mim."

Engoli em seco, minhas narinas ardendo. "Eu sei."

“A Josie tem quase oito anos, a Charlotte dez”, diz ela, como se fosse algo que eu não soubesse. “Se eu morresse amanhã, o Alex…”

Ele seria a única figura paterna na vida deles. "Eu sei."

"Sei que criar filhos não é o que alguém desejaria em um relacionamento aos vinte e um anos."

“Está tudo bem. Você não precisa se preocupar com isso”, eu a tranquilizo. “As meninas não são um empecilho. São apenas um período de adaptação, talvez. Uma mudança que preciso fazer, vindo de uma família pequena. Mas eu não estaria com o Alex se estivesse planejando fugir assim que as coisas

ficassem difíceis.”

Ela me dá um sorriso trêmulo, os olhos transmitindo mais gratidão do que palavras jamais poderiam. Mas ela está enganada. É Alex quem está me salvando, por mais que pareça o contrário para quem vê de fora. Cada segundo em que Alex continua respirando é uma promessa do final feliz que eu já havia perdido há muito tempo.

Ele é o bálsamo para a dor de quatro anos que sinto no peito. Ele é a esperança de uma família. Ele me aceita completamente, do jeito que sou. Sem necessidade de mudanças.

Elise adormece ao som rítmico dos bipes das máquinas ao lado da cama. Acaricio seus cabelos e conto-lhe tudo o que me vem à mente, fazendo palavras cruzadas em voz alta até que a voz de Alex me interrompe.

“Ela te ama.”

Levanto os olhos, sentindo as bochechas corarem. Não tinha percebido que ele estava ali. "Eu também a amo. Sua ligação foi boa?"

“Sim, simplesmente chato.”

"Sinto falta da minha mãe", digo baixinho. Não sei por que ela e meu pai estão tão presentes nos meus pensamentos hoje. Minha mãe traiu meu pai. Ela o traiu com o homem errado, um homem desprezível.

Mas, mesmo assim, sinto muita falta dela.

"Será que alguma vez não dói?", ele sussurra, baixo o suficiente para que sua mãe não o ouça.

Quero que Alex receba sinceridade da minha parte, não aquele " *vai ficar mais fácil"* que todo mundo repete no piloto automático. "Sempre dói. O choque, a injustiça. É ridículo... como um filme que você já viu cem vezes e ainda assim pensa que desta vez *pode* terminar diferente. Todo dia é como... talvez meu pai *esteja* fazendo panquecas no fogão quando eu descer, e tudo isso tenha sido um pesadelo."

A palma da mão dele pousa no meu ombro, massageando suavemente os músculos tensos ali presentes.

"É clichê, mas não fica mais fácil. Você apenas aprende a lidar melhor com isso. A dor não diminui, mas também não me assusta tanto quanto antes."

Quando inclino a cabeça para trás para vê-lo, seu sorriso é suave, grato. "Eu consigo lidar com isso."

“Estarei aí com você.”

Ele me dá um beijo na testa. "Você quer ir para minha casa? Você pode tomar banho, comer uma refeição decente e dormir na minha cama."

“Quem está em casa?”

“As meninas estarão em casa à noite. E a governanta, as babás, o cozinheiro e os seguranças.”

Sou péssima em disfarçar a preocupação na minha voz. "Todos os seis?"

Seu suspiro me faz cócegas no topo da cabeça. "Fleur vai se acalmar."

“Ela não deveria ter que fazer isso. A casa é o refúgio dela. Não quero invadir esse espaço e fazê-la sentir que não pode estar lá. Principalmente agora.”

Suas mãos deslizam até meu cabelo, acariciando meu couro cabeludo do jeito que ele gosta. "Vou ligar para ela e perguntar o que ela acha de você passar a noite aqui."

Eu gostaria disso, mas prefiro não criar muitas expectativas.

Capítulo 21

OPHELIA

A notificação no meu celular me faz sorrir enquanto um dos seguranças de Alex ziguezagueia pelo trânsito da hora do almoço, num silêncio confortável dentro do carro preto brilhante.

De : Alex Corbeau-Green
Assunto : Solitário (adjetivo) *triste por não ter companhia.*
Data : Quarta-feira, 9 de abril, 12h03 EST
Para : Ophelia Winters

Você já chegou?
P.S.: Mia esconde os petiscos gostosos no armário ao lado da máquina de lavar louça.

Então o plano de dados que ele ativou no meu celular funciona. Continuo impressionado com essa maquininha velha, toda amassada e rachada, de seis anos de idade.

Imagino a expressão no rosto do Alex se eu dissesse essa frase em voz alta. Ele já me considera uma mulher das cavernas.

De : Ophelia Winters
Assunto : Impaciente (adjetivo) *irritado porque você tem que esperar.*
Data : Quarta-feira, 9 de abril, 12h04 EST
Para : Alex Corbeau-Green

Ainda não. Esta cidade tem bastante trânsito, caso você não tenha percebido.

Desliguei a tela para absorver a loucura da cidade ao meu redor, mas ela tocou imediatamente.

De : Alex Corbeau-Green
Assunto : Trafficky (erro) *não é uma palavra.*

Data : Quarta-feira, 9 de abril, 12h05 EST
Para : Ophelia Winters

Estamos inventando palavras agora? Me manda mensagem quando chegar lá, meu bem.

Pouco tempo depois, o carro para em frente a um enorme sobrado de tijolos marrons em uma rua arrumada. "Uau", digo, esticando o pescoço para absorver todos os quatro andares.

O segurança abre a porta para mim. Já esqueci o nome dele. São tantos para memorizar. "Vou estacionar o carro, senhorita. Suba os degraus até a porta."

Entro na casa na ponta dos pés, como se fosse um ladrão, prendendo a respiração e andando na ponta dos pés, por algum motivo. O hall de entrada é enorme, com piso de madeira polida e uma escada branca com um tapete bege. Há sapatos transbordando do armário ao meu lado, e desenhos infantis em molduras brancas decoram a parede atrás da escada. Há uma sensação de calor no ar, e o cheiro de algo assando vem de algum lugar.

Isto é um lar. A casa em Londres era uma casca fria e polida. Esta é aconchegante de um jeito que eu senti *muita* falta. Me viro para o armário, tiro minhas botas e as coloco em uma prateleira junto com os tênis do Alex.

Um alegre *"oi"* quebra o silêncio denso, e eu solto um grito profano, deixando cair minha bolsa.

A mulher à minha frente ri, estendendo as mãos em sinal de desculpas. Ela é baixa e rechonchuda, com cabelos castanhos com mechas grisalhas. "Desculpe por assustá-la. Sou Ingrid, a governanta."

"Eu sou …"

“Ophelia. Alex me disse que você chegaria a qualquer minuto”, ela completa, com um sorriso caloroso no rosto. Será que *todo mundo* na vida do Alex está tão animado assim por ele ter uma namorada?

“Eu… esta é uma casa linda.”

“Sim, eu adoro meu trabalho. Vou te mostrar tudo.”

Ela pega minha bolsa e me conduz a uma cozinha clara e arejada, com piso de madeira clara e bancadas de pedra branca. Grandes portas de vidro no fundo dão para um pequeno jardim, repleto de plantas e árvores. Uma bandeja de muffins de mirtilo esfriando está sobre a ilha, e se eu não estivesse com tanta vergonha, imploraria por um. O cheiro está horrível. "As meninas estão em casa?"

“A Emily vai buscá-los na escola daqui a algumas horas, então você terá um

tempo para si até lá.”

"Eu definitivamente preciso de um banho."

"Aqui, vou te mostrar o banheiro do Alex. Ele já me pediu para sair e pegar algumas coisas para você. Posso te mostrar tudo mais tarde, se quiser. Imagino que você esteja exausto(a)."

O quarto de Alex fica no final do corredor do segundo andar. Um tapete creme gigante cobre a maior parte do piso de madeira, e uma enorme cama de teca ocupa o centro da parede do fundo. Talvez eu esteja apenas cansado, mas essa nuvem branca de roupa de cama macia parece ser a coisa mais confortável do mundo.

Como sempre acontece com seus quartos, o espaço é impecável, mas a escrivaninha é um caos total. Pilhas de cadernos de desenho, livros, cartas para a mãe, anotações de estudo, revistas de arquitetura. Há pelo menos uma dúzia de desenhos meus espalhados por tudo aquilo.

No enorme banheiro privativo — nunca vou entender por que um banheiro precisa de duas pias — há uma cesta de vime com xampu, um sabonete bom, uma escova de cabelo, absorventes internos, uma calça de moletom macia, pijama, biscoitos e um pacote de balas de goma.

Ofélia
Sou mimada. Obrigada.

Alex
Ingrid te conheceu?

Ofélia
Sim, ela é adorável.

Alex
Tenho pesadelos em que aquela mulher se aposenta. Ela trabalha aqui há quinze anos.

Ofélia
Eu poderia me casar com ela em vez de você.

Alex
O marido dela também trabalha para nós, como motorista.

Ofélia
Droga. Deixa pra lá, então. Vou tomar um banho e tirar um cochilo.

Alex
Enviar foto

Aquele emoji idiota aparece, com aqueles olhinhos lacrimejantes. Eu rio e

tiro uma foto onde a toalha *mal* me cobre.

Alex
Você é tão linda, meu bem.

Ofélia
Este chuveiro é definitivamente grande o suficiente para duas pessoas.

Alex
Estarei em casa assim que possível, contanto que a mamãe esteja bem.
Mal posso esperar.

O banho é tudo o que eu precisava. Ele lava o estresse, a viagem, o pânico da sala de aula. Quando saio enrolada na toalha macia e vejo que Ingrid deixou um muffin quentinho e uma xícara de chá na mesinha de cabeceira, penso que talvez eu simplesmente me aconchegue aqui e nunca mais saia.

Sento-me na beira da cama, descasco o papel pardo e dou uma mordida.

Jesus Cristo, é a melhor coisa que já comi. Me jogo de volta no edredom branco, gemendo com a comida na boca.

A pintura está no teto, acima da cama de Alex. *Minha* pintura. A bagunça de dedos e marcas de mãos que fiz enquanto ele me fodia em Londres.

Ofélia
Bela vista da cama

Alex
Tem que haver algo que torne as noites solitárias menos solitárias.

Agora minha cabeça está cheia de todo tipo de imagens do Alex nessa cama, então eu me cubro com o edredom e deixo minha imaginação correr solta.

Uma batida na porta me assusta. As cortinas são tão boas que não tenho ideia de que horas são, mas meu celular diz que são pouco mais de cinco. Eu murmuro um "olá", com a voz rouca.

“Ei, garota!”

Nunca conheci Mia pessoalmente, mas reconheceria a voz dela em qualquer lugar, pelas inúmeras chamadas de vídeo que fizemos juntas.

“Você chegou! Entre”, digo, passando os dedos pelos meus cabelos.

A porta se abre e uma profusão de membros longos e cabelos escuros dispara em minha direção como um esquilo voador. Ela aterrissa na cama com um baque, sorrindo de orelha a orelha. "Meu Deus, é tão legal que você esteja aqui."

"Não acredito que sobrevivi ao voo."

“Eu sei, né? Geralmente é um meio de transporte muito pouco confiável”, diz ela em tom de brincadeira.

“Ah, então a atitude do Alex é de família?”

Ela ri, jogando-se de volta ao meu lado. "Ele é o pior de todos nós."

“Como foi a escola?”

Ela mexe os pés, calçados com meias esportivas brancas. "Tudo bem. Eu tive treino de atletismo."

“A Evie também gosta de esportes?”

Ela sorri ao ouvir o nome da irmã gêmea. "Na verdade, não. Ela gosta de dançar. Aliás, ela gosta de patinação artística. Ela também está animada para te conhecer."

"Estou meio nervoso." Estou mais do que nervoso. Encontrar um monte de empresários e CEOs infelizes? Eu ficaria bem. Encontrar garotas adolescentes? Aí sim, me aterrorizaria.

“Não precisa se preocupar. Podemos simplesmente comer pipoca e assistir a um filme juntos. Você viu minha mãe? Ela parecia… bem, obviamente ela não está bem, mas ela parecia estar bem?”

A preocupação se acumula em seus olhos e meu coração se aperta. "É difícil para mim dizer. Não sei como ela é normalmente. Mas tivemos uma boa conversa. Ela parecia animada, considerando as circunstâncias."

Mia encara os próprios pés, mordendo o lábio inferior. Enquanto Evie, Josie e Charlotte têm os cabelos loiros e a pele clara do pai, Mia tem olhos verdes e cabelos escuros, com a pele levemente bronzeada. Aliás, perto de mim, qualquer um parece bronzeado. "Nossa mãe é a melhor."

"Ela é."

“Não é justo que ela esteja doente e meu pai não.”

Assinto com a cabeça, mexendo na pulseira roxa da amizade no meu pulso. Não sei o que dizer. Não sei como Alex consegue: responder às perguntas dos seis, todos em diferentes fases da infância, todos em diferentes estágios de compreensão do que a morte realmente significa.

“Não é justo que Alex também esteja lidando com tudo isso.”

“Não, não é.” Tenho uma centena de perguntas. Sobre Alex quando criança, sobre a vida quando o pai ainda morava em casa, sobre como ele realmente tem estado nestes últimos meses. Nenhuma delas é justa para se fazer a uma garota de dezesseis anos tentando lidar com uma das semanas mais difíceis da sua vida.

“Ai, que saco. O que estamos fazendo?”, pergunta Mia. “Já começamos a falar de coisas ruins. A gente devia levantar e ser mais positiva. Tem muffins de

mirtilo lá embaixo. E tem risoto para o jantar. *E* tem sorvete no congelador. Eu que fiz.”

Me levanto e visto o moletom de rúgbi do Alex, o Sorrowsong. Eu daria tudo para vê-lo lá de novo, jogando ao lado do Vincenzo. "Você sabe fazer sorvete?"

“É muito bom, se me permitem dizer.”

Do alto da escada, já consigo ouvir o burburinho lá embaixo. A voz de Ingrid, mas também a de outra pessoa. A de um homem. E muitas risadas, apesar da situação.

É um lar. É um lar e uma família, e é uma pia cheia de louça e paredes que não são frias por completo.

Eu me esforço para não me emocionar. Mas *é* emocionante. Seja lá o que for isso, aqui nesta casa, é o oposto da solidão. "Parece movimentado", digo, nervosamente.

“Você vem de uma família pequena, certo?”

Eu gaguejo, como sempre faço quando falo da minha família, presa naquele espaço horrível entre *"é"* e " *era* ". "É. Bom, agora sou só eu. Só eu em casa... hum... mas éramos três. Mas não, eu nunca tive uma família grande."

Ela cora, como se estivesse se amaldiçoando por ter me perguntado aquilo. "Droga, Ofélia. Que descuido o meu."

“Não, não. Está tudo bem. De verdade, está.”

“Se você estiver sobrecarregado(a) de estímulos, pode simplesmente passar um momento no quarto do Alex.”

“Parece perfeito.”

Chego ao pé da escada e uma garota que reconheço como Josie surge correndo pela porta da cozinha, como se estivesse observando a escada, esperando por mim.

“Pheelz!”

Eu rio, aceitando seu abraço impressionantemente forte. "Pheelz? Foi o Vincenzo que te mandou fazer isso?"

“Sim.” Ela me aperta de novo. “Alex me disse para não te assustar.”

Eu a abraço de volta, com o nariz em seus cabelos loiros ondulados. "Ele fez isso? Não podemos continuar deixando-o sair impune com esses comentários."

“Vamos acabar com ele!”

"Negócio."

Ela me arrasta para a cozinha, onde vejo Evie — que é a cara da irmã gêmea, só que com o cabelo mais claro — Éléanor, de doze anos, a mais tímida de todas, e Charlotte, que, aos dez anos, me deu o aperto de mão mais eficiente e

profissional que já recebi. Ingrid também está lá, e um homem de cabelos grisalhos que presumo ser seu marido. Há outro homem também, com um avental de chef branco. É um verdadeiro caos. Várias versões do meu nome são gritadas, e cada uma das irmãs me envolve em um abraço caloroso. Evie me segura por mais um segundo. "Sinto como se já te conhecesse; já ouvimos falar tanto de você."

“Ah, não. Não quero saber.”

Ela ri, colocando uma bebida na minha mão. "Tudo de bom!"

Todos estão de bom humor, mas parecem muito cansados. Não sei como conseguem.

Mas, conforme a noite avança, começo a entender um pouco melhor. Todos se apoiam mutuamente. Todos estão envolvidos, todos são incluídos. Quando alguém parece triste, todos se unem para apoiá-lo, até mesmo Ingrid, que parece amar Elise como se fosse uma irmã.

E mesmo que o Alex não esteja aqui para me guiar, eu me sinto totalmente bem. *Bem-vindo(a).*

Mas uma ausência está me incomodando. Cutuco Mia enquanto começamos a tirar pratos de massa e copos dos armários para o jantar. "Onde está Fleur?"

“Não tenho certeza. Provavelmente no quarto dela.”

“Será que isso aconteceu por minha causa?”

“Não. Ela quase não sai mais com a gente. Ela não jantou com a gente ontem à noite. Não é você, eu prometo.”

Odeio ter começado com o pé esquerdo com ela. Gostaria que tudo tivesse sido diferente.

O chef deixa uma enorme travessa de risoto no centro da mesa da sala de jantar, além de uma montanha de parmesão ralado e um pouco de salada. Puxo uma cadeira e me sento para minha primeira refeição em família em anos.

A imagem de Laura me vem à mente, causando-me tanta culpa quanto estranheza. A frieza e o silêncio em sua casa em Inverness, tão semelhantes à minha.

Isto aqui é tudo o que ela realmente queria.

Meu Deus, Laura. Me desculpe. Sinto que a usei como um trampolim para chegar até aqui.

O que Alex pensa de mim é verdade: *sinto* nojo da riqueza que todos eles têm. É mais do que qualquer pessoa precisa. Mas se por acaso eu descobrisse que meu pai era milionário e só estava me mantendo humilde, contratar alguém que soubesse cozinhar seria minha primeira providência.

No ano passado, tentei fazer uma salada de frango para o Alex e nós dois pegamos uma *virose* , segundo ele mesmo me garante.

Foi intoxicação alimentar.

Mas este risoto? Simplesmente incrível.

Fico triste que o Alex não esteja aqui, mas é justo que a mãe dele tenha companhia.

"Você ainda vai ficar aqui durante o fim de semana, Ofélia?", pergunta Mia, servindo-se uma segunda porção da comida.

“Sim, se vocês não se importarem?”

A voz de Josie ressoa alta e clara ao meu lado, e sua mão pousa sobre a minha. "Não nos importamos!"

“Podemos fazer um bolo de aniversário para o Alex!”

Droga. É aniversário do Alex. É impossível comprar um presente para ele. Ele tem dinheiro suficiente para comprar uma ilha pequena, mas as coisas que ele realmente quer são coisas que o dinheiro não pode comprar.

“Parece ótimo. Veludo vermelho, talvez.”

“Então…” diz Charlotte, num esforço desesperado para parecer casual. “Vocês estão todos inventados?”

Dou uma risadinha enquanto tomo minha limonada. "Sim, já inventamos tudo."

“Vocês vão terminar de novo?”

"Josie!" Mia belisca a ponte do nariz, encarando a irmã com raiva.

“O quê? Íamos perguntar a ela.”

“Íamos interrogá-la de uma forma mais sutil”, diz Mia, entre risos.

“Já faz um tempão que estamos esperando o Alex arranjar uma namorada séria”, acrescenta Evie, com uma expressão solene no rosto. “A gente estava com medo de que isso *nunca* acontecesse. Aí ele te largou, e tipo… claro que a gente ama ele, porque ele é nosso irmão, mas a gente queria estrangulá-lo. A gente nunca imaginou que tinha sido você que vazou o arquivo. Bom, ninguém, exceto…”

Outra voz se junta à conversa, suave e lírica como a de Elise, mas com sotaque americano, em vez de francês. "Uau, E. Muito obrigada."

A mesa fica em silêncio. Espero que não percebam como meus ombros enrijecem de tensão. Sei quem é antes mesmo de me virar. Devo me levantar? *Não, ela não é uma condessa.* Devo tentar um abraço? Ela não quer me abraçar. Um aperto de mãos?

Viro-me para Fleur. Já a vi em fotos, outdoors e revistas, mas ela é muito

mais intimidadora pessoalmente. Seu cabelo é escuro como o do irmão, comprido o suficiente para tocar a altura do cinto. Ela está com uma roupa que me faz perceber que o problema não são as calças de cintura baixa, e sim eu.

Ela tem aqueles olhos verdes penetrantes que me são familiares, e isso me tranquiliza. É difícil sentir qualquer hostilidade por alguém que tenha os olhos da Alex.

Mesmo assim, qualquer pessoa que consiga usar calças de cintura baixa com estilo me deixa com as mãos suadas.

“Ei, Fleur”, digo baixinho. “Como você está?”

Pergunta boba. Apesar do clima alegre na casa, é bem óbvio que todas essas meninas estão passando por dificuldades.

“Na verdade, estou tendo uma semana meio ruim”, diz ela, afundando na cadeira vazia na cabeceira da mesa. Ela enche o prato com salada, e o clima à mesa fica um pouco mais pesado. Alex já me avisou sobre os sentimentos de Fleur em relação a mim, então não sei bem o que dizer. “Como minha mãe pareceu?”

“Acho que ela parecia bem animada.”

Ela dá uma mordida na comida, as unhas cor de pele teclando na tela do celular. Sua pele está radiante, o cabelo brilhante, mas as olheiras sob seus olhos são tão intensas quanto as de Alex. "Porque Alex finalmente encontrou alguém disposto a aturar as besteiras dele."

Mia ri. "Acho que estávamos preocupados que você fosse um robô."

Evie concorda com a cabeça. "Ele sempre teve uma imaginação fértil."

“Mas ele constrói os *melhores* fortes de almofadas.”

Dou um sorriso para Josie. Pelo jeito que ele equipou o carro alugado no Boxing Day, eu acredito nisso.

Eu sempre soube o quanto ele fez por suas irmãs, o quanto ele se esforça para manter alguma aparência de normalidade em suas vidas, mas vendo isso aqui agora, sinto um desejo repentino de alcançar por baixo de sua pele e acariciar seu coração macio com minhas duas mãos.

Mas não posso fazer isso, então me contento com uma mensagem rápida.

Ofélia
Eu te amo.

Ofélia
Muito.

O resto do jantar transcorre em uma conversa tranquila. Fleur não diz mais

nada e é a primeira a se levantar da mesa. Mesmo assim, sinto que nosso primeiro encontro poderia ter sido muito pior, considerando que, um mês atrás, ela queria arrancar minha cabeça dos ombros.

Enquanto todos nós comíamos o sorvete caseiro da Mia, meu celular vibrou no meu colo.

Alex
Meu amor por você mantém meu coração batendo.

Sinto minhas bochechas corarem. Nunca sei o que responder a essas coisas, assim como não sei como tive tanta sorte. Mando um emoji de joinha para ele, só porque sei que vai fazê-lo rir. Ele acha que sou péssima em mandar mensagens.

Provavelmente sou péssimo para mandar mensagens de texto.

Passo as primeiras horas da noite completamente acordada, encarando minha terrível obra de arte no teto. Um denso silêncio se instala sobre a casa, o zumbido do mundo exterior quase inaudível.

Desço até a cozinha com meu pijama novo — marrom, claro — para pegar um copo d'água, sussurrando um oi para os seguranças no saguão. Dou um gole e me viro para observar o ambiente. A lava-louças funciona silenciosamente, cheia até a borda depois de uma noite agitada com comida caseira. Mais desenhos infantis decoram a parede, e há uma pasta repleta de receitas escritas à mão.

Na escuridão silenciosa da cozinha, avisto uma forma sombria lá fora, sentada no banco do jardim com a testa apoiada na mão.

Encho um segundo copo d'água e deslizo uma das portas duplas. O caminho de pedra está frio sob meus pés descalços, meu pijama uma fina barreira contra o frio. O vento sussurra entre os arbustos, bagunçando meus cabelos enquanto caminho em direção à figura derrotada no banco.

Alex solta uma longa baforada de fumaça, com os olhos fixos no céu sem estrelas acima de nós. "Sou uma companhia ruim esta noite, Twist."

Ele está tentando me convencer a ir embora, mas não está funcionando. Não vai funcionar. Já fizemos isso uma vez e foi um erro.

“Para mim não. Nunca para mim.” Sento-me no banco ao lado dele, observando o cigarro brilhar em sua próxima tragada. “Você voltou mais cedo.”

A enfermeira do turno seguinte foi um pouco mais rigorosa com os horários de visita.

Passo a mão pelas costas dele, sentindo o calor da sua pele mesmo através do moletom. A cabeça dele cai de novo. Eu queria poder aliviar um pouco o peso dos ombros dele. "Mas ela está bem?"

“Mentalmente, ela está surpreendentemente otimista. Seu coração e fígado estão simplesmente falhando.”

Apoio a cabeça no ombro dele, que sobe e desce suavemente com sua respiração lenta. É tranquilo aqui. O caos da cidade é um zumbido abafado. O ar é fresco, mas não frio. Entendo por que Elise gosta de passar os dias neste banco.

“Vou parar”, diz ele, colocando um segundo cigarro entre os lábios. O isqueiro luta contra a brisa, iluminando a mão que Alex segura em concha ao redor dele. Ele parece tão cansado. “Vou sim. Só não esta semana.”

Eu retiro a caixa dele, porque duas são suficientes, e a guardo no bolso. Ele me oferece a que está entre seus dedos.

“Não, obrigado. Eu gosto de ar com sabor normal. Só ar puro, original, com sabor de baunilha.”

Ele ri. "Que se dane, então."

Eu sorrio de volta para ele sob o suave brilho alaranjado da luz da varanda. "Que se dane você, então."

“A Evie me mandou uma mensagem dizendo que você é legal.”

Agora é a minha vez de rir. Se eu pudesse escolher um adjetivo que não me definisse, seria *"descolada* ". Quando eu tinha doze anos, minha mãe pediu para minha avó dizer algo legal sobre mim, e a melhor palavra que ela conseguiu pensar foi *"resistente"* . Ela me deu um tapinha na coxa, como um aposentado dá um tapinha no seu carro velho, e disse: *"Essa não voaria nem com um vento forte"* .

Nada como uma mulher da família para te ensinar a ser humilde desde cedo.

Mas agora sinto falta de todos eles.

“Suas irmãs são ótimas. Gosto de todas elas, inclusive da Fleur.”

“São sim. Não sei como não ficaram terríveis.”

Balançando as pernas onde estou sentada, o jardim silencioso, exceto pelo ruído esporádico dos meus pés batendo no azulejo sob nós.

"Talvez eu nunca melhore, Ofélia."

Isso não é típico dele. Já vi muita coisa do Alex, mas nunca tanta insegurança. "Alex, estou infeliz. Cínica. Mal-humorada. Pessimista. No futuro que você imagina para nós, serei uma otimista alegre e despreocupada que desce as escadas saltitando todas as manhãs?"

Ele quase estremece, o que me faz rir. Não sei por que ele se encanta tanto

com o meu mau humor. "De jeito nenhum. Você fica resmungando o dia todo."

Ele apaga o cigarro no braço de metal do banco e me puxa para o seu colo, enxaguando a boca com água do copo. Suas mãos percorrem minhas coxas, o tecido macio que as cobre. Ele se inclina na curva do meu pescoço e inspira lentamente, como se precisasse de mim em sua corrente sanguínea mais do que da nicotina. "Estou assustado com o meu amor por você."

"A ideia de ficar sem uma fatia de torrada nos próximos cinco minutos me assusta."

Sua risada é quente e rouca contra minha garganta, e seus dedos afundam em meus quadris como se ele não conseguisse me soltar. "Só mais um minuto."

Dou um beijo rápido no topo da cabeça dele. "Se tudo o que você pudesse me oferecer fossem fins de semana tranquilos e manhãs difíceis, já seria mais do que suficiente."

"Você só está mal-humorado. Eu estou deprimido. É uma coisa completamente diferente. É exaustivo conviver com alguém deprimido. Mal-humorado, não."

"Eu sei que é algo diferente, mas é o mesmo amor."

Finalmente, ele encontra meu olhar. O dele está cheio de preocupação, mas não preciso de um espelho para saber que o meu está cheio de certeza.

“O mesmo amor”, ele repete, como se fosse um conceito desconhecido. Como se nunca tivesse considerado a possibilidade de eu amá-lo incondicionalmente da mesma forma que ele me ama. Em algum lugar, duas buzinas soam. Alguém grita. Nossos olhares permanecem fixos um no outro, como se não existisse mais ninguém além de nós.

"Você quer alguma coisa de aniversário?", pergunto, sentada no banco da ilha da cozinha, observando Alex colocar quatro fatias de pão na torradeira e apertar o botão.

“Você. Para trás. Para frente. Para os lados. No chuveiro. Na minha mesa.”

Em cima da mesa dele. *Merda.* Meus joelhos se apertam. " *Alex.* "

“Você estará presente o suficiente para os próximos cem aniversários, Ofélia.”

“Se você não disser nada, terei que agir por conta própria. Vou te matricular em aulas de dança interpretativa.”

Ele finalmente sorri ao pegar um pote de creme de chocolate do armário, que tem escrito bem claramente " *Da Mia – NÃO TOQUE* ", e o abre. "Eu danço dança interpretativa para você qualquer dia da semana, Twist. Não precisa pagar

aulas."

Ele mergulha uma faca no frasco e, em seguida, posicionando-se entre as minhas pernas, ergue-o para que eu o lamba.

Passo a língua pelo metal frio, observando suas pupilas dilatarem.

Tenho plena consciência de cada centímetro quadrado onde nossos corpos se tocam. Plena consciência da pulsação que marca um ritmo pesado e preguiçoso no meu pescoço. Plena consciência de como a largura do seu corpo força minhas coxas a se separarem, de como o jeans dele é áspero contra mim. O tempo parece desacelerar, o *tique-taque* distante de um relógio no corredor soa como se estivesse mergulhado em melaço.

Quando alcanço a ponta da lâmina cega e envolvo meus lábios na extremidade para recolher o chocolate ali presente, um palavrão rouco escapa dele.

Meu pulso desce da garganta para algum lugar profundo no meu abdômen. Uma de suas mãos segura a faca com tanta força que as veias saltam em seu antebraço, e a outra desliza pela lateral do meu pescoço. Minha respiração fica mais ofegante e rápida, cada inspiração e expiração alimentando ainda mais a tensão entre nós.

“ *Porra* , Ofélia”, ele sussurra, enquanto eu engulo o chocolate com um gemido baixo. O ar está denso, como se estivéssemos no meio de uma floresta tropical. A expiração dele é animalesca. A minha é frenética.

É isso que ele faz comigo. Estou completamente desestruturada.

"Preciso desesperadamente de um bom motivo para não te foder aqui mesmo nesta ilha."

Minhas coxas se apertam, mas com ele entre elas, não há para onde ir. "Não me ameace com uma noite boa."

Ele prende um dedo na frente da minha camisa de pijama e a puxa para a frente, olhando para a abertura que acabou de criar.

A expressão em seu rosto está *longe* de ser cinzenta.

Abro mais as pernas para que fiquemos colados um ao outro, respirando com dificuldade, perdendo o controle por um triz.

A torradeira estala, fazendo-nos pular de susto.

Respiro fundo, desesperadamente, como se tivesse acabado de correr uma maratona.

Ele dá um passo para trás, passando as mãos pelos cabelos e abrindo uma gaveta para pegar uma faca limpa. "Meu Deus, Ofélia. Não consigo ter nenhum pensamento racional perto de você."

"Com certeza eu toparia transar na ilha da cozinha."

Ele vira as costas, os ombros musculosos se flexionando enquanto espalha manteiga e chocolate nas quatro fatias e desliza duas para mim. "Uma noite em que só estivermos nós dois aqui. Sem crianças."

Coloquei a faca na pia enquanto ele me servia uma xícara de chá. Se a atmosfera ao nosso redor tivesse uma cor, seria um lilás suave: aqueles primeiros raios de sol numa tranquila manhã de primavera.

Uma felicidade amarelo-alaranjada se espalha por todos os cantos escuros e empoeirados do meu corpo. Há algo extraordinariamente comum em nós, sinto como se minha alma tivesse sido incendiada enquanto esvazio a lava-louças ao lado dele, sinto as rachaduras do meu coração se fecharem enquanto esperamos os dois minutos para o nosso macarrão instantâneo ficar pronto.

Alex engole a torrada em quatro mordidas, praticamente pulando de um pé para o outro enquanto eu devoro a minha, como um cachorro esperando que eu deixe cair uma migalha. A torrada não consegue abafar em nada a minha diversão.

"O que?"

"Você."

Mais um pequeno movimento de um pé para o outro. "E eu?"

“Você quer que eu termine para que possamos subir e transar.”

Ele fica imóvel, mas parece ter sido pego em flagrante, com um leve rubor nas bochechas. "Você quer?"

Eu enfio a segunda fatia de torrada inteira na boca como se fosse um origami de pão, na esperança de que isso seja resposta suficiente, e ele solta a risada mais maravilhosa, me joga por cima do ombro, me carrega para fora da cozinha e sobe as escadas de três em três degraus.

Capítulo 22

ALEX

[RASCUNHO]

De: Alex Corbeau-Green
Assunto: Baba (substantivo) *Você baba no travesseiro, só para ter certeza. E você fala dormindo.*
Para: Ophelia Winters

Se todos os meus aniversários daqui para frente começarem assim, então eu gostaria de viver para sempre.

É MEU ANIVERSÁRIO. Vinte e quatro anos.

Não sei porquê, mas parece significativo.

Ao longo dos anos, rezei para não chegar aos vinte e quatro anos, e aqui estou. Viva, respirando, sentindo e envelhecendo, como qualquer outra pessoa.

Por mais estranho que pareça, eu gosto do meu aniversário. Não sou fã de presentes ou festas, mas adoro passar tempo com a família. Adoro ver o olhar de orgulho e alívio nos olhos da minha mãe ao saber que sobrevivi a mais um ano de vida. Minha depressão *parece* mesmo uma doença, e cada aniversário me parece uma conquista, ao mesmo tempo que uma prova exaustiva de resistência.

Neste aniversário em particular, sinto-me abençoada. A presença de Ophelia em Nova York transformou completamente a minha semana. Quando não estou arrancando os cabelos de estresse e tentando dar conta de quatrocentas coisas ao mesmo tempo, posso sentar e apreciar plenamente o que ela fez por mim ao embarcar naquele avião. É demais para eu pensar agora, uma gentileza grande demais para o meu cérebro assimilar.

Assim que abri os olhos esta manhã, jurei que não pensaria no meu pai hoje. Ele não merece. De qualquer forma, não tenho nenhuma lembrança de aniversário com ele depois dos dez anos. A Green Aviation, seu projeto favorito,

ocupava muito do seu tempo.

E depois de um banho incrivelmente quente com a minha namorada para começar o meu vigésimo quinto ano, passei a segunda metade da manhã num quarto de hospital apertado com as oito mulheres que dão significado a cada ação minha, propósito a cada respiração minha.

A recuperação da minha mãe está lenta, mas ela está voltando para casa. Ophelia parece não ter pressa de voltar para a Escócia. Fleur está falando comigo.

Hoje me sinto cercado de razões para continuar.

Agora estou checando meus e-mails no meu escritório em casa enquanto Ophelia prepara para mim "a refeição da minha vida" para o almoço, o que pode muito bem ser um código para algo que vai me fazer me borrar de medo, se a história servir de exemplo.

Eu adoro a Ofélia e acho ela maravilhosa, mas ela é a pior cozinheira do planeta.

No futuro que estou construindo para nós na minha cabeça, eu cozinho. Ela senta-se na ilha da cozinha e reclama do estado do mundo e de como tudo está se tornando um código QR hoje em dia.

Talvez seja meu bom humor, mas estou esvaziando minha caixa de entrada em tempo recorde. O boletim semanal da equipe de vendas não parece tão maçante quanto de costume. A estratégia de marketing que me enviaram parece fazer sentido. As negociações com os aeroportos franceses estão progredindo. Os guerreiros ambiciosos do LinkedIn na minha caixa de entrada não me dão mais vontade de dar uma cabeçada na mesa.

A pasta de Itens Excluídos me encara; um e-mail ali me provoca, me atormenta durante todos os meus dias de trabalho.

Carmichael não estava mentindo quando me escreveu. O programa de arquitetura de Sorrowsong *está* ganhando cada vez mais credibilidade.

Ofélia aparece na porta, vestindo um avental branco sobre o vestido verde que comprou em Londres.

Adoro esse vestido. Adoro a garota que o veste. Adoro o que eles fazem juntos.

Com uma pequena reverência, ela coloca um líquido alaranjado à minha frente, mergulhando um guarda-chuvinha de coquetel dentro dele. "Sua bebida, *mademoiselle* ."

Abafei o riso com a mão. Ela está mesmo se esforçando ao máximo. "Você sabe o que significa *mademoiselle* ?"

"Não."

Dou um gole, *tentando* manter os dois olhos abertos. Um deles se fecha lentamente enquanto meu esôfago se dissolve. Não estou totalmente convencido de que não seja um copo de ácido de bateria.

Os olhos dela brilham, demonstrando entusiasmo. "Você gostou?"

"Adoro."

“Então por que você está fazendo essa careta?” Ela arranca o copo da minha mão, toma um gole e imediatamente cospe tudo na minha mesa. “Isso é horrível pra caralho.”

"Está uma delícia", digo, lutando para conter o riso. Ela abre a receita no celular freneticamente. Sua expressão se fecha. "Ah. Uma colher de sopa de suco de limão. Não uma xícara. Vou fazer de novo."

“Mas passe isso para o Rocco. Ele está sempre procurando novas maneiras de derreter cadeados de portas.”

"Idiota", ela sussurra, enquanto sai pela porta.

Passam-se dez minutos, depois vinte. A bebida não reaparece. Além do meu trabalho, pela primeira vez, sigo o vago cheiro de queimado até a cozinha e encontro o MacBook da Ophelia aberto na ilha com a busca " *como desqueimar um bife queimado"* digitada na barra de pesquisa.

Eu a encontro na cozinha dos fundos, tirando algo do micro-ondas. Seu cabelo está num coque desarrumado, embora mais mechas ruivas tenham escapado do que restam. Ela parece estar de péssimo humor, o que me diverte bastante.

"Que se dane você por fazer aniversário. Que se dane o bife. Que se dane o almoço como conceito. Que se danem as frigideiras. Que se danem os sites de receitas. Por que eu tenho que ler sobre as pedras na vesícula do seu tio para saber quanto tempo devo cozinhar um bife? E que se dane o fogão também. Ele está mentindo quando diz que está em fogo médio. Está em fogo alto."

Encosto-me ao batente da porta, uma onda de calor aconchegante percorrendo meu corpo. É isso que eu quero. É isso que eu quero *para sempre* . "Então, tudo indo bem."

Ela coloca as vagens no prato com muito mais força do que o necessário. "Uma vaca morreu para isso, Alex!"

“Tenho certeza de que não é tão ruim assim.”

Ela me conduz até a cozinha principal, onde dois bifes, disfarçados de pedaços de carvão, repousam na frigideira de ferro fundido sobre o fogão. Quando ela coloca um em cada prato, eles também tilintam como carvão.

"Isto-"

"Cala a boca." Ela está fazendo beicinho, com muita cara feia, enquanto joga algumas batatas em cada prato e coloca sal e pimenta nelas, como se isso fosse salvar esse desastre.

Sento-me na ilha da cozinha, puxando o prato em minha direção e mordendo a parte interna da bochecha.

"Feliz aniversário, porra", ela murmura, sentando-se ao meu lado. Percebo que ela também está se esforçando desesperadamente para não rir.

As batatas nem estão ruins. Os feijões verdes estão quase comestíveis.

"Você nem vai experimentar o bife?", pergunta ela, olhando para a massa carbonizada no prato, com uma expressão abatida.

“Estou bem, obrigado. Gostaria muito de terminar o dia com meus molares intactos.”

Isso me rende uma pancada com um pano de prato. "Alex!"

Encaixo meu dedo na alça do vestido verde dela, puxando-a para mais perto. Ela espanta minha mão como se fosse uma mosca. "É assim que você costuma tratar os funcionários dos restaurantes?"

Dou-lhe o meu sorriso mais encantador. "Só as ruivas sexy e mal-humoradas."

“É melhor dar uma boa gorjeta.”

"Ah, tenho uma dica para você", sussurro, observando-a esconder o rosto nas mãos.

Ela sai corada, com os cantos da boca curvados para cima. "Você é um péssimo paquerador."

Estico o lábio inferior e minhas mãos pousam em sua bunda. As curvas suaves do seu corpo me deixam sem fôlego, minha cabeça tão nas nuvens que me esqueço de todos os meus problemas. "Retribua o flerte. Não me deixe no vácuo — é meu aniversário."

“Só se você me deixar uma avaliação positiva no TripAdvisor.”

Sorrio contra o pescoço dela. "Cinco estrelas. *O chef era tão gostoso que só posso presumir que o bife deve ter pegado fogo ao contato* ."

Ela se inclina para o meu toque, minhas mãos se entrelaçando nos fios de cobre brilhante que se enterraram tão fundo em meu peito que sustentam meu frágil coração. "Sete letras", ela sussurra, "Primeira letra *B. O chef pode te dar uma, se você tiver sorte* ."

Me remexo no banquinho. A imagem de Ofélia de joelhos, aqui, paralisa minha próxima frase. Meu cérebro entrou em curto-circuito.

Mas o som de passos descalços vindo do hall de entrada me lembra por que meus pensamentos erráticos devem permanecer apenas pensamentos. Josie contorna a porta derrapando, com o rosto franzido. "Eca. Vocês estavam se beijando?"

"Nós *jamais* faríamos isso", digo, escandalizada. Pego-a com um braço e a coloco em meus braços. Ela segura um pedaço de papel em sua mãozinha suada. "O que você tem aí?"

“É para o Pheelz.”

“Nossa, no *meu* aniversário?” Coloquei-a no chão. “Melhor dar para ela, então.”

Josie arrasta Ophelia até a ponta da ilha da cozinha e cola um pôster feito em casa no mármore branco. Tem um bonequinho de palito que obviamente sou eu, e outro com uma cabeleira laranja desgrenhada.

Bem-vinda à nossa família, Ofélia, está escrito rabiscado na parte superior.

Pode ser um desenho infantil meio rabiscado, mas sei que assim que eu o ler , Ofélia sentirá como um soco de emoção direto no estômago. Coloco a palma da minha mão na parte inferior das costas dela, só para que ela saiba que estou aqui.

Ela encara o cartaz, parecendo sem palavras. "Eu... é..."

O dedinho engordurado de Josie pousa no caos laranja que se projeta da cabeça de um dos bonecos palito. "Esse é você."

Os cílios castanho-claros de Ofélia piscam rapidamente, os lábios comprimidos numa linha fina. "É..."

“Você não gosta?”

Passo a mão pelos cabelos loiros ondulados de Josie. "Dê um segundo para ela, J. Ela precisa assimilar tudo."

“É…” Ofélia começa e para de novo, mas eu sei. É por isso que ela se apegou a isso todos esses anos. “Eu adorei, Josie. Por favor, posso ficar com ele?”

"É isso aí!", exclama Josie, abraçando Ophelia e saindo da cozinha como se não tivesse acabado de jogar um dinamite nas paredes que Ophelia passou tantos anos construindo ao redor do seu coração.

O silêncio é pesado. O clima é pesado. Sua respiração está pesada, carregada de lágrimas não derramadas. Ela aperta o pôster com tanta força, como se alguém pudesse arrancá-lo de suas mãos a qualquer momento. Para uma garota tão cheia de comentários sarcásticos, sua próxima frase sai tão baixa. Tão insegura. "Posso passar o Natal com vocês este ano?"

Eu a envolvo em meus braços, sentindo o tremor de um soluço percorrer sua

espinha. "Eu ficaria decepcionada se você não fizesse isso, Twist."

“Mas *este* ano? Tipo… daqui a oito meses?”, ela repete contra o meu peito, como se não conseguisse acreditar que eu disse sim, que ela conseguiu superar a solidão e chegar ao outro lado.

Há algo naquele momento que lembra o amanhecer. O primeiro raio de sol após uma longa e escura noite. O primeiro vislumbre de esperança, iluminando duas pessoas que estavam prestes a desistir.

“ *Por favor? ”,* ela acrescenta, interpretando meu silêncio como indecisão. Algo dentro de mim se estilhaça. Dá vontade de rastejar por baixo da pele dela e costurar todas as pequenas rachaduras, uma a uma.

Enterro meu rosto em seus cabelos, inalando aquele aroma de café com canela. "Este ano e todos os anos até meia-noite."

Daqui a cem anos.

Minha mãe está em casa, apoiada em uma pilha enorme de travesseiros, mexendo na pequena porção de comida em seu prato sem dar uma mordida.

Deixei Ophelia no conforto da sala de estar, jogando Scrabble online com algum programa de TV horrível passando ao fundo. Não *MasterChef* . Cozinhar se tornou um assunto delicado desde o Steakgate.

Eu não sabia que Scrabble era o tipo de jogo que podia deixar alguém tão irritado, mas ela consegue. Todas as noites. Se *o WordBuster89* pudesse ouvir o que ela está dizendo sobre eles, provavelmente nunca mais se olhariam no espelho.

Ela é uma figura engraçada, a minha Ofélia.

Colocando um tomate no garfo, a mãe sorri ao ouvir Mia e Evie gritando sobre algo no jardim. "Queria que ela comesse. Acho que ela não conseguiria emagrecer muito mais."

Estou prestes a convencê-la a comer algo quando ela aponta com a cabeça para o desenho emoldurado em sua mesa de cabeceira. Eu o fiz anos atrás, rabiscado de forma desleixada no verso de um guardanapo enquanto estávamos sentados em um café em Paris. "Você nunca mais fala sobre arquitetura."

Dou de ombros. Faz muito tempo que não tenho tido tempo para pensar no meu futuro. "Era uma ilusão."

“Quem disse isso?”

“Eu. Tenho que manter a cabeça no lugar. Não entendo nada de arquitetura.”

“É exatamente essa a questão, Alex. Seu pai fez você esquecer, mas você não precisa saber tudo. Você vem para a universidade para aprender. Você escolhe

um tema que te inspira e *então* o estuda.”

Bem, quando ela diz assim, parece óbvio. Uma simples verdade que meu pai me arrancou à força. Ele não reagiu bem, na primeira vez que lhe disse que não queria Green.

Desde o minuto em que você nasceu, eu sabia que você me decepcionaria.

“Você sempre disse que administraria um escritório de arquitetura. Sei que construir uma biblioteca pública ainda não está na sua lista de desejos, a menos que você seja realmente bom em guardar segredos.”

Brinco com o anel no meu dedo mindinho, desejando que ela não alimentasse minhas esperanças assim. "Talvez quando as meninas estiverem na faculdade."

“Você vai sair de Green em breve. Você poderia voltar para a universidade, terminar o curso que começou em Yale. Você poderia até abrir uma empresa enquanto estiver lá.”

Ela descreveu o sonho que eu lutei tanto para esquecer. Mas é tão complicado. Com a minha mãe do jeito que está e as meninas em casa, adicionar mais uma coisa à minha rotina provavelmente me deixaria à beira da loucura.

Mas minha mãe tem uma expressão esperançosa no rosto, e ela alcançou o fundo mais escuro do meu peito e reacendeu uma chama que eu pensava estar extinta há muito tempo.

“Vou verificar isso.”

Capítulo 23

ALEX

O raio de sol que atravessa minhas cortinas pinta Ofélia em tons sépia, inundando o quarto com uma luz suave e quente. Depois de algumas semanas de manhãs cinzentas e chuvosas na cidade, isso parece um luxo.

Meu celular marca pouco mais de 7h da manhã, e eu já me exercitei, tomei banho e conversei cedo com o Harwood. A diferença entre minhas manhãs boas e as ruins é impressionante.

Fechei a porta do banheiro silenciosamente, vesti um short e me cobri com as cobertas, desbloqueando meu celular. As abas abertas no meu navegador são um reflexo fiel do que se passa na minha cabeça. Brochuras de casas em Nova York, Edimburgo e Londres. Informações sobre o curso de arquitetura em Yale. Médicos para minha mãe e escolas para as meninas em Nova York e no Reino Unido. Uma infinidade de escolas de culinária para a Mia. Uma busca desesperada por algo, qualquer coisa que faça a Fleur mudar de ideia sobre trocar a faculdade pela carreira de modelo, com o pai do seu namorado babaca como agente.

Minha mente virou um emaranhado de espaguete. Sem direção ou plano concretos. Só caos e uma necessidade urgente de mudança. Tantas decisões, e ainda assim estou paralisado por todas elas.

Ofélia se mexe ao meu lado, resmungando algo incoerente no travesseiro.

Uma semana acordando assim, e eu nunca quero que acabe. É o elefante na sala: o fato de que as férias de Páscoa da Sorrowsong estão chegando ao fim e as provas de fim de ano estão se aproximando rapidamente.

Ela terá que partir em breve.

Passo o polegar pela bochecha dela. Não consigo contar suas sardas, por mais que tente. São tantas, todas amontoadas umas sobre as outras no nariz e nas bochechas.

Ela abre os cílios, os olhos inchados de sono. "Ei."

Afasto o cabelo do rosto dela. "Bom dia. Dormiu bem?"

Ela faz beicinho, franzindo as sobrancelhas. "Você sabe muito bem que eu não dormi bem."

"Engraçado. Me parece que me lembro de ter sido você que implorou por mais uma rodada ontem à noite."

Ela se vira de lado, de modo que seu rosto fica enterrado no meu peito. "É, bem, você está velho e se lembrando das coisas de forma errada."

Passo os dedos pela curva da sua coluna, apreciando a sensação dela contra mim. A nuvem escura dentro de mim se aquieta. "Na verdade, encontrei um fio de cabelo branco ontem."

Ela solta um murmúrio de aprovação no fundo da garganta. "Você vai ficar tão linda quando seus cabelos ficarem grisalhos... você vai à academia?", ela murmura. A luz do sol beija seus seios, pinta suas coxas, dá um brilho intenso aos seus cabelos. Há algo tão belo nela. Não é a palavra mais original, mas é a que me vem à mente toda vez que a vejo.

“Já estive lá.”

Ela se afasta, com uma expressão de genuíno desgosto. "Vocês me dão nojo."

“De qualquer forma, eu não conseguia dormir.”

Ela se apoia no cotovelo, subitamente mais desperta. Sem pudor algum, me permito contemplar a paisagem. "Dia de mau humor?"

“Não, estou me sentindo bem. Só é difícil dormir até tarde com você ao meu lado.”

Ela pisca os cílios para mim. "Porque sou bonita demais?"

Ela pode estar sendo irônica, mas é *exatamente* isso. Se dependesse de mim, ela nunca dormiria. Espalho uma linha de beijos pelo seu peito, apreciando o jeito como seus quadris se movem quando minha língua gira em torno do seu mamilo. Isso é um jogo perigoso. Vou me atrasar. "Não, é o ronco."

Ela puxa o edredom sobre a cabeça com raiva. Sair para trabalhar nunca foi tão impossível. Não sei como alguém consegue. "Nunca mais vou usar renda."

"Não", imploro, tirando-a dela, enquanto o som de sua risada ecoa pelo quarto. "Este castigo é muito severo."

Já se passaram três dias desde que Ophelia comprou um conjunto de lingerie numa ida às compras com as amigas, para a qual eu não fui convidado. Comprei mais dois conjuntos para ela desde então, e adicionei *Ophelia de renda vermelha* à lista de coisas que tenho, mas que nunca merecerei.

Eu pressiono meus lábios contra os dela, segurando seu rosto entre minhas mãos e abafando seu suspiro suave. Ela afunda os dedos em meus bíceps

doloridos, sua língua separando meus lábios. Juro que pensar racionalmente não era tão difícil dez minutos atrás. Ela entrelaça a perna na minha, minha coxa repousando entre as dela.

O roçar descarado dos seus quadris contra o músculo rígido da minha perna me faz sorrir. Acho que Ophelia deve ser obcecada pelas minhas coxas quase tanto quanto eu sou obcecado pelas dela, meu nome um suspiro ofegante saindo de seus lábios. Roço meus dentes na concha da sua orelha, tão desesperado para me afundar nela que chega a doer. "Tão molhada, Ophelia."

"Só para você", ela sussurra, condenando-me a um dia improdutivo de devaneios atrás da minha mesa.

É no futuro que me apego, é assim que todos os meus dias começam.

"Preciso ir", consigo dizer, naquele que talvez seja o maior ato de abnegação da história.

Qualquer outra reunião eu dispensaria em favor de uma manhã preguiçosa na cama com Ofélia, mas não esta.

O primeiro compromisso na minha agenda de hoje já estava sendo planejado há meses.

Quando comecei a avaliar minhas opções para me substituir, Mike era a única pessoa que eu considerava. Hoje vou perguntar a Luis se ele quer o meu cargo. Já flagrei Mike cometendo erros quase fatais três vezes em três semanas e o vi perder a cabeça em reuniões de um jeito que me faz estremecer, me lembrando das noites terríveis que passei em casa com meu pai.

"Não", ela sussurra, como se eu a tivesse traído.

Cravo meus dentes em seu ombro. Com força. "Mais tarde."

Estou na vigésima página da revisão de um contrato da nossa equipe jurídica para um novo acordo com um aeroporto francês — um acordo que levou cerca de três vezes mais tempo para ser concluído do que deveria — quando Ophelia liga.

Dou uma olhada no relógio. *Droga.* Já passou das sete da noite. Mando uma mensagem para Jacqueline pedindo desculpas e dizendo para ela ir para casa.

A voz de Ophelia é um conforto bem-vindo, suave e rouca através dos meus AirPods. "Sr. Corbeau."

Não consigo nem esboçar um sorriso por causa da culpa que me esmaga o peito. "Senhorita Winters."

“Como vai o trabalho?”

“Perdi completamente a noção do tempo.”

“Tudo bem. Você está se sentindo menos estressado?”

“Sim, consegui fazer muita coisa hoje com o acordo com a França e a conferência de imprensa.”

“Então é só isso que importa.”

Mas não é só isso que importa. Na verdade, é exatamente o que não deveria importar.

“Como foi com o Luis?”

“Bom. Muito bom. A visão dele para Green coincide com a minha.”

“E o Mike?”

Recosto-me na cadeira e estico os braços acima da cabeça. Essa é uma conversa para amanhã, e eu realmente não estou ansiosa por isso. "Ainda não lhe disse que não vai ficar com o emprego."

“Como você acha que ele vai reagir?”

“Terrivelmente, imagino.”

"Eu choraria enquanto lhe contasse."

"Nesse ritmo, talvez sim."

“Preciso voltar, Alex.”

Larguei a caneta e fechei os olhos. Eu sabia que ela diria isso, eventualmente. Essa situação pairava sobre nós há mais de uma semana. "Você não precisa", eu disse, lutando contra aquela parte irracional de mim, aquela que meu pai incentivou, aquela que quer trancá-la no meu porão e não deixá-la sair.

“Eu sei que não.”

Quero ser tão egoísta. Dizer a ela que não precisa mais de dinheiro, ou que pode voltar para aquela casa perto de Inverness. Que eu poderia colocá -la em qualquer universidade, em qualquer lugar. Pagar suas mensalidades. Comprar uma casa nova para ela.

Mas isso vai contra tudo o que ela defende. Ela está tentando construir sua própria identidade.

Ela interpreta meu silêncio como uma pergunta, explicando sua decisão. "Pensei em ficar, Alex. Pensei mesmo. Mas rezei muito por amigos, por uma chance na carreira, por uma vida que não seja movida por vingança. Uma vida que *me* pertença. Tenho um grupo de amigos, uma bolsa de estudos, uma vaga na equipe de natação."

"Eu sei."

“Devo à Ofélia, de dezessete anos, algo melhor do que desistir de tudo isso.”

Como eu já fiz, duas vezes.

A conversa que tive com minha mãe me deixa muito preocupada.

Por um segundo horrível e cruel, quase penso que ela tem sorte de ter tanta liberdade. Aí penso no abraço que a Josie me deu quando saí pela porta, no café que minha mãe trouxe para a minha mesa de cabeceira, no jeito como a Mia sempre se debruça na janela para me dar bom dia, em como foram essas sete mulheres que me deram um propósito nos últimos vinte e quatro anos, e sinto nojo de mim mesma.

Lembro-me de como o frio daquela casa dela havia penetrado nos alicerces, nas caixas de papelão com os pertences que Ofélia havia empacotado sozinha. O quarto de casal intocado no topo da escada. A palavra *"sorte* " me soa amarga.

"Eu não quis dizer que você *fez* isso", dispara Ofélia, quando o silêncio se prolonga.

“Eu sei, meu bem. Você tem razão em ir para casa.”

“Na pior das hipóteses, serão pouco mais de dois anos de relacionamento à distância. Podemos lidar com isso. Talvez eu possa vir para cá depois de me formar.”

Todas aquelas casas que vi no Reino Unido me vêm à mente. Mas não sei se as meninas concordariam. E minha mãe precisa de estabilidade, não de mais um grande acontecimento na vida dela. Meu Deus, o que eu não daria para morar perto da Ofélia.

Estar a cinco centímetros dela já me deixa irritado, imagine a três mil quilômetros. Mas ela tem razão. Com muitas ligações noturnas e banhos demorados, talvez eu consiga sobreviver.

“Você pode pegar um jato para casa.”

"Vou tentar voar num avião normal."

“Eu te ajudo a reservar um voo mais tarde.”

“Obrigada. Eu te amo”, ela diz, com a voz embargada. Ela está chateada. Começo a arrumar minhas coisas imediatamente.

“Eu também te amo. Fale comigo.”

“Não sei o que há de errado. Minha menstruação veio. Charlotte fez uma tornozeleira para mim.” Sua voz falha, e a frase seguinte revela o que realmente aconteceu. “Eu matei a Laura. Penso nela toda vez que me sinto feliz.”

"Quer que eu lhe ofereça um chocolate quente no caminho de volta?"

Ouço um fungar abafado. "É. Talvez isso me ajude."

“Se não funcionar, encontraremos outra coisa.”

Mantenho Ophelia na linha até precisar entrar no elevador, prometendo que a verei em breve.

Mike entra um andar abaixo, me dando um aceno rápido. Ele aperta o botão

da garagem, mesmo eu já tendo apertado. "Parabéns pelo contrato."

"Pensávamos que nunca íamos conseguir fechar esse negócio."

O elevador mergulha no silêncio enquanto desce. Mike assobia uma melodia baixinho, lançando-me um olhar rápido. "Como andam as coisas com aquela sua namorada?"

É uma pergunta estranha. Aliás, há uma atmosfera estranha no elevador. A mandíbula de Mike está tão tensa que me surpreende que seus molares ainda não tenham virado pó. "Está tudo bem."

Quando Mike se inclina para a frente e aperta o botão do sexto andar, que só é usado como depósito e pelos zeladores, sinto um leve cheiro de álcool em seu hálito. Enquanto o número vermelho do andar na pequena tela atrás dele diminui, um alarme soa em algum lugar no fundo da minha mente. Minha pele se arrepia com a consciência, aquela sensação horrível e sufocante de pavor subindo pela minha garganta.

Tem algo errado aqui.

Tudo acontece num instante. Eu me atiro para o botão vermelho de emergência, mas o punho de Mike se choca contra o meu e voa em direção ao meu rosto. Bloqueio o soco, mas a força me arremessa contra o espelho atrás de nós, a dor explosiva nas minhas costas tão aguda que minha visão fica branca.

Seu próximo golpe é desajeitado, fácil de desviar. Seu punho estilhaça o espelho rachado, espalhando cacos de vidro pelo chão. Acerto um golpe forte no lado esquerdo do seu rosto, arremessando-o contra a outra extremidade do elevador. Ele se debate quando minhas mãos agarram seu pescoço, o anel em seu dedo cortando minha bochecha. Mas não alivio a guarda. Não quando uma vida com Ofélia está em jogo.

"Foi meu pai que te mandou fazer isso?", pergunto entre dentes, enquanto seus socos perdem força. O elevador para bruscamente no andar de manutenção, mas eu não o solto.

"Você nunca planejou me tornar CEO, não é?", ele ofega, o aperto dos meus dedos roubando-lhe o ar.

"Com certeza não vou fazer isso agora." Ele ofega, implorando pela vida. Aperto-o ainda mais. "Responda à pergunta."

Seus olhos se voltam para mim por cima do ombro ao som das portas amassadas se abrindo, e o medo em sua expressão se transforma em algo parecido com alívio.

Uma mão áspera pressiona um pano sobre minha boca; minha próxima inspiração parece uma bola de fogo descendo pelas minhas vias respiratórias e

entrando nos meus pulmões, substâncias químicas em contato com a minha pele delicada. Sinto como se o prédio inteiro do escritório balançasse para o lado.

Em meio à névoa de confusão que inunda meu cérebro, ouço a voz do meu pai.

E foi aí que percebi que não se tratava de uma raiva repentina em relação ao cargo de CEO. Era um plano muito mais elaborado.

Jogo a cabeça para trás, sentindo-a colidir com a carne e o osso atrás de mim, mas a mão sobre minha boca não se move.

“Sentiu minha falta, *filho* ?”

Mesmo com o mundo girando, as palavras que meu pai sussurra no meu ouvido permeiam a densa neblina. Uma dor aguda em meio a uma dor surda e pixelizada.

A náusea revira meu estômago. Me sinto tão impotente quanto me sentia quando criança.

Morto, não lhes serei útil.

É a frase que sussurrei para o espelho nos piores dias, nos momentos de maior tristeza. Ela me manteve viva naquela época e me manterá viva agora.

A consciência escorrega por entre meus dedos, e tudo em que consigo pensar enquanto o mundo escurece é naquela garota estranha e maravilhosa que deixei em casa.

Capítulo 24

OPHELIA

"Será que isso é uma boa ideia?", pergunto a Russell, o motorista dos Corbeau-Greens, quando ele para em frente ao prédio do escritório de Alex.

São 21h, Alex ainda não chegou em casa e a localização do seu celular indica que ele *ainda* está no trabalho.

Então aqui estamos eu e Fleur, vindo para garantir que ele esteja bem, ou para resgatá-lo de uma montanha de papelada. O que for necessário.

Só espero que ele não se importe de eu interrompê-lo quando ele está claramente sobrecarregado de trabalho.

“Melhor do que ele passar a noite na sua mesa.”

Fleur e eu conseguimos ter não uma, mas *duas* conversas durante a viagem. Ela está me contando sobre campanhas de moda de marcas que eu nunca ouvi falar, e eu estou concordando com a cabeça e dizendo coisas como *"verdade, calças boca de sino estão tão fora de moda* (eu tenho duas)" e *"sim, beleza celular é* definitivamente *o caminho* " (eu não faço ideia do que seja isso).

Mesmo que eu tivesse que pesquisar no Google cada pessoa e lugar que ela mencionou para acompanhar, é definitivamente algo positivo.

Na frente, Russell desabotoa o cinto de segurança. "Eu entro com você, senhorita."

Imagino Alex em seu pior momento, ou dormindo profundamente em sua mesa. Ele provavelmente não gostaria que Fleur ou os funcionários estivessem lá. "Não, não. Fique com Fleur. Ele pode não querer companhia. Já vamos sair."

Saio do carro, inspirando profundamente o ar carregado com o cheiro de chuva e algo tipicamente nova-iorquino. Estou nervoso. Por que estou nervoso?

O logotipo prateado da Green Aviation acima das portas provavelmente não ajuda.

Quando o porteiro me deixa entrar no saguão silencioso, não tenho certeza se conseguiria parecer mais deslocado, mesmo se tentasse. Tudo é brilhante: o chão

é de mármore e a recepção tem o maior buquê de flores que já vi, empoleirado em um *pedestal* , para você ter uma ideia.

Este lugar deve passar por uma quantidade incrível de polimento de janelas e vidros.

A recepção está vazia, o que é estranho. Eu imaginava que sempre haveria alguém aqui. Pela terceira vez, minha ligação para Alex cai na caixa postal.

Será que ele está em uma sessão com Harwood?

Na fileira de elevadores, apertei o botão brilhante na parede com uma sensação ruim me invadindo o peito.

O elevador ao meu lado está preso no sexto andar, com um pequeno triângulo vermelho piscando ao lado do número. Quando um par de portas se abre, aperto o botão para a cobertura, mas o leitor de cartão ao lado do teclado numérico pisca em vermelho.

Ótimo . Preciso de um cartão de acesso. Obviamente preciso de um cartão de acesso.

Dou uma olhada ao redor do corredor. Onde está todo mundo? Pensei que todos nesta cidade fossem viciados em trabalho.

Caminho de um lado para o outro no corredor dos elevadores, procurando por… qualquer coisa. Um funcionário, um cartão de acesso perdido, um zelador. Encontro uma sala de conferências, seja lá o que isso signifique, e uma cafeteria, ambas tão desertas quanto o resto do prédio. Só quando me viro para pedir ajuda ao porteiro na rua é que vejo um pedaço de papel dobrado preso na porta sem janela no final do corredor.

Meu Deus. Isso parece um filme de terror da vida real. Coloquei o pé na porta para mantê-la destrancada e desdobrei o bilhete entre os dedos trêmulos. Vai ser um bilhete de resgate, vai ser uma foto horrível, vai ser—

Está em branco.

É um peso de porta. Isso é tão decepcionante quanto aliviador.

Chamo Alex novamente, mas ele não atende. Observo o vão da escada; não se parece em nada com a escadaria de mármore polido com aquelas ridículas luzes de LED do hall de entrada. Esta parece mais uma escada de serviço, sem cor alguma, exceto pelo esfregão e balde abandonados ao meu lado.

Olho para trás, para o corredor dos elevadores, e meus olhos se fixam naquele elevador *em particular* , ainda parado no sexto andar.

Sinto-me ligada a Alex de uma forma que nenhum de nós jamais conseguiu explicar. Todo o tempo que passei tentando romper os laços entre nós só os fortaleceu ainda mais.

E eu simplesmente *sei* que algo está errado.

Minha preocupação com o humor de Alex se transforma em um tipo de preocupação completamente diferente. Dou os primeiros passos em silêncio, mas já estou correndo quando chego ao sexto andar e, como esperado, a porta de acesso está entreaberta o suficiente para não trancar.

Não está frio, mas meus dentes estão batendo, meus dedos tremendo enquanto disco 911 e pressiono o telefone contra a orelha.

Silêncio .

Não tenho sinal suficiente neste andar para pedir ajuda.

Dou uma olhada para trás, em direção à escadaria. Havia sinal no saguão, mas não posso voltar. Não se Alex estiver aqui em cima, em perigo.

Lá no fundo do meu peito, eu sei exatamente o que — exatamente *quem* — está acontecendo aqui.

Este é o momento que imaginei mil vezes. Isso sempre foi algo entre Caim e eu.

Entro pela porta e entro no corredor escuro, meus pés silenciosos contra o piso branco enquanto passo por uma sala de descanso vazia, uma sala cheia de cabos, fios e luzes brilhantes, e depois por um armário de produtos de limpeza.

Está um silêncio sepulcral.

Abro a porta do armário com um puxão, fazendo uma careta ao ouvir o rangido das dobradiças enquanto procuro nas prateleiras por algo, qualquer coisa que possa usar como arma.

Um pé de cabra . Nunca mais vou me considerar azarado, porque tem um pé de cabra na prateleira de baixo, entre duas pás de lixo. Está frio ao toque quando o aperto contra o peito, mais pesado do que eu imaginava.

Disco 911 repetidamente, mas a chamada continua caindo enquanto corro pelo corredor até parar bruscamente em frente ao elevador.

Vidro quebrado. Metal amassado. O celular do Alex, com a tela virada para baixo, coberto de sangue. E, ironicamente, uma estranha sensação de entorpecimento me invade. O medo pela segurança dele dissolve tudo o mais, todas as decisões possíveis e *os questionamentos sobre o que fazer* convergem para um único plano. Sou uma mulher possuída.

Sigo o rastro de sangue, segurando meu pé de cabra à minha frente como se fosse um taco de beisebol, até ouvir vozes.

Caramba, eu estou mesmo fazendo isso.

Uma voz grave, carregada de fúria, estilhaça o silêncio: "Solte o jato, Alex." Ouço um baque nauseante, um grunhido sufocado que sei que deve vir de Alex.

Paro em frente à porta, com as costas encostadas na parede.

"Vou te dar mais uma chance, Alex, porque eu realmente prefiro não te magoar mais do que o necessário. Reserve um jato para mim, me tire dos Estados Unidos e você estará em casa a tempo do café da manhã amanhã."

Prendo a respiração, inclinando-me em direção à pequena janela na porta de uma espécie de sala de controle e ... *droga* . Há dois deles. Um homem bem vestido com o rosto bastante machucado e uma figura encapuzada de costas para mim que só pode ser Cain Green.

Caim dá um passo para a esquerda, e meu estômago despenca seis andares.

Alex está amarrado a uma cadeira e parece estar em péssimo estado.

Seus cabelos estão despenteados, caindo sobre a testa o suficiente para deixar visível o corte acima da sobrancelha. O sangue escorre por sua têmpora e a única coisa que consigo ouvir é meu coração batendo forte nos meus ouvidos.

Estou tão consumido pela raiva que quase arrombo a porta sem pensar duas vezes. Minha mão está agarrada à maçaneta, a outra segurando o pé de cabra, quando Caim se vira ligeiramente.

Uma arma brilha em sua mão esquerda.

Toda a confiança que eu tinha se esvaiu. Estou completamente perdido.

Eu me encolho quando ele segura o queixo do filho, obrigando-o a olhar para cima.

Oh, Alex ... Me desculpe muito por não ter vindo antes.

Ele parece tão magoado. Sangue escorre de sua boca, mas é a dor que transborda em seu olhar que me deixa sem ar.

Caim enfia um telefone na cara de Alex, apertando ainda mais o cabo da arma. Alguém fala do outro lado da linha, e eu apenas assisto, impotente, enquanto o último resquício da luta abandona seu corpo.

“Alex?”

“Dan, oi”, ele diz com a voz rouca. “Preciso de um jato, extraoficialmente. Um passageiro. Tenho passaporte. Você consegue dar um jeito nisso para mim hoje à noite?”

"Pensei que Green já tivesse terminado com tudo isso, Corbeau."

Os olhos de Alex se fecham lentamente. Seu pai pressiona o cano da arma contra sua têmpora para acordá-lo. "É, bem... aconteceu uma coisa."

“Como você vai tornar a proposta mais atraente?”

Sua cabeça cai para a frente em sinal de derrota, sangue pingando em seu colo. "Quinhentos mil."

"Oito."

"Vai se foder", ele sussurra, com a voz rouca. Cain destrava a arma. Eu tapo a boca com a mão para abafar a inspiração profunda, mas Alex levanta a cabeça bruscamente.

Nossos olhares se cruzam por um breve instante, e mesmo na escuridão vejo o medo neles, o horror de eu estar ali. *Vá* , ele diz. *Nunca* , eu respondo.

Faço uma pausa por um instante, inspiro profundamente pela primeira vez desde que saí do carro. Você consegue, Ofélia. *Pense* .

Me escondo, tentando bolar um plano. Como último recurso, mando uma mensagem para Russell. ***911.*** Dou uma olhada no final do corredor em forma de L, faço uma oração e corro até a esquina. Envolvo minhas mãos suadas na maçaneta da porta do quarto ao lado e a empurro, abrindo-a.

Então eu fecho a porta com força.

Encosto minhas costas na parede, o peito subindo e descendo enquanto espero e tenho esperança.

Ouço uma porta se abrir no final do corredor, ouço o outro cara dizer a Cain que vai investigar o barulho, e silencio qualquer zelador que tenha cometido o erro de subir aqui fora do horário de expediente.

Tum, tum, tum.

Passos se aproximam. Minhas mãos se apertam em torno do pé de cabra. Espero, espero e espero por um tempo que parece uma eternidade.

Agora .

Viro a esquina de repente, esbarrando em algo — alguém. Nós dois caímos no chão, e uma dor lancinante percorre minha coxa quando meu joelho absorve o impacto.

O homem de terno ajoelha-se à minha frente, o rosto vermelho de fúria. Seus olhos se arregalam ao encontrarem os meus, e então ele faz exatamente o que eu quero. Ele grita o nome de Caim.

Eu esperava minha indecisão de sempre, um segundo de hesitação, mas não havia nada. O pé de cabra bateu contra seu crânio com um estalo surpreendentemente silencioso, e então ele não era nada além de um amontoado ofegante e praguejante de cashmere azul-marinho e couro polido no chão.

Minhas pernas estão bambas, mas mesmo assim me levam até um depósito no meio do corredor.

Me escondo entre prateleiras de produtos químicos, observando a fina faixa de vidro fosco na porta enquanto uma sombra para lá fora. Cubro a boca com as duas mãos, sem ousar piscar, sem ousar respirar. Meu estômago revira, uma mistura de pavor e alívio, quando finalmente ouço o som revelador da minha

mensagem para Russell.

Por um segundo nauseante e horrível, acho que Caim sabe que estou aqui. E então ouço um grunhido abafado do cara no final do corredor, e Caim sai correndo.

Alex . Tudo em que consigo pensar é em alcançá-lo e ajudá-lo.

Com o coração acelerado e acelerado, abro a porta lentamente, tentando ignorar a dor na perna, e escuto. Os passos de Caim ecoam pela esquina, no segundo corredor, enquanto ele corre para encontrar seu cúmplice.

Quando entro derrapando na sala, o desespero nos olhos de Alex quase me faz cair de joelhos. Ele cospe sangue pela boca, com um apelo desesperado na voz. "Vai, Twist. Por favor, vai."

"Estou te salvando", sussurro, embora duvide que isso o console. Agacho-me atrás da cadeira dele, desamarrando suas mãos freneticamente.

“ *Vá* . Ele voltará.”

“Não vou te deixar aqui.” Solto uma das cordas, tentando me firmar com a outra. A cabeça de Alex cai para a frente, a respiração ofegante. Balanço a cabeça negativamente, a voz muito mais segura do que me sinto. “Fique comigo, Corbeau, vou te tirar daqui.”

Sua voz é quase inaudível quando ela sai. "Ele montou um trem de brinquedo comigo no meu aniversário de onze anos."

Minhas mãos ficam embaçadas, meus olhos ardem, mas eu reprimo as lágrimas. "Me desculpe, Alex."

“Ele construiu um trem comigo e agora *isto* .”

A segunda algema cai no chão salpicado de sangue. Contorno a cadeira para encará-lo, lançando um olhar rápido por cima do ombro. Hematomas estão se formando acima do seu olho direito, e eu faria qualquer coisa para aliviar sua dor. Eu sofreria por toda a vida se isso significasse vê-lo feliz. "Você consegue andar?"

“Saia daqui, Ofélia.”

Enlaço meus braços nos dele e o ajudo a se levantar, com uma mão em sua cintura enquanto o arrasto com as pernas trêmulas para o corredor. Os elevadores. Só preciso nos levar até um elevador.

Você está ferido?

Não consigo conter um riso incrédulo enquanto nos aproximamos das portas prateadas. Deixo-o encostado na parede e me apresso para apertar o botão do elevador, tateando sua cintura para pegar seu crachá de identificação no cinto. "Vamos nos preocupar com você antes de nós—"

Uma voz arrastada e preguiçosa acaricia minhas costas, uma voz tão parecida com a do filho dele. "Ophelia Winters. Que agradável surpresa."

Eu congelo onde estou, os cílios se fechando por um instante. "Caim."

Você não vai tirar meu filho de mim, vai?

Viro-me para encará-lo, endireito os ombros e mantenho o olhar fixo mesmo quando ele levanta a arma. Alex se coloca à minha frente.

“Sai da frente, Alex. Eu não tinha *realmente* a intenção de matá-la, mas já que ela voou até aqui…”

Tento me mover, tento empurrar Alex em direção ao elevador, mas ele é uma parede de músculos sólidos, mesmo ferido e atordoado.

Caim apenas alarga o sorriso, e só de vê-lo me dá náuseas. Ele tem sido o núcleo podre da minha vida por tanto tempo, o epicentro de tudo de ruim. "Eu te avisei sobre distrações, filho. Olha só no que ela te transformou. Não me faça passar por cima de você."

“Alex, vá embora”, imploro. “Isso sempre foi entre seu pai e eu. Não tem nada a ver com você.”

“Isso tem tudo a ver comigo.”

Caim tem um brilho no olhar: desequilibrado, insano, um homem que não tem mais nada a perder.

Ele disse que atiraria no Alex para chegar até mim, e naquele momento, eu acreditei nele.

Dou um passo para a direita. Caim tem uma visão clara. Alex não faz a mínima ideia do que está acontecendo. As autoridades devem estar por perto. Se eu conseguir manter Alex vivo por mais um instante...

Um tiro corta o ar, e eu espero. Espero pela agonia, espero pelo sangue, espero pelo fogo incandescente da bala na minha pele.

E, no entanto…

No final do corredor, Caim cai no chão, uma poça de sangue se formando sob sua perna esquerda.

Com um zumbido agudo nos meus ouvidos, procuro por uma arma nas mãos vazias de Alex, ele procura por uma arma nas minhas, e então ambos olhamos para cima em câmera lenta.

No final do corredor branco e impessoal, Fleur abaixa a arma.

Capítulo 25

ALEX

“ Sabe, isso é até divertido”, digo, colocando um dos minúsculos raios nas rodas do trem com uma pinça.

Meu pai recosta-se na cadeira, admirando nosso trabalho. "Claro que é. É uma perda de tempo. Tudo que é divertido é uma perda de tempo."

Papai tem estado cada vez mais... estranho neste último ano. Começou com jantares tensos, conversas em que tudo era feito com cuidado e ele sempre enchia a taça de vinho demais. Agora, temos sorte se o virmos jantar. Os gêmeos parecem ser a única coisa que o impede de perder completamente o controle ultimamente. A festa de aniversário de dois anos deles, na semana passada, foi a primeira vez que o vi sorrir em... meses, na verdade.

“Não é sempre que seu único filho completa onze anos”, diz ele. Aquele mínimo toque de orgulho em sua voz me faz sentir nas nuvens.

“A menos que o novo bebê seja um menino.”

Seu maxilar se contrai. De alguma forma, eu disse algo errado.

A palma da mão dele pousa no meu ombro com tanta força que, se ele não fosse tão explosivo, eu diria que doeu. "Comecei a acompanhar meu pai no escritório nos fins de semana quando tinha a sua idade."

“Ah, eu…”

“Você vai ficar bem. Um dia você será um ótimo CEO para a Green.”

“Eu… bem…”

Outro tapinha no ombro, desta vez tão forte que percebo que ele sabe exatamente o que está fazendo. "Eu sei que você não me decepcionaria, garoto."

“ALEX.”

Acordo sobressaltada, assustada por sons e cheiros que agora me são tão familiares depois do ano que minha mãe passou. Minha respiração está ofegante, o sonho com meu pai é uma lembrança que eu quase havia esquecido.

Abro os olhos e ... *caramba* ! Desde quando operar uma pálpebra dói tanto assim?

"Ei." Uma mão delicada pousa no meu ombro quando tento me sentar. Meu olhar embaçado percorre um de seus braços finos e bronzeados.

“Fleur?”

E assim, de repente, tudo volta à minha memória. A briga no elevador, o soco do meu pai, a aparição de Ofélia, Fleur atirando no meu pai.

Fleur atirando no pai.

Acho que vou vomitar.

“Respire, Alex, você está bem. Ingrid e os gêmeos chegarão em breve. Mamãe ainda não está lúcida o suficiente para vir.”

"Ofélia", consigo dizer, embora minha garganta esteja irritada.

“Acho que a mandaram fazer alguns exames.”

É como se todos os fragmentos de mim se juntassem de repente para formar um único pensamento desesperado: "Ela está ferida?"

Não, não, não, não, não.

Me levanto na cama, mas Fleur me empurra de volta para baixo. "É só uma radiografia do joelho. Ela vai se virar sozinha."

“Você… meu Deus, Fleur, você…”

“Eu não aguentava mais ver o que ele fazia com você e com a mamãe, Alex. Dezessete anos disso já foram suficientes.”

“Mas você…”

“Eu e o Russell estávamos lá fora quando a Ophelia mandou uma mensagem pedindo ajuda. Eu sabia que o Russell estava guardando uma arma no carro desde que o pai desapareceu, por precaução. O resto é uma lembrança vaga.”

"Ele está…?" Meu Deus, nem consigo formar uma frase. Estou muito abalada, muito preocupada com Ofélia, muito magoada.

“Ele está em outro hospital. Com certeza vai passar o resto da vida na cadeia. O Mike está por aqui, em algum lugar.”

Ele está vivo.

Sinto um alívio enorme, por Fleur, não por ele. Não quero que esse peso recaia sobre ela.

Quero que ele apodreça atrás das grades.

“O que ele queria?”

Encaro a paisagem urbana escura lá fora, pela janela, como se fosse encontrar alguma resposta ali. "Ele estava tentando pegar um voo para a Grécia."

Ele tinha uma vida completamente nova pronta para começar lá. A última

esperança desesperada de um covarde que havia esgotado todas as suas opções. Ele estava com dificuldades para subornar um contato no aeroporto e precisava que eu garantisse sua fuga em segurança.

Minha visão está turva, a dor de cabeça quase me cega. "O joelho de Ofélia... ela se machucou? É grave?"

“Nossa, você é obcecado.”

“Ela está sozinha?”

Não posso perdê-la.

"Ela pediu para o Brendan enviar a gravação da câmera de segurança onde ela aparece batendo na cabeça do Mike com um pé de cabra, para que ela possa guardar como troféu. Acho que ela está bem."

Solto uma risada ofegante, mas ela se espalha por minhas costelas, causando uma dor lancinante. "Você está bem?"

Ela cutuca as cutículas, olhando para o colo. "Acho que sim."

“Você acha que sim, *mas* …” eu a encorajo, ouvindo a palavra não dita pairando no final de sua frase.

“Acho que sou parecido com ele.”

"Pai?"

Ela se endireita, alinha os ombros como se estivesse encarando esse pensamento há muito tempo. "Há algo errado comigo."

Estendo a mão para ela, desesperada para que ela não siga por essa linha de pensamento, como eu tenho feito por tempo demais. "Fleur, *não* ."

"Pensei em atirar nele por tanto tempo. Vi-o reclamar à mesa de jantar e ouvi-o gritar com você lá embaixo, e pensei em como seria fácil fazê-lo simplesmente... calar a boca."

“Isso não—”

Ela me interrompe apertando minha mão, e o pânico estampado em seus olhos me destrói. "Você acha que é o galho podre. Acha que herdou o lado ruim dele." Seu lábio inferior treme, e, meu Deus, não há nada pior do que ver sua irmãzinha chorando. "Sou *eu* . Tenho todas as piores partes dele. A raiva, os pensamentos ruins e a excitação doentia com a ruína dos outros. Apertar aquele gatilho é a única coisa que fez tudo isso... diminuir."

"Fleur", sussurro, mal sentindo a dor nas costelas enquanto a puxo para meus braços. *Quando foi a última vez que a abracei?* "Eu também costumava pensar isso. Às vezes, ainda penso."

A voz dela está abafada, os braços em volta do meu pescoço. "Sério?"

“Sério? Devemos encontrar alguém com quem você possa conversar sobre

isso?”

"Você está tão chato e adulto agora", ela resmunga, aparentemente ansiosa por uma mudança de assunto. " *Você* está bem?"

Será que estou bem? Faz muito tempo que não me sinto bem. Mas parece que está quase ao meu alcance. "Eu vou ficar bem."

Fleur se levanta e se inclina para pegar algo na mesa, mostrando meu celular. "Você tem mais de cem chamadas perdidas do Vincenzo."

Outra mensagem aparece assim que ela vira o telefone para mim.

“Pegue isso ou ele nunca vai parar.”

Ela faz isso, e lá está o rosto gigante, estúpido e ansioso de Vincenzo preenchendo a tela. "Alex, *porra* ."

Franzi a testa, tentando focar a visão. "Onde você está?"

Ele olha por cima do ombro e percebo que está num carro. Ele para o carro, passando as mãos pelo rosto. Meu peito aperta. "Eu estava dirigindo para o aeroporto porque você não estava atendendo e a Ophelia disse que você estava machucado e meu pai não conseguia te encontrar no hospital e..." Ele solta um rosnado rouco. Parece perturbado, os ombros caídos sob o peso de uma década de culpa que sente sempre que alguém de quem gosta se machuca. "Você está com uma cara péssima, Alex. *Merda* ."

"Nossa, obrigada", digo, tentando aliviar o clima o suficiente para me livrar desse nó de emoção que me sufoca.

“Não tem graça.”

Eu engulo em seco. "Estou bem. Te ligo mais tarde?"

Seu corpo inteiro relaxa com um enorme suspiro de alívio. "É. Te amo."

"Também te amo."

Fleur acena levemente para Vincenzo e desliga. "Você tem mais ou menos mil outros—"

Um lampejo de cobre na porta chama minha atenção. Fleur se cala, saindo discretamente pela porta para nos deixar a sós, a mim e a Ofélia.

E ela está tão incrivelmente linda e tão... ilesa.

E então tudo me atinge de repente. Mais de uma década de cinza dá lugar a tudo aquilo para o qual eu estava insensível. Penso em Josie, clamando por um pai que ela conhece perfeitamente. Nas minhas primeiras lembranças do meu pai, dançando com a minha mãe pela cozinha, torcendo na lateral do campo nos meus primeiros jogos de futebol americano. Nossas primeiras férias antes do meu pai mergulhar na maldade, antes da minha mãe ter uma piora tão drástica. Natais que não foram passados em constante tensão.

Essa vida terminou há muito tempo, mas parece que estamos fechando as cortinas pela última vez.

Eu esperava raiva. Me imaginei do outro lado da cela do meu pai, rindo dele. Não pensei que seria o luto que me deixaria tão arrasada.

O soluço que sobe pela minha garganta é silencioso, mas ouço sua respiração suave enquanto ela corre até a cama e me envolve em seus braços. "Oh, *Alex* ."

Inalo profundamente seu aroma de canela. "Estou tão cansada."

Seus dedos deslizam pelos meus cabelos na nuca. "Eu sei."

"Acho que não conseguiria atirar nele", consigo dizer, como se fosse uma confissão do meu pior pecado. O ar cheira a desinfetante e nojo. "Mesmo depois de tudo o que ele fez, acho que não conseguiria."

Ela me abraça com mais força, o rosto enterrado no meu pescoço. Sinto suas lágrimas no meu ombro. "Está tudo bem, ele é seu pai. Está tudo bem. Você já sofreu o suficiente."

Não sei o que fiz para merecê-la. Essa garota doce que consegue ignorar os pecados do meu pai por um futuro comigo.

“Nada disso parece uma vitória.” Vivo ou morto, preso ou foragido, arrependido ou não. Nada disso faz com que a situação pareça melhor.

Ela passa os dedos pelos meus cabelos, enquanto a outra mão acaricia minhas costas, e eu respiro fundo, com a voz trêmula. O cansaço suga a vida dos meus ossos. "Não é uma vitória, Alex. Quem te deu a entender que essa situação tinha um lado para ganhar ou um para perder, estava mentindo." Ela se afasta, o olhar sincero, como se *realmente* quisesse que eu a ouvisse. "Há mais força na misericórdia do que na crueldade. Você ficou diante do homem que tentou te transformar em um monstro e mostrou a ele que todos os seus esforços foram em vão."

“Eu sei, mas ele…”

Uma mão delicada afasta meus cabelos do meu rosto, e juro que sinto uma rachadura no meu coração se fechando sozinha. "Perdoe-se."

Meu olhar percorre seu lábio inferior inchado até o peito que se eleva em respirações firmes e constantes. "Seu joelho está bem?"

Ela não consegue conter o sorriso. "Está tudo bem. Não quebrei nada. E esqueça meu joelho, você devia ver o que eu consigo fazer com um pé de cabra."

Eu poderia simplesmente pedi-la em casamento aqui mesmo.

Nada romântico, Alex.

Meu Deus, como eu a amo. Amo todas elas. Amo tantas que chega a doer. Estou louca para ter as oito em meus braços.

Vou tirá-los de tudo isso. Não vou deixar nenhum deles sentir medo assim nunca mais.

Capítulo 26

OPHELIA

A dor no meu joelho me acorda, como tem acontecido todas as manhãs nos últimos sete dias.

E, como em todos os outros dias desta semana, Josie, roncando, está espremida entre Alex e eu na cama.

Meu voo de volta para casa é tarde hoje à noite.

Estou tentando não pensar nisso.

Estou voltando *para casa* . Continuo dizendo isso, mas nem sei mais onde é minha casa. Quando penso nessa palavra, nenhuma imagem ou lugar me vem à mente. Na verdade, estou apenas voltando para a Escócia antes de ser expulso.

Também estou com saudades da Colette, da Magda e da Divya. Estou louca para assistir a um filme com elas, para podermos discutir os acontecimentos das últimas semanas com pipoca e cerveja. Elas ficam me mandando mensagens o dia todo, sempre checando como estou no grupo de bate-papo.

Alex está dormindo ao meu lado — alguém tão apaixonado por mim que comprou o carro em que passamos nossa primeira noite juntos.

Sinto como se agora tivesse seis irmãs mais novas. Elise é como uma terceira mãe na minha vida, sempre me dando os melhores conselhos. Cain Green está no hospital, provavelmente sua última parada antes de ir para uma prisão de segurança máxima para passar o resto da vida. Ele nunca mais vai destruir uma família.

É surreal. É *ridículo* .

A paz é tudo o que Alex e eu sempre desejamos, e estou começando a sentila. Está aqui, neste quarto. Está no jeito como a linha entre suas sobrancelhas relaxa enquanto ele dorme. Está no fato de Cain finalmente ter saído de suas vidas. Está nas primeiras caixas de papelão que Alex empacota, preparando-se para se mudar para qualquer lugar que não seja aqui.

Ele se mexe um pouco, abrindo um olho. O hematoma em sua sobrancelha

está desaparecendo e, embora tenha passado apenas uma semana, os eventos que ocorreram em seu escritório também estão se dissipando.

Cain Green esteve acorrentado a mim durante anos. Eu o arrastava como um peso enorme, transformando até os dias mais tranquilos em uma escalada árdua. Mas quando Fleur atirou nele, finalmente o libertei.

Caim pode morrer em breve, ou daqui a trinta anos. Mas vê-lo no chão, implorando pelos restos de sua vida, me fez perceber que observar sua família seguir em frente, perder seus filhos, perder sua esposa — isso já é castigo suficiente para mim.

“O que lhe passa pela cabeça?”

"Adivinhar."

Ele sorri. "Conhecendo você, ou é a futilidade da vida e a decadência da sociedade moderna, ou são croissants."

Dou uma risadinha. "Sinto-me bastante... positiva."

Ele franze a testa, parecendo tão genuinamente alarmado enquanto verifica a temperatura da minha testa, que meu riso fica alto o suficiente para acordar Josie.

Alex cutuca a irmã e inclina a cabeça na minha direção. "Ophelia está de bom humor, Jo."

Ela franze a testa, virando-se para me encarar. "Que estranho." Dois bracinhos me envolvem, vestidos com um pijama azul brilhante do Homem-Aranha. "Eu não quero que você vá."

“Eu sei. Sinto muito. Mas o Alex foi muito gentil e pagou para um médico muito competente me ajudar a lidar com meu medo de voar.”

“Então você pode vir?”

"Exatamente."

Ela aperta o rosto contra o meu. *Não chore, não chore, não chore.*

Adoro ter uma família grande.

Alex se levanta, vestindo uma camiseta. Ele aponta para Josie. "Geleia e manteiga?"

Ela solta um grito de alegria ao saber que nossa festa da torrada na cama está acontecendo pela quarta manhã consecutiva.

Observo Alex sair pelo corredor, meus olhos demorando-se na forma como seus ombros musculosos se afinam até uma cintura estreita, na forma como suas coxas se encaixam naquela calça de moletom cinza.

Adoro a Josie como minha bolsa de água quente pessoal na cama, mas preciso pegá-la a sós hoje. Talvez no chuveiro.

A porta se abre lentamente, e então Charlotte está ao nosso lado. "Vocês vão *mesmo* embora hoje?"

“Preciso ir. Mas voltarei.”

“Promessa de dedinho?”

“Promessa de dedinho.”

"Promessa de dedinho?", pergunta uma voz vinda do corredor. Elise se encosta no batente da porta, com um sorriso frágil no rosto. "Vou sentir muita saudade de você, Ofélia."

"Vou sentir mais a sua falta", respondo, impressionada com a veracidade disso. Estou aqui há *semanas* . Nunca fiquei tanto tempo em nenhum outro lugar além de Sorrowsong ou da casa perto de Inverness.

As manhãs aqui são agitadas, as noites repletas de apresentações de dança, partidas de tênis, sessões de cinema, discussões, lágrimas, jantares em família e rotinas exasperantes na hora de dormir. Daqui a um mês, o Sorrowsong fechará para o verão e eu voltarei para a casa dos meus pais. E embora eu tenha gostado do tempo que passei aqui, sei que o silêncio será ainda mais doloroso.

Mas vou aguentar firme, assim como digo para o Alex fazer, porque essa distância é temporária. Nosso momento chegará, e será ainda mais especial quando acontecer.

Dou um tapinha no espaço do outro lado de Josie e Charlotte, convidando Elise a sentar. Seu rosto se ilumina completamente, e minha mão a ampara enquanto ela se acomoda no colchão. Tirando um dia particularmente ruim no início da semana, seu humor tem estado mais estável. Os momentos bons não são tão intensos, os momentos ruins não são tão ruins. Mas anos de transtornos alimentares, uso de drogas, cirurgias, estresse e testes de saúde estão começando a cobrar seu preço.

Ela parece tão frágil.

A mão dela desliza para dentro da minha. "Se você estiver sozinha naquela casa, ligue para nós todas as noites. Se for preciso, colocaremos o telefone na mesa de jantar."

“Tentarei visitar vocês antes do final do ano.”

Ela pisca para mim como se soubesse algo que eu não sei. "Veremos."

Charlotte se senta, com os cabelos espetados em todos os ângulos possíveis. "Talvez possamos visitar Ofélia também!"

Elise deposita um beijo na testa dela. "Talvez possamos, *mon chou* ."

"O papai vai voltar?", pergunta Josie, pela quarta centésima vez esta semana.

"Não meu amor."

"Mas-"

“Seu pai não foi muito gentil com Alex, Fleur e comigo. E *especialmente* não foi muito gentil com Ophelia. É por isso que ele não pode voltar.”

“Nem sequer terminamos de jogar *Animal Crossing* no Natal.”

Não sei como a Elise consegue. Sem frustração, sem impaciência, sem raiva, sem tristeza. Apenas um calor gentil nos olhos enquanto promete que aprenderá a tocar com eles.

Alex entra, equilibrando três pratos de torrada. Sei que um era para ele, porque tem manteiga de amendoim, mas ele sorri para Charlotte e dá para ela, entregando a torrada com manteiga para mim e a com geleia de morango para Josie. Os negros tatuados em sua pele tremulam enquanto ele estica aqueles braços grossos acima da cabeça, revelando uma fina faixa de músculo na cintura.

Se eu não conseguir uma hora a sós com ele hoje, vou cancelar meu voo.

Ai, meu Deus. *O voo.* Passo as mãos pelas bochechas. Alex está ao meu lado em um segundo, balançando a cabeça. "Não vamos nos preocupar com a viagem de volta até as dez da noite, lembra?"

"Está bem", respondi com a voz rouca, enxugando as palmas das mãos suadas nas coxas.

Uma vozinha na minha cabeça me diz para ficar. Para me preocupar com os estudos depois, para conversar com meus amigos ao telefone.

Mas as meninas voltam para a escola amanhã e Alex para o trabalho. Esse casulo em que estávamos, a calmaria depois da tempestade, vai estourar.

Devo isso à minha versão mais jovem: voar para casa.

Não consegui me obrigar a embarcar no primeiro voo.

Mas uma conversa motivacional séria com Alex e uma mensagem ameaçadora de Belladonna sobre eu perder a competição de natação na semana que vem me fizeram pegar o próximo voo uma hora depois, prometendo reembolsar Alex pelos dois ingressos — ou pelos quatro, se você contar os que ele comprou para me acompanhar até a escada do avião.

O voo de volta pareceu muito mais curto do que o de ida para Nova York, tão curto que, enquanto observo as rodas tocarem o solo com o nariz pressionado contra a janela de acrílico, ainda consigo sentir as lágrimas secas em minhas bochechas e o fantasma dos lábios de Alex nos meus.

"Posso perder um dedo em um minuto", diz a senhora de uns setenta e poucos anos ao meu lado, enquanto as pessoas se levantam para pegar suas bolsas antes mesmo de serem autorizadas. Olho para baixo e, de fato, não há

sangue escorrendo de sua mão. Solto-a rapidamente, sentindo as bochechas corarem.

Mabel é minha nova melhor amiga. Ela segurou minha mão o tempo todo, me deixou trocar minha estranha panela de salada pelo pãozinho dela. Quando me convenci de que a asa parecia um pouco estragada, ela me lembrou que eu não tinha a mínima ideia do que estava falando. Contei a ela sobre meu medo de voar e, depois, ficamos seis horas falando mal do ex-marido dela.

“Boa viagem até as Terras Altas”, diz ela com um sorriso caloroso.

"Obrigada", digo, mordendo o lábio enquanto olho os preços das passagens de trem. Não são as quatorze horas de viagem que me incomodam — já passei por muitos dias horríveis de viagem desde que perdi meus pais — mas sim o preço.

Não há razão para um trem custar tanto.

Mabel também olha feio para o meu celular. "Malditos ladrões, não é?"

Penduro minha mochila no ombro, seguindo-a para fora dessa lata voadora horrível. "Não poderia ter dito melhor."

Meus pés tocam o asfalto e eu quase quero beijá-lo. Me sinto como a estrela de um daqueles vídeos de astronautas voltando do espaço. Nunca mais vou subestimar a importância de pisar em terra firme.

"Eu consegui!" exclamo, subitamente tomada pela emoção. Então, Mabel e eu começamos a pular de alegria como duas jogadoras de futebol que acabaram de marcar o pênalti da vitória.

"Não consigo mais pular, vou me mijar de medo", diz ela, parando abruptamente. " *Nunca* tenha filhos."

Pego a bolsa dela também e entramos no terminal do movimentado aeroporto de Heathrow, em Londres. Ela faz uma careta enquanto entramos na pequena fila do controle de passaportes. "Detesto essas máquinas novas. O que havia de errado com as pessoas nas cabines?"

Observo uma mulher colocar o passaporte de cabeça para baixo. "Igualmente."

“E agora *tudo* está se tornando um aplicativo.”

“Meu Deus, *obrigada* !” digo, passando as mãos pelas minhas bochechas. “Ninguém mais entende. Por que preciso de um aplicativo para pedir um croissant grátis? Por que eles não podem simplesmente me dar um?”

“O mundo virou uma merda”, ela resmunga, enquanto um homem baixo de uniforme a direciona para uma máquina de passaportes. Eu passo o meu, me virando para ver onde Mabel está. Ela me encara, simulando dar um tiro na

própria cabeça, enquanto o homem pede que ela se afaste da máquina e vá até uma cabine.

Não quero deixá-la sem me despedir, então tiro meu celular do bolso e o desligo do modo avião. Com a frequência cardíaca ainda acima de 150, digito uma mensagem para Alex enquanto espero Mabel parar de flertar com o senhor mais velho que está conferindo seu passaporte.

Ofélia
Consegui!! E só chorei duas vezes.

Leva um minuto para enviar, mas quando envia, a resposta chega imediatamente. Lá já passa das cinco da manhã.

Alex
Sinto sua falta. Orgulho de ser sua.

A foto em anexo é da pequena vaca das Terras Altas que lhe dei de aniversário, descansando na almofada ao lado dele, exatamente onde eu deveria estar.

Mabel aparece e me dá um sorriso caloroso.

Por que sou tão emotivo? É triste que eu seja muito melhor em fazer amizade com pessoas mais velhas?

“É engraçado como a gente se apega às pessoas depois de apenas algumas horas”, diz ela, repetindo meus pensamentos em voz alta.

Eu a envolvo em um abraço, apertando-a com força enquanto o burburinho das pessoas continua ao nosso redor.

“As coisas têm estado muito solitárias desde que minha filha faleceu”, diz ela, com a voz embargada. “Talvez pudéssemos ser amigas por telefone.”

"Eu estava com muito medo de te perguntar", digo, dando uma risada.

“Caso eu pensasse que você estava tentando acessar meu testamento?”

“ *Mabel!* Não!”

Ela ri, se afasta e me entrega o celular, aberto nos contatos. Sorrio ao ver o nome que ela já colocou: *Ofélia com Medo de Voar* .

Eu a coloquei na minha também. *Mabel Não Tem Medo de Voar.*

"Você terá que vir tomar chá na próxima vez que estiver em Yorkshire."

“Eu prometo que farei.”

Ela pega minha mão na sua, a pele bronzeada e manchada pela idade, e me lança um olhar sincero. "Se ele for o cara certo para você, vocês vão superar essa distância."

Dou-lhe um último aperto, fazendo-a seguir na direção da área de recolha de bagagens. Dirijo-me ao desembarque, tentando convencer-me a gastar o resto das minhas poupanças de emergência numa série de bilhetes de comboio, apesar de o dinheiro ser para aulas de condução.

Eu vagueio sem rumo pelo saguão do aeroporto. É o paraíso para observar pessoas. Homens de terno impecável e fones de ouvido seguram iPads com nomes de pessoas em letras minúsculas e pouco úteis. Certamente essa não é a maneira mais eficaz de fazer isso. Mabel concordaria comigo.

Uma menina com uma mochila enorme passa correndo por mim, pulando nos braços dos pais. Um casal se beija sob as luzes fortes do aeroporto; a mão dele tira a sacola do ombro do marido. Uma mulher e três crianças pequenas gritam de alegria quando um homem se aproxima correndo, com um largo sorriso no rosto.

Há um ano, há um *mês* , provavelmente isso teria me feito chorar. Há um ano, eu encontrava tristeza na alegria dos outros, insegurança na beleza dos meus amigos.

Espero que a tristeza e a inveja me atinjam, mas isso não acontece. Tudo o que fazem é aquecer meu coração e restaurar um pouco mais minha fé no mundo.

Ou talvez eu esteja tão feliz por não estar a quarenta mil pés de altura que tenha ficado delirante.

Um lampejo de laranja chama minha atenção: um emaranhado extravagante de balões dourados, laranjas e amarelos, e outro balão metalizado em formato de estrela. Cada balão tem uma letra escrita nele.

VOCÊ SOBREVIVEU .

Estou tão distraída com a mensagem que quase não percebo as mãos embaixo dela, acenando freneticamente. Mal noto Colette, Magda e Divya pulando para chamar minha atenção, segurando uma caixa de papelão amassada que diz " *Bem-vinda de volta, Ophelia"* em grandes letras rosa.

Eu os encaro boquiaberto, como um peixinho dourado, com os pés parecendo criar raízes no piso vinílico do aeroporto.

Eu… *o quê* ?

E aí eu fico igualzinha àquela garota com a mochila enorme de trilha, correndo na frente das pessoas para chegar até elas. Nos abraçamos num abraço coletivo tão entusiasmado que por um instante me tira o ar dos pulmões, me faz perceber como eu estava certa em voltar para casa. O perfume Chanel da Colette invade meus pulmões. "Você conseguiu!"

“Eu consegui!”

“Gostaram dos balões?” Eles os rearranjam novamente.

“Eu *sobrevivi* .”

Colette faz beicinho, exibindo seu lábio inferior brilhante. "Só tinha um balão em forma *de V* na loja de artigos para festas que visitamos no caminho."

Divya suspira, enfiando uma xícara de chá para viagem na minha mão. "Aparentemente, uma tal de Vivian está dando uma festa de aniversário."

"Vagabunda", murmura Magda, com seu característico batom preto.

Colette bate palmas, nos guiando até a saída. Seu minivestido de cetim tem uma espécie de lenço embutido no pescoço, o tecido creme da mesma cor que seus sapatos. *Como ela não sente frio?* "Vamos!"

Eike está parado do lado de fora de um carro maior do que o normal na área de embarque, aparentemente em uma ligação telefônica um tanto tensa.

"Como está o Eike?", pergunto a Colette enquanto caminhamos em sua direção.

"Para dizer o mínimo, estou surpresa que ele tenha conseguido sair da toca do meu padrasto por tempo suficiente para nos levar para casa."

“Você vai pedir um novo motorista?”

“São todos uns incompetentes, Ofélia. O próximo também será. Eles não são motoristas de verdade. São apenas espiões que me reportam cada passo que dou.”

Dou uma olhada rápida em Eike, que está andando de um lado para o outro na área de desembarque com o telefone pressionado contra a orelha. Não consigo deixar de sentir certa compaixão por ele — tenho certeza de que o padrasto de Colette, com seu terno de tweed e aparência tradicional, é um cliente infernal.

“Sinto muito. Podemos conversar no Sorrowsong.”

"Eu *adoraria* isso. Aparentemente, a Hemlock está abrindo um café aconchegante na sala comum para as outras casas."

“Sabe que o mês foi fraco na Sorrowsong quando é com isso que estamos animados”, diz Divya, enquanto Eike se aproxima e tira minha bolsa do meu ombro. Magda senta no banco da frente, desliza seus fones de ouvido roxos por cima das tranças, e acho que ela já está dormindo antes mesmo de pagarmos a tarifa na catraca do aeroporto.

Colette aperta um botão para erguer uma tela entre nós e Eike e então se vira para mim como se estivesse guardando um segredo há dias. "Peguei Belladonna aos beijos com um jardineiro."

" *O que?* "

Divya acena com a cabeça, parecendo prestes a explodir de alegria por estarmos todos juntos novamente. "E eu peguei meu professor aos beijos com a nova assistente do Carmichael!" Ela gesticula com a mão como se estivesse tentando se livrar do próprio assunto. "Do que eu estou falando mesmo? Você primeiro! Conte *tudo* pra gente."

Recosto-me no assento de couro macio, dando um gole no meu chá. A mãe do Alex, a briga com o pai dele, o fato de que as coisas entre o Alex e eu não poderiam estar melhores, os voos, Mabel, Fleur. *Meu Deus.* De repente, fico feliz que a viagem de carro dure dois dias. "Temos tanta coisa para conversar."

Capítulo 27

ALEX

Dizer que a tempestade midiática após o arrombamento da semana passada foi intensa seria um eufemismo. Minha família e eu nos tornamos uma espécie de fascínio público, um espetáculo para todos verem.

Estou cansado disso.

Meu laptop está conectado à TV acima da lareira, e estou suando tanto que pareço uma rosquinha com cobertura. Devo ter feito umas trinta apresentações este ano — para políticos, CEOs, crianças da escola assustadoramente malvadas, acionistas — e, no entanto, nunca estive tão nervoso quanto estou para esta.

Josie larga seu robô de brinquedo para pegar um punhado de pipoca da tigela de Mia. "E a escola?"

“Bom, essa é uma ótima pergunta, Jo.” Eu me encosto na estante de livros. “Você teria que ir para uma escola nova, com pessoas novas.”

"E a Fleur e a faculdade?", pergunta Evie, sempre a defensora de suas irmãs.

"Eu não vou para a faculdade", interrompe Fleur, sem tirar os olhos do celular.

Mia, Élé e Charlotte já estavam a fim de se mudar para o Reino Unido muito antes de eu ir para Sorrowsong. Já Josie e Evie, não tenho tanta certeza. Era Fleur que eu mais tinha receio de convencer, mas ela está completamente desinteressada, mexendo no celular sem pensar em nada.

“Fleur, por favor, junte-se a nós”, diz a mãe suavemente.

Ela a encara com desdém. "Estou aqui, não estou?"

“Não é isso que eu quero dizer.”

“Sim, tudo bem, Alex. Parece estar tudo bem.” Ela dá de ombros. “Vou fazer dezoito anos em menos de um ano e aí posso me mudar para onde eu quiser. Isso não me afeta em nada.”

Me encolho contra as prateleiras, sem forças. Quero consertar as arestas da minha relação com Fleur. Quero a opinião sincera dela. Todas as seis meninas

são crianças. Todas as seis *precisam* comparecer perante Ofélia. Elas merecem isso. Se alguma delas insistir em ficar, nós ficaremos.

“É claro que isso te afeta, Fleur.”

“Você literalmente não se importou com nenhuma das minhas opiniões durante todo o ano passado, Alex.”

Fechei os olhos por um segundo, soltando um longo suspiro. "Bem, estou tentando consertar as coisas."

“Volte para o quintal!”, diz Éle, e eu volto a folhear o folheto da casa de campo com oito quartos, a poucos quilômetros de Edimburgo.

Parece ridículo, mas minha mãe me incentivou a pelo menos tentar.

Charlotte acena com a cabeça, aprovando o amplo quintal e o cercado. "Poderíamos criar galinhas."

Mamãe se inclina para limpar um pouco de sorvete do lábio inferior. "A Escócia não seria para sempre. Seria só por alguns anos. *Depois*, nos estabeleceríamos para sempre. Em outro lugar."

“Eu odeio esta casa”, diz Mia, gesticulando pela nossa sala de estar em Nova York. Ouvem-se alguns resmungos de concordância. Quando vejo o hall de entrada, vejo minha mãe encolhida no pé da escada, convencida de que os funcionários querem prejudicá-la. O escritório me faz sentir o gosto metálico do sangue, a mordida dura do punho do meu pai quando ele não conseguiu dar um soco na economia, então eu era a segunda melhor opção.

Um pequeno sorriso surge no rosto de Evie, aquele minúsculo lampejo de impulsividade sob a personalidade reservada que não poderia ser mais diferente da de sua irmã gêmea. "Eu apoio totalmente."

Meu próximo suspiro sai como uma risadinha de incredulidade. "Sério?"

“Por que não? Parece divertido. Todo mundo na escola olha para mim e para a Mia como se fôssemos um caso perdido, então… não é como se eu fosse sentir falta. E a Escócia parece legal. E daqui a dois anos, a gente vai para a faculdade de qualquer jeito… então… é. Eu topo.”

Minha mãe concorda verbalmente, e em seguida mais três pessoas a acompanham.

Fleur dá de ombros. Josie parece a mais hesitante de todas. "Então... e se quisermos ir para a França nas férias?"

“Ainda podemos ir. É ainda mais perto dali.”

“E… pizza?”

“Tem muita pizza por lá também. Talvez não tão boa quanto a de Nova York, mas ainda assim é boa. Que tal deixarmos os outros irem dormir e conversarmos

sobre isso enquanto comemos cereal?”

Ela desce do sofá, entrelaçando sua mão na minha. Mia me dá uma piscadela, com um sorriso enorme no rosto.

Minha mãe está dobrando toalhas de mão na despensa quando entro para pegar uma caixa de cereal nova. Josie está sentada na ilha da cozinha. "Eu adoro essa casa, Alex."

"Eu também."

“Vou falar com a Fleur.”

Pego a caixa de cereal na despensa e começo a voltar para o outro cômodo, mas uma mão invisível me detém na porta. Uma pergunta me atormenta há semanas. Estava esperando o humor da minha mãe se estabilizar um pouco, e aqui estamos. "Mãe, posso te perguntar uma coisa?"

“Claro. Sempre.”

“Carmichael me disse que foi você quem pediu a ele para convencer a diretoria a não me deixar assumir o cargo em Green.”

Suas mãos congelam enquanto dobram um pano de prato. "Ele também te disse que eu pedi para ele nunca te contar isso?"

"Sim."

“Nunca consigo decidir se gosto ou não daquele homem.”

“Não é verdade, né?”

“É verdade.”

“Você tem noção do que isso poderia ter nos custado?”

“Calculei os riscos minuciosamente. Fiz o que era melhor para você.”

“E que o fato de meu pai continuar sem ser contestado é o melhor para mim?”

“Ser CEO da Green é tudo o que eu nunca quis que você tivesse. Você me disse no seu sexto, sétimo, oitavo aniversário, décimo sexto aniversário, seu *vigésimo terceiro* aniversário, que assumir a empresa do seu pai era o seu pior pesadelo.”

“Até que se tornou uma questão de sobrevivência. Uma decisão que eu tomaria repetidas vezes, cem vezes seguidas.”

“Fiz o que achei melhor para o meu filho.”

“Mas você poderia ter me consultado.”

Ela se vira de volta para as toalhas, afastando-se de mim. Da conversa. A culpa me invade, encobrindo minha raiva.

“ *Mamãe.* ”

“ *Laisse-moi tranquilo.* ”

Uma voz suave chega da cozinha. "Estou morrendo de fome."

Nossas risadas quebram a tensão. "Onde ela encontra essas coisas?"

“Ofélia pode ser a responsável por isso.”

Eu abraço minha mãe com força, inalando o perfume que ela usa desde que me lembro. "Me desculpe."

"Eu só quero o melhor para você, Alex. E eu não achava que esse melhor fosse o Green."

Pego a caixa de cereal e encho duas tigelas, puxando um banquinho para sentar ao lado da minha irmãzinha, que está ficando alarmantemente longe de ser criança. "Cereal *depois* da hora de dormir. Nunca mais diga que eu não sou boa para você."

“Isso deveria acontecer todos os dias.”

“Então, você não tem muita certeza sobre a Escócia, né?”

“Bem… eu tenho um bilhão de bilhões de perguntas.”

“Meu Deus! Vamos precisar de mais cereal.”

Ela ri baixinho, encostando a cabeça no meu braço, e me faz perguntas até depois da meia-noite.

Os três guardas estão impassíveis enquanto o do meio leva meu pai para a sala de visitas de um presídio de segurança máxima no interior do estado. Reprimo a miríade de emoções que me sobem à garganta, lutando para encará-lo nos olhos.

Não consigo acreditar que ele esteja vivo. Que ele tenha sobrevivido enquanto o tempo da minha mãe está se esgotando.

"Caim", digo, enquanto o guarda aciona o freio da cadeira e dá um passo para trás.

Ele parece pálido. Cansado. Seus olhos azuis gélidos estão opacos, o cabelo desbotando para um tom prateado.

“Alex. Não pensei que você viria.” Ele parece quase esperançoso, como se eu pudesse tê-lo perdoado. Melhor acabar com essas esperanças rapidamente.

“Estou aqui para me despedir, para dizer que não iremos visitá-los. Se as meninas quiserem vir quando fizerem dezoito anos, poderão. Mas não criem muitas expectativas.”

Isso interrompe sua próxima frase. Sua boca abre e fecha, abre de novo, fecha de novo. Ele parece devastado, mas não consigo me importar.

Estalo os dedos, frustrada com o silêncio dele, mas bem ciente de que ele só me irritaria se falasse. "Cansei de você."

“Ela sobreviveu? A menina?”

“Ofélia está bem.”

“Quero falar com Fleur.”

“Fleur já está passando por muita coisa.”

"Quero acertar as coisas entre nós", diz ele, mas seus olhos brilham com más intenções. Eu já vi a versão dele de "acertar as coisas". As ameaças sussurradas, a aspereza de suas palavras que ferem muito mais do que seus punhos jamais conseguiriam, e os pedidos de desculpas melosos e bêbados que faziam minha mãe, bondosa demais, perdoá-lo todas as noites.

Não vou deixar que ele dê o veneno para a Fleur.

Meu riso é amargo, ácido na minha língua. "Já superamos isso há muito tempo. O que você fez com a mamãe é irreparável." Balanço a cabeça, desesperada para ir embora e, ao mesmo tempo, desejando entender como ele se tornou tão terrível. "Eu me lembro de você a amando."

“É claro que eu a amo, eu—”

"Eu simplesmente gostava mais da Green." Tento esquecer, mas não consigo. "Disseram que ela tinha um problema de saúde, e você disse que ela só era exigente. Eu tinha vinte e um anos e a levava de carro para as consultas médicas para que você pudesse transar com suas secretárias."

"Desculpe, Alex", ele responde bruscamente, mas o movimento revelador de seus dedos me diz que a única coisa pela qual ele realmente sente muito são os guardas e as algemas que o impedem de me tocar. "O que mais você quer que eu diga?"

Nem sei. "Desculpe" é tudo o que ele consegue dizer, mas não parece suficiente. É *tão* insatisfatório. Mal o reconheço sentado à minha frente, mal consigo entender como alguém pode achar que me pareço com ele.

Eu me levanto, sem saber o que alguém poderia dizer para tornar tudo isso menos terrível. " *Bem.* Tenha um bom resto de vida."

“Ainda não é tarde para mudar de vida. Livre-se dessa garota, corte as distrações. Você pode valer alguma coisa, Alex.”

Ofélia me vem à mente. O jeito como aqueles olhos castanhos brilham quando encontram os meus. O tom rosado que colore seu nariz quando a elogio. Minha voz é suave e segura quando sai da minha boca. "Eu valho alguma coisa, pai."

Foi a resposta mais gentil que eu poderia ter dado, e ainda assim ele se encolheu como se finalmente tivesse entendido que todos os seus esforços para me transformar nele foram em vão. E por uma fração de segundo, foi como se as emoções dos últimos dez anos passassem por sua expressão de uma só vez.

Sumiu num instante, mas a linha forte de seus ombros se curvou um pouco mais do que quando ele entrou.

É o castigo que ele merece, e não sinto nenhuma culpa.

Eu estava quase saindo pela porta quando sua voz me interrompeu. Esperava um golpe final e cortante. Um comentário que me assombraria até nos meus piores dias. Mas foi apenas um sussurro abatido: "Cuide das meninas".

“Já faço isso há muito tempo.”

E então eu saio, deixando para trás o peso esmagador que ele colocou sobre meus ombros por tanto tempo.

Desbloqueio meu celular enquanto saio do saguão e caminho até o estacionamento ensolarado, inspirando profundamente o ar fresco. *Finalmente* . Coloco um cigarro entre os lábios, digitando uma mensagem com os polegares.

Alex
Está feito. Acho que nunca mais o verei.

Robert Harwood
Um dia que temos falado há anos. Como você se sente?

Alex
Eu não sinto absolutamente nada.

Robert Harwood
Acho que você já estava sofrendo com a perda dele há muito tempo antes de hoje.

Ele provavelmente tem razão.

Só falta uma coisa na minha lista de coisas para fazer neste domingo, algo que parece que acabo adiando de um dia para o outro.

Percorro meus contatos, mas uma chamada de Ophelia aparece antes que eu encontre o nome que estou procurando.

A voz dela é sempre tão bem-vinda, um metrônomo para o meu coração, um bálsamo para as minhas feridas. "Como foi?"

“Não sei, sinceramente. Não sei bem como correu ou como me sinto.”

“Tudo bem. Se você estivesse pulando de alegria, eu entenderia. Se estivesse chorando no carro, eu também entenderia.”

Não sei como ela acabou na minha vida. Ela não é só um motivo para me manter à tona, ela é uma jangada salva-vidas inteira. "Caramba, que saudade de você."

"Seu coração está doendo?", ela pergunta, em tom de brincadeira.

“E meu pau.”

Seu riso é suave e alegre, seguido por um bocejo. Deve ser tarde para ela. "Que pena para você."

“Eu estava prestes a fazer uma ligação.”

"Oh?"

“Sim… é… não quero desafiar a sorte.”

“Me avise quando estiver pronto(a). Eu te amo.”

A chamada cai, e meu sorriso refletido no carro é ridículo, um brilho no meu olhar que eu nunca tinha notado antes.

Eu não me pareço nada com ele.

Eu não *me sinto* mais como ele.

Apago o cigarro e pressiono o telefone contra a orelha, deixando-o tocar.

"Pensei que nunca mais ouviria falar de você."

Respiro fundo, engulo meu orgulho. "Será que ainda dá tempo de aceitar sua oferta?"

Capítulo 28

OPHELIA

A banda Sorrowsong levou a sério a expressão *"chuvas de abril"* , mas maio está se revelando ainda pior.

O mês está chegando ao fim e quase não houve um dia sem chuva. O lago está transbordando, o rio está agitado e bravo.

Faz um mês que meus amigos me buscaram no aeroporto. Um mês de namoro à distância com Alex. Um mês com Cain atrás das grades. Um mês em que minhas notas e meu desempenho na natação foram minha principal preocupação.

Um mês deixando flores silvestres na margem do rio onde espalhei as cinzas de Laura.

Saio da sala de exames com uma boa sensação — um desejo renovado de ter uma carreira, uma vida, um futuro.

Minhas botas afundam na lama do caminho para a mansão, tudo amolecido pela chuva. Nuvens espessas e cinzentas pairam baixas sobre o castelo, a torre mais alta perdida na neblina. O verão definitivamente *não* está no ar.

Mas, pela primeira vez, entendo por que Colette adora este lugar. O castelo, os corredores escuros, a penumbra da biblioteca, o constante estrondo do trovão que, segundo ela, a ajuda a dormir. Ela acha que Sorrowsong parece saído diretamente de um conto de fadas.

Não posso dizer que concordo com isso, mas fico feliz por ela.

Quase escorreguei três vezes descendo o barranco lamacento, mas valeu a pena. O lago nunca está cheio. Sinto-me em meu próprio espaço particular, mais do que no meu quarto. As lembranças que me assombravam aqui — uma mão me segurando debaixo d'água, água nos meus pulmões — estão se dissipando, substituídas por mergulhos preguiçosos à tarde, flutuando de costas e observando os pássaros voando entre as árvores.

À beira da água, tiro a saia, a meia-calça e o suéter, revelando o maiô por

baixo. Guardo o celular na bota, mas não sem antes clicar numa notificação de um daqueles sites de notícias financeiras idiotas aos quais sou assinante.

As ações da Green Aviation se recuperaram após a queda da semana passada, em decorrência da prisão do diretor de operações (COO) Mike Wilson e da decisão surpreendente do CEO Alex Corbeau-Green de renunciar ao cargo após apenas cinco meses, algo que, segundo ele, sempre fez parte do plano. Os acionistas depositam confiança na estratégia de cinco anos do novo CEO, Luis Bennett, para reformular e reconstruir a empresa. Corbeau-Green mantém o controle da Synx, empresa de cibersegurança que adquiriu em janeiro, e permanece no conselho da Green Aviation.

Enviei para o Alex. A decisão dele de manter a Synx foi uma surpresa até para mim, mas acho que ele secretamente gosta de administrar uma empresa. Só que não *essa* empresa.

Ofélia
Está tudo indo muito bem sem você.

Alex
Quem diria que nomear um CEO que não tem vinte e três anos e não é completamente apático ajudaria?

Sorrio para a tela enquanto digito, envolta na tranquilidade do meu ambiente.

Ofélia
Indo dar um mergulho.

Alex
Fique seguro(a), meu bem.

Entro na água gelada, deixando que ela me roube o fôlego, queime meus dedos dos pés, que empalideça minha pele.

Nenhuma piscina jamais se compararia.

Nado até meus braços queimarem, depois flutuo de costas e fico olhando para o céu trovejante. O vento lambe a superfície da água, gelando meu rosto.

“Ei, mãe e pai”, sussurro, pela primeira vez em muito tempo. “Eu… é… eu consegui.”

Provavelmente nem eles sabem o que eu quero dizer. Nem *eu* sei o que eu quero dizer. Minha lista de realizações está ficando maior do que eu jamais imaginei.

Eu derrubei Cain Green. Quando você digita o nome dele no Google, nenhum dos resultados é bom.

Matei Bancroft. Apaguei sua existência miserável da face da Terra.

Fui para a universidade, como sempre quiseram que eu fizesse.

Eu me apaixonei.

Minhas lágrimas se perdem na massa escura de água enquanto conto tudo a eles, desejando tanto estar fazendo isso em nossa mesa de cozinha, com seus rostos sorridentes me olhando.

“Fiz uma amiga de setenta e seis anos chamada Mabel. Jogamos Scrabble online uma vez por semana. Nos encontramos para jantar em York na semana passada.”

Acho que conversei com eles por mais tempo do que nunca. Tanto tempo que senti o último resquício de ressentimento que sentia por eles, a frustração por terem entrado naquele helicóptero para economizar um pouco de tempo na viagem de volta para casa, afundar no fundo do lago.

Não tenho energia para odiar minha mãe pelo que ela fez.

Eu também não tenho energia para me odiar por ter dito a eles para voltarem correndo para casa naquele dia.

Acho que um dia, talvez, eu possa aceitar que Cain Green é o verdadeiro responsável pela morte de Laura.

Quando minhas pernas finalmente me levam até a margem do lago, sinto como se o frio tivesse penetrado até meus ossos.

Meu telefone está tocando quando eu chego lá.

"Ei."

A voz de Alex é como mel quente em meio ao frio. "Ei. Tenho novidades."

Prendo a respiração, não pergunto, *não posso* perguntar.

“Minha oferta pela casa foi aceita. Tudo vai acontecer muito rápido.”

Londres. Não ouso ter esperança, mas meu coração traiçoeiro acelera mesmo assim, palpitando como um pássaro alçando voo no meu peito. "A casa que você viu no interior?"

Ouço o sorriso dele, ouço a leveza dele. "Não."

“Não me diga que você vem para Londres”, digo, tão baixo que me surpreendo que ele sequer ouça. Estou parada na beira da água, tremendo, segurando meu celular com as duas mãos. “Não me dê falsas esperanças assim.”

"Escócia."

"EU-"

O que?

"Você ainda está aí, Twist?"

“Eu… vocês… todos vocês… vocês estão se mexendo?”

“Apenas por dois anos.”

Minha mente é uma montagem de Natais em família e jantares animados. Fins de semana visitando-o, um grupo de pessoas assistindo às minhas competições de natação.

É como se a solidão que se instalou na medula dos meus ossos há quase cinco anos estivesse começando a infiltrar-se no solo aos meus pés.

“Alex, eu…” Meu próximo suspiro é um tremor, uma tentativa frustrada de não chorar. “Eu não acredito em você.”

“Isso não é repentino, meu bem. Já estava em andamento há algum tempo, eu só não queria criar falsas expectativas.”

“Mas sua mãe, ela…”

“Há uma ótima equipe em Edimburgo que cuidará dela. E os pais de Jack visitam Sorrowsong a cada dois meses para vê-lo. Eles vão visitar minha mãe todas as vezes.”

Não sei se estou rindo ou chorando. "E as meninas, elas... Fleur. Fleur não pode estar feliz com isso."

"O namorado babaca está se mudando para Londres em busca de melhores oportunidades como modelo, então Fleur está animada. Ingrid e Russell também vão. Mamãe é a melhor amiga deles há vinte anos. Acho que todos nós estamos prontos para deixar nossas lembranças daqui para trás."

Inclino a cabeça para trás, sentindo os leves respingos da chuva, e rio do absurdo da situação.

Ouço uma breve inspiração, seu tom hesitante. "Posso terminar os dois últimos anos do curso de arquitetura que comecei."

“Em Edimburgo? Você falou com eles?”

Sua voz está rouca de emoção. "Bem... sim, mas..."

Ele para de falar, mas eu me apresso em preencher o silêncio. "Alex! Você não me contou!"

“Eu não confiava em mim mesma para levar isso adiante. Depois que nos formarmos, vamos nos mudar, Ophelia. Para onde for melhor para as meninas. Pode ser Londres, pode ser Paris, mas também pode ser de volta para os Estados Unidos.”

"Tudo bem", sussurro, segurando meu celular com tanta força que ele poderia se estilhaçar. "Estarei aí com você."

“Bem, é melhor eu ir. Tenho uma centena de documentos para preencher.”

"Não consigo acreditar que isso seja real."

“Nem eu. Amo você. Te vejo em breve.”

"Eu te amo", eu sussurro, pulando na lama como uma boba.

Eu me visto devagar, meus dedos tremendo demais para amarrar os cadarços das botas.

Um raio de sol atravessa a nuvem, espalhando uma mancha azul brilhante pelo céu branco e inundando de luz os cantos mais escuros do caminho.

Subo a colina com um pouco menos de força do que de costume, e quase me dá vontade de dar meia-volta e correr de volta para a água para contar a novidade ao meu pai, para dizer a ele que estou começando a esquecer o que é o isolamento completo, para dizer a ele para parar de se preocupar comigo.

Mas às vezes penso que ele provavelmente sabia, naqueles treze segundos em que despencou em direção à Terra, que eu ficaria bem. Sua crença em mim nunca vacilou antes daquele dia; não sei por que teria mudado naquele momento.

Mesmo assim, quando flutuo naquele lago, sinto como se estivesse falando em um copo de papel amarrado a um barbante, e eu mataria para que ele estivesse segurando a outra ponta só mais uma vez.

Quando chego aos jardins da mansão Nightshade, Belladonna está lá, pairando entre as duas estátuas de gárgulas rachadas que ficam no final do caminho. Ela franze a testa ao me ver, olhando para mim como se eu tivesse duas cabeças. "Por que você está tão feliz?"

“Estou… simplesmente de bom humor.”

Ela se inclina apenas alguns centímetros, o olhar azul-celeste alternando entre os meus dois olhos. "Você tomou alguma coisa?"

Um risinho escapa de mim, o que só piora as coisas. "Não, claro que não. Será que eu não posso simplesmente estar de bom humor?"

"Você me dá arrepios, Winters", ela murmura, recostando-se novamente. Um leve lampejo de divertimento surge em seus olhos quando ela se vira para sair, e eu me pergunto se ela sabe exatamente o que me deixou de tão bom humor.

Meu celular vibra na minha mão, uma sequência interminável de mensagens animadas das irmãs de Alex chegando.

Uma leve onda de culpa me invade, como se uma família inteira estivesse sendo desenraizada e transferida por minha causa e por causa do meu medo de voar. Mas, como se vivesse dentro da minha mente confusa, Elise envia uma mensagem rara.

Elise
Isso é bom para todos nós. Não só para você, e não só para o Alex. Se você visse como as meninas estão jogando as roupas nas malas, acreditaria em mim. São férias de dois anos.

Ofélia
Sinto que nada disso teria acontecido se Alex não tivesse me conhecido.

Elise
Muitas coisas maravilhosas não teriam acontecido se o Alex não tivesse
te conhecido. Eu te amo. Te vejo em breve.

Guardo meu celular na bolsa de natação, esticando o pescoço para admirar toda a grandiosidade elisabetana da mansão Nightshade. Tirando os buracos de bala em uma das portas, é até que... linda.

Parece que faz uma eternidade desde que estive aqui pela primeira vez, observando Vincenzo e Alex com o coração cheio de ódio e uma vida desprovida de qualquer afeto.

Eu estava errado — errado sobre eles, errado sobre tantas coisas. Sorrowsong não é minha ruína. É minha chance de um novo começo.

Capítulo 29

ALEX

Estaciono de ré na vaga de estacionamento reserva de Carmichael justamente quando a chuva começa, enchendo o ar ameno de setembro com o aroma intenso de terra úmida.

Leva um pouco mais de três horas de carro da nossa casa até o Castelo de Sorrowsong, e nesse tempo eu vivenciei as quatro estações do ano.

Não consigo acreditar que já faz um ano desde que estacionei meu carro nesta vaga pela primeira vez, com uma ruiva desgrenhada e miserável no banco do passageiro.

Minha vida está irreconhecível em comparação com como era antes. O cinza se dividiu em todas as outras cores. Ofélia costurou um fio de esperança na nuvem negra que habita minha mente.

As primeiras seis semanas na Escócia foram tão caóticas quanto eu esperava. As meninas estão se adaptando, algumas melhor do que outras. Fleur e Evie começaram a fazer trilhas. Mia busca ingredientes para cozinhar nos amplos jardins da nossa casa. Charlotte e Élé estão nervosas com a escola. Minha mãe está mais em paz do que nunca, livre da sombra que meu pai projetava sobre ela, livre das lembranças que atormentavam a casa em Manhattan.

Ela não está curada, nem de longe. *Eu também não estou* curado, nem de longe. Mas parece que estamos na parte rasa, sem precisar ficar boiando.

Deixo minhas malas no carro e encontro Belladonna me esperando na ponte levadiça, *quase* sorrindo.

Ela é uma aluna extremamente dedicada, a melhor da turma — a melhor da universidade — então o fato de ela ter que ficar aqui um semestre a mais porque faltou a um trabalho para viajar de volta a Nova York quando minha mãe desmaiou não é algo que eu encare com leviandade.

Os Morellos representam tudo aquilo que estou tentando eliminar da minha vida, mas prefiro morrer a perdê-los.

Ela coloca um molho de chaves na minha mão, seguido por um cartão de acesso à mansão Nightshade. "Talvez eu tenha mudado um pouco os cômodos de lugar. Você já contou para ela?"

“Não. Mas espero mesmo que ela fique satisfeita.”

“Ela vai ficar satisfeita. Tudo o que ela fez esta semana foi ficar de mau humor.”

Parece a minha namorada.

Eu nunca odiei Sorrowsong, não da mesma forma que Ophelia. Mas suponho que isso faça sentido — foi construída para pessoas como eu, pessoas ricas o suficiente para não temer a lei.

As florestas ao meu lado desvanecem-se em cem tons de cobre e ouro, repletas de veados vermelhos e raposas. O castelo é uma obra-prima da arquitetura gótica: tetos sustentados por abóbadas de nervuras e janelas que se arqueiam em pontas agudas. Sombras envolvem cada estátua, a luz do dia começa a dissipar-se.

A estufa vitoriana brilha com a chuva que surge entre os pinheiros, as dobradiças de ferro rangendo quando abro a porta. Lá dentro está ainda mais escuro, mas eu a avisto imediatamente. Ela está deslizando pela água, absorta em seu próprio mundo, como sempre faz quando está nadando.

Não sei por quanto tempo a observo deslizar pela superfície. Nunca consegui realmente ter noção do tempo perto dela. Quando minha mente embriagada de amor finalmente convence minhas pernas a se moverem para frente, ela já parou para conferir as horas em seu relógio.

Ela se assusta, o alarme se transformando em choque ao ver que sou eu.

“Eu… uhh… *o quê* ?”

"Oi", digo, sem nem tentar disfarçar o sorriso. "Meu nome é Alex."

“Nossa, Sherlock. Por que você está aqui?”

Minha querida namorada. Sempre tão feliz em me ver.

Ela deve ler meus pensamentos, porque joga os óculos de natação na borda da piscina e diz: "Quer dizer, *oi* , obviamente. Mas também... o quê?"

Eu me inclino e estendo a mão para cumprimentá-la, como se fôssemos estranhas. Como se ela não fosse o ar nos meus pulmões e a razão pela qual eles ainda funcionam. "Sou nova por aqui."

Ela está rindo agora, como se eu tivesse perdido a cabeça. Acho que perdi mesmo. As estradas britânicas fazem isso com qualquer um. A mão dela desliza para dentro da minha. "Você... você *o quê* ?"

"Acabei de começar meu segundo ano. Pensei em vir e convidar a garota

mais bonita daqui para sair."

“Em Edimburgo, Alex. Você está a cerca de 320 quilômetros daqui.”

“Em Sorrowsong.”

Seu rosto empalidece. Vejo o que vejo sempre que algo de bom surge em sua vida: o vislumbre de esperanças radiantes e a maneira como ela as extingue, por precaução. "Não entendo."

"Há algum tempo, deixei meu orgulho de lado. Liguei para Carmichael e implorei para que me deixasse terminar o curso que comecei em Yale aqui."

Se a piscina não fosse rasa o suficiente para ela ficar em pé, eu me preocuparia que ela entrasse em choque e se afogasse. Ela gagueja e fala de forma confusa. "Mas sua mãe. Suas irmãs. A viagem dura mais de três horas."

Sua mão ainda está na minha, seu corpo inteiro congelado. "Vou para casa todo fim de semana, todo feriado. Vou para casa quando minha mãe precisar de apoio extra. Mas ela está ótima agora, as meninas começam a escola esta semana. Foram elas que me incentivaram a fazer isso. E é muito melhor do que um voo de sete horas para Nova York, sem dúvida. São dois anos. Sobreviverei a dois anos de viagens panorâmicas de carro às cinco da manhã se isso significar que poderei acordar e adormecer ao seu lado."

Ela abre a boca. Fecha. Abre de novo. Fecha. Ri. Levanta a mão livre num gesto de *"que porra é essa?"* .

Ela me puxa para dentro da piscina antes que eu possa impedi-la, e meu corpo inteiro afunda. A água deveria ser aquecida, mas o frio penetra por baixo da roupa e me deixa sem ar. Quando saio da água, ela está ofegante e rindo baixinho, as sardas desaparecendo rapidamente em meio ao rubor rosado que toma conta de suas bochechas.

Minhas mãos gravitam em direção à sua cintura, puxando-a para mim. O calor da sua pele penetra na minha, derrete meu coração, aquece meu sangue. Sua testa se pressiona contra a minha, e nossos lábios estão dolorosamente perto de se tocarem.

“Se isso for uma brincadeira, é uma brincadeira cruel”, diz ela, com a voz quase inaudível por causa do barulho da água ao nosso redor.

“E se for realidade?”

“Então é muito mais do que eu mereço.”

Sorrio, segurando o rosto dela entre minhas mãos enquanto as palavras da minha mãe ecoam na minha mente: "Nós nos merecemos".

A água escorre pelo seu lábio inferior, fazendo com que seus cílios castanhos se unam. "Você está hospedada na mansão Nightshade?"

Minhas mãos deslizam pelas costas dela, levantando-a para que suas pernas se enrolem em meus quadris. "Conseguimos um quarto *muito* bom para nós. Mas vamos manter o seu atual também, caso você precise de um tempo sozinha."

“Isso *não pode* ser real.”

Vejo isso em seus olhos, a incredulidade de que ela mereça um final feliz, a necessidade de negar a si mesma coisas boas, de erguer muros ao redor do seu coração.

Mas tudo bem, porque sou paciente. Desmontarei essas paredes tijolo por tijolo, se for preciso. Deixe que ela acrescente tijolos, se isso a fizer sentir-se segura. Se eu precisar de dois anos, 730 noites, para convencê-la de que ela merece ser feliz, então serão 730 noites bem aproveitadas.

"Eu te amo", murmuro, as palavras tão presentes na ponta da minha língua ultimamente que devem ter se tatuado ali.

Ela me cobre de beijos, como se nunca se cansasse de mim. Cada um deles é como uma mão que volta no tempo, curando aquela criança dentro de mim que só queria ser aceita pelo pai.

As mãos dela percorrem o tecido branco e molhado da minha camisa. " *Porra*. Eu te amo mais."

Sua boca se torna mais faminta, os dentes cravando-se no meu lábio inferior. Engulo seu gemido, deixando-o descer cada vez mais até se tornar uma bola quente de desejo no fundo do meu abdômen.

Ela se afasta, os olhos brilhando de desejo. "É socialmente aceitável transar em uma piscina comunitária?"

“Como é que eu vou saber?”

“Você é quem tem… experiência.”

"Eu esqueci tudo o que aconteceu antes de você usar aquele vestido sem costas no seu encontro com o Shawn."

“ *Ah.* Como pude esquecer? A Grande Aula de Criptomoedas do Primeiro Ano.”

“Diga, Ophelia”, digo, imitando o Shawn da melhor forma possível, “eu sei que você só está tentando sobreviver ao dia, mas já tentou diversificar seus investimentos para além dos ativos financeiros tradicionais?”

“Ah, não sei, Shawn”, ela responde, piscando os cílios para mim. É sarcasmo, mas mesmo assim me excita. “Você já tentou se dobrar ao meio e se enfiar no triturador de papel?”

Minha risada ecoa pela enorme estrutura de vidro, enquanto o suave tilintar da chuva começa em algum lugar acima de nós.

"Acho que Belladonna *me* colocaria no triturador se soubesse que transamos aqui", digo, para grande decepção de Ophelia. "Vestiários?"

“A vacina antitetânica parece uma ótima maneira de começar o ano.” Ela baixa os olhos para minha camisa molhada, o peito subindo e descendo a cada respiração pesada. Seus dedos deslizam pelo tecido que cobre meu ombro, e sua testa se franze ao ver a sombra desconhecida embaixo. “O que é isso?”

“Dê uma olhada”, sussurro, observando seus dedos delicados desabotoarem mais alguns botões até que ela consiga arrancar a camisa da minha pele. Seus olhos se arregalam com o que vê, mas não consigo desviar o meu.

Seu toque percorre o pisco-de-peito-ruivo no meu ombro esquerdo, as asas abertas enquanto ele alça voo com os outros pássaros que cruzam meu corpo. É o único com alguma cor: uma faixa laranja no peito. "Quando?"

“Há algumas semanas.”

“ *Alex.* ”

“Você coloriu o mundo, Ofélia. É o mínimo que eu poderia fazer.”

“E você me ensinou a voar”, ela murmura, baixinho. Seus olhos voltam a encontrar os meus, cheios de vida. “Você está mesmo *apaixonado* , Corbeau.”

Irresistivelmente, calamitosamente ruim. "E você, Winters."

Sua boca está quente e úmida quando encontra a minha novamente. "Ah, que se dane", ela murmura, deslizando as alças do maiô pelos ombros.

Ela é tudo. Ela é as palavras, as pistas, os espaços em branco que mantêm todo o quebra-cabeça unido. Ela é cada cor do meu estojo de tintas e o pincel que as transforma em algo belo.

Ela é a única coisa que eu tinha medo demais para sonhar que ela seria:

Meu.

Epílogo

ALEX

QUATRO ANOS DEPOIS

Uma das coisas que mais gosto na Ophelia é como ela fica vermelha quando canto "Parabéns pra você" para ela todos os anos.

Este ano não é exceção, o rosto dela enterrado nas mãos enquanto eu canto o verso final, acendendo velas vagabundas de posto de gasolina espetadas de qualquer jeito em biscoitos amanteigados e balas de goma. "Vinte e cinco. Como se sente?"

Suas bochechas ficam ainda mais rosadas quando ela se inclina para a frente para soprar os lábios. Seu vestido floral — um presente de aniversário meu — cola-se ao corpo de um jeito que me faz desejar muito que não tivéssemos planos para a noite. "É uma sensação..." Ela se deita na grama, olhando para as folhas cor de cobre da árvore acima de nós com um suspiro de satisfação. "É tão tranquilo."

Nosso fim de semana de folga para comemorar seu aniversário de vinte e cinco anos sempre tinha que ser na Escócia. Sentimos muita falta de lá desde que fomos embora depois da nossa formatura, há dois anos.

Os primeiros sinais do outono começam a surgir na paisagem. O sol pinta seus cabelos com tons de vermelho e dourado, e as folhas desbotam do amarelo para o laranja.

Laranja é minha cor favorita.

É Ofélia. É o meu estado de espírito em tantos dias, ultimamente. É a tonalidade do pequeno diamante que fica tão bonito no dedo anelar dela. É o pôr do sol onde me casei com ela no ano passado, as flores no bolso do Vincenzo enquanto ele a acompanhava até o altar. É o fogo que crepita na lareira da nossa casinha caindo aos pedaços, mal isolada e um verdadeiro poço sem fundo, no interior da Inglaterra. São os feijões com torradas que a Josie, a Charlotte e a Élé

comem antes da escola.

É o pisco-de-peito-ruivo que ficava pousado no parapeito da janela da minha mãe durante suas últimas semanas.

Sobrevivi à morte da minha mãe. De alguma forma, *todos* nós sobrevivemos.

Pensei que não conseguiria, mas aqui estou. Vivo e grato.

Se eu pensava que conhecia o luto depois que meu pai foi preso, estava *muito* enganada. Esse luto parecia inescapável, insuportável, completamente e absolutamente avassalador. Afogou o tecido delicado dos meus pulmões em alcatrão, encheu meu crânio de chumbo, acorrentou meus membros à cama.

Na maioria das noites, eu não conseguia respirar, não conseguia trabalhar, não conseguia falar, enquanto tentava desesperadamente entender um mundo onde minha mãe morreria e meu pai viveria.

Foi Ofélia quem nos obrigou a comer, Ofélia quem explicou tudo para Josie repetidas vezes com a paciência de uma santa, Ofélia quem esteve ao meu lado no velório e terminou o discurso que eu não conseguia terminar. Foi Ofélia quem me disse que o mundo *nunca* faria sentido, e que quanto mais cedo eu aceitasse isso, melhor. Quando as meninas iam dormir todas as noites e eu desmoronava, era Ofélia quem me reconstruía como se eu fosse um quebra-cabeça que ela conhecia tão bem que conseguiria resolvê-lo de cabeça para baixo e de olhos vendados.

Naqueles dias em que sentimos tanta falta dela que parece insuportável, *ainda* é Ofélia quem nos guia.

Todos os seus pacientes na clínica onde trabalha como conselheira de luto infantil não poderiam estar em melhores mãos.

Em algum lugar, em algum momento, devo ter feito algo certo.

“Velas, que droga. Uma completa perda de tempo”, resmunga ela, enquanto me entrega um biscoito amanteigado salpicado com cera de vela laranja.

"O mundo virou uma merda", murmuro, repetindo a frase favorita de Mabel, que mora na cabana minúscula no fundo do nosso jardim. Só Ofélia para fazer amizade com uma senhora idosa num avião e se apegar tanto a ela a ponto de adotá-la como avó para todos nós.

Ela envolve os lábios no biscoito amanteigado, torturando-me sem querer. Eu estraguei tudo fazendo planos para nós hoje à noite. Preferia reviver a noite passada. "Realmente vingou."

Deito-me ao lado dela, o sol do início de setembro como um cobertor quente e macio sobre a minha pele. Parece surreal. Todos os dias parecem surreais com ela.

Passo o dedo pela capinha transparente do celular dela, pela página de palavras cruzadas arrancada que está lá dentro. Percorro todas as letras que estão nos quadrados cinza sombreados, escritas às pressas em um dos melhores dias da minha vida. Só que a Ophelia errou uma dica, então as letras sombreadas formam a palavra *MARAY ME* .

Teve o mesmo efeito, no entanto.

“Saúde!”, diz ela, batendo seu biscoito amanteigado no meu como se fosse uma taça de champanhe.

“Para você que está completando vinte e cinco anos.”

“E para a Raven Architecture, que acaba de conquistar seu primeiro grande projeto!”

Isso também parece surreal. Projetar um prédio universitário em Londres parecia um projeto absurdo para o nosso terceiro ano de atividade, mas eu contratei alguns dos melhores arquitetos do mercado, dediquei tempo para construir a empresa com cuidado e, depois de um primeiro ano lento e mais dois anos tentando provar meu valor, está começando a dar frutos.

Se o sobrenome do meu pai tinha que estar atrelado à empresa que corroeu seu intelecto, corroeu nossa vida familiar, corroeu minha própria infância, então tinha que ser o nome da minha mãe na empresa que representa a última peça do dominó caindo na visão que meu pai tinha para seu primogênito.

Eu não voltei a visitá-lo. Nem uma vez sequer. Atendo sua ligação no Natal todos os anos, ouço suas desculpas. Desejo-lhe um feliz Natal e desligo, e assim como no dia em que saí da sala de visitas da última vez que o vi, não sinto nada.

“E que Robert se casou com Jacqueline!” Ophelia interrompe, trazendo-me de volta à realidade. *Maldito Robert.* Roubou minha assistente e depois casou com ela.

“E para Mia, que conseguiu seu primeiro emprego em um restaurante.”

Chorei tanto quando Mia se mudou há dois meses que Ofélia pensou que alguém tivesse morrido.

"E a Evie conseguindo um papel em um espetáculo no West End", ela diz, como se não acreditasse que ainda não tivéssemos falado sobre isso.

Tivemos muitas vitórias este ano. Gostaria que minha mãe estivesse aqui para vê-las.

“Reservei a primeira fila inteira para nós.” Deixei escapar meu suspiro mais exasperado, que se dissipou no céu sem nuvens. “E um brinde à Fleur, eu acho.”

Ela aperta os lábios para conter o riso. Fleur está noiva. Toda essa provação me tirou dez anos de vida. Nesse ritmo, vou ficar grisalha aos trinta. Eu *não*

aprovo, mas Ofélia aprova, e suponho que isso seja um pouco reconfortante.

Ela se apoia em um cotovelo, olhando para mim lá do alto, no prado. Seu cabelo está mais comprido, as unhas mais compridas, as sardas mais escuras por causa do tempo que passou ao ar livre. Uma pequena tatuagem de linhas finas decora sua clavícula, idêntica à que tenho no dedo anelar. Um pequeno círculo com uma linha que vai do centro até o topo. Um relógio marcando meia-noite.

Ela continua sendo aquela garota pessimista e mal-humorada que eu quase atropelava do lado de fora dos portões retorcidos de Sorrowsong. O sol a deixa irritada e com calor, canudos de papel a transformam em assassina. Musicais e o espírito natalino a fazem nunca mais querer sair de casa.

Mas agora ela exibe uma confiança, um brilho saudável sob a pele pálida que antes tinha um tom azulado. As olheiras são fruto do nosso amor por banhos noturnos juntos, e não dos pesadelos que costumavam atormentar seus sonhos.

Criar meninas é muito mais fácil com um modelo tão perfeito para elas em casa.

Ela afasta meus cabelos desgrenhados da minha testa, e um pequeno sorriso se forma em seus lábios. "O que está te incomodando?"

Eu me inclino para dar um beijo suave em seus lábios. "Que eu queira que você viva até os cento e vinte e cinco anos."

"Eu ficaria enrugada como uma ameixa seca."

"Eu adoraria isso."

Ela bufa, sua cabeça pousando no espaço entre meus bíceps e meu peito. "Não, você não faria isso."

Mal consigo conter o sorriso o suficiente para beijá-la. "Hum. Eu levaria essa ameixa seca para casa. Beijaria nela. Daria um cobertor para ela. Passaria manteiga em uma torrada."

O riso dela faz o sol parecer sem graça enquanto ela me empurra de brincadeira. "Você está falando besteira, Corbeau."

Mas eu não sou. Vi minha mãe morrer sem uma ruga sequer, e os pais de Ofélia morreram antes de seus cabelos ficarem grisalhos, então a possibilidade de ver o tempo esculpir linhas em seu lindo rosto é o meu desejo de aniversário todos os anos.

Ela se senta, resmungando algo sobre como ruivos não foram feitos para o sol. Isso me dá a oportunidade perfeita para checar meu celular. Tenho um monte de mensagens não lidas no grupo de bate-papo sobre a festa surpresa dela hoje à noite.

Talvez *chamar de festa* seja um exagero. Mas vamos todos nos sentar ao som

de música em um volume razoável, em volta de tigelas grandes de salgadinhos de vários sabores, do jeito que ela gosta.

Ainda em Sorrowsong, concluindo seu curso de medicina, Divya não viajou muito, mas para os outros — para Colette, Fleur, os gêmeos, Vin, Belladonna, Magda, Mabel, Jack, todos os seus amigos do trabalho — vir para a Escócia é um longo dia de viagem. Espero que isso ajude Ophelia a perceber o quão importante ela é para tantas pessoas. Que as famílias não precisam ser unidas por laços de sangue. Que ela teceu seu pequeno fio de cobre no coração de tantas pessoas, uma teia que se estende pelo mundo todo.

Colette envia uma foto da sala de estar da casa que alugamos para o fim de semana, decorada com almofadas, balões e cupcakes de framboesa que parecem tão bons que só poderiam ser obra da Mia.

Alex
Não deixe que Vincenzo coma todos eles.

Vincenzo
Bem, isso é grosseria.

Flor
Ele está literalmente com um na boca enquanto digita.

Divya
Alex, volta aqui. Todo mundo está me enlouquecendo.

Evie
Estamos com fome.

Mia
Mabel já tomou quatro taças de xerez. Ela quer saber se tem uma máquina de karaokê.

Alex
Se houvesse uma máquina de karaokê, Ofélia fugiria da própria festa.

Vincenzo
Porque sou uma ótima cantora?

Jack
Se a Vinnie estivesse no microfone, eu sairia correndo para o lado dela.

Beladona
Se o Vinnie estivesse no microfone, todos nós sangraríamos pelos ouvidos e morreríamos.

Reprimo meu sorriso e desligo o celular diante da enxurrada de mensagens no grupo de bate-papo. "Quer ir?"

Ela se vira para mim, sentada ali, os cabelos na nuca brilhando, iluminados por trás pelo sol. As mechas mais rebeldes parecem pegar fogo, um brilho quente banhando seu vestido. Gostaria de ter minhas tintas comigo, mas me contento com uma foto rápida dela no celular.

Ela entrelaça sua mão na minha quando nos levantamos, tirando as folhas da barra do vestido. "É melhor mesmo. Estou com fome."

O relógio na cozinha parece fazer um tique-taque tão alto na casa silenciosa, os ponteiros já passam das duas da manhã.

Todos estão dormindo, menos nós, amontoados desordenadamente nos quartos de hóspedes e nos sofás das salas de estar. Esta casa está tão cheia de amor e risos que me surpreende que as paredes não estejam cedendo, curvando-se sob o peso de tudo isso.

Mas sinto falta dos pequenos.

Ela suspira melancolicamente. "É triste eu sentir falta de Jo, Élé e Charlotte?"

Eu rio e coloco uma xícara de chá na frente dela. "Eu estava pensando a mesma coisa."

Ophelia me lança um sorriso sonolento e meio tonto de onde está sentada à mesa da cozinha. Seu rímel está borrado e, de alguma forma, há molho de pizza na alça do seu vestido.

Apaixonar-me não é a descrição certa. Estou em queda livre desde que a conheci, e não parei desde então. Todos os dias, quando penso que finalmente encontrei o fundo do poço, que meus sentimentos por ela não poderiam ficar mais intensos, ela faz algo que me faz desabar novamente.

“Essa foi uma das melhores noites da minha vida”, diz ela, com a voz tão suave que mal quebra o silêncio.

“E a minha.”

"Obrigado."

" *Obrigado* ."

Seus olhos se enrugam nos cantos, se enchendo de ternura. "Nós nos merecemos."

Não tenho certeza se algum dia a merecerei, mas concordo de qualquer forma. "Com certeza."

Eu me encosto na bancada de carvalho, com os olhos percorrendo a cozinha. A pia está transbordando de pratos, tigelas, talheres, garrafas de vinho, taças e copos. A bagunça se espalha pela pia de escorrer e pela bancada. Uma pilha de papel de embrulho e envelopes abertos cerca a lixeira transbordando. Há tantos

sapatos e casacos na porta da frente que eu não conseguiria abri-la mesmo se quisesse.

Ultimamente, tenho sempre receio de reclamar da bagunça, de desejar que ela desapareça ou de me apressar em arrumá-la.

Nunca me esquecerei da casa dos pais de Ofélia naquele primeiro Natal. A ausência de bagunça, a falta de *coisas* , a ausência de tigelas na pia. Sei, pelo jeito como ela está olhando, com os olhos vidrados, para a louça na bancada, que ela está pensando a mesma coisa.

Eu lhe prometi uma vez que ela nunca mais conheceria aquele silêncio horrível, que corrói os ossos e esmaga a alma, e é uma promessa que jamais quebrarei.

Caminho até a mesa, paro atrás dela e envolvo sua cintura com meus braços. Meu queixo repousa no topo de sua cabeça. "Você estava linda esta noite."

“Se eu fosse, seria culpa sua.”

Deposito um beijo em seus cabelos na tranquilidade do momento, minhas mãos deslizando pelas curvas de sua cintura. "Quero me casar com você."

Ela inclina a cabeça para o lado, permitindo-me acesso ao seu pescoço. "Você já fez isso."

Minhas mãos afundam na pele macia de seus quadris, meus lábios depositando um beijo delicado abaixo de sua orelha. Sou ganancioso quando se trata dela, egoísta e faminto. "Quero fazer isso de novo."

Sei que ela está sorrindo pelo jeito que seu pescoço se move. Conheço seu corpo tão bem quanto o meu, poderia esculpi-la em argila de memória. Ela é uma estrada que venho percorrendo há cinco anos, cada curva mais atraente que a anterior. A cada aniversário, desejo ter mais tempo para percorrê-la. "Continue me trazendo torradas todas as manhãs e talvez eu deixe."

Giro a cadeira para que fique de frente para mim, as pernas raspando no piso irregular de terracota. Levanto-a sobre a mesa sem esforço, deslizando as mãos pelas suas coxas até franzir o vestido na altura da cintura.

Puta merda.

Ela deve ter percebido meu desespero na minha expressão, porque uma risada embriagada escapa dela. "Estou igual a ontem. E anteontem."

Balanço a cabeça, passando o dedo pela dobra onde suas coxas e quadris se encontram. "Você está ainda melhor. *De novo.* Achei que tínhamos combinado que você pararia com essa história de ficar mais bonita. Não é justo comigo."

O riso dela é mais alto e tão doce que eu não me importaria se ela acordasse todo mundo. Os dedos dela se enroscam nos passadores do meu cinto, me

puxando para mais perto. “Três palavras. Uma, quatro e três. *Eu poderia dizer cem vezes e ainda não seria o suficiente.* ”

Puxo o vestido dela para baixo e a pego no colo, carregando-a em silêncio pelas escadas velhas e rangentes até o quarto. Ela já está dormindo quando termino de limpar o rímel dos seus olhos.

Meus lábios roçam os dela enquanto apago a lâmpada, que se equilibra precariamente sobre seus livros de palavras cruzadas e meus cadernos de desenho. O quarto mergulha na escuridão, mas o mundo ao meu redor explode em cores tão vibrantes que quase consigo senti-las no paladar. "Eu te amo muito mais."


GREEN

CONTINUE LENDO PARA UM CAPÍTULO BÔNUS EXCLUSIVO

TRÊS MESES DEPOIS

Respire, respire, respire.

Eu me impulsiono para a frente na piscina gelada demais, e é no momento perfeito. Pela primeira vez. Minhas pernas me afastam do azulejo e eu volto a nadar.

Mesmo para os meus padrões — muito mais elevados nos últimos meses — sei que isto vai ser um bom momento. E cada vez que meu ouvido esquerdo emerge da superfície, consigo ouvir os gritos e vivas ecoando pela estufa de Sorrowsong.

Meus braços estão queimando, meus pulmões estão em chamas, não tenho *certeza* se minhas pernas ainda estão no lugar, e ainda assim acho que talvez eu esteja... me divertindo? É um conceito novo, descoberto recentemente: nadar por prazer. Não por medalhas, não para passar o tempo e não para afastar a tristeza e o desespero.

Quando minha mão toca o azulejo pela última vez e eu tiro os óculos de natação, inspirando profundamente, Belladonna acena para mim, parada na borda da piscina. *"Recorde pessoal"* , ela sussurra, e, com certeza, é o meu melhor tempo de todos os tempos.

Não basta ganhar a corrida — uma garota da Universidade de Bath vai literalmente para as Olimpíadas — mas o segundo lugar é o suficiente.

Quando tiro o boné, uma palavra se destaca acima do zumbido disperso na estufa, cantada mais alta e clara do que o resto da conversa. *Ofélia, Ofélia, Ofélia* . Viro-me para encará-los, aquela pequena multidão reunida à minha esquerda, que está ali *só* por minha causa. Dir-se-ia que eu tinha batido um novo recorde mundial, a julgar pela forma como Alex e Vincenzo estão a festejar.

Mia, Evie e Fleur estão aqui, acenando com fotos impressas do meu rosto espetadas em palitos de madeira. Elise também está aqui, enrolada em um casaco grande e um cachecol que cobre a maior parte do rosto. *Todas* estão acenando, e

é tão ridículo, considerando que a maioria dos outros assentos está vazia. Talvez eu seja a única universitária do país cuja família apareceu em um evento esportivo, mas não me importo. Perdi isso nos últimos anos do ensino médio. Não vou mais considerar isso como algo garantido.

Há um assento vazio ao lado de Elise, e eu simplesmente sei que, de alguma forma, meu pai está lá, gritando e berrando daquele jeito que eu sempre disse a ele que era constrangedor.

Alex sussurra algo para mim. *"Eu te amo pra caralho", penso. "Eu adoro transar com você"* , respondo sem emitir som, e ele ri.

Saio da piscina, calço as chinelas e sorrio para o piso de azulejo antiquado como uma completa idiota. Uma toalha envolve meus ombros, um carinho sussurrado no topo da minha cabeça.

“Eu também adoro transar com você.”

"Mais tarde?"

Alex me vira para encará-lo. "Acho que não vamos escapar da noite de pôquer do Vincenzo. Ele literalmente colocou no meu calendário para que eu não possa esquecer."

Dou uma olhada por cima do ombro na direção de Vinnie, onde ele está deixando Mia e Evie baterem nele com versões de papel do meu rosto. "Uma noite de pôquer parece ótima, na verdade. A que horas você termina o rúgbi?"

Seu polegar limpa uma gota d'água do meu queixo, o olhar desviando-se para meus lábios por uma fração de segundo. "Sete." Sua expressão se torna esperançosa. "Mas eu não *preciso* ir?"

“Sim, você quer, seu insaciável.” Eu o empurro no peito, mas ele não se afasta de mim. Nunca se afastou. Nunca se afasta. “Vá assistir ao rúgbi. Jogamos pôquer depois.”

Seu lábio inferior aparece, mas aqueles olhos verdes brilham, e *meu Deus* , ele é tentador. Mas há algo em Alex, com vinte e quatro anos, vivendo como um jovem de vinte e quatro anos deveria: dois meses de treino de rúgbi, noites de pôquer, bebidas com os amigos, ressacas, comida para viagem e manhãs preguiçosas. Aquela nuvem de tempestade sobre seus ombros parece diminuir a cada vez que o vejo, Jack e Vinnie, subindo correndo o caminho até a mansão.

“Não é bem a hora nem o lugar para”—Belladonna aparece ao nosso lado, gesticulando em nossa direção—“seja lá o que for isso. Vocês dois são insuportáveis. Vejo vocês no vestiário, Winters.”

Alex sorri para mim. "É melhor não irritar o chefe."

"Vou sentir saudades dela." Belladonna está em suas últimas semanas em

Sorrowsong, e isso me deixa alarmantemente triste. "A gente se vê depois?"

"Mais tarde."

Encaro minha mão, um full house, com uma expressão que espero que diga " *oh não, estou tão triste com a minha mão"* .

“A casa de Ofélia está cheia”, diz Belladonna, quebrando o silêncio.

"O quê?" Aperto minhas cartas contra o peito. "Eu *não* ..."

“Você é péssimo em fingir que está triste.”

"Bem, talvez eu tenha um royal flush", respondi bruscamente, por cima da risada de Alex.

“Se você tivesse um royal flush, ficaria tão animado que nem conseguiria parecer triste.”

“Alex!” eu grito. “Me defenda!”

Alex para de rir o suficiente para se inclinar e dar uma espiada nas minhas cartas. Isso estraga o jogo, mas já faz horas que estamos jogando e Belladonna já não tem mais nada para ganhar. Vincenzo e Colette estão bêbados. Divya está furiosa com toda a situação, insistindo que *deve* ser tudo armado. Alex está tão ocupado passando os dedos na barra da minha saia que não consegue se concentrar no jogo, e eu estou perdendo sem motivo aparente.

Minhas orelhas, peito, nariz e bochechas parecem corar a cada toque de mão, enquanto Belladonna permanece pétrea e impassível, com o rosto envolto em sombras, enquanto estamos todos espalhados pelos sofás Chesterfield na biblioteca Nightshade.

"Nossa, que mão feia", murmura Alex, tentando me socorrer.

Belladonna franze a testa. "Você costumava ter fibra moral, Corbeau."

Os dedos de Alex deslizam por baixo da minha saia, percorrendo a meia-calça que cobre minhas coxas. Se ele subir mais um pouco, vai descobrir que são meias. "Eu fiz isso? Não me lembro."

Belladonna revira os olhos para nós, mas não consegue apagar *completamente* aquele pequeno lampejo de carinho neles. Colette mostra suas cartas para Vincenzo, perguntando pela trigésima vez se um ás é bom ou ruim.

O polegar de Alex desliza um pouco mais para cima, e eu perco a concentração no jogo. Belladonna provavelmente ganha. Não sei. Na verdade, não me importo.

Jack embaralha as cartas enquanto Vinnie enche os copos. Todos estão rindo de alguma coisa, mas eu estou presa na forma como meu pulso se moveu do meu peito para a parte superior das minhas coxas, o toque quente dos dedos dele

queimando um caminho ao longo da minha pele.

"Não podemos jogar Scrabble?", pergunta Divya.

Me animo com isso, a promessa de peças com letras e jogos de palavras é suficiente para me distrair do meu namorado absurdamente atraente, aparentemente. " *Sim* !"

"Scrabble é para covardes", murmura Belladonna, e Vincenzo inclina o copo em sua direção em sinal de concordância.

“Isso não faz o menor sentido.”

“Podemos jogar, mas se alguém colocar *‘zoológico’* em uma palavra tripla, eu saio do Sorrowsong mais cedo.”

Mais um centímetro e ele já está na minha pele lisa e nua. Ouço o gole de uísque de Alex falhar na garganta. Seus dedos se agarram ao tecido que cobre minhas pernas, como se ele mal pudesse acreditar na própria sorte. Ele se levanta e fica de pé atrás do sofá com as mãos nos meus ombros antes que eu consiga respirar novamente. "Ophelia e eu precisamos ir para a cama."

"O quê? Não, você não vai", resmunga Vincenzo.

“Preciso dirigir até a casa da minha mãe e das meninas pela manhã.”

Vincenzo o encara com desdém, estreitando os olhos de um jeito que diz *"Não posso discutir com essa desculpa, mas sei que é mentira"* . Alex vai dormir tarde e acorda ao raiar do dia na maioria dos dias.

Ele entrelaça sua mão na minha e me puxa para cima, depositando um beijo suave atrás da minha orelha. "Você está feliz em ir, Twist?", pergunta ele, em uma voz baixa o suficiente para que só eu ouça.

Engulo em seco, minha voz está rouca. Espero que a biblioteca esteja escura o suficiente para que os outros não percebam como meu rosto fica vermelho. "Sim."

Dei boa noite aos outros, distraída por Alex, suas mãos, suas coxas, seus olhos e seu cabelo. Ele nos guiou entre prateleiras empoeiradas de livros esquecidos, suas duas mãos largas envolvendo minha cintura. Ele parou atrás de mim, em algum lugar entre livros de medicina desatualizados e textos em latim, e então cravou os dentes no meu ombro com um rosnado rouco. "Eu poderia te foder aqui mesmo."

Deus lá em cima . "Você faria isso?"

O som que escapa dele é torturante. "Isso é um pedido?"

"Sim."

Ele beija o lugar onde seus dentes estiveram, apertando meus braços ao redor de mim. "Outra hora. Passei o dia todo pensando em te levar para a cama."

Ele me envolve em seus braços antes que eu possa responder, carregando-me sem esforço pela escada em espiral até o terceiro andar, e é a leveza em seus passos hoje, a facilidade com que ele ri, que me enchem de esperança para o futuro. Ele está cumprindo sua promessa; me consertando assim como eu o estou consertando.

AGRADECIMENTOS

Ao Sr. Woods (o modelo original de saudade), que, enquanto digito isto, está me preparando um chocolate quente à 1 da manhã para me dar energia para cumprir meu prazo. Eu te amo muito, sou muito grata por compartilhar a vida com você.

Meus pais maravilhosos e meu irmão gêmeo, que, apesar dos meus mais valentes esforços para dissuadi-los, infelizmente lerão este livro. Amo vocês.

À minha agente, Daisy, pela incrível quantidade de carboidratos que você me forneceu ao longo do último ano e pela sua suspeita fé em mim.

Rosie, Becky e toda a minha incrível equipe de agentes da PFD, que tornam todos os meus livros e traduções possíveis — muito obrigada! Nunca vi uma organização tão incrível e implacável (por favor, venham me ajudar a organizar minha vida).

Para Kinza, Clare, Meg, Chloe e toda a equipe da Pan Macmillan que realizaram tantos dos meus sonhos editoriais. Sou muito grata pela crença e entusiasmo de vocês por Sorrowsong!

Nicole e a fantástica equipe da Zando Slowburn, por todo o apoio e ajuda inestimáveis que tornaram a história de Alex e Ophelia realidade.

A todos os meus tradutores e equipes no exterior, estou muito feliz que Alex e Ophelia encontrarão tantos leitores em tantos idiomas, tudo graças ao trabalho árduo de vocês.

Ada e Julia—eu estaria tão perdida e tão entediada sem vocês duas. Tenho muita sorte de tê-las por perto!

Para minha querida amiga Erin, por quem sou imensamente grata.

Somme, Kath, Ali, Ellie, Jess, Ki, Carol-Anne, EJ, Stef, Zarin, Meg, Georgia, Rebecca, Soraya — o melhor sistema de apoio que eu poderia desejar!

Para Emily, por mais uma capa maravilhosa.

Para vocês, leitores! Se vocês me seguem no Instagram, já devem ter me visto, com muita frequência, enviando mensagens de agradecimento mal editadas e confusas. Mas cada palavra é sincera — sou verdadeiramente grata por compartilhar essa história com vocês. Nada disso seria possível sem vocês, e

conhecer e conversar com vocês é a melhor parte de tudo isso.

Ah , e para minha cachorrinha, Juno, é claro!

SOBRE O AUTOR

Autumn Woods é engenheira aeroespacial durante o dia e escritora de romances à noite e nos fins de semana. Atualmente, mora no sudoeste do Reino Unido com o Sr. Woods e seu cachorro.

Ela adora escrever protagonistas femininas fortes e protagonistas masculinos sombrios e cheios de reviravoltas, envolvendo-os em universos cottagecore e dark academia.

Quando não está escrevendo ou lendo, ela geralmente está pintando, cozinhando ou passando tempo ao ar livre.

Instagram: @autumnwoods.author

TikTok: @autumn.woods.author